

KATRINE ENGBERG



A MÃO QUE ESCREVIA

AUTORA #1 BESTSELLER INTERNACIONAL

CRIME

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

KATRINE ENGBERG

A MÃO QUE ESCREVIA

AUTORA #1 BESTSELLER INTERNACIONAL

CRIME

Sumário

CoverPage

Ficha Técnica

Frontespício

Daniel Leon, 11 de fevereiro

A PRIMEIRA VISÃO

Segunda-feira

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Ebba Leon, junho de 1943

A SEGUNDA VISÃO

Terça-feira

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

A TERCEIRA VISÃO

Quarta-feira

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Mendel Leon, Agosto de 1943

A QUARTA VISÃO

Quinta-feira

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Sete

A QUINTA VISÃO

Sexta-feira

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Mendel Leon, setembro de 1943

A SEXTA VISÃO

Sábado

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

A SÉTIMA VISÃO

Domingo

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Ebba Leon, outubro de 1943

A OITAVA VISÃO

Segunda-feira

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

A NONA VISÃO

Terça-feira

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Ebba Leon, outubro de 1943

A DÉCIMA VISÃO

Quarta-feira

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

A DÉCIMA PRIMEIRA VISÃO

Quinta-feira

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Mendel Leon, outubro de 1943

A DÉCIMA SEGUNDA VISÃO

Sexta-feira

Pontos de referência

CoverPage

Ficha Técnica

Frontespício

Dedicatória

Página Inicial

**KATRINE
ENGBERG**

**A MÃO QUE
ESCREVIA**

Título original:
Det brændende blad

Copyright © Katrine Engberg 2022

Publicada por acordo celebrado
com a Salomonsson Agency

Autora:
Katrine Engberg

Tradução:
Ana Pinto Mendes

Revisão:
Joana Baudouin

Capa:
Susana Villar

e-ISBN:
9789899159495

Paginação:
João Jegundo

Conversão para ebook:
Cumbuca Studio

para
Minotauro
março de 2024

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa à exceção do Brasil por

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Emídio Navarro, 81, 3.º D - 3000-151 Coimbra – Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.

Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

**KATRINE
ENGBERG**
**A MÃO QUE
ESCREVIA**



MINOTAURO

*Para Jakob, que me mostra que as gotículas
de amor não se diluem no mar da solidão.*

Daniel Leon, 11 de fevereiro

Daniel baixa os olhos para as folhas secas que crepitam sob os sapatos. O único par decente que possui. Sempre soube que morreria antes de tempo, só não sabia como. A chuva matinal cai levemente por entre as copas despidas das árvores, tocando ao de leve o chão da floresta em pequenos e cautelosos pingos. O som é apaziguador, como uma peça de música clássica que reconhecemos, mas que não sabemos bem situar. A escuridão só lentamente solta a sua garra, e ele vai batendo com os pés em tocos de árvores e ramos caídos enquanto caminha. Mas não importa: caminha em direção à luz.

Está frio. Dormiu com o velho fato vestido, encostado ao tronco de uma faia caída ao chão, o casaco de inverno fechado até ao queixo e o capuz puxado para cima do rosto. O seu edredão feito de ramos e folhas secas proporcionou-lhe apenas escassa proteção contra o gelo da noite. Mas não se importa com o frio, a fome ou a fadiga. Já nada importa.

Alcança um pequeno lago e para um instante; tira um maço de cigarros e um isqueiro do bolso, acende-o com os dedos frios. Quase se poderia pensar que planeei isto, sorri para si mesmo, inalando e soprando para fora o fumo quente. Inclinando a cabeça para trás, olha para cima, para o céu e as copas das árvores.

Os ramos pendem frouxos e invernosos; ainda não recuperaram a sua maleabilidade. Na extremidade de um ramo, um pingo de chuva cintila, tentando decidir se se há de deixar ir.

Daniel espera e observa o pingo a cair lá de muito alto, como uma palavra do deus em que não acredita. Uma pequena e perfeita unidade em queda livre. É quase demasiado belo para ser uma coincidência. Se calhar, afinal, há alguma coisa lá em cima, a derramar uma lágrima por ele?

Daniel puxa para trás o capuz, sentindo o frio atroz nas orelhas e o cigarro a aquecer-lhe os lábios.

Como o beijo de um cão. Pensa em Homer, o rafeiro que tinha em criança. Tinha o pelo hirsuto e os quadris rígidos, mas Daniel adorava-lhe o temperamento plácido e os olhos sensatos. Quando Homer morreu, ficou inconsolável meses a fio. O seu corpo era demasiado pequeno para conter a dor e fugiu a esconder-se dentro de uns arbustos do parque. Os pais só o encontraram já tarde
nessa noite.

Hoje, não o vão encontrar de todo.

Revolve aquela ideia no pensamento, mas não surge nenhuma das reações ansiosas do costume. Nenhuma inquietação. O lago da floresta diante de si apresenta-se vítreo na neblina da manhã.

Daniel volta-se e observa a floresta, sentindo-se inesperadamente seguro entre os troncos altos, que o envolvem como as paredes de onde acabou de sair. Continua a andar, contando os passos. Quando chega aos cento e cinquenta e dois, está na clareira.

Demora um pouco a abrir o fecho de correr com as pontas dos dedos dormentes. Despe o casaco, dobra-o no braço e pousa-o cuidadosamente no chão. Desaperta a gravata emprestada.

É preta e sintética e roça-lhe desagradavelmente entre os dedos, uma peça de roupa absolutamente ridícula. Põe-na no bolso do blazer.

O tecido está puído nos cotovelos, mas continua a adorar aquele fato, comprou-o para o casamento. A camisa é nova e está tesa, pelo que acaba por arrancar os dois últimos botões com os dedos atrapalhados. Sapatos, meias, roupa interior, dobra tudo meticulosamente e dispõe numa pilha.

Não posso dar-lhes motivo para me apontarem uma falha que seja.

Debruça-se para apanhar uma folha seca que reluz no meio do musgo e ergue-a de encontro à luz. Os veios são nítidos como vasos sanguíneos, linhas de vida ressequidas no meio da folhagem seca. Pousar a alma para que descanse numa folha ardente, pensa, e deixa-a cair.

Emerge, despido, da orla da floresta e sai para a clareira. Escutando os pés descalços contra o musgo e a erva e as pedras, sentindo a pele das costas a enrugar-se e a formar pequeníssimos botões.

Agora já não lhe resta nenhuma ira. Libertou-se da culpa.
É um sentimento ditoso e vazio.

Continua a andar até os dedos grandes dos pés embaterem nos carris frios junto à linha das árvores, inspira fundo e concentra-se. O metal está a vibrar. Fecha os olhos e escuta o troar rítmico do que se aproxima.

*O chão tamborila sob os seus pés, mas o lago da floresta continua liso.
Nem o ruído do comboio faz a superfície tremer.*

Sorri uma última vez na direção do céu, e sobe para os carris.

A PRIMEIRA VISÃO

Neste momento apareceram dedos de uma mão humana

que escreviam defronte do candelabro
sobre o reboco da parede do palácio real:

E o rei viu a parte da mão que escrevia.

O rei, à vista da mão escrevendo,
mudou de cor, pensamentos terríveis assaltaram-no.

A mão escreveu sobre o que há
e o que haveria de vir.

Isto eu escrevo, muito embora ninguém venha a acreditar em mim.

Segunda-feira,
19 de setembro

Capítulo Um

As silhuetas dos telhados de Copenhaga surgiam nas primeiras horas da manhã, ainda sem o beijo da aurora. Era um cenário belo, mas fazia Liv Jensen sentir-se uma forasteira no mundo. Como se já não pertencesse a lado nenhum. Não em Rødovre, não na Jutlândia do Norte e decididamente não ali, na capital, com o seu asfalto e o bulício e a arrogância apaixonada por si mesma. A vidraça que tinha diante de si mostrava a versão de postal da cidade. Se estivéssemos só de passagem, partiríamos provavelmente de Copenhaga com a sensação de idílio intacta. Mas Liv não se sentia seduzida. Nem sequer estava curiosa.

Captando o próprio rosto na janela, apertou mais o roupão de hotel em torno do corpo nu. Olhando para trás, não via nada além de portas fechadas e, à sua frente, apenas incertezas e planos pouco convictos. Quando perdemos os nossos sonhos, a vida esmorece até não ser nada.

— Não voltas para a cama?

A voz de Therese era suave, sem censura. Voltando-se, Liv tentou distinguir entre os contornos do edredão e a sua forma nua. Aquela pele macia, aquelas curvas — ia sentir-lhes a falta. Therese tinha toda a beleza que ela, da sua parte, nunca tivera. Mas era mais do que isso. Só se conheciam há cinco meses, mas Liv tinha plena noção do que achava tão atraente. Therese era competente a viver. Saudável. Fazia escolhas com liberdade e sem vergonha. Therese não tinha problema nenhum em partilhar as falhas que os outros resguardavam tão ciosamente. Contava repetidamente, a rir-se, a vez em que a mãe a apanhou a roubar da sua carteira no vestíbulo e como o castigo fora aparar a vedação que rodeava o jardim.

Liv nunca roubara nada, mas tinha tantas outras coisas de que se envergonhar. Guardava, no entanto, tudo isso para si. Apesar da tolerância natural de Therese, tinha a certeza de que não compreenderia os fardos que carregava. Seria provavelmente melhor

desiludi-la agora — assim, a longo prazo, ser-lhe-ia poupado sofrimento. Liv deixou cair o roupão e subiu para cima dos lençóis frios da cama de hotel, para junto do calor de Therese.

— Não consegues dormir?

— Não.

Ficaram deitadas, em silêncio, na escuridão. Não se conheciam há assim tanto tempo, disse Liv para si mesma. Não devia explicações a ninguém.

Therese inclinou-se para a frente e beijou-a com os lábios macios, abrindo-lhe a boca e deixando que a ponta da língua aprofundasse o beijo.

Liv recuou um pouco, um milímetro apenas.

— Tudo bem. Podemos só beijar, se ainda não estás para aí virada.

— Therese afagou-lhe o cabelo.

— Não é isso. Tenho uma coisa para te dizer.

— O. K....

Therese afastou-se, apoiando-se no cotovelo. Tinha aquela capacidade invejável de parecer estar à vontade no seu corpo.

A alma numa tão segura harmonia com a carne. Mesmo quando estava zangada, parecia estável e consistente. Nenhuma obscuridade oculta — seria isso realmente verdade? Liv tapou-se com o edredão e fitou a escuridão. O ponto vermelho de luz no ecrã plano reluzia a alguns metros de distância e focou aí os olhos.

— Não vou voltar para Aalborg.

— Como assim?

— Não foi uma licença sem vencimento. Há três meses, despedi-me do emprego e arrumei o meu apartamento. Teria contado antes, mas...

Mas o quê, exatamente? Tudo acontecera tão depressa, qual era a sua desculpa? Estivera demasiado ocupada a fugir para ter consideração por Therese?

— Achava que adoravas o teu trabalho...

Liv sorriu no escuro, mas o sorriso saiu-lhe rígido.

— Só tinha de pôr as coisas a mexer um bocado. Aalborg é demasiado pequena, preciso de um novo desafio.

Estas palavras soaram tão falsas quanto realmente eram. Sentiu-se apanhada em flagrante, como um ator amador a tentar fazer o

monólogo de *Hamlet*.

— Encontrei um apartamento em Vesterbro e vou buscar as chaves amanhã.

— Então e nós?

Therese soou transtornada.

— Podemos continuar a ver-nos. Como agora.

Therese fechou os olhos, magoada com aquelas palavras. Depois, abanou a cabeça.

— Liv, não é assim que funciona.

— O quê?

— O amor, por Deus!

Therese lançou o edredão para o lado e levantou-se. Começou a apanhar a roupa do chão com safanões impacientes, depois entrou na casa de banho e fechou a porta atrás de si.

Liv ficou onde estava. Devia ir atrás de Therese, abraçá-la, contar-lhe a verdade, mas não podia. Se até Liv mal se conseguia encarar de frente, como haveria toda a gente alguma vez de voltar a respeitá-la, quanto mais sentir afeto por ela? A única coisa que restava era fazer a travessia e sair do outro lado, de preferência mais forte. Construir uma vida na capital. Uma nova Liv.

Encontrou outra vez o ponto vermelho. Oferecia-lhe uma centelha de segurança, a sensação de uma âncora no caos.

*

No dia em que fez quarenta e um anos, Hannah Leon acordou cedo, os olhos fixos no teto do seu quarto de criança. Pelo pensamento passou-lhe primeiro o irmão, como acontecia todas as manhãs desde o dia 11 de fevereiro. Hoje, contudo, hoje em particular — o seu primeiro aniversário sem ele. Espreguiçou-se e pousou os pés nas tábuas ásperas do soalho, que lhe espetavam farpas nos pés se não se lembrasse de caminhar nos tapetes de trapos. Um azul, um verde, outro roxo. Recebera-os quando fizera doze anos, no mesmo dia em que deitara fora todos os bonecos de peluche, apagando os últimos resquícios da infância. Com o passar do tempo, os tapetes foram ficando tão descorados pelo sol que, entretanto, já quase não se distinguiam as cores, mas continuavam a perfazer o trajeto da cama até ao guarda-fatos e à porta.

O telemóvel vibrou na mesa de cabeceira, e Hannah inclinou-se para olhar para o ecrã. Fechou o *Candy Crush*, o jogo que estava a jogar na noite anterior quando adormeceu. Não havia mensagens de Rune — talvez se tivesse esquecido. Voltou a pousar o telefone. Tinha simplesmente de suportar aquele dia.

Quando passou pelo quarto do pai, parou por instantes e pôs-se à escuta. Estava tudo silencioso. Não havia motivo para o acordar tão cedo.

Os tubos de cobre da casa de banho ressoavam enquanto Hannah se debatia sob a temperatura errática do chuveiro. Os pais haviam falado em substituir as canalizações, mas nunca chegaram a esse ponto. O espelho acima do lavatório revelou-lhe rugas de expressão à volta dos olhos escuros e alguns fios de cabelo grisalho, que, uma vez mais, estavam a surgir junto à risca. Hannah arrancou os fios com uma pinça, apanhou rapidamente o cabelo num rabo de cavalo e vestiu calças de ganga e uma camisola antes de se dirigir para a escadaria curva que dava para o vestíbulo da frente.

Tateou a parede em busca do interruptor da luz, reunindo coragem para descer os degraus até à cave. Daniel mudara-se para lá há cinco anos, depois de se ter divorciado de Penelope, precisando de um lugar seguro quando bateu no fundo. Não era um período que gostasse de recordar e geralmente evitava a cave. Havia, na verdade, muita coisa que começara a evitar desde o suicídio de Daniel em fevereiro. Socializar, por exemplo, e voltar a trabalhar, ir à aula de tango. Na verdade, sair de casa, ponto final.

Não suportava a curiosidade das pessoas. E também não suportava a pena que demonstravam.

O interruptor surgiu-lhe sob os dedos. Soltara-se um pouco do estuque, pendia pelos fios. A lista do que precisava de reparação na sua velha casa multiplicava-se como as cabeças de uma hidra. Sempre que cortavam uma, cresciam outras duas no mesmo sítio.

Tirou o telemóvel do bolso das calças. O feixe da lanterna varreu os móveis que eram do irmão — cama de solteiro, secretária, estante de livros — antes de pousar em duas caixas de mudanças. Continham os ficheiros do processo de julgamento e da morte de Daniel, bem como as poucas posses que ele tivera no centro de alta segurança.

Hannah pousou a mão no topo da caixa. Estava cheia de pó, os

cantos amolgados. O nome da empresa de mudanças estava impresso de lado em letras pretas. Levantou a aba e apontou a luz para dentro da caixa. Bolsas de plástico verdes e vermelhas, arquivadores fechados com elásticos, uma pilha de discos de vinil e uma caneca que não se lembrava de ter visto antes. Uma caixa de sapatos com cadernos de apontamentos e disquetes que Daniel enchia periodicamente com texto que era basicamente palavreado incompreensível. Milhares de páginas de tentativas incoerentes de reverter as alterações climáticas — era o que fazia nas fases maníacas. A sua missão.

Os textos eram-lhe muitas vezes comunicados nos sonhos, por uma águia ou uma baleia, mensagens com o poder para mudar o mundo. Era uma loucura tal que Hannah mal suportava sequer pensar no assunto. Passou a mão por um pulôver azul-marinho com um coraçõzinho vermelho no peito, que ela lhe oferecera num dos seus anteriores aniversários partilhados.

Quando perdemos uma pessoa que amamos, dizem que perdemos uma parte de nós. A dor de quem fica é um estado estático, sem promessa alguma de mudança. Mas quando a morte é um suicídio, o *porquê?* ecoa permanentemente através da dor, dificultando a cura. Fora um choque perceber até que ponto as suas próprias competências profissionais pouco a haviam ajudado a lidar com a dor. O psiquiatra de Daniel no centro de alta segurança, Mikkel Felding, que ela conhecera na universidade, oferecera-se para falar com Hannah sobre os últimos dias do irmão. Se calhar era chegada a hora de aceitar, ver se isso lhe traria algum espaço para respirar.

Com uma energia que não sentia ter, apanhou a caixa, carregou-a para as escadas e voltou para cima, para o vestíbulo, subindo dois degraus de cada vez. Voltou a correr lá para baixo, agarrou na outra caixa e pousou-a no chão preto e branco axadrezado. Uma nuvem de pó bailou na luz do sol. Ali, no vestíbulo da frente, as caixas pareciam inocentes; podiam muito bem conter as botas de inverno que teriam sido as derradeiras posses de um ser humano.

O telemóvel de Hannah tocou dentro do bolso. Tirou-o para fora e olhou para o ecrã.

Número desconhecido. Atendeu, hesitante.

— Estou?

— Bom dia. Aqui fala Sanne Jørgensen, sou da equipa

administrativa do Centro Psiquiátrico de Alta Segurança de Nykøbing. Estou a ligar relativamente a um antigo doente. Estou a falar com um familiar do Daniel Leon?

— Sou a irmã, Hannah Leon.

— As minhas condolências.

— Obrigada. — Hannah clareou a garganta, insegura. — De que se trata?

— Liguei porque, desde que mudámos o centro de alta segurança para Slagelse, temos estado a remodelar e, em parte, a demolir o antigo edifício. Quando estávamos a tirar os móveis da cela do seu irmão, encontrámos uma coisa... — A linha crepitou, como se a mulher estivesse a telefonar do Alasca e não a pouco mais de cem quilómetros de distância. — Atrás de um armário. Ele tirou o painel traseiro e escreveu na parede, usando uma caneta de feltro e uma esferográfica da oficina criativa.

— E o que é que escreveu?

— Não está escrito em letras verdadeiras, por isso nenhum de nós o consegue ler. Podem ser só gatafunhos. Mas se quiser ver antes de ser deitado abaixo, estamos ao seu dispor para tratar disso.

— Oh, hum, não sei bem. — O estômago de Hannah deu uma reviravolta lenta só de pensar em voltar a ver a instituição. A longa viagem de comboio para norte, nos mesmos carris onde Daniel se matara. — Pode enviar-nos uma fotografia?

OuvIU-se um arquejo do outro lado da linha, como se a administrativa tivesse soltado uma gargalhada e resfolegado ao mesmo tempo.

— Quero dizer, posso tirar uma fotografia da parede com o meu telefone e enviar-lha, mas acha que vai conseguir ler?

Hannah hesitou, ao que parece o tempo suficiente para pôr a paciência da mulher à prova.

— Enfim, achámos só que a devíamos informar. Se mudar de ideias, pode telefonar e marcar uma visita.

— O. K., obrigada.

Hannah desligou.

Se calhar Rune tinha razão, se calhar era insensível. Numa família de introvertidos sensíveis, sentira-se frequentemente a carta fora do

baralho. Em miúda, estavam sempre a dizer-lhe que estivesse calada, que baixasse o volume e, por amor de Deus, vê lá se te acalmas um pouco. Daniel conseguia ficar sentado horas a fio a desenhar e a ler, enquanto Hannah transformara o primeiro andar numa pista de cavalos, onde montava o seu cavalinho de baloiço como numa prova de obstáculos. *A minha pequena Pipi das Meias Altas*, chamava-lhe a mãe e, apesar de a sua intenção ser ternurenta, Hannah captava o laivo de reprovação atrás dessas palavras.

Voltou a descer à cave, com a voz da mãe ainda a ressoar-lhe nos ouvidos. O período depois da sentença é uma névoa, mas, quando o julgamento terminou, quando Daniel fora condenado por assassinar a ex-mulher, Rose Leon estendeu-se na cama e nunca mais de lá saiu. O diagnóstico de leucemia fora um choque, porém os médicos disseram que era uma doença que a acompanharia até à morte, mas que não a provocaria. Estavam enganados. Na noite de 6 de fevereiro desse ano, aos setenta e quatro anos, Rose Leon soltara o seu último suspiro, deixando este mundo como quem mal podia esperar por se ir daqui para fora.

*

— Desculpe... Se faz favor!

Liv parou discretamente em bicos de pés, tentando fazer que os seus 162 centímetros parecessem um pouco mais. Doíam-lhe as barrigas das pernas, mas esticou-se ainda assim, erguendo o queixo. Infelizmente, não fez diferença nenhuma para o homem atrás do balcão, que saltava confiantemente entre a máquina de café e a caixa registadora, olhando despreocupadamente por cima da sua cabeça. Típico de Copenhaga, rosnou para si mesma, lembrando-se com saudades do café local de Aalborg. Nenhum dos clientes tinha de esperar muito tempo e recebia-se um sorriso em troca do dinheiro pousado em cima do balcão.

— Quero uma *Coca-Cola* e um caracol com manteiga. — Desta vez, falou um pouco mais alto.

O empregado sorriu sem largar a caneca de leite em que estava a fazer espuma e gritou expressivamente de volta.

— Sente-se, servimos às mesas! — Voltou-se de novo para a máquina de café e continuou o que estava a fazer.

Liv estava habituada. Quando se era baixinha e magrinha, as pessoas não reparavam, especialmente os homens arrogantes atrás dos balcões. Esse era um dos motivos por que adorava a sua farda de polícia. Os distintivos e o cinto com o bastão e o revólver de serviço geravam respeito, mesmo em idiotas como aquele fulano. Sentia falta da farda. Sentia falta do trabalho, da identidade.

Mas agora estás aqui, recordou-se a si mesma, encontrando uma mesa vaga entre os clientes que naquela manhã liam o jornal no café. Deixou cair o saco de desporto no chão e sentou-se, ligou o computador e acedeu à Internet. O odor de Therese ainda lhe estava agarrado à pele, uma distração irresistível. Não lhe mandara nenhuma mensagem depois de Liv sair do quarto de hotel sem se despedir. Estaria provavelmente no comboio expresso a caminho de casa. Se calhar já se teria acalmado e enviaria uma mensagem mais tarde.

Liv entrou no website da polícia e analisou os anúncios de emprego, mas nada lhe chamou a atenção.

Voltou a fechar a página, consultou as estatísticas do seu anúncio no *Google* — nada impressionantes —, e depois varreu com os olhos o texto de um *e-mail* não solicitado que estava a pensar enviar para fundos de pensões e seguradoras. Mordeu o lábio, corrigiu erros ortográficos e acrescentou vírgulas. Há três meses, tinha um emprego fixo como inspetora de polícia e um apartamento com vista para o fiorde de Lim. Agora, estava a oferecer os seus serviços sob a designação «LJ Investigadores Privados». Investigadores, no plural, apesar de ser apenas ela. Tranquilizava os clientes.

Abriu a conta de *e-mail* profissional que criara recentemente e respondeu a um cliente que perguntava por resultados. Um dos clientes dele era um doente com dores de costas que suspeitavam ser mais saudável do que dizia à seguradora. Liv prometeu enviar uma atualização o mais brevemente possível. Havia também dois novos pedidos, ambos de outras seguradoras com questões semelhantes. Liv enviou-lhes as suas tarifas e anexou a recomendação que lhe escrevera Petter Bohm há pouco mais de três anos, um inspetor de homicídios de Copenhaga, quando ela se candidatara à vaga na Polícia da Jutlândia do Norte.

Petter orientara um curso sobre técnicas de interrogatório durante a formação de Liv e ela ainda o considerava uma das suas melhores

experiências na academia de polícia. Mais tarde, quando ganhava a primeira experiência como polícia de giro, voltou a cruzar-se com ele numa discussão doméstica que se transformou num assassinio. Um homem embriagado insistia que a queda da sua mulher toda amassada pelas escadas abaixo fora um acidente e que não tinha nada que ver com as marcas de estrangulamento à volta do pescoço.

Apesar da juventude de Liv, Petter decidira deixá-la participar na investigação, pelo que assistira a interrogatórios, localizara testemunhas e reunira provas suficientes para uma acusação. Até estava na sala quando o assassino finalmente quebrou e fez uma confissão no meio de lágrimas.

Petter achou que ela era boa. Especial. Sentiu as costas a endireitar-se diante desse pensamento. As próprias filhas dele, que tinham aproximadamente a idade de Liv, haviam escolhido outras profissões — *graças a Deus*, dizia muitas vezes, mas não era sincero. Alguns dos colegas encaravam a proximidade dos dois com desconfiança, disseminando rumores maldosos atrás das suas costas. Liv sentira essa história na pele quando, aos vinte e cinco anos, fora promovida para assumir a vaga de Aalborg, à frente de outros candidatos com mais tempo de serviço e mais provas dadas. Os agentes locais pediam-lhe que fizesse café como se fosse uma secretária. Ela ignorava-os e, passados alguns meses, já encontrara alguns aliados na equipa. Johan. Michala. Per Anders. Tornavam a vida diária na esquadra suportável, mas a galhofa nunca realmente cessou e o ambiente era sempre tenso.

Liv olhou sobre o ombro, desligou o computador e enfiou-o no saco de desporto. O empregado esquecera-se claramente do seu pedido e, por ela, tudo bem. Copenhaga era cara e, até então, não estava propriamente a nadar em dinheiro com a carreira de investigadora privada. As pequenas quantias que ganhava com pessoas que cometiam fraudes de seguros e que violavam cláusulas de não concorrência simplesmente não bastavam. Era uma situação temporária, ia-se lembrando a si mesma. Em breve haveria de voltar a trabalhar como inspetora.

Acabara de se pôr de pé quando o empregado se aproximou, de ar atarefado, com a sua *Coca-Cola* e o caracol com manteiga, pousando a conta ao lado. Era mais ou menos o que Liv costumava pagar por um *brunch* de domingo em Aalborg.

Nima Ansari tirou o cigarro da boca e deambulou à volta do carburador *Holly 670* que estava desajeitadamente encostado a duas europaletes à frente da oficina. Um *Corvette C3* de 1974, mais velho do que ele. O proprietário do carro mandara-o transportar para ali ontem, depois de várias viagens legítimas, mas em vão, até ao mecânico, queixando-se de que continuava a afogar quando estava em ponto morto.

Já verificara o injetor na cuba, as velas e o filtro da gasolina na frente do carburador, mas não conseguiu identificar o problema. Tinha agora de fazer trabalho de detetive. Tinha de examinar, limpar e substituir válvulas e mangas; a falha pode estar nas peças móveis ou pode haver uma fuga algures no sistema de vácuo. Era um desafio, mas Nima gostava de desafios — pelo menos desafios concretos e analógicos. Os que podiam ser resolvidos com tempo e diligência.

Limpou os dedos ao fato-macaco, apagou a beata do cigarro e olhou para a casa principal, situada ao fundo do pátio interior e afastada da rua. Uma velha *villa* majestosa deixada a apodrecer no meio de um aglomerado de edifícios na fronteira entre Vesterbro e Frederiksberg. Era evidente que, em tempos, fora grandiosa, mas agora estava desesperadamente a precisar de ser restaurada. Ocasionalmente, Nima bebia café e trocava livros com o velho que vivia na casa. Jan. Estava sozinho desde que a mulher morreu.

Os dedos de Nima estavam em pulgas para deitar abaixo o reboco solto da *villa*, reparar as tábuas do soalho e arear as armações das janelas a cair aos pedaços. Mas já não tinha mãos a medir com os carros — a última coisa de que precisava era mais trabalho. E agora que a filha de Jan se tinha mudado para lá, Nima mantinha a distância, por respeito. Vira-a a carregar caixas para dentro pouco depois da Páscoa.

Divórcio, apostaria dez para um. Estava em idade disso, pensou, quando pegou numa chave de fendas.

Desapertou a cavilha que fixava a manga ao ramal de escape e examinou-o minuciosamente em busca de fugas. Desapertou o injetor. Se calhar era altura de fazer uma visita à mãe. Tivera uma crise de zona e sentia-se demasiado mal para sair de casa, como fazia questão

de lhe lembrar todos os dias.

Nima sabia que, na verdade, a questão não era essa. Também sabia que a sua irmã, Daria, passara lá ontem com dois sacos cheios de compras, mas isso nada fazia para lhe apaziguar o sentimento de culpa. Sentia-se puxado por um cordão umbilical. Um refugiado pode achar que vai tendo uns assomos de liberdade, mas nunca será realmente livre.

Limpando o injetor com um pano, decidiu cortar um centímetro da manga e aplicar-lhe um grampo novo, pelo que se arrastou até à oficina para procurar a caixa certa. O telemóvel vibrou dentro do bolso. Tirou-o para fora, olhou para o ecrã e sorriu. Marianne.

O cheiro a óleo e a fumo pairava, denso, sob o teto da velha garagem. Não tinha mais de cinco por seis metros e as paredes estavam apaineladas com folhas de masonite cobertas com a fileira de ferramentas. Ali, tudo tinha o seu lugar e havia metros e metros de estantes em toda a volta. Caixas com cavilhas e parafusos, extratores e cintas de depósitos pendiam lado a lado, tudo claramente identificado. O armazém asseado, mas algo antiquado, fizera parte do acordo.

Nima adorava a materialidade sólida do sistema. Recordava-lhe uma mercearia de brincar que recebera quando a família ainda vivia em Ghaemshahr, no Norte do Irão. Herdada, se bem se lembrava, de uma das tias do lado do pai, e sem dúvida inicialmente destinada a Daria, mas ela não gostava de brincar com aquilo. A loja era composta por três armários com porta de vidro encolhidos numa dimensão infantil e um balcão baixo com uma caixa registadora de latão brilhante que fazia *ping*. Gavetas de madeira para a farinha e o arroz, que chiavam ao abrir. Um pequeno mundo de ordem e qualidade.

Nima ficara com a oficina de Bob, o *Snob*, um fantástico mecânico de Vesterbro que, entretanto, se aposentara. Não haviam assinado contratos que envolvessem bancos, limitaram-se a dar um aperto de mão e a trocar envelopes. Era pequena e tinha as suas limitações. Se precisasse de uma caixa de gordura ou de uma barra de reboque, tinha de pedir emprestado à garagem autorizada mais próxima, mas raramente era necessário. A maior parte dos carros antigos podia ser arranjada ali no pátio com um *kit* de ferramentas amador e uma boa dose de paciência.

As coisas podiam ter sido diferentes. Tinha já feito a maior parte de

uma licenciatura de engenharia e sabia que os pais tinham nutrido esperanças de que chegasse mais longe. As suas ambições haviam-lhe provocado cefaleias de tensão durante anos. A oficina fê-las desaparecer.

No canto mais próximo da porta, havia uma cadeira de braços antiga, junto a uma máquina de café e ao lavatório, bem como uma aparelhagem e um compartimento secreto onde punha dinheiro e os charros que de vez em quando fumava. Na parede atrás da aparelhagem, afixara um extrato do poema favorito do pai, de Forugh Farrokhzad, a poeta mais amada do Irão. Aquele em que ela se recusava a sentir arrependimento.

*Não me arrependo,
pensando nesta resignação, nesta triste capitulação.
Beije a cruz da minha vida
nas colinas da minha execução.*

*Nas ruas frias da noite,
casais separam-se,
hesitantes.*

*Nas ruas frias da noite,
não há sons, só vozes
a dizer Adeus, adeus.*

Quando fugiram pelas montanhas da Turquia, a avançar penosamente pela noite fora e através dos montes de neve, todas as noites Nima o recitava à mãe e à irmã. Primeiro, para que se lembrassem de onde vinham; depois, para se esquecer do que fizera para conseguir sair.

Capítulo Dois

Liv aumentou o ar condicionado do *Fiat* e inclinou a cabeça na direção da saída de ventilação, numa tentativa de não ficar com sono. No banco a seu lado, levava um saco de papel com um *Egg McMuffin* na embalagem manchada de gordura. Arrependeu-se de não ter comprado mais um. A vigilância naquela manhã estava a demorar uma eternidade e o estômago começava a dar sinal de começar de novo a roncar. À sua volta, o parque de estacionamento começava lenta, mas consistentemente, a encher-se de carros, quentes como estufas ao sol, dos quais eram periodicamente vomitadas crianças e adultos. Observava-os ao passar, levando sacos grandes de desporto, e a desaparecer no Centro Grøndal.

Tinham pedido a Liv provas de que o cliente jogava ténis com bolas de espuma com os amigos todas as quartas-feiras de manhã e que, por isso, não podia estar tão incapacitado por uma estenose lombar e hérnias discais quanto afirmava. Liv tirara fotografias do dito homem a caminho do centro desportivo, com o saco de raquetes a tiracolo, e agora estava só à espera para registar o momento em que saísse todo transpirado. Podia treinar um aluno do infantário para fazer este trabalho, pensou com amargura, aumentando mais um pouco o ar condicionado e fazendo jorrar ar tépido para todo o habitáculo. Bocejou e encostou a testa ao volante. Só um instante.

Adorava resolver mistérios. Sempre adorara. Quando era pequena, criara uma agência de detetives com dois colegas de escola e passava longas tardes a investigar incidentes suspeitos em Rødovre. Um carro abandonado com o para-brisas partido, uma casa sinistra, escura atrás de janelas sujas, uma carteira perdida cujo conteúdo era apenas uma fotografia tipo passe. No quinto ano, os seus amigos cansaram-se da brincadeira e a agência foi dissolvida. Liv fingiu que também preferia ouvir música e andar de patins.

Hoje em dia, dedicava-se apaixonadamente ao trabalho de detetive.

O formigueiro na barriga quando uma peça encaixava e o quebra-cabeças era resolvido. O efeito Sherlock Holmes. Outros investigadores, quando se lhes pedia que explicassem o que os motivava, poderiam referir a satisfação de confrontar o culpado e de oferecer algum tipo de paz às vítimas. Os guardiões da justiça. No caso de Liv, o que a atraía era a resolução do caso propriamente dito.

O processo. Talvez isso lhe retirasse moralidade como investigadora, era menos compassiva; por outro lado, tornava-a mais eficaz.

Levantou a cabeça e fitou para lá do vidro. As portas do centro desportivo abriram-se e saiu um grupo de homens de meia-idade, de cabelo húmido e calções. Reconhecendo o seu alvo, pegou na câmara, que já estava no banco, preparada com a lente telescópica ao lado do saco do *McDonald's*.

Começou a disparar fotografias. Parecia provável que o sofredor de dores lombares estivesse em melhor forma do que alegava. Lamentavelmente, teria de ser esmagado como um mosquito, pensou, enquanto as imagens se acumulavam no cartão de memória da câmara. Se calhar tinha mesmo problemas nas costas e só estava a tentar manter a forma física e as amizades. Se calhar era um vigarista miserável a tentar dar a volta ao sistema. Fosse como fosse, ia dar-lhe cabo da vida para pagar as contas.

*

A atividade nas canalizações da casa de banho indicou a Hannah que o pai estava acordado. Subiu da cave, moeu alguns grãos e fez café. A cozinha era pequena, mas acolhedora, e ainda tinha as robustas gavetas de merceeiro de origem, de madeira, que haviam sobrevivido sem que fossem precisos parafusos. Enfiou os caracóis de canela no forno e pôs a mesa com o serviço de porcelana de friso dourado da mãe. Seria esquisito não assinalar de todo aquele dia.

— Bom dia.

O pai apareceu na soleira da porta, vestido com um *blazer* axadrezado, as faces acabadas de barbear e o cabelo grisalho penteado para trás. Jan Leon apoiava-se na bengala com as duas mãos. Se não olhássemos com muita atenção, nunca repararíamos como emagrecera sob os chumaços dos ombros.

— Olá, pai, dormiste bem?

Jan ergueu um ombro, num gesto quase impercetível que Hannah sabia significar «não». Em tempos, o pai era o tipo de pessoa com sono pesado, mas, nos últimos anos, a doença pusera lentamente cobro a isso. Agora, de manhã, ela costumava deixá-lo ficar deitado, para pelo menos descansar um pouco.

— Não tenho um presente para ti. A tua mãe é que costumava...

Hannah interrompeu-o com um gesto brusco. A última coisa que queria era que lhe lembrassem como as coisas eram antes.

— Não te preocupes, pai. O pequeno-almoço está quase pronto. Esperei até que te levantasses para começar.

Ele encostou a bengala à parede e sentou-se no banco que acompanhava o comprimento da mesa rústica da cozinha. Hannah tirou manteiga e compota do frigorífico. Alperce e morango, tinham de estar em cima da mesa os dois sabores. São assim os gémeos: tudo tem de ser partilhado por igual.

Normalmente, a mãe fazia compota com os alperces da árvore do jardim, mas esta nos últimos anos não dera fruto. E a mãe estava morta. Por isso, Hannah limitava-se a comprar no supermercado.

Decidiu esperar um pouco antes de lhe contar acerca do telefonema do centro de alta segurança.

Falar de Daniel seria a forma mais eficaz de estragar o ambiente.

Jan pegou no requintado jarro de prata, que só se tirava do armário em dias de festa. Era sempre ele a servir, ainda agora, mesmo que os seus dedos já não lhe obedecessem tão bem como antes. Hannah resistiu ao impulso de ajudar — ele teria detestado — e, ao invés, sentou-se.

— Lembras-te daquele anúncio acerca do apartamento da cave? Aquele que publiquei no *Facebook* há algumas semanas?

Hannah não lhe contara acerca do aviso que lhe caíra na caixa de *e-mail* no final de agosto. Não fora inesperado, evidentemente — o governo não a podia manter em licença de nojo por tempo indeterminado. Teria em breve de regressar ao trabalho se queria evitar ser despedida. E não podia ficar ali a cuidar do pai para sempre. Tinha de pensar no futuro, para bem dos dois. O pai não se conseguia sustentar a si mesmo só à base da pensão que recebia do Estado.

— Adivinha quem respondeu! — Jan olhou para ela sem expressão alguma.

— A neta do Carl, a Liv Jensen. Mandou-me um *e-mail*, quer dizer, a mãe é que mandou, a Merete. Lembras-te dela, não lembras?

Jan aquiesceu, pensativo.

— Acho que não vejo a filha do Carl desde que se casou. Devem ter passado já trinta anos, se não mais.

— Alguma vez conheceste a Liv?

Ele sorriu.

— Oh, sim! Era a menina dos olhos do Carl. Ele não a trouxe uma vez aqui para uma festa? Os sessenta anos da tua mãe, talvez. Que idade tem agora? Catorze, quinze?

— Vinte e nove, pai! O tempo passa a correr. — Hannah teve de se rir. — Acabou de se mudar da Jutlândia do Norte para Copenhaga e precisa de um sítio para morar. A Merete disse que ela é simpática e que não atrapalha nada, não fuma e paga a tempo e horas. Amanhã passa cá a trazer as coisas dela.

— Amanhã...? — Jan fitou-a, ansioso. — Mas vamos ter a cave pronta a tempo?

— Já tenho tudo sob controlo e, muito sinceramente, de qualquer modo não é preciso fazer grande coisa.

Deu uma palmadinha na mão do pai, sentindo-lhe os ossos sob a pele fina.

— Tu sabes bem que eu adoro arrumar e organizar coisas. Dá-me prazer.

Ele mexeu o café com a colher a tinir, absorto nos seus pensamentos.

— Não te preocupes, pai, ninguém vai ser um empecilho para ninguém.

— Eu sei.

Parecia irritado. Hannah já esperara essa reação. Ao longo dos anos, Jan Leon guardara a casa da família como um cavaleiro guarda o seu castelo. Não lhe agradava a ideia de hospedar alguém. Nem mesmo a neta de um velho amigo.

— Pai, já conversámos sobre isto.

Ele ficou calado por momentos, os olhos postos na chávena, depois olhou para cima e assentiu com a cabeça.

— Eu sei, minha querida.

Hannah devolveu-lhe o sorriso e cortou os caracóis ao meio para os dois comerem. Barrou-os com manteiga e esticou-se para alcançar a compota. Alperce para ela.

— E se convidássemos o Rune para vir cá esta noite?

Disse-o num tom casual, mas Hannah sabia que o pai sentia falta do seu autoproclamado genro.

— Eu na verdade estava a pensar ir à minha aula de tango, mas nós os dois podíamos jantar juntos? — Hannah não teve coragem de dizer ao pai que Rune preferiria provavelmente passar o dia todo no IKEA a passar um só serão que fosse com ela. — Posso fazer *ravioli*, aqueles com uma gema inteira em cima, e se calhar com trufas, se conseguir arranjar.

Ele encolheu os ombros e ergueu a chávena de café, fazendo um brinde resignado.

— Muito bem, então parabéns.

*

Liv estacionou o carro no Rigshospital e caminhou ao longo dos Lagos até ao fim de Sortedam. Havia um aglomerado de pequenas mesas no exterior do Den Franske Café, onde lâmpadas de aquecimento traziam a época de verão para o exterior, para os apreciadores de vinho *rosé* da cidade que gostavam de fumar um cigarro a acompanhar a bebida e não tinham problemas em conviver com os vizinhos. Liv esgueirou-se por entre os altos castanheiros, varrendo com os olhos a clientela que se juntava sob o toldo tricolor do café.

Petter arranjava uma mesa de canto, onde se sentara atrás de um jornal aberto. Estava a dar conta de meio litro de cerveja, que bebia ocasionalmente depois do trabalho. Nunca mais do que isso. Um cigarro aceso fumegava no cinzeiro à sua frente. Também os racionava.

Liv demorou-se um instante, observando-o: a faixa grisalha de cabelo em torno de uma coroa careca, ombros robustos sob o *blazer*, um pendendo mais pesado num dos lados, puxado para baixo pela carteira no bolso de dentro. Liv teve uma familiar sensação de segurança. Petter tinha uma família grande e tornara-se recentemente avô pela quarta vez, mas também ainda era um bocadinho avô dela. Acabaram por concordar em chamá-lo mentor.

— Há espaço para mais um? — Deu uma pancadinha no jornal e ele levantou os olhos com uma expressão brusca que se suavizou quando viu de quem se tratava.

— Só se o um em causa for mais interessante do que as notícias do dia. Achas que consegues?

— Vou dar o meu melhor.

Liv sentou-se e ele dobrou o jornal. Tinha uma *Coca-Cola* à espera dela em cima da mesa. Ela sorriu-lhe.

— Pois, imagino que os teus gostos não tenham mudado desde a última vez?

— Obrigada, não mudaram, não. Como estão as coisas com a Susanne? E os miúdos?

— Estão ótimos. O clã está maior do que nunca. E a minha barriga também. Tudo sobre rodas, como se costuma dizer. Dizem-me que te mande beijinhos e que te dê as boas-vindas à cidade grande. Prometi certificar-me de que ias lá jantar um dia desta semana. —

Deu uma passa no cigarro e apagou a beata. — Tiveste sorte a encontrar casa?

— Vou mudar-me amanhã.

— Vesterbro, certo?

Liv assentiu.

— É a cave, mas fica numa velha vivenda encantadora. E vai ser bom ter a minha própria casa.

— Farta dos teus pais?

Ela revirou os olhos em resposta e Petter riu-se.

— Como ocupas o teu tempo por estes dias, Liv?

Ela hesitou um instante entre impulsos contraditórios, entre impressioná-lo e responder-lhe com sinceridade, acabando por optar pela segunda.

— Estou a tentar criar e pôr a andar a minha agência de investigação privada, mas é tudo lento. Há muita concorrência. Estava com esperança de vocês terem alguma vaga em breve... — Deixou a frase pendurada por um segundo.

Ele não mordeu o isco.

— E estou a manter-me em forma e a conhecer a cidade.

— Não podes sobreviver à custa disso.

— Nesse caso, ainda bem que te tenho a ti para me fornecer bebidas, não é? — Ela ergueu o copo num brinde silencioso.

Petter olhou para o outro lado do lago.

— Tenho uma coisa para ti. Um trabalho.

Liv ergueu as sobancelhas.

— Ou seria melhor dizer um favor, porque não te posso pagar, só posso cobrir as despesas.

Ela pousou o copo. Petter não era por norma o tipo de pessoa que pedisse ajuda. Na verdade, não se lembrava de ele alguma vez o ter feito antes.

— Diz-me o que é.

— Lembras-te daquele homicídio cuja investigação eu coordenei há mais ou menos três anos, aquele que fez muito alarido na comunicação social?

— Aquele jornalista?

Petter assentiu.

— Estrangulado no apartamento dele, mesmo aqui em Østerbro. O prédio vê-se daqui. Aquele ali, ao lado do cemitério. — Apontou. — A mulher chegou a casa e encontrou-o no chão do escritório, cheio de espuma à volta da boca.

— Nenhuma testemunha?

— Nem uma só! Nenhum vizinho estava em casa quando o crime foi cometido... a autópsia concluiu que foi de manhã... e ninguém que pudesse ter visto um potencial assassino na escada. — Bebeu um gole da cerveja e cruzou os braços no peito, pousando-os assim em cima da barriga. — Foi como se nunca tivesse acontecido.

Tirou um maço de tabaco do bolso, mas limitou-se a olhar para ele antes de o voltar a guardar:

— Acabámos de encerrar o caso e isso está a incomodar-me. Sabes bem que não sou de exageros, mas isto está mesmo a tirar-me o sono à noite. Tenho a sensação persistente de que nos falhou alguma coisa, uma coisa que poderia ter resolvido o caso. Mas se calhar é só a minha consciência a pregar-me partidas.

Petter olhou-a com um ar circunspecto e Liv percebeu subitamente, com espanto, como parecia cansado. Exausto. Havia uma vulnerabilidade nos seus olhos que nunca ali vira antes, que

simultaneamente a fazia sentir-se confrangida e ansiosa por ajudar.

Ele sorriu. Era evidente que também se sentia desconfortável com a situação.

— Seja como for, podes dar uma vista de olhos no caso, se te apetecer um bocado de trabalho de polícia a sério?

Liv aquiesceu.

— Sim, claro que sim. Mas como?

Petter mordeu o lábio. Então agachou-se discretamente e abriu o saco com uma mão.

— Trouxe uma cópia do dossiê do caso. — Tirou para fora um arquivador azul e colocou-o em cima da mesa. — Dá uma olhada e diz-me o que achas.

Capítulo Três

A campainha trinou na oficina. Nima pousou a chave de tubos e atravessou o pátio em direção ao portão, levantou o trinco e abriu completamente os dois batentes. Na rua, lá fora, um reboque estava a descarregar um carro. Um *Morris 1000* de 1970 com boa manutenção, pintado de azul-celeste e com friso de madeira, sem um risco que se visse em parte alguma.

Nima acenou ao motorista do reboque.

— Vai para o pátio, ajuda-me com um empurrão?

— Certo. Mas o contador está ligado.

Manobraram o carro até ficar em frente da oficina e Nima assinou o formulário que confirmava a receção. Quando o motorista se foi embora, desaparecendo ao virar da esquina, uma mulher veio a caminhar na sua direção.

O seu coração descompassou.

— Olá, Nima.

Marianne, a sorrir, praticamente não envelhecera um só dia. Era bonita e delgada, tinha olhos azuis brilhantes sob pálpebras pesadas, cabelo castanho apanhado na nuca e pernas compridas escondidas dentro de um par de calças largas de homem. Perdera peso. Não lhe ficava bem.

— Desculpa-me, estou um pouco atrasada. Não conseguia arranjar lugar para estacionar.

— Onde é que o puseste?

— Ao virar da esquina.

Marianne parou à frente dele e Nima fez menção de lhe dar um beijinho de raspão na face, apesar de não ter a certeza de já terem chegado a esse ponto. Na última vez que a vira, há pouco menos de cinco anos, ela pedira-lhe, com a voz lacrimosa, que não lhe voltasse a telefonar. Nima ainda tinha um par de óculos de sol dela algures. Mas

respeitara os seus desejos e Marianne também não o voltara a contactar. Até agora. Alegadamente para que desse uma olhada no carro clássico da família.

— Como andam as coisas?

Marianne devolveu-lhe o beijo na face.

— Bem, obrigado. Vai tudo andando, sabes como é. — Ela estava a olhar para o lado, como se tivesse dificuldade em encará-lo nos olhos. — E tu?

— Tudo bem. — Nima estava prestes a coçar o pescoço, mas deteve-se a tempo. Em dado momento, ficamos demasiado velhos para nos fazermos de recatados. — Vamos lá ver, então?

Acenou com a mão na direção do portão aberto, incitando-a a avançar à sua frente. Marianne passou por ele com uma expressão imperscrutável, e Nima fechou o portão atrás dela, com o coração a martelar.

— Obrigada por me fazeres o jeito assim em cima da hora. Não há assim muita pressa, nem nada, mas é claro que gostaríamos de o poder usar. — Ela pousou uma mão no carro e dirigiu-lhe um sorriso cauteloso.

— Não tem problema. — Deu uma volta ao velho *Morris*, acenando a cabeça em jeito de aprovação. — É um dos bons, de onde é?

Marianne hesitou.

— O Adam encontrou-o num concessionário em Hamburgo.

Nima olhou-a e tentou indicar-lhe que não havia problema em falar do marido, que não lhe magoava os sentimentos. Não agora. Em todo o caso, era difícil abrir um jornal ou ligar a televisão sem que ele aparecesse. Mas Marianne limitou-se a desviar os olhos, remexendo nervosamente o rabo de cavalo.

Nima destrancou o capô e levantou-o para examinar o motor.

— E qual parece ser o problema?

— Em viagens mais longas, tem a tendência para ir abaixo. Normalmente, funciona bem, a menos que fique muito calor ou quando estamos na autoestrada.

— Verificaram o que diz o indicador da temperatura quando isso acontece?

— Chega até cima, até ao H.

Ela aproximou-se e pôs-se ao seu lado. A proximidade física criou uma atmosfera confrangedora.

Nima tentou um pequeno sorriso.

— Não há muitas pessoas com carros antigos que sejam qualificadas para ser donas do carro que compraram.

Marianne não sorriu de volta, mas susteve-lhe o olhar. Os seus olhos eram enormes e sérios e iam-lhe direitos ao coração. Nima pigarreou e depois voltou a olhar para o motor.

— Pode ser tudo e mais alguma coisa, de uma fuga no sistema de refrigeração a problemas mecânicos no próprio motor. Hum, está perro, talvez um pouco de ferrugem. Segura nisto um instante. — Apontou, esperando até ela o estar a segurar no sítio certo, para depois desenroscar a tampa do radiador, erguendo-a de encontro à luz. — Tem ferrugem na rosca. Tenho na oficina uma coisa para limpar, anda. —

Nima fechou o capô com um pequeno clique e seguiu à frente.

Lá dentro, estava escuro e abafado e ele deu conta, para seu desalento, que cheirava a óleo e a haxixe velho. A pequena coluna portátil estava a tocar muito baixinho, mas ela ouviu.

— Chopin?

Nima virou-se de costas. Fora ela a apresentar-lhe a música clássica. Era uma coisa deles. Marianne olhou em volta.

— Isto aqui é... muito autêntico. Uma garagem perfeitamente típica de Copenhaga.

Nima foi até ao lavatório. Marianne nunca chegara a ver o espaço naquela altura, rejeitara todos os convites, e ele sabia que era porque não se atrevia a ser vista com Nima.

— Sim, pode não ser o sítio mais confortável do mundo, mas o café foi acabado de fazer. Queres? — Serviu café em duas canecas e entregou uma a Marianne, que se sentou na cadeira de braços, o único verdadeiro lugar para se sentar na oficina. Entretanto, ele virou uma grade de cerveja ao contrário e sentou-se em cima dela.

— Estou a ver que continuas a ler. — Marianne sorriu para o seu exemplar puído de *Paris é uma Festa*, que jazia em cima de uma prateleira.

Nima assentiu, tentando reprimir o alvoroço que tinha dentro do

estômago. A relação durara sete meses, mas pareceu uma eternidade. De tremenda importância, pelo menos para ele. Se calhar fora até amor. Marianne prometera deixar o marido, mas nunca o fizera. E agora ali estava, cinco anos depois. Não podia ter que ver apenas com o carro, pois não? Dava voltas à cabeça à procura de algo neutro que pudesse dizer.

— Ainda trabalhas com a Lisa?

Estava a perguntar-lhe pela sua antiga vizinha, que os apresentara inicialmente numa festa no seu apartamento em Nørrebro.

— Sim, continuamos as duas no museu.

— Ela está bem?

Marianne assentiu.

— Casou-se, entretanto. Vive em Christianshavn.

— Que bom. — Nima bebericou o café e viu os seus dedos.

As unhas estavam negras de óleo.

— Nima...?

O seu olhar encontrou os olhos azuis dela e admirou-se ao vê-los tão tristes.

— Sim?

Marianne piscou os olhos duas vezes e baixou o olhar.

— Quando consegues ter o carro pronto?

Nima esperou para ver se era realmente aquilo que ela queria perguntar, mas não se seguiu mais nada.

— Vou ver como deve ser amanhã, acho eu. Quando souber qual é o problema, mando-te uma mensagem.

Marianne pousou a caneca no chão e pôs-se de pé. Nima lembrou-se dela a sair da cama, nua e vulnerável e com a mesma expressão nos olhos. Lembrou-se dos dias e noites longos e solitários quando ela voltou a sair da sua vida.

Uma mecha de cabelo caiu-lhe no rosto e ela enfiou-o atrás da orelha.

— Não te vou ocupar mais tempo.

Pôs a carteira a tiracolo, calada e hesitante. Inspirou fundo e mordeu com nervosismo o lábio inferior. Então virou-se e caminhou em direção à porta. Nima alcançou-a em três passos velozes, travando-a com um braço robusto. Ele reconheceu aquele silêncio, sentiu as

lâminas das suas palavras por proferir. Cinco anos depois de desaparecer, Marianne voltara a aparecer do nada e agora estava prestes a ir-se embora sem nenhuma explicação.

Nima agarrou-lhe nos ombros e virou-a para si. Um pouco brusco demais, viu-o na reação dela, mas não conseguiu evitar.

— Marianne, qual é a verdadeira razão para teres vindo aqui?

*

— Estamos a tomar um café de fim de tarde no jardim de inverno. Queres vir e fazer-nos companhia um bocadinho?

Merete Jensen passou os olhos pelos sapatos de Liv, mas não disse nada, por isso ela manteve-os calçados, seguindo a mãe enquanto atravessavam uma casa anexa e entravam no jardim de inverno recém-construído. Fora um empolgante assunto de conversa durante vários anos e agora, mediante uma libertação de fundos, o sonho tornara-se finalmente realidade. Tinham aberto um buraco na parede que dava para o jardim das traseiras e construído um jardim de inverno com pavimento de vinil e janelas de vidro duplo. Exatamente como o dos vizinhos.

No jardim de inverno, o pai de Liv estava sentado numa cadeira de braços forrada a pelo, as canadianas encostadas à mesa de centro, em que estavam dispostas canecas, um termos e bolachas.

— Tiveste um dia bom, pai?

— Oh, sim, muito bom. — Erik Jensen dirigiu à filha um sorriso breve e debruçou-se para agarrar no termos. — Comecei a tomar aquela nova hormona para o córtex suprarrenal de que te falei. Por isso, vamos ver.

— Eu só bebo água, pai.

— Então? — Merete sentou-se e passou os dedos pelo cabelo.

Liv encheu um copo com água da torneira, deu uma palmadinha no ombro do pai e deixou-se cair no sofá *Børge Mogensen*.

— O pai está de baixa há quase duas semanas. Não pode fazer nadinha, o pobrezinho. — Merete riu-se e beliscou a bochecha do marido como se fosse uma criança malcomportada.

Desde o diagnóstico de gota, quase dez anos antes, cuidava dele e repreendia-o ao mesmo tempo sempre que tinha uma crise.

— Disse-lhe para deixar de beber refrigerantes. Não há nada pior do

que o açúcar para esta doença, é o que dizem.

— Eu nunca bebo refrigerantes — protestou Erik.

— Como queiras. — Merete sentou-se, cruzou as pernas e ergueu encorajadoramente o queixo na direção de Liv. — Como vai a caça ao emprego, querida? Vá, come uma bolacha!

Liv pegou numa bolacha da lata *Royal Dansk* azul. Os pais compravam sempre uma pelo Ano Novo e iam oferecendo ao longo do resto do ano — faziam-no desde que se lembrava.

— Vai bem — mentiu Liv.

Para os pais, a agência de investigação privada não passava de um mal temporário até que encontrasse um emprego como deve ser.

— Que boas notícias. — Merete verteu uma pinga de natas na caneca e mexeu, chocalhando a colher. — Como as coisas não correram bem com a polícia, se calhar valeria a pena pensar noutras opções. Alguma coisa menos perigosa. Lembra-te do que aconteceu ao teu avô.

Liv empurrou um pedaço de bolacha seca com água.

O avô fora polícia. Fora também o único na família a pô-la atrás de si na bicicleta, deixando-a ir assim o caminho todo até à praia, a baloiçar as pernas. Ensinou-a a apanhar caranguejos com uma velha mola de roupa e mostrou-lhe fotografias do tempo em que navegara para o Oriente num navio de contentores.

Num dia de julho, foi alvejado num parque de estacionamento por um homem com problemas mentais. A bala atingiu-o na clavícula, a poucos centímetros da carótida, e quase o matou. Passou dez dias nos cuidados intensivos, a oscilar entre a vida e a morte, até que por fim souberam que ia sobreviver. Perdeu a visão de um olho. Liv estava sentada na cozinha com uma taça de gelado de morango à frente quando a mãe e o pai lhe contaram; o sabor a morangos ainda lhe lembrava o que sentiu quando o mundo desabou.

Muito tempo depois de ele ter recuperado e voltado a trabalhar, continuou a pairar no ar uma sensação de catástrofe iminente em Rødovre. Merete, em particular, teve dificuldade em se libertar do sucedido. Com o passar dos anos, o medo transformara-se numa narrativa sobre as armadilhas que espreitavam sob os sonhos de futuro de Liv, e quando esta anunciou que queria frequentar a academia de polícia, Merete passou duas semanas na cama com uma enxaqueca, de

estores em baixo.

— Ainda tens muito que fazer na escola, mãe?

Merete revirou os olhos.

— O primeiro mês de aulas é uma loucura. Mal tenho tempo de almoçar ou ir à casa de banho, só para veres até que ponto o telefone toca sem parar. Depois, ainda por cima, contrataram uma nova diretora do departamento de acolhimento, e ela é um desespero.

Liv assentiu com a cabeça, deixando a voz da mãe baixar um ou dois níveis de volume na sua mente. Era secretária na escola de Rødovre há vinte e sete anos, e Liv já ouvira mil vezes antes as mesmas queixas. Em vez de ouvir, estava a percorrer a lista das coisas que tinha para fazer devido à mudança: caixas, chaves, caução. Estava tudo organizado.

— Na verdade, acho que vocês se iam entender bem. Se calhar podias vir à próxima festa da escola...?

Pelo rosto contorcido da mãe, Liv percebeu que lhe tinha falhado alguma coisa a que se esperava que respondesse.

— De quem é que estás a falar? Da diretora do departamento?

— Não, não é dela. Estavas sequer a ouvir? Estou a falar do novo professor de Inglês. É muito apetecível!

— Mãe!

Merete sorriu, brincalhona.

— Tens quase trinta anos, querida. Tiquetaque, tiquetaque.

Liv fitou o reflexo da cara da mãe no tampo de vidro da mesa de centro. Pousou o copo de água na sua testa.

— Não tens de me arranjar pretendentes. — Olhou para o pai, que piscava os olhos com nervosismo.

— A mãe só está a tentar ajudar.

— Eu não quero a tua ajuda.

Merete soltou um pequeno gemido gutural, como um cão quando alguém lhe pisa a pata. Erik pôs uma mão no seu braço.

— Vou para o meu quarto fazer as malas.

Liv pôs-se de pé.

— Querida, estou só a brincar. Vamos passar um serão agradável. Vais-te embora amanhã e depois provavelmente já não te vemos até ao Natal.

Estendendo-se para agarrar no bule, Merete encheu uma caneca e pousou-a à sua frente.

Liv voltou a afundar-se no sofá e tirou mais uma bolacha da lata azul. Sabia a ranço.

*

— Ainda estás a limpar a cave? — Jan Leon, apoiado na bengala, olhou em volta, para os sacos de lixo no vestíbulo.

— Já estou quase a acabar. Não foi assim tão mau. — Hannah atou um nó num dos sacos e levou-o para a porta da frente. — Recebi hoje um telefonema do centro de alta segurança. O Daniel escreveu alguma coisa na parede da cela.

— Como assim?

— Atrás do roupeiro. Encontraram quando estavam a tirar os móveis.

Agarrou numa braçada de lençóis e toalhas velhos e atirou-os para dentro de outro saco de lixo transparente.

— E o que dizia?

— Não sei. Ele não escreveu em dinamarquês, é claro, por isso ninguém consegue perceber. — Hannah atou o saco com um nó e levou-o para junto dos outros. Percebeu então que o pai a fitava. — Que queres que eu faça?

— Não podes ir lá e dar uma vista de olhos?

Hannah suspirou. A viagem até Nykøbing de transportes públicos era uma empreitada que ocupava o dia inteiro.

— Por mim?

O pai apoiou mais o peso na bengala. Parecia frágil.

— Não te parece que já tenho que chegue com que me ocupar?

Jan acenou na direção do pátio.

— Tenho a certeza de que o Nima te levaria lá se lhe pagasses, se é isso que te preocupa. Levou-me várias vezes ao médico e ao supermercado no inverno passado.

— O Nima?

— O tipo da garagem. É bom rapaz, de vez em quando dá cá um salto para beber um chá. Até trocamos livros. Ele lê muito, especialmente os clássicos.

— Está bem, sim, se calhar pergunto-lhe.

Jan inclinou a cabeça.

— Vai lá dar uma olhada. Pode ser importante, querida.

Hannah mordeu a língua. O pai não largava o osso, como de costume — a idade não o amolecera.

Ao longo dos anos, isso fora a causa de inúmeros confrontos, a teimosia, a dele e a dela. A mãe e Daniel temperavam os seus maus feitos, mas agora que já lá não estavam, Hannah esforçava-se por encontrar uma nova forma de coexistir com o pai. Uma forma mais amável. Antes que fosse tarde de mais.

— Eu trato disso, pai.

Jan sorriu, caminhando de volta para o sofá forrado a pelo de cavalo da sala de estar e para a pilha de livros meio lidos. Hannah agarrou em dois sacos de lixo e abriu a porta com o cotovelo. Não devia ter dito nada.

O pátio estava escuro e frio e ela inspirou o ar fresco bem até ao fundo dos pulmões antes de arrastar os sacos até aos caixotes de quatro rodas sob o telheiro, abriu uma das tampas e deitou fora as coisas que eram de Daniel. Durante um momento breve e doloroso, pareceu-lhe que deitar fora as suas posses era como apagar-lhe a existência. Mas que deveria ela fazer com tudo aquilo?

Formando uma silhueta contra a vedação, a sombra de uma figura surgiu na escuridão para lá dos caixotes de lixo.

— Credo, que susto. — Não houve resposta. — Quem está aí?

Hannah voltou a levantar a tampa e atirou mais um saco lá para dentro.

Ainda sem resposta. Voltou para dentro de casa a passo rápido e fechou a porta com força atrás de si. Algum drogado, provavelmente. Não havia motivo para ter medo. Ao dar com os sacos de lixo que ainda faltavam, decidiu esperar até de manhã para os deitar fora. Trancou a porta e deslizou o ferrolho. Um momento depois, ouviu o portão a fechar-se com um estrondo.

*

Cuidadosamente, Liv colocou a urna do avô na caixa de cartão, pensando onde a poderia pôr no seu novo apartamento. Só vira fotografias da casa e teve dificuldade em imaginar como realmente

seria. No parapeito da janela, talvez, apesar de a janela da cave ser bastante alta e a urna poder vir a bloquear parte da luz. A mãe achava mórbido tê-la à mostra e, em Rødovre, tinha de a manter fora de vista, mas agora podia pô-la onde lhe apetecesse. Liv insistira em guardá-la até se sentir preparada para a enterrar, mas para já esse dia ainda não tinha chegado.

Vedou a caixa de mudanças, a última, e deixou-a no vestíbulo juntamente com as outras. O quarto de hóspedes dos pais era acanhado e um nadinha escuro, mas ficava no fim do corredor e, quando fechava a porta, ficava em paz e sossego. Agarrou numa *Coca-Cola* gelada, atirou um sortido de guloseimas para dentro de uma taça e instalou-se no sofá-cama, aconchegando o relatório policial no colo. As manchas de gordura no fundo da pasta azul sugeriam que estivera mais do que meia dúzia de serões em cima da mesa da cozinha de Petter.

Liv bebeu um gole da lata e abriu a pasta.

No cimo, encontrou uma descrição do local do crime, com data de 4 de março de há três anos e meio, assinada pelo investigador principal, Petter Bohm. A vítima, Gert Linde, cinquenta e seis anos, jornalista do *Copenhagener*, fora encontrada sem vida pela mulher, Patricia Linde, no seu apartamento na Dag Hammarskjölds Allé, quando regressava a casa, por volta das seis da tarde, vinda da loja de roupa do outro lado da rua. A vítima estava deitada de costas. Havia marcas à volta do pescoço e o rosto apresentava-se num tom acinzentado. Patricia tentou reanimá-lo, sacudindo-o, e depois telefonou para o 112. Os paramédicos chegaram em poucos minutos, e Gert Linde foi declarado morto às 18h24.

Vários objetos no escritório haviam sido derrubados para o tapete persa e um candeeiro de vidro estava estilhaçado. Havia papéis espalhados na secretária e no chão, como se alguém tivesse revistado o escritório. Poderia parecer um roubo que corra mal, exceto pelo facto de a fechadura da porta da frente estar intacta e de Patricia Linde não ter dado pela falta de nada.

Liv folheou as fotografias anexas. Gert era um homem grande, alto e musculado; teria sido precisa muita força para o subjugar. O cabelo comprido grisalho estava apanhado atrás num rabo de cavalo e usava camisa branca e colete. Um tudo-nada demasiado elegante

para um dia normal passado a trabalhar em casa, pelo menos à primeira vista, mas é claro que algumas pessoas davam simplesmente muita importância à aparência. A casa parecia acolhedora, com uma boa reserva de livros, pequenas peças de mobiliário e bibelôs. Numa das fotografias, um gato de pelo comprido estava sentado a um canto do tapete, de olhos fixos na vítima.

Na página seguinte estava o relatório elaborado pelo patologista forense, o professor Nyboe, no dia 6 de março. Liv leu devagar, avançando com dificuldade na gíria médica formal. O relatório concluía que estavam diante de um homicídio, causa da morte *strangulatio*

manualis — por outras palavras, estrangulamento. Havia uma acumulação significativa de sangue, hematomas na pele causados por dedos e unhas, bem como traumatismo dos órgãos da garganta, incluindo o osso hioide, a cartilagem da tireoide e a cartilagem cricoide. O pescoço fora sujeito a força frontal, com ambas as mãos.

O corpo apresentava lividez extensa aquando da descoberta e o *rigor mortis* já se instalara. Nyboe situou a hora do óbito algures entre as 10h00 e as 13h00 de segunda-feira, 4 de março. De resto, a vítima estava em boa forma e era saudável, com exceção do ligeiro excesso de peso.

Liv tirou uma mão-cheia de gomas *Haribo* da taça, passando para a página seguinte do relatório. O interrogatório de Petter a Patricia Linde na residência do casal na noite do dia 4 foi inserido no POLSAS, o sistema de registos policiais, no dia seguinte. Liv reconheceu as suas frases compactas e as abreviaturas.

C/ esposa da vítima (26 a.) Patricia Linde. 58 a., proprietária de loja de roupa em Lille Triangel. Saiu do ap. 4 março 9h30. Voltou logo depois 18h e encontrou a vítima. Procurou sinais de vida e telefonou para linha emerg. S/ tentativa de ressusc.

Interrogada declarou que vítima planeava TemC dia todo em 4 mar. Mulher sabia de reun. vítima + jornalista estagiário Niclas Tange nessa manhã (ver interrog. sep.), mas sem outras marcas.

Descreveu marido como popular e respeitado.

Sinais de luta, mas não arrombamento, fechaduras e armações portas intactas, nada falta no ap. Casal sem filhos.

O interrogatório que aparecia a seguir no relatório era com a vizinha de baixo de Gert Linde, uma senhora idosa que estava em casa à hora em que se deu o ataque — porque, como explicou, estava

sempre em casa. Ouvira alguma agitação no piso de cima por volta da hora do almoço. Mas, disse ela, agitações no piso de cima eram coisa costumeira. Na verdade, ouvia muitas vezes gritos e berros vindos lá de cima, e se não fosse o barulho dos vizinhos, podiam apostar que a escola no prédio do lado não lhes ficaria atrás. Tinha vontade de pegar na espingarda de caça em quase todos os intervalos, confidenciou a Petter, o que ele registou no relatório. Liv estava mesmo a vê-lo dentro da sua cabeça, a escrevinhar com um sorriso retorcido.

Quer dizer que o falecido Gert Linde e a mulher discutiam muito. Não era assim tão fora do comum.

E dado que a mulher estava na loja à hora do assassinio, com uma funcionária presente que o confirmou, este conflito específico não se dera com ela. A questão era saber com quem estivera o jornalista a discutir mesmo antes de ser morto.

Ebba Leon, junho de 1943

O Sol brilha no céu azul de junho, um dos primeiros dias verdadeiramente de verão, e as axilas de Ebba estão transpiradas sob o vestido. Saiu sem chapéu e sem dar explicações a Mendel, e agora começa a arrepender-se de ambas as decisões. Como pôde ser tão descuidada?

Gether's Park está apinhado de gente, apesar de se estar a meio do dia e as pessoas devessem estar a trabalhar ou na escola. Um grupo de jovens está a bater bolas com um taco, soltando risinhos. Ebba tem inveja da sua leveza despreocupada. Há não muito tempo, ela era como eles, mas agora já é adulta. Muito mais adulta do que os seus vinte e quatro anos. Foi a guerra. A guerra e as suas circunstâncias pessoais.

Devia ter tido mais cuidado, Sr.^a Leon!

As palavras do médico ressoam nos ouvidos de Ebba. Ele tem razão, evidentemente, mas ela não queria saber do seu tom reprovador. Teria falado assim com uma dinamarquesa cristã, ou o tom estará reservado a incautas mulheres judias?

Senta-se num banco ao sol e pousa uma mão em cima do ventre. Já aumentou bastante, e sente os seios doridos e tensos, apesar de não poder estar assim tão adiantada na gravidez. Mas o corpo já se está a preparar. Prepara-se para um bebé nascido na guerra.

Ebba limpa uma lágrima e tenta incutir algum bom senso em si mesma. O bebé não nasce antes do inverno e, por essa altura, se tudo correr bem, a guerra já terminou. Tira da bolsa um pãozinho caseiro da véspera e desembrulha o papel. A fome vai e vem, ao sabor dos enjoos, e tem de comer quando puder. O pão está seco e transforma-se em serradura dentro da boca, mas, ainda assim, obriga-se a empurrá-lo para baixo.

— Este lugar está livre?

A mulher que faz a pergunta está bem vestida. Ebba assente, envergonhada com a sua boca cheia. Fá-la sentir-se tão desastrada. A senhora senta-se, ajeitando a saia plissada para que caia a preceito. Ebba

não consegue evitar lançar um olhar furtivo para o tecido verde — nos dias que correm, a maioria das pessoas não se pode dar ao luxo de pagar saias daquelas.

O vestido de Ebba foi costurado com dois lençóis velhos e tingido com um pouco do pigmento para cabedal de Mendel.

— Que dia maravilhoso.

— Oh, sim, o verão chegou finalmente.

Ebba sorri para a senhora, escondendo o resto do pão seco dentro da mão. Olha em volta, em busca de alguma coisa para dizer, algo inteligente e interessante, mas não lhe ocorre nada. Felizmente, a senhora é mais competente a fazer conversa de circunstância do que ela.

— É da cidade?

— Sim, nasci mesmo ali ao virar da esquina, na Nørrestræde. Eu e o meu marido temos uma oficina de curtumes na Adelsgade.

A senhora dirige-lhe um sorriso afável. Tem os dentes agradavelmente brancos, o cabelo está impecavelmente ondulado, como se tivesse acabado de sair do cabeleireiro.

— Já eu não sou daqui de Randers, vim só visitar uma amiga. Mas parece tudo muito agradável.

Ebba devolve o sorriso. Sabe bem pensar noutra coisa por instantes. Os batedores atiram a bola ao ar e uma jovem passa a correr por elas. Tem as faces coradas e o cabelo brilha, dourado, sob o sol.

A senhora sorri para Ebba.

— A flor da juventude dinamarquesa. Tão otimistas e felizes.

— Sim, é um prazer olhar para eles.

A senhora inclina-se e chega-se um pouco mais perto, baixando um nadinha a voz.

— Só é preciso que os alemães se vão sem deixar rasto e então isto volta a ser um bom sítio para viver.

Ebba não sabe o que dizer àquilo. A senhora cheira a perfume e o enjoo começa a subir de novo pela garganta acima. Levanta-se e assente, e depois vai-se embora muito depressa.

Tem uma nova vida a crescer-lhe dentro da barriga. É uma bênção e, ao mesmo tempo, uma maldição.

A SEGUNDA VISÃO

Considerava eu, durante a minha visão noturna
os quatro ventos do céu precipitarem-se sobre o grande mar.

Surgiram das águas quatro grandes animais,
diferentes uns dos outros.

Foram colocados tronos e o Ancião sentou-se.

O trono era feito de chamas,
com rodas de fogo chamejante.

E todos sabiam, apesar da minha inocência,
que os animais me devorariam,
que o mar me afogaria
e as chamas me consumiriam.

Terça-feira,
20 de setembro

Capítulo Quatro

Na terça-feira, Liv saiu cedo de Rødovre para evitar o pior do trânsito matinal. Contudo, acabou na mesma por dar com um engarrafamento no Finsensvej e ficou parada durante vários minutos. Observou as pessoas a arrastarem-se sonolentemente pelo passeio fora, pastas de trabalho a pender dos ombros, e sentiu-se como se fosse a única pessoa acordada no mundo inteiro. Apesar da série de noites agitadas dos últimos tempos, sentia-se fresca. Alerta e a caminho.

Acabou por perder a saída e, quando chegou ao Gammel Kongevej, avançou para lá do Planetário de listras amarelas junto aos Lagos e teve de procurar um sítio para dar a volta. De novo no sentido de Vesterbro, debruçou-se sobre o volante para garantir que não se voltava a enganar na saída. Viu o Det Ny Teater, com a sua cúpula dourada, ensanduichado entre dois edifícios, o betão a erguer-se nos ares do edifício Codan e as árvores junto aos Lagos. O seu novo bairro. Era agora ou nunca.

No Værnedamsvej, virou e desceu a rua que tantas vezes ouvira descrever como um pedaço de Paris no meio de Copenhaga. Dado que nunca tinha estado em Paris, não tinha forma de avaliar a exatidão de tal comparação, mas havia muitos cafés e pequenas lojas onde se vendiam livros, flores e sabonetes de luxo. Abrandou e abriu a janela do carro. O empregado de uma florista estava a carregar vasos e baldes de lírios e anêmonas-do-japão para compor o expositor cá fora e a fragrância deslizava pelo passeio como um beijo na face oferecido por uma mulher bonita.

Logo que Liv alcançou Vesterbrogade, a atmosfera à sua volta mudou. No tempo que demorou a passar por cima de uma só passadeira, o cenário de postal deu lugar a uma rua comercial atarefada a abarrotar de um trânsito delirante e lojas multiétnicas. Esquivou-se por pouco a um ciclista, que gritou alguma coisa desagradável enquanto ela tentava hesitantemente atravessar a

ciclovia.

A Kaalundsgade ficava em frente e à direita do Værnedamsvej, como um apêndice retorcido de altos prédios de apartamentos e passeios estreitos. O número seis ficava mesmo no pequeno espaço onde a rua fazia a curva. Encontrou um lugar para estacionar um pouco mais adiante na rua e caminhou de volta, em direção à porta de entrada. Cá fora estava estacionado um *Mustang* lindíssimo, e Liv lembrou-se do avô, que sempre sonhara em vir a ter um. Ficou ali parada um ou dois minutos, inspecionou o intercomunicador, à procura do nome Leon, para depois perceber que tinha de passar o portão grande ao lado da porta da frente. O edifício das traseiras, mas é claro. Premiou o botão da campainha e deixaram-na entrar.

Quando era pequena, às vezes quem tomava conta dela era a sua prima Laura, seis anos mais velha, que era a rapariga mais fixe e mais bonita do mundo inteiro. Fazia *dressage* a cavalo, pintava o cabelo de preto e usava batom vermelho, dizia coisas como *está bem, está* com um ponto de exclamação implícito e cheirava a pêssego. Sempre que o Sr. e a Sr.^a Jensen (que era como ela tratava os pais de Liv com um desprezo mal dissimulado) saíam para jantar fora ou iam ver um musical em Copenhaga, telefonavam a Laura. Ela ia de bicicleta até lá, com a camisa à lenhador atada à cintura e *grunge rock* nos ouvidos, respondendo às instruções dos pais de Liv com pequenos e indiferentes acenos de cabeça. Logo que o *Toyota* da família arrancava do acesso da casa, Laura mudava o CD na aparelhagem e punha Soundgarden ou Pearl Jam em altos berros, enchendo a casa de Rødovre com o som do futuro e da liberdade.

Aquelas noites com Laura haviam pintado quadros na mente de Liv de que agora se lembrava enquanto entrava no pátio. Um mundo de asfalto, pedras de calçada e latas de lixo a transbordar, o mais longe possível das ruas suburbanas da sua infância, com os seus bangalós e as vedações de madeira.

Onde se sentia mais ela mesma era na floresta e na praia; não tinha utilidade para calças rasgadas ou *rock* rebelde. Contudo, ver aquele pátio ainda despertava alguma coisa algures dentro de si, desencadeando uma ânsia por alguma coisa para lá do que lhe era familiar. As coisas iam correr lindamente, decidiu, e deixou o portão bater atrás dela.

As casas altas da frente lançavam a sua sombra sobre o pátio. À esquerda, havia uma oficina de mecânico com um carro antigo estacionado do lado de fora e, no outro extremo, via-se uma moradia caiada de dois andares, com grandes janelas, do tipo que se via nas lojas. Estavam a precisar de ser lavadas. Ao analisar mais de perto, as janelas não eram aliás a única coisa a precisar de um pouco de amor e carinho.

Quando Liv estava a dois passos dos degraus de pedra, a porta de madeira pesada e escura abriu-se e Hannah Leon espreitou cá para fora. Andava pelos quarenta anos, era uma mulher de rosto fino e olhos escuros, de constituição tão delgada que se podia dizer que era ossuda. Vestia simplesmente umas calças de ganga e uma camisola de algodão, e apanhara o cabelo comprido num rabo de cavalo. Se não fosse tão magra, Liv não teria hesitado em dizer que era bonita, mas preferia mulheres bem proporcionadas, com curvas e sardas.

— Cheguei cedo?

— Não, chegou mesmo à hora certa. — Hannah recuou e deixou-a entrar no vestíbulo.

Era um espaço de teto alto e iluminado, cerca de dez vezes maior do que o *hall* de entrada dos pais em Rødovre. Uma escadaria curva de largos degraus de madeira escura, ladeada por um corrimão rematado com festão, conduzia ao primeiro andar. O chão estava coberto de sapatos e botas e os cantos tinham tanto pó que a mãe de Liv teria ficado histérica, mas não deixou de sentir uma estocada de inferioridade ao confrontar-se com sinais tão evidentes de cultura e dinheiro antigo.

— Eu e o meu pai vivemos nestes dois pisos. Conheceu-o uma vez com o seu avô quando era pequena, mas imagino que não se lembre.

— Receio bem que não.

— Entre e venha dizer olá. Ele vai ficar encantado por vê-la.

Hannah abriu a porta que dava para a sala da frente, onde um homem idoso magro estava sentado a ler numa cadeira de braços puída. Parecia frágil, a milhas e milhas da recordação que Liv guardava do seu próprio vigoroso avô.

— Pai, esta é a Liv. Falei-te dela antes. Veio buscar as chaves.

— Oh, a neta do Carl. Voltamos a encontrar-nos! — Jan fez uma tentativa de se levantar, mas não conseguiu.

Liv precipitou-se para ele de mão estendida.

Ele sacudiu-a com entusiasmo.

— Imaginem só, passados tantos anos. Da última vez que te vi, só tinhas esta altura. — Com uma mão, ele mostrou-lhe a altura que ela teria na época.

— Olá, Jan, é um prazer conhecê-lo. — Achou que deveria dizer alguma coisa sobre como o avô sempre falara calorosamente da sua amizade com Jan, mas muito honestamente não se conseguia lembrar de ele alguma vez o ter mencionado. — Obrigada por me deixar ficar aqui.

— Mas é claro, é claro, és muito bem-vinda!

— Bom, só viemos aqui num instante dizer-te olá. Vamos deixar a Liv dar uma vista de olhos na casa nova. Venha! — Hannah voltou para o vestíbulo e abriu a porta da cave, ligou a luz e desceu as escadas íngremes à sua frente. — A saúde do meu pai já viu melhores dias, agora que está a envelhecer, mas na maior parte do tempo vamos desenrascando bastante bem.

A cave não tinha o teto tão baixo quanto Liv imaginara e estava em melhor estado do que o resto da casa. Uma lâmpada despida estava suspensa no meio da sala, lançando um clarão impiedoso sobre todo o espaço. O chão era ladrilhado, as paredes e o teto estavam estucados e pintados de branco; parecia novo, de uma forma espartana que achou adequar-se perfeitamente a ela. O apartamento era composto por um corredor com uma máquina de lavar, uma pequena casa de banho e dois outros compartimentos, um dos quais equipado com uma *kitchenette*. Uma porta de vidro junto ao frigorífico abria-se para alguns degraus de pedra que conduziam ao jardim das traseiras algo selvagem.

— O apartamento inclui a utilização do jardim?

Hannah ficou a olhar para ela, como quem não pensara de todo no assunto.

— O meu pai às vezes gosta de se sentar lá fora. Podemos partilhar? — Passou uma mão sobre a mesa da cozinha e olhou para a palma, fazendo depois um sorriso desarmante.

— Desculpe, é a primeira vez que arrendamos e aconteceu tudo bastante depressa. Mas somos muito o género de pessoas que pensam que os assuntos são para tratar só quando for caso disso, se é que me

entende. Não somos muito picuinhas.

Liv esboçou um sorriso enviesado. O caminho para os conflitos fazia-se com cedências semiacordadas e expectativas silenciadas.

— Oh, e vou esvaziar a estante dos livros. — Hannah apontou para as prateleiras periclitantes pejadas de filas e pilhas de livros.

— Tudo bem. E o depósito?

— Recebemos, obrigada. — Hannah sorriu e olhou-a com uma expressão curiosa, como se a estivesse a analisar. — Qual é a sua profissão, se me permite que pergunte?

— Sou na verdade inspetora de polícia, mas neste momento estou a trabalhar por conta própria.

— E trabalha em quê? — Hannah franziu o sobrolho.

— Investigadora privada.

— Investigadora privada? Acho que nunca tinha conhecido ninguém. — Hannah olhou-a de alto a baixo e sorriu. — Não tem nada ar.

Liv encolheu os ombros. Se ganhasse uma moedinha por cada vez que alguém lhe dizia que não tinha ar de polícia, de ter boa pontaria e de ser uma corredora competente, já não precisaria de trabalhar de todo como detetive.

— O que a traz à cidade?

Era uma pergunta bastante inocente, mas, por uma fração de segundo, Liv começou a sentir o suor a escorrer atrás do pescoço. Limpou-o, com um gesto irritado. Tudo acontecera apenas três meses antes — demitir-se, sair de Aalborg, estabelecer o seu pequeno negócio. Apesar de se ter conformado com o sucedido, o seu corpo ainda reagia.

— Os meus pais vivem em Rødovre, por isso queria estar mais perto deles — mentiu, decidindo que seria uma explicação perfeitamente aceitável a partir de agora. Exceto para Petter. Para ele, teria de arranjar uma história melhor.

— As chaves estão lá em cima. Há alguma pergunta que queira fazer?

Hannah dirigiu-se para as escadas e Liv foi atrás.

— Para já não, mas seguramente haverá.

— Quer um café?

— Não bebo café. Na verdade, não tomo bebidas quentes.

— Uma detetive que não bebe café! — Riu-se. — Posso oferecer-lhe alguma outra coisa?

— Não, obrigada. É melhor eu ir buscar o primeiro carregamento de caixas.

— Nesse caso, faço-lhe companhia uma parte do caminho. Tenho de passar pela oficina lá em cima no pátio. — Hannah tirou de uma prateleira do vestíbulo um aro com três chaves e entregou-lhas. — Estas são do portão, da porta da frente e, esta, da porta das traseiras. Bem-vinda a Copenhaga!

*

Nima olhou para as mãos e para as canecas de café no pequeno lavatório da oficina. O som de água a correr, a voz do pai debruçado sobre a tina no jardim, as árvores de fruto que era preciso regar, o reflexo nos seus olhos, tão vivo.

*A vida pode ser aquele momento resguardado
Em que o meu olhar se arruína nas tuas pupilas*

Nima recitara estas linhas a Marianne deitados uma noite, já tarde, emaranhados na sua cama em Nørrebro, quando ela lhe pediu que promettesse jamais a abandonar. E ele prometeu, apesar de a mentira ser tão transparente quanto mútua. Como podia um homem abandonar uma mulher que era casada com outro?

Adam Dybdahl não era um rival fácil. Aparecia em programas de televisão e em emissões de rádio, e Nima tinha de desligar as suas respostas a perguntas sobre a existência e a moralidade ou sobre o amor e a fé. Como se fosse um oráculo moderno. Felizmente, Marianne nunca falava sobre ele. Nima ficava crispado sempre que ela voltava à pressa para casa para fazer o jantar, mas não dizia nada. Apesar de tudo, tinha demasiado orgulho.

Pôs as canecas a secar em cima de uma toalha de chá e ligou o rádio transístor junto ao lavatório, tirou o maço de cigarros do bolso do peito e sacudi um cá para fora.

A Polícia de Copenhaga anunciou, numa conferência de imprensa, que a mulher encontrada, esta manhã, por alunos durante uma aula de equitação na floresta de Rude foi vítima de crime. Segundo a família, a mulher saiu do local de trabalho ontem à tarde e não foi vista desde então.

Nima acendeu o cigarro com os dedos a tremer.

— Olá, está aqui alguém?

Uma sombra atravessou célere a porta aberta da garagem. Voltou-se na direção da voz e, junto à porta, viu a mulher da casa grande. A luz transfigurava-a numa silhueta de cabelo no ar e membros compridos.

— Olá, estou a incomodá-lo? — A mulher entrou para dentro da oficina, pestanejando na luz fraca. — Já nos acenámos antes de longe, mas achei que era altura de o cumprimentar como deve ser. Hannah, sou a filha do Jan.

Nima desligou o rádio e sorriu.

— O seu pai falou-me de si. Tem muito orgulho dos filhos.

Fez-se um breve silêncio.

— Estou a interromper alguma coisa?

— Não, de todo.

Pairava no ar da garagem uma fragrância que ele tentou situar. Lírios-do-vale? Jasmim? Vinha do cabelo de Hannah e misturava-se com o cheiro a óleo de motores.

— O meu pai disse-me que o ajudou a levá-lo de carro e a fazer compras no inverno passado.

Nima fez um pequeníssimo gesto com a mão.

— Não foi nada.

— Não, foi muito. Obrigada. — Hannah dirigiu-lhe um sorriso sem abrir os lábios. — Ele ficou atordoado quando a minha mãe ficou doente e morreu... e, como provavelmente sabe, perdemos também o meu irmão pouco depois. Estou muito grata pela sua ajuda.

Nima baixou os olhos.

— Lamento muito. Ninguém merece perder a mãe e o irmão tão depressa um a seguir ao outro.

Encostou-se à pequena bancada junto ao lavatório e lançou fumo para o teto, para longe da visita. Sentiu uma pontada de vergonha por ter aceitado dinheiro do velho Leon, mas no início ainda não se conheciam como deve ser. Ainda assim, sentia-se confrangido na presença dela, inseguro com a impressão que poderia estar a fazer dele.

Ela olhou em volta, para as prateleiras.

— Na verdade, queria pedir-lhe, espero que não leve a mal, mas o

meu pai sugeriu que lhe perguntasse. Eu não tenho carta de condução.

— Precisa de boleia?

Ela riu-se, pouco à vontade.

— Eu pago, evidentemente. A gasolina também.

Hannah tinha olhos grandes e encovados, e o tipo de olhar que tinha tanto de lâminas como de lágrimas. Nima conhecia aquele olhar. Da mãe e da irmã. De Marianne. Uma mulher com vontade de ferro, pensou Nima, e uma alma despedaçada.

— De facto, estava a pensar sair com o *Morris* para o testar. Aonde quer ir?

— Ao hospital psiquiátrico de alta segurança de Nykøbing.

Nima pousou o cigarro na borda da mesa e olhou para o relógio.

— Quanto é que acha que seria razoável? Por esta viagem?

Ele enxotou a pergunta com um gesto da mão.

— Depois decidimos isso. Amanhã está bem para si?

Os olhos dela iluminaram-se.

— Vou telefonar-lhes e ver se posso fazer uma marcação.

Ela desapareceu para o brilho do sol, deixando-o ficar com o seu aroma. Nima pegou no cigarro na borda da mesa, onde já deixara uma marca negra na madeira, e inalou fumo, gasolina e perfume. Lilás, não jasmim. Tinha a certeza. Lilás.

*

Liv estendeu uma camisola azul no chão, dispondo primeiro uma manga e depois a outra sobre as costas para poder dobrar a parte de cima e pô-la no saco de desporto com as outras. O relatório policial de Petter estava no chão ao seu lado, o mistério por resolver chamava-a. Quando já estava instalada, Liv lera mais depoimentos das testemunhas e o relatório da patologia, em busca de lacunas na investigação. Sentiu um formigueiro nos dedos ao pensar nisso.

A mãe estava a trabalhar e o pai estava a fazer uma sesta no sofá do jardim de inverno, por isso podia arrumar em sossego o que lhe faltava das suas coisas. Não havia motivo para pressas, com exceção da sua própria impaciência. As caixas de cartão e os móveis vindos da garagem já estavam no carro, por isso as roupas da cómoda do quarto de visitas eram as únicas coisas que a separavam da sua nova

identidade como residente de Copenhaga. Uma mudança muito mais fácil do que quando saíra de Aalborg três meses antes. E mesmo assim...

Foi um desafio, voltar a viver na casa de infância, mesmo que temporariamente, e não apenas por ser difícil depender outra vez financeiramente dos pais. Havia uma energia impregnada nos tijolos, começava a infiltrar-se nela no momento em que subia o caminho do jardim até à porta de entrada que conhecia tão bem.

A superfície castanha de madeira, sem brilho por desgaste e com sinais de podridão em baixo, onde se juntava à armação; a pequena caixa preta e a campainha com um botão branco; e a chave que tinha de ser puxada meio milímetro para trás para se conseguir rodar na fechadura. Havia uma certa paz no que é familiar, na obscuridade calma do vestíbulo de entrada e o cabide onde antes pendurava a mochila da escola, mas a verdade é que voltar a casa lhe despertava uma sensação de desconforto.

O quarto de visitas apresentava-se basicamente tal como estava quando Liv ainda vivia em casa. A mesma alcatifa castanha, o mesmo papel de parede estampado com flores pequeninas, só que agora estava mais descorado, especialmente no espaço de onde havia sido tirada a sua velha estante, substituída por uma mesa de cabeceira baixa. As paredes tinham ainda os furinhos onde pendurara os seus pósteres da Britney e a pequena cama de casal não fora substituída por uma maior, apesar de, no início, ter sido esse alegadamente o plano dos pais. Mas para quê esbanjar muito esforço num quarto de visitas que estava sempre vazio?

Liv enrolou alguns pares de calças de ganga e enfiou-as no saco de desporto. Uma das suas primeiras memórias era de uma viagem até às piscinas ao ar livre de Albertslund — devia ter quatro ou cinco anos, por aí. Era um dia quente de verão e o sítio estava a abarrotar de crianças e adultos de fato de banho, a brincar, a chapinhar, a rir. Liv sentou-se na borda de uma das piscinas e ficou a observar. Quando se virou, viu os pais sentados numa manta mesmo atrás dela, a acenar com ternura. A memória era apenas isto. Não havia nada específico que apontasse para como se sentia, mas, ainda assim, lembrava-se da sensação. Que, mesmo nessa altura, ela sabia que não pertencia ali. Não pertencia aos pais, nem a um subúrbio de Copenhaga ocidental.

Nem à humanidade em geral.

Alguns anos depois, numa reunião de professores com os pais, isso fora dito em voz alta. Fora o professor de Dinamarquês, Morten, o sabichãozinho que falava tanto que já nem sequer se lembrava do seu apelido. Mas a forma como a olhava, essa era ainda uma imagem vívida na sua mente. Ele sabia que ela era antissocial, apesar de tentar dourar a pílula. Mais tarde, os pais fizeram uma algazarra tão grande para a tranquilizar que Liv percebeu perfeitamente que era um problema. Inscreveram-na nos escuteiros e mandaram-na para campos de férias no verão, para que pudesse conhecer crianças simpáticas com quem brincar. Mas ela preferia brincar sozinha. Não sempre, mas a maior parte do tempo. Lia, fazia coisas com *Legos* e jogava jogos no computador, escrevia cartas, desenhava e construía pistas de obstáculos no jardim para os seus amigos imaginários. Quanto mais a incitavam a convidar raparigas da turma para ir dormir lá a casa e para as festas de aniversário, mais ela se isolava no quarto. A ler, a ouvir música, a sonhar com o futuro.

Até que Siska entrou para a turma, depois das férias de verão, quando ia passar para o quinto ano. No instante em que Morten a chamou para a frente da turma, Liv ficou a saber duas coisas: que gostava mais de raparigas do que de rapazes. E que não era antissocial, apenas reservada. Siska fora transferida de uma escola de Copenhaga e tinha cabelo louro natural e *Doc Martens* novinhos em folha. Nunca passou os olhos por Liv. Todavia, o que, na verdade, ofereceu a Liv foi a certeza de que acabaria por descobrir qual seria o caminho a seguir na vida, que havia por aí pessoas para ela, ainda que não tantas quantas as que havia para os outros. Arranjaria amigos, só tinha de ser paciente.

Liv pôs o relatório de Petter no saco de desporto e puxou o fecho. Se calhar a mãe tinha razão, se calhar era um bocadinho convencida. Demasiado confiante, pura e simplesmente ingrata. Por outro lado, parecia disparatado aceitar esse tipo de crítica de uma pessoa que nunca tinha hóspedes que ficassem no quarto de visitas.

Carregou o saco para o carro de aluguer, olhando uma última vez para trás, para a casa da sua infância. Devia entrar e dizer obrigada, agradecer por a deixarem ficar e dar ao pai um abraço de despedida. Devia entrar no jardim de inverno, olhá-lo nos olhos e dizer-lhe que o

amava. Por outro lado, seria uma tolice acordá-lo.

Liv sentou-se ao volante e ligou o carro.

Capítulo Cinco

Um detetive tem o dever de manter a confidencialidade. Não na mesma medida que um padre ou um agente operacional, porque os agentes da polícia por vezes discutem casos sensíveis com a família e amigos chegados, mas não revelam nomes nem pormenores. Ao dar-lhe acesso a um processo policial, Petter estava a correr um risco enorme. Liv sabia que era porque confiava nela. Sentando-se mais direita, abriu o relatório e passou rapidamente os olhos pela lista de testemunhas que haviam interrogado. Que poderia ter-lhe escapado?

À sua volta, as últimas caixas da mudança esperavam por ser abertas e arrumadas. A mesa da cozinha estava atulhada com uma grande pilha de roupa que ela devia estar naquele momento a dobrar e a guardar no roupeiro. A urna do avô ocupava o seu lugar de honra na janela e a cama estava feita com lençóis acabados de lavar.

A sua nova casa. Uma cave em Vesterbro, maioritariamente sem humidade e quase inteiramente sua. Tudo de que precisava era abastecer o frigorífico e comprar algumas velas; então o espaço ficaria acolhedor num instante. Não tinha de ser um lugar imaculado, decidiu. Deixá-lo um bocadinho por acabar, como que a meio do processo, conferia-lhe boas vibrações.

Liv abriu o computador portátil, escreveu um *e-mail* rápido e anexou as fotografias do homem com problemas de costas e jogador de ténis com bolas de espuma, juntamente com o relatório e a fatura. *Foi um prazer trabalhar consigo*, escreveu e enviou tudo para a seguradora com um golpe seco no botão de envio. Uma injeção adicional de dinheiro para ajudar a pagar a renda. Era uma boa sensação. Pondo o computador de lado, instalou-se em cima da cama com o relatório de polícia no colo e a consciência tranquila.

Petter e Susanne haviam-na convidado para ir a Valby naquela noite para comer bochechas de porco estufadas, e Liv conhecia-o suficientemente bem para saber que Petter queria ouvir o que pensava

sobre o caso. Para ele, o trabalho estava primeiro. Para ser honesta, ela também era assim.

O assassínio de Gert Linde fora amplamente coberto pela imprensa durante semanas após a morte, presumivelmente, em parte, por ser uma figura de relativo destaque — e, é claro, jornalista. Mesmo seguindo o caso apenas por alto em Aalborg, Liv pensara que os circuitos da comunicação social de Copenhaga eram uma câmara de ressonância, que não tinham noção da bolha autocriada em que viviam. Um homem ter sido atacado e morto na sua própria casa era uma tragédia, mas a sua morte não merecia mais atenção do que a de outras vítimas pelo simples facto de ser jornalista.

Liv pegou no telefone e pesquisou o nome no *Google*. Os primeiros resultados da pesquisa, o que não era surpreendente, eram sobre o homicídio. Surgiram fotografias de Gert Linde em feiras do livro e no debate inaugural do parlamento, usando o seu icónico chapéu mole e com a barba grisalha que se alargava numa gargalhada bem-disposta. Tanto quanto Liv conseguia perceber, escrevia sobretudo sobre cultura. E muito embora os seus comentários pudessem ser por vezes algo mordazes, de uma má crítica literária ao assassínio era um salto e peras.

Mas o assassino ainda estava por encontrar e, uma vez que Liv sabia que Petter era competente e empenhado, podia excluir a possibilidade de desleixo ou de um trabalho mal-amanhado da sua parte. Se o caso tivesse sido evidente — ciúme, um roubo que correu mal —, o criminoso teria sido rapidamente posto na prisão. Por isso, a questão era: que pistas lhe terão porventura escapado?

Levantou-se e abriu a caixa com livros e documentos que ainda não começara a desfazer. Hannah não conseguira esvaziar completamente a estante dos livros, mas Liv não se importava. No fundo da caixa, encontrou um caderno por estrear. Tinha a lombada em cima, como o bloco de um jornalista, um de dez parecidos que Petter lhe dera quando se revelara uma agente de polícia capaz.

Voltou a sentar-se na cama com o bloco e começou a escrever. Primeiro, registou o nome da vítima, idade, profissão e data da morte, o número do relatório e os inspetores a quem o caso foi entregue. Na página seguinte, começou a elaborar uma lista de pessoas que deveria começar por interrogar.

Patricia Linde, mulher.

Mick Hvilsom, colega.

Folheou o relatório. Da entrevista com um estagiário do *Copenhagener*, ficou a saber que o jovem aspirante a jornalista teve uma reunião de trabalho com Gert Linde em sua casa na manhã do assassinio. A reunião, segundo o estagiário, consistiu num breve apanhado de informações e uma lista de tarefas, e às dez e meia já de lá tinha saído. Ainda assim, não deixava de ser a última pessoa a ver Gert Linde com vida — além do assassino. Liv escreveu.

Niclas Tange, estagiário.

As outras testemunhas com quem a polícia falara imediatamente após o assassinio já não eram relevantes: os colegas de Patricia Linde, que confirmaram que esteve o dia todo na loja; a vizinha de baixo com os ouvidos apurados, que parecia mais interessada em mexericos do que em ajudar a investigação. Mas a família de Gert poderia ter informações novas. Quanto mais tempo passava entre um homicídio e a sua resolução, mais incerta tendia a ser a memória das testemunhas. Por outro lado, as testemunhas abonatórias lembravam-se por vezes de conversas ou episódios passado bastante tempo, coisas que podiam lançar a investigação numa direção diferente.

Gert tinha um irmão, leu Liv: Jens, que vivia no noroeste da Jutlândia. Petter delegara este interrogatório na polícia local, os seus antigos colegas de Aalborg, que haviam falado com ele no dia a seguir ao homicídio. Jens Linde explicara que estava no seu poiso habitual em Thisted, o Crown, até domingo à noite já tarde. Os agentes registaram no relatório que o pessoal e os donos do bar confirmaram que Jens estava tão bêbedo que até lá passara a noite; dormiu numa das cabinas de assentos estofados e só foi acordado já a manhã de segunda-feira ia alta. Não havia possibilidade nenhuma de conseguir chegar a Copenhaga antes do meio-dia de segunda-feira, por isso tinha um álibi à prova de bala.

Encontrou os nomes dos inspetores no fundo do relatório. Um era o seu antigo parceiro, Johan, um investigador competente e minucioso que resistira sempre à tentação de se deixar levar no jogo de intimidação dos colegas. Ao ver o segundo nome, sentiu uma náusea a subir-lhe pela garganta. Martin Johnsson. Engoliu em seco e limpou as palmas das mãos às calças. Pela data, percebeu que o interrogatório

tivera lugar mesmo antes de ser contratada, há três anos. Jens disse que ele e Gert não mantinham grande contacto e que não sabia praticamente nada sobre a vida do irmão mais novo, quanto mais sobre a morte. Era evidente que o interrogatório na altura não levava a nenhum avanço na investigação, mas talvez agora Liv conseguisse sacar-lhe algum dado novo. Acrescentou-o à lista.

Jens Linde, irmão.

Voltou a ler o processo. Além dos outros residentes do prédio, apontamentos sobre os questionamentos porta a porta feitos em Østerbro e os relatórios forenses, não havia muito mais por onde pegar. O caso depressa encalhara, e Liv tentou imaginar porquê. Petter falara com um punhado de amigos de Gert, que ficaram profundamente chocados com o assassinio, mas não tiveram nada de útil a acrescentar. Poderia valer a pena ter uma conversinha com o chefe dele no *Copenhagener*. Apontou.

Bjørn Hedme, editor-chefe.

Agora já tinha por onde começar, teria de ver se as conversas soltavam alguma coisa ou se teria de desapontar Petter. Escreveu um *e-mail* e enviou-o à viúva, ao estagiário, ao chefe e ao colega, perguntando se teriam tempo para uma breve conversa logo que possível. Mal tinha carregado no botão de envio quando o telefone tocou.

— LJ Investigadores Privados, fala a Liv. — Ainda não estava habituada a ouvir o nome da empresa a sair da sua boca.

— Niclas Tange, acabou de me enviar um *e-mail*.

O estagiário! Devia estar mesmo em frente à caixa de correio electrónico quando ela enviou a mensagem.

— Obrigada por me contactar tão rapidamente. Escrevi-lhe porque...

Ele interrompeu-a, impaciente.

— Trabalha para a polícia?

— Hum, não. Não diretamente. — Não trabalhava, na verdade, não no sentido habitual. — Mas estou em contacto com o inspetor principal do caso.

— Muito bem. Se quer obter informações sobre o Gert, vai ter de vir cá. Não vou falar sobre o caso ao telefone. E, já agora, por escrito também não.

— Mas está disponível para se encontrar comigo?

— Em qualquer altura. Pode vir cá agora, se quiser. Vivo mesmo ao lado da estação de Valby e vou estar em casa o resto do dia.

Soou distante, desinteressado. Ela ouvia-o a bater num teclado em pano de fundo; a conversa não era claramente a única coisa que o ocupava naquele momento. Ainda assim, estava a convidá-la a passar por lá, sem fazer perguntas.

— Tenho um jantar hoje à noite, mas acho que não vai demorar.

— Como lhe disse, passe por cá quando lhe apetecer. Normalmente não me vou deitar antes das duas.

Liv estava prestes a responder, mas depois percebeu que ele desligara. Sem se despedir?

Esquisito, pensou, pousando o telefone. Pode ser boa ideia conversar com o estagiário de Gert Linde o mais depressa possível.

*

Hannah abriu a porta da velha oficina de molduras do pai. Fora ali que ele sustentara a família ao longo de quatro décadas, a pôr arte atrás de *passee-partouts* e vidro, até que, com a artrite, os dedos lhe ficaram demasiado rígidos. Entretanto, as máquinas já haviam sido vendidas e tudo o que restava era a grande bancada de trabalho no meio do linóleo gasto. Ao longo de todos aqueles anos, os cantos da sala iam ficando repletos de pilhas altas de peças de mobiliário que estavam em demasiado mau estado para ser usadas, mas que eram demasiado boas para deitar fora.

Em cima de uma cómoda de mogno, com o verniz a descascar nos cantos, estava o retrato de família dos avós, em que o ventre plano da avó escondia secretamente o seu filho ainda por nascer, Jan.

Sorriu para a fotografia. Estava em cima daquela cómoda desde que Hannah tinha memória. A elaborada armação dourada e os rostos em preto e branco faziam parte das suas recordações de infância, inextricavelmente ligadas a um sentido de pertença. E de não pertença.

As duas caixas de mudanças de Daniel estavam em cima da mesa. Antes de as levar para o sótão, queria passar os olhos pelo seu conteúdo. O que quer que contivessem, era chegado o momento de o trazer para a luz do dia. Abriu a primeira, tirando os dossiês e as

pastas de arquivo, que organizara em três pilhas em cima da mesa: *Deitar fora!, Analisar! e Guardar!*

Na pilha de coisas para deitar fora estava um dossiê com recortes de jornal de há três anos e meio, acerca do assassinio e do julgamento, que devem ter sido tirados e guardados pelo próprio Daniel. Hannah não os lera. Agora, desdobrou um dos artigos e leu-o por alto. Não dizia nada que já não soubesse.

Mulher assassinada na banheira, dizia o título.

A pessoa em causa era a ex-mulher de Daniel, Penelope. Fora apunhalada repetidas vezes com uma faca. Quando a polícia interrogou Daniel, ele admitiu, sem hesitar, que a fora visitar, como tantas vezes fazia durante aquele período. Mas afirmou não se lembrar de nada acerca da hora em que o homicídio ocorreu. Mesmo depois de a polícia ter encontrado as suas impressões digitais no sangue e na faca, ele insistia que não tinha memória alguma de nada daquilo.

A polícia teve de reconstruir o homicídio sem a sua ajuda, mas as provas forenses facilitaram-lhes o trabalho. Daniel tocara à campainha e Penelope deixara-o entrar. A teoria era que se tornara violento e que ela reagira e lhe pedira que se fosse embora. Depois, ele teria ido até à mesa da cozinha e daí tirado a faca da gaveta.

O facto de Penelope só ter sido apunhalada quando já estava na casa de banho, quando estava, na verdade, dentro da banheira, apontava para uma premeditação fria e calculada. Contudo, as impressões digitais e os vestígios de ADN encontrados no local sugeriam uma história diferente.

Hannah passou a ponta do dedo sobre o rosto sorridente da cunhada. Fora Hannah quem tirara a fotografia que acompanhava o artigo.

Daniel conhecera Penelope numa festa da universidade e ela apaixonou-se por ele, não se deixando desencorajar pelos seus problemas psicológicos. Daniel era complicado, mas também talentoso e cómico, e olhava-a como se ela fosse a encarnação da própria Vénus, nascida das ondas. Pediu-a em casamento passados três meses e, milagrosamente, ela aceitou. Casaram-se num dia de verão na Câmara Municipal de Lyngby.

Apaixonar-se fez bem a Daniel. Penelope convenceu-o a ir nadar com ela duas vezes por semana e compraram bicicletas e faziam

longos passeios aos fins de semana. O exercício tinha um efeito calmante em Daniel, ou talvez fosse o amor, e, durante muito tempo, as suas manias e os períodos depressivos estabilizaram a ponto de Hannah ter começado a ter a esperança de que a sua doença estaria realmente controlada.

Voltou a desdobrar o recorte de jornal e devolveu-o à pilha para deitar fora. Pegou noutro artigo.

Ex-marido acusado de homicídio na banheira.

A relação terminou ao fim de seis anos. Hannah não conseguiu sentir-se zangada com Penelope, apesar de Daniel ter ficado de rastos. Ela fizera o melhor que sabia. A culpa não era dela, mas a separação foi o início de uma espiral descendente para Daniel.

Hannah guardou o artigo, foi à casa de banho e sentou-se na sanita, olhando distraidamente para os velhos azulejos *terrazzo*. Era ali que se sentava em criança, a inventar caretas e histórias enquanto fazia chichi. Era, de certa forma, reconfortante ver que o chão não mudara, que ela continuava a olhar para os mesmos padrões.

O crime de Daniel mudara completamente as suas vidas. Foi considerado culpado e condenado a ficar no centro de alta segurança por tempo indeterminado; não muito tempo depois, a mãe recebeu o diagnóstico de leucemia linfocítica crónica. À medida que o estado de saúde de Rose se ia agravando, o cancro da próstata dormente de Jan também se exacerbou. Hannah achara que a morte da mãe fora o fundo do poço — mas depois Daniel escapara por entre os dedos do pessoal do hospital e saltara para a frente de um comboio na linha de Odsherred.

Rune fora muito solidário durante o choque e a dor iniciais, mas apenas durante algumas semanas. Findo esse tempo, pôs ponto final na história e pediu-lhe educadamente que arranjasse outro sítio onde viver. Que demorasse o tempo que fosse preciso. Então, e só então, Hannah pedira a licença de nojo e mudara-se para casa do pai.

De início, o chefe fora compreensivo, oferecendo a Hannah a possibilidade do que designara por «tirar um tempo». A licença de nojo pareceu a única coisa certa a fazer, inicialmente para poder cuidar do pai. Mas o tempo fora passando e Hannah ainda não se sentia mais preparada para regressar ao trabalho — ou, já agora, para se voltar a integrar no resto do mundo — do que se sentira seis meses

antes.

Lavou as mãos e esfregou a cara, gerando um pouco de calor nas faces. Olhou-se no espelho, estava pálida e cansada. Nunca perguntara diretamente a Daniel por que razão matara Penelope. Nunca mais voltaram a referir o seu nome, nem uma palavra só. Hannah não precisava de perguntar e as provas forenses não deixavam espaço para ambiguidade. A polícia usara-as para tentar obrigar Daniel a confessar, mas em vão. Hannah sabia que ele estava provavelmente a dizer a verdade ao afirmar que não se lembrava de a matar. Ele podia ser muitas coisas, mas mentiroso não era uma delas.

Daniel era seu irmão, nada podia mudar isso. A questão era: podia ela amar um assassino?

*

— Gostas da tua casa nova?

Susanne estendeu a taça de puré de batata para o outro lado da mesa, encorajando Liv a repetir a dose.

— Sim, é ótima. Os donos parecem simpáticos. Conheciam o meu avô.

Liv serviu-se de uma colher de puré e pô-la no prato, abriu uma fenda em cima e verteu um pouco de molho lá para dentro.

Susanne observou-a com os seus sensatos olhos castanho-escuros. A sua ampla figura tornara-se ainda mais redonda nos últimos anos, desde que trabalhava menos horas no serviço de urgência do Rigshospital.

Dezanove anos como consultora de traumatologia e urgências terão provavelmente reduzido a sua paciência para aturar disparates, mas continuava tão atenciosa e calorosa como sempre na forma de ver o mundo e como tratava a família. E Liv.

— Sentes-te segura no bairro?

— Querida, Vesterbro já não é como quando éramos jovens e vivíamos na cidade — protestou Petter, pondo um grande pedaço de carne de porco no prato de Liv. — Hoje em dia, está tão na moda como Østerbro e Frederiksberg. Só que é mais divertido.

Liv cortou a carne em pedaços e passou o garfo para a mão direita, para poder organizar garfadas compostas por partes iguais de carne, puré e molho. Dando conta de que os dois estavam a olhar para ela,

pôs-se a mastigar muito depressa.

— Posso usar o jardim, o que é agradável. — Encheu o copo com *Coca-Cola* e bebeu. — Mas é impossível arranjar lugar para o carro. Ainda há muita coisa a que tenho de me habituar.

— Bem-vinda à cidade grande! — Susanne riu-se e ergueu o copo de vinho, fazendo um brinde. Liv devolveu o gesto com a sua bebida efervescente.

A sala onde a família Bohm fazia a sua vida tinha o teto baixo e estava decorada com lembranças que haviam trazido das suas viagens. Máscaras de madeira da Costa Rica, globos de neve contendo a Torre Eiffel e réplicas douradas das pirâmides. Quando eram mais novos, Petter e Susanne viajavam ao estrangeiro pelo menos uma vez por ano, mesmo depois do nascimento das filhas, mas passado algum tempo deixaram de ir. O trabalho era demasiado exigente para que ele pudesse tirar férias, por isso Susanne ia sozinha. Acreditava firmemente na capacidade formativa do que era desconhecido e desconfortável e estava convicta de que as pessoas precisavam de incursões regulares em território alheio, caso contrário transformavam-se gradualmente numas grandes bestas. Liv não sabia ao certo se ela incluía Petter nesta categoria.

Ao nível dos seus olhos, uma banda de figurinhas de *mariachis* mexicanos com caras de caveira e flores nos chapéus tocava em cima da estante e, a seu lado, estava uma fotografia da família inteira no topo de uma montanha, a olhar para o ar acima das nuvens.

— Bela vista. Onde foi tirada? — Liv perguntou sobretudo por cortesia.

— Não me lembro.

— Querido! — Susanne fitou-o com indignação. — Que se passa contigo? É da nossa longa viagem à Nova Zelândia com as miúdas. Não te lembras?

Petter resmungou, irritado, e voltou-se para Liv.

— Tiveste oportunidade de dar uma vista de olhos no relatório?

Pousou os talheres ao lado do prato e esperou que Susanne começasse a levantar a mesa. Depois de vinte e oito anos de casamento, a divisão de tarefas estava implícita. Ele cozinhava, ela lavava a louça.

Liv assentiu, raspando o resto do puré com o garfo antes de deixar

Susanne levar os pratos para o lava-louça.

Petter deu uma palmadinha no bolso de cima.

— Hoje ainda não fumei o meu cigarro pós-laboral. Fazes-me companhia um bocadinho lá fora?

Conduziu-os para a porta das traseiras, que dava para um terraço de pedra coberto e acendeu o cigarro.

— Incomoda-te?

— Tudo bem. — Liv resistiu ao impulso de afastar o fumo do rosto.

— Li tudo e acho que gostava de dar dois dedos de conversa com algumas das pessoas mais próximas e mais íntimas da vítima, saber se lhes ocorreu alguma coisa diferente desde a última vez que os interrogaste.

Petter passou os olhos pelo jardim no lusco-fusco, assentindo para si mesmo. O cigarro brilhava como um pirilampo em frente do seu rosto.

— Combinaste encontrar-te com a mulher?

— Para amanhã de manhã, sim.

— Estou curioso para saber o que vais pensar dela. — Puxou longamente o cigarro, inalando avidamente. — É uma mulher notável.

Liv lançou-lhe um olhar inquiridor e, em resposta, os cantos da boca de Petter ergueram-se alguns milímetros. O sorriso dizia tudo o que havia para dizer. Sobre atrações inconvenientes que desafiavam o casamento e os códigos de conduta profissionais.

— É por causa dela que me estás a dar o caso?

— Só o quero resolver, mais nada. Gastámos muitos recursos com a investigação e não gosto de pontas soltas.

— O. K., Petter.

Ele olhou-a como quem sabia que aquela resposta não fora satisfatória.

— Não estou necessariamente à espera de que encontres o assassino, só te peço que olhes para aquilo com um par de olhos frescos. Quem sabe encontras uma pista a que não dei suficiente importância. — A frase terminou com uma tosse seca que rapidamente sossegou. — Pago-te as despesas, é claro.

— Mas porquê eu?

— Queres ouvir elogios?

Trocista, fez o seu sorriso de ursinho de peluche com barba e Liv

não conseguiu conter uma gargalhada.

— Sim, por favor.

— Muito bem. Liv Jensen, és a jovem inspetora mais promissora com quem alguma vez trabalhei. É por isso. Além do mais, a vítima tinha família na Jutlândia do Norte e quer-me parecer que tens assuntos pendentes por lá.

Ainda estava a sorrir, mas Liv desviou os olhos e enfiou as mãos nos bolsos. Sentiu o vento fresco na nuca. Um dia, teria de dar explicações, mas não hoje. Apertou o rabo de cavalo e pigarreou.

— Quer dizer que não há nenhum suspeito?

— O estagiário. O Niclas Tange é provavelmente o mais perto disso que temos. Esteve no apartamento na manhã do assassinio.

— Ah, sim?

— Sim. O estagiário diz que ele e o Gert tiveram uma reunião e que, depois, foi logo para casa, porque estava indisposto. É verdade que avisou o jornal a dizer que ia ficar em casa por estar doente, mas depois desligou o telefone. Mais tarde, quando o interrogámos, comportou-se de uma forma estranha. Basicamente hostil, na verdade. Não havia nenhum motivo evidente, mas parecia desequilibrado.

— Mas...?

— Não encontrámos nada que se pudesse usar. — Petter levantou o queixo com um aceno do tipo «sabes o que quero dizer». — Nenhuma pista a sério, nada de esqueletos no armário, nenhum depoimento de testemunhas que sugerisse um motivo. Analisámo-lo longamente como sendo o potencial homicida. Ficou furioso com os nossos «métodos fascistas», como lhes chamou, mas a verdade é que era o nosso único verdadeiro suspeito.

Liv percebia o que ele queria dizer. Quando os inspetores tinham um suspeito, especialmente se só tivessem um, caíam-lhe em cima como um cão atrás de um osso.

— Estou aliás a pensar ir lá vê-lo agora a caminho de casa. Ele vive perto de Toftegårds Plads.

— Acredita, já lá estive mais vezes do que gosto de me lembrar. Ficaria espantado se lhe conseguisses sacar alguma coisa. Mas força nisso! Adorava que provasses que não tenho razão. — Soltou um suspiro através do cigarro, soprando uma nuvem de fumo para a

penumbra.

— Ouvi na rádio sobre a mulher na floresta. O caso é teu?

Ele assentiu.

— Foi estrangulada. Assim. — Petter usou as mãos para demonstrar como o assassino a agarrara pela garganta e apertara. — Olhou-a nos olhos enquanto a esganava e depois largou-a na floresta. Dizer que é frio é pouco.

— Teve motivações sexuais?

— Não. Mas havia uma coisa esquisita. Foi encontrada com um lenço branco a tapar-lhe a cabeça.

— Queres dizer o lenço que ele usou para a estrangular, é isso?

— Não, não, ele usou as mãos. O lenço foi estendido em cima da cara dela depois, com muito cuidado.

Petter apontou nele próprio o sítio onde o lenço havia sido colocado.

— Por isso, apesar de a carteira e a aliança de casamento terem desaparecido, não estou totalmente convencido de que a motivação, neste caso, tenha sido roubar.

— Então o quê?

— Uma senhora simpática, norte de Copenhaga, curadora de um museu, casada aos vinte e dois anos, com duas filhas numa escola privada. Estamos a analisar os familiares próximos, é claro, a começar pelo marido. Ele estava num curso em Nyborg, mas estamos a falar com os colegas para ver se saiu do hotel em algum momento durante a tarde ou ao final do dia de segunda-feira. Verificar registos telefónicos, sabes como é.

Liv observou-o a fumar com uma vibração agradável na barriga. Os melhores dias de Aalborg haviam sido assim, à volta da mesa de reuniões e junto à máquina do café, por vezes até depois do trabalho, no bar ali perto. Inspetores a partilhar informações e a debater motivos — não lhe ocorria nada de que gostasse mais.

Petter deu um piparote no cigarro, lançou-o para os ladrilhos e fez sinal com a cabeça na direção da porta da sala de estar.

— Muito bem, vamos? Fiz a minha célebre *mousse* de chocolate para a sobremesa.

Às cinco da tarde, Nima puxou uma lona por cima do *Morris*, trancou a garagem e dirigiu-se para a Kaalundsgade, até ao seu próprio carro, um *Ford Mustang Coupé* preto de 1967. O cinto de segurança passava-lhe à volta da cintura ao estilo de um avião. Encaixou a fivela com o cavalo no logótipo decorativo e ligou o motor com um ronronar potente, um som do tempo em que o ruído de um motor era uma marca da sua qualidade. Aquele carro era o seu maior luxo — o único, na verdade. Simplesmente, um litro de gasolina chegava para poucos quilómetros, por isso racionava as deslocações, mas deliciava-se com elas.

Quando alcançou o velho porto de pesca de Sydhavn, estacionou junto ao cais e rodou a chave na ignição. Entretanto, os locais já se haviam habituado ao carro e limitavam-se a troçar com boa disposição do veículo vistoso, que contrastava em absoluto com a sua casa singela. O velho rebocador fora inicialmente pensado como uma solução de remedeio. Nima recebera ordem de despejo do apartamento que arrendava em Nørrebro e um amigo veio em seu auxílio. Isso já fora há quatro anos e decidira ficar. Era barato, o que lhe dava muito mais margem para gerir o dinheiro.

Mas não era apenas o aspeto financeiro. Havia algo fundamentalmente libertador na ideia de viver num barco, algo que o atraía. A mobilidade, evidentemente; apesar de nunca sair com o barco, tinha sempre essa opção. E acabara além disso por se afeiçoar aos vizinhos. Ole, o velho pescador de arrasto de quarta geração que vivera a vida inteira junto ao porto e que ainda se destacava no cais todas as manhãs, a reparar as suas redes. O artista, John Anders, que pintara retratos de cores ousadas nos antigos quartéis alemães da guerra. Leeward Lone e Bo, que se matavam a beber num lento mergulho partilhado, tudo amor e otimismo embriagado — exceto, ocasionalmente, quando tudo se tornava de mais e um dos dois gritava do amanhecer ao anoitecer.

Nima ajudava as pessoas a resolver problemas com os seus motores e, em troca, recebia ajuda em muitas outras coisas. Era um lugar onde as pessoas se interessavam umas pelas outras, cuidavam umas das outras. Fazia-lhe lembrar o bairro de Ghaemshahr onde crescera, em que as pessoas entravam e saíam das casas umas das outras e as crianças faziam as refeições onde por acaso estivessem à hora de

comer. Os vizinhos apareciam ao entardecer para longas conversas. Bebiam chá e fumavam cigarros sem filtro; ainda se lembrava do som das suas vozes no jardim.

No porto, nunca ninguém estava sozinho. O facto de a vida ali estar sob a ameaça do exterior só tornava a comunidade ainda mais forte. A câmara local tinha planos para construir quinhentos e cinquenta fogos na zona verde onde os pescadores guardavam os mastros e as redes, muito embora, em rigor, fosse uma zona protegida, e aquela operação iria amputar o porto e, inevitavelmente, asfixiar o sopro de vida daquela comunidade. Como Ole gostava de dizer, «Não sei o que estão a fazer. Estão a pensar com o olho do cu.»

Nima abriu a porta pesada do carro e deixou-a fechar-se atrás de si. Se calhar devia pedir o barco de Ole emprestado e viajar até Lynetten, lançar uma linha à água. Ricard, que vivia num velho cúter um pouco mais adiante no cais, dizia que havia por lá cavalas dignas desse nome. Inalando o ar ameno do fim de verão, lançou um olhar azedo ao veleiro *Volvo Penta* de 32 pés que decidira ancorar mesmo à sua frente. Estes monstros de lazer de luxo acabariam por obrigar os velhos residentes a sair do porto. Ainda assim, recordou-se a si mesmo, nenhuma felicidade é pura sem um toque de mágoa, nenhuma vida é preciosa sem a sombra da morte. O pai ensinara-lhe isso e ele nunca se esquecera.

Tinha o rebocador diante de si, na lateral do cais, vinte metros de peso na consciência em aço pintado em preto e branco. O casco tinha amplas manchas de ferrugem, a tinta estava a descascar em lascas e o vedante da maioria das janelas de vidro duplo da casa do leme estava partido. O *Mustang* ria-se ironicamente quando o estacionava em frente do barco em mau estado. Marianne teria adorado aquele sítio, ou pelo menos era o que imaginava. O seu carácter primitivo, o mar ali próximo e a sensação de liberdade. Por outro lado, ela levava-o a imaginar tantas coisas que, afinal, se revelaram não ser verdade. Nima deveria provavelmente investir algum dinheiro e esforço em remendar o barco, caso contrário acabaria por se afundar com ele lá dentro.

Nima entrou para a casa do leme e ligou as luzes da exígua cozinha da embarcação. Uma sirene de polícia gemia alto e persistentemente algures ali perto. Captou um vislumbre de si mesmo no espelho em cima do lavatório onde se barbeava todas as manhãs. Era tão pequeno

que só conseguia apontar para a linha do queixo sem encontrar os próprios olhos. Recuando um passo, olhou para o seu rosto. Os traços regulares, as sobrelanceiras pretas e a cicatriz a espreitar para fora da *t-shirt*, terminando mesmo abaixo da maçã de adão, num feio ninho de pássaro feito de pele morta. Algo que lhe lembrava constantemente de onde vinha, que os guardiões da lei nem sempre estavam do lado do povo.

*

Lyshøjgårdsvej, n.º 61, a casa no lado esquerdo. Liv voltou a verificar a morada. Niclas Tange vivia a poucos minutos de carro da moradia de tijolos vermelhos de Petter, junto à linha de comboio que ligava Copenhaga ao resto da nação. Estacionou do lado de fora de um bloco de apartamentos que se assemelhava a tijolos de plástico e inspecionou as janelas. Eram nove e um quarto da noite, mas uma linha azulada luzia atrás dos estores metálicos do estagiário.

Saiu do carro e tocou à campainha. Houve movimento na janela, o intercomunicador vibrou e deixaram-na entrar para as escadas do prédio. Quando alcançou o primeiro patamar, viu um jovem de pé junto à porta, fitando-a com olhos avaliadores. Era alto e magro, com caracóis escuros e um bigode que parecia demasiado velho para ele. As calças de bombazina estavam demasiado curtas e lustradas nos joelhos, os pés descalços e os olhos castanhos escondiam-se atrás do reflexo das lentes grossas dos óculos.

— Entre!

— Obrigada. Desculpe, vim um pouco mais tarde do que tinha pensado.

Com um gesto, ele indicou que não tinha importância e desapareceu dentro do apartamento. Liv subiu as escadas e espreitou lá para dentro, à sua procura. O vestíbulo de entrada estava vazio. Não apenas vazio de pessoas — estava vazio de tudo. Não havia móveis, nem casacos, apenas um agressivo candeeiro de teto e bolas de algodão ao longo das bordas do tapete de fibra de coco.

Liv entrou, fechando a porta atrás de si. O apartamento cheirava a arroz cozido e a sacos de lixo que deviam ter sido postos na rua no dia anterior.

— Estou aqui.

Chamava-a de algures ao fundo do corredor. Liv seguiu o fluxo de luz azul e deu por si numa sala que estava tão apinhada quanto o vestíbulo estava vazio. Prateleiras pejadas de livros e pastas, caixas empilhadas no chão de madeira e uma grande secretária com dois computadores com um ar antiquado. Niclas estava sentado à secretária, numa cadeira de madeira esculpida que mais parecia pertencer a um *saloon*.

— A bola de exercício é a sua melhor opção — disse ele, acenando com a nuca para uma grande bola verde no canto.

Liv rolou-a até perto dele e sentou-se em cima dela cautelosamente, abaixo da altura da secretária, como uma criança numa festa de adultos.

Tirou o bloco de notas e estava prestes a fazer uma pergunta quando ele se chegou à frente antes dela.

— Lê o meu blogue? — Falou entre os dentes cerrados, os maxilares praticamente não se mexeram com as palavras.

— Hum, não.

Niclas abriu um website num dos ecrãs. [Justice.dk](#), leu ela, vendo uma fotografia da esquadra da polícia com a legenda *Autoridade Independente para as Queixas contra a Polícia protege a polícia, não os cidadãos!*

— Somos um pequeno grupo que mantém debaixo de olho as atividades da Polícia Judiciária. Recebo dicas, faço a minha própria divulgação, além de que mantenho o blogue e escrevo nele. Tentamos prevenir e expor erros judiciais. — Foi percorrendo a página, ia abrindo novos separadores para que Liv pudesse ver o website. — A maioria das pessoas está alegremente inconsciente da quantidade de vezes em que os tribunais se enganam, mas a verdade é que erram. Ajudamos as pessoas que foram falsamente condenadas a recuperar a liberdade.

Liv perscrutou o jovem enquanto clicava pela página fora. Era possível que tivessem a mesma idade, mas aos seus olhos ele parecia mais novo. Jovem e idealista. Tinha a pele esticada nas têmporas, como se a camada de gordura subcutânea tivesse sido derretida pela energia que lhe vibrava no corpo.

— Como lhe disse anteriormente, gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o Gert Linde...

— Dispare sem cerimónias! — disse ele sem tirar os olhos do ecrã.

— Trabalhou com ele no *Copenhagener*?

— Partilhávamos a secretária. Eu era estagiário, ele tomou-me sob a sua proteção e deu-me formação. Não era a minha primeira escolha, o jornalismo cultural, mas temos de começar nalgum lado.

— Davam-se bem? Se trabalhavam bem juntos, quero dizer.

Ele abriu um novo artigo, que era sobre um jornalista que revelou erros judiciais na Noruega. Liv ficou com a sensação de que queria que ela fosse lendo enquanto conversavam.

— O Gert era bastante competente, mas tinha uma abordagem um bocado antiquada. Ajudei-o mais com as cenas digitais do que ele me ajudou a mim no trabalho. Mas escrevia bem, tenho de lhe reconhecer isso.

Niclas estendeu a mão para agarrar numa taça escondida entre os ecrãs e levou à boca uma colherada de flocos de milho.

— Esteve em casa dele no dia em que morreu?

Comeu mais uma colher cheia, mastigando e engolindo antes de voltar a pousar a taça entre os ecrãs. Uma gota de leite ficou pendurada no bigode.

— O Gert estava a trabalhar num livro. Ajudei-o com pesquisas na Internet e li alguns artigos para ele. A título particular, ele pagava-me esse serviço. Nessa manhã, passei por lá só para lhe deixar uma entrevista que me tinha pedido para transcrever. Entrei e saí em menos de dez minutos.

— Viu a mulher dele?

— Não, ela não estava lá. E o Gert estava de excelente disposição, tanto quando cheguei como quando saí. Não o estrangulei antes de sair porta fora. Ainda assim, o facto de a polícia suspeitar de mim custou-me caro.

Ainda estava a falar para o ecrã, quase como um adolescente idiota em frente de um jogo de computador.

— Como assim?

Clicou num novo artigo sobre o rapto e assassinio de uma jovem. Liv apanhou brevemente o título.

Investigação policial falhada mantém assassino à solta.

— Lembro-me desse caso.

— Um trabalho de polícia escandaloso! — Desceu a página para que ela pudesse ler mais. — Não sei se tem ideia da quantidade de ofertas de emprego que uma pessoa recebe como jornalista acabado de se licenciar quando se foi o principal suspeito num assassinio por resolver. Mas deixe-me que lhe diga: não são muitas.

— O. K. — Liv observou-o pelo canto do olho. Um jovem zangado armado com um teclado era uma coisa perigosa. — Quer dizer que não viu nem ouviu nada em casa do Gert naquela manhã, nada que tenha achado estranho ou suspeito?

— O Gert agiu como sempre. Não tenho nada a acrescentar a isso. Já disse isso à polícia milhares de vezes.

Agarrou novamente na taça de flocos de milho, mas mudou de ideias a meio caminho e optou, ao invés, por virar a cabeça para a encarar. O brilho do ecrã tingia de azul cintilante a gota de leite no bigode.

— Mas tenho uma dica para o seu amiguinho polícia, o Petter Bohm. Acerca da mulher que foi encontrada assassinada na floresta esta manhã.

Liv sentiu um formigueiro na pele da nuca, ficando arrepiada até à linha do cabelo.

— Uma dica? E de onde lhe veio essa dica?

Niclas sorriu-lhe.

— Não precisa de saber isso. Diga-lhe apenas que, se quiser saber por que razão o assassino pôs um lenço em cima da cara da vítima, deve perguntar-me a mim.

A TERCEIRA VISÃO

Derrubai a árvore, cortai-lhe os ramos;
fazei-lhe cair as folhas e atirai para longe os frutos dela:
que os animais fujam de debaixo dela e que as aves
deixem a sua ramagem.

Contudo, deixai ficar na terra o tronco e as suas raízes,
mas ligados com cadeias de ferro e de bronze.

Não se vê a podridão, as entranhas cavadas da árvore.

Mas eu vejo.

Quarta-feira,
21 de setembro

Capítulo Seis

Nima tinha os olhos escondidos atrás de um par de óculos de sol e as mãos descontraidamente pousadas no grande volante do *Morris*. Hannah tirou os olhos da autoestrada E20 e virou-se para olhar para ele.

— Obrigada por me ajudar nesta situação.

— Não me agradeça já, ainda há muitas possibilidades de ficarmos parados na berma da estrada. Os carros antigos têm personalidade própria.

— Porque será que há uma certa beleza nisso? — Passou uma mão pelo cabedal macio do banco, sentindo uma pequena pontada a percorrer-lhe as costas abaixo. — Normalmente, não tenho interesse nenhum por carros, mal distingo um *Fiat* de um *Mercedes*.

— Um carro antigo não é só um veículo, é uma sensação. Não se pode simplesmente dizer que um *Morris 1000* é um carro. É uma superestrutura estética que tem por base a disciplina da deslocação de A para B.

As suas palavras fizeram Hannah rir-se. Nima não a acompanhou.

— Está a falar a sério?

— É o cuidado que faz a diferença. Tudo o que nós, seres humanos, nos esforçamos por aperfeiçoar, tudo a que dedicamos a nossa inteira atenção, tudo isso tem este tipo de qualidade. Carros, vinho, poesia. Ganham vida. São como os faróis no meio do nevoeiro da existência.

— Soa como a minha mãe. — Hannah voltou a rir-se, sentindo uma leveza apesar do destino de que se aproximavam rapidamente.

— Importa-se se lhe perguntar o que vem fazer aqui?

Ela hesitou. Nos últimos seis meses, evitara ao máximo perguntas como aquela. Mas, agora, aí estavam elas.

— Não sei quanto o meu pai lhe contou, mas há três anos e meio o meu irmão gêmeo matou a ex-mulher e foi mandado para o hospital

psiquiátrico de alta segurança em Nykøbing. Ele era bipolar e estava a passar por um período muito mau.

Nima passou a mão do volante para a alavanca das mudanças e deixou-a lá ficar.

— Conheço algumas pessoas com doença bipolar. É uma merda.

— Pois, acho que se pode dizer isso. — Hannah olhou pela janela. O mar surgira junto à estrada. — Quando a nossa mãe morreu, no dia 7 de fevereiro, o Daniel teve autorização para ir ao funeral, mas, em vez disso, acabou por se suicidar. E agora os funcionários vieram dizer que encontraram alguma coisa que ele escreveu na parede da cela.

— Uma mensagem?

— Talvez.

Nima estendeu a mão e tocou-lhe no braço; as pontas dos seus dedos eram leves, como a cauda de um gato.

— Parece-me que teve um ano bastante duro, Hannah.

Apertou-lhe o braço e afastou novamente a mão. Continuaram em silêncio.

Nima saiu da estrada principal e seguiu um dos trilhos mais estreitos que seguiam para o fiorde de Ise. Prosseguiram para norte junto à água, passando por aldeias de casas de colmo e jardins verdejantes.

Pouco antes de chegar a Nykøbing, a propriedade do hospital surgiu do lado esquerdo, sendo que a estrada passava por entre os edifícios vermelhos e amarelos como uma linha de vida verde-escura. Nima abrandou quando passaram por um banco onde viram uma camisa de forças fechada nas costas, como se algum doente psiquiátrico de outros tempos se tivesse vaporizado, deixando ficar apenas as roupas. Haviam já adentrado mais cem metros na propriedade quando Hannah percebeu que fazia parte de uma exposição.

Aqueles que vivem sem loucura não são tão sensatos quanto pensam, leu numa faixa atada em torno de uma das velhas tílias.

Os que aspiram à loucura não tiveram grande experiência nessa matéria, pensou, ao ver passar pela janela as tabuletas que indicavam as enfermarias P1–P4.

Estacionaram à frente do hospital principal. No outro lado de uma robusta vedação de arame havia um aglomerado de casas baixas dispostas em ferradura, amarelo-limão no meio do verde. Aquele lugar

parecia mais uma comunidade de aposentados do que uma prisão de segurança máxima. Mas a verdade é que, até recentemente, estes edifícios haviam albergado alguns dos prisioneiros mais perigosos do país.

Hannah pôs a mão no manípulo da porta, mas não saiu. As suas vindas ali para visitar Daniel pairavam como maçãs podres numa corda que recuava três anos para o passado.

— Quer que entre consigo?

Hannah hesitou, mas apenas por um instante.

— Sim, por favor.

Nima tirou os óculos de sol e pousou-os no *tablier*. Antes de abrir a porta, fez-lhe uma expressão que ela não conseguiu interpretar.

— Afinal de contas, quantas vezes é que uma pessoa tem a oportunidade de ver o interior de uma prisão a sério e como deve ser?

Num portão com proteção reforçada na vedação, uma voz metálica perguntou que assunto ali iam tratar e que apontassem os documentos de identificação para as câmaras, só depois lhes sendo permitido seguir a estrada de asfalto até à entrada principal.

O odor atingiu-a como um soco cruzado de direita, o fedor a futilidade e a legumes cozidos.

Hannah detestava aquele cheiro. Ficava-lhe sempre preso ao cabelo a caminho de casa, a lembrar-lhe a sua própria deficiência. Ela era psicóloga. Tinha como função ajudar pessoas em dificuldade e era boa naquilo que fazia. Só com Daniel é que não. Ele debatera-se e afogara-se no meio do cheiro pestilento a couve-flor cozida.

Foram recebidos por um guarda de camisa azul-clara de manga curta e um cinto fortemente carregado.

— Por aqui. Eu levo-a à cela.

Entrando lá para dentro, precisaram de um momento para que os olhos se adaptassem à penumbra do corredor. As paredes estavam despidas, o chão era de linóleo cinzento. Pendiam do teto lâmpadas de tubo fluorescentes, apagadas.

— Toda esta ala está a ser deitada abaixo — explicou o guarda. — As celas estão vazias, por isso pode ir logo para lá sem passar por todos aqueles controlos de segurança. — Falava num tom enérgico, mas com um vago sorriso que lhe suavizava os modos pragmáticos.

Seguiram-no até se verem diante de uma porta branca com o número 2811 numa placa a seu lado. O guarda tirou um molho de chaves a chocalhar e abriu três robustas fechaduras, empurrou a porta, abrindo-a completamente, e recuou um passo.

Hannah encostou uma mão à armação da porta. Normalmente, os familiares não tinham acesso ao bloco de celas e ela nunca vira o lugar onde o irmão gêmeo passara os seus últimos três anos. Uma janela minúscula com grades mesmo abaixo do teto permitia a entrada de um fio de luz natural; o quarto era cinzento sobre cinzento. O mobiliário e as divisórias haviam sido removidos, mas os tubos metálicos no canto indicavam que aquela zona fora uma casa de banho. Passou o limiar da porta e entrou na cela.

Na parede oposta, uma série de caracteres destacava-se no meio do cinzento, traços e pontos intrincados dispostos em linhas e colunas, enquadradas pela forma do roupeiro que já ali não estava. Parecia um idioma do Médio Oriente. Imaginou o rosto concentrado de Daniel, a boca sinistramente franzida como que para impedir as palavras de jorrar por essa via. Que teria ele escrito ali, ao abrigo da noite?

— Quer que ilumine para poder tirar fotografias?

Nima ligou a lanterna do telemóvel, apontando para a parede, de modo que a escrita a preto se distinguisse claramente. Hannah focou a câmara e fotografou a parede, secção a secção. Nima acompanhou-a com a luz, os seus movimentos sensivelmente sintonizados com os dela.

— Deve ser uma terrível perda de identidade, estar preso. Não me surpreende que o seu irmão precisasse de se expressar.

— Mas porquê assim? Atrás de um roupeiro, numa língua estranha?

Hannah ouvia a respiração de Nima junto à sua orelha. Ele esticou um dedo e passou-o por cima das palavras, como se as conseguisse ler com a pele.

— Talvez não tenha tido outra escolha?

*

Patricia Linde abriu a porta do seu apartamento em Østerbro vestida com uma roupa de padrão floral que Liv só conseguiu imaginar que fosse um pijama. No entanto, dado que a mulher já de idade vestia também um par de sapatos pontiagudos verde-néon e tinha a cara

toda maquilhada, pressupôs que aquilo tinha de ser o que se chamava um «visual».

— Vamos sentar-nos no nicho da janela!

Patricia deslocou-se até um espaço com móveis de madeira, tão desgastados que já tinham lustro, e puxou de uma cadeira. Ficou de pé, com as duas mãos apoiadas no espaldar, como um empregado de um restaurante fino. Ou uma educadora de infantário, pensou Liv, sentando-se.

O grande nicho da janela estava mobilado com bancos, vasos de plantas e um suporte de jornais e revistas, e, em cima da mesa, estavam dispostos um termos cor-de-rosa e delicadas chávenas de café com estampados azuis. A justaposição tinha um ar moderno, colorido e fluido, de uma forma que Liv reconhecia das revistas de moda. A luz entrava obliquamente pelas amplas janelas, ofuscantemente brilhante; Liv puxou a cadeira ligeiramente para trás, mas não serviu de nada.

— O sentimento nunca desaparece, sabe?

A mulher que tinha diante de si franziu o rosto de encontro à luz que a cegava, estreitando os olhos até quase desaparecerem dentro de pregas e sulcos. Tinha o cabelo grisalho curto na nuca, mas mais comprido em cima, espetado na direção do teto, num estilo que parecia simultaneamente anárquico e cuidado. Ao pescoço, usava uma joia chamativa feita de osso e corno.

— Sinto falta do Gert todos os dias. Já passaram mais de três anos desde que morreu, mas a sensação nunca melhora. Sou demasiado velha para começar de novo. Sei que não devemos dizer isto; nunca somos demasiado velhos para o amor, e isso tudo. Bla bla bla. Mas o Gert era o meu marido. Ninguém o pode substituir.

— Lamento mesmo muito.

Liv tirou do saco o bloco de notas e uma caneta, na esperança de que uma quebra momentânea na conversa lhe permitisse começar do zero. Mas Patricia prosseguiu.

— E o facto de a polícia não ter encontrado o assassino torna tudo pior, percebe? Mantém-me agarrada ao sofrimento. Não consigo deixar de pensar nos últimos minutos do Gert.

Com estas últimas palavras, a voz da viúva vacilou ligeiramente. Voltou-se para a janela.

— Era mesmo sobre a morte do Gert que eu lhe queria fazer

algumas perguntas, se me permitir.

— Sim, é claro, caso contrário não estaríamos aqui sentadas. Mas esclareça-me isto: se estão a reabrir o caso, isso quer dizer que há novas provas de que não tive conhecimento?

Liv esboçou um pequeno sorriso. Fora deliberadamente vaga ao marcar a reunião com a viúva de Gert, não queria correr o risco de ouvir um não. Agora já não havia como fugir ao assunto.

— Neste momento, o caso não está a ser reaberto. O Petter Bohm, que conheceu durante a investigação inicial, pediu-me... na minha qualidade de investigadora privada... que procurasse a famosa agulha no palheiro. Não vai ser fácil encontrá-la.

Pela primeira vez, Patricia encarou-a diretamente nos olhos.

— Mas está disposta a tentar?

— Sim.

Ela assentiu. Por breves momentos, os seus olhos pareceram perder toda a expressão, mas passado um instante voltou a falar com uma voz firme.

— Costumávamos sentar-nos aqui de manhã. Bebíamos o café e líamos os jornais enquanto a cidade ia acordando lá em baixo. Eu nesta cadeira e o Gert nessa aí em que está sentada. Eu pousava os pés em cima do colo dele. Não gostávamos de estar muito longe um do outro.

Patricia estava sentada de costas direitas, com a dignidade de uma rainha. Mas o seu pesar era evidente nos pés de galinha e no pestanejar das pálpebras. Três anos e meio passados sobre a morte de Gert, a dor estava muito claramente logo abaixo da superfície, o seu afeto não perdera intensidade. Liv tentou lembrar-se da última vez que vira os pais a manifestar alguma emoção além de irritabilidade um com o outro, mas não lhe ocorreu nada. A viúva de Gert tinha todo o ar de ainda estar apaixonada.

— Deve ser difícil revisitar estas emoções...

Patricia piscou os olhos.

— Como posso ajudar?

— Tenho o seu depoimento, em que descreveu o que aconteceu no dia em que encontrou o Gert. Mas será que me podia descrever tudo novamente?

— Sim, tudo bem. — Remexeu no colar, fazendo-o chocar ruidosamente. — Como lhe disse, tivemos uma manhã completamente normal. Tomámos duche juntos, tomámos o pequeno-almoço, lemos os jornais...

Tomaram duche juntos! Liv tentou imaginar duas pessoas idosas muito juntas na casa de banho e não conseguiu decidir se tinha inveja ou não.

— Lembra-se de terem conversado sobre alguma coisa em especial?

Patricia abanou a cabeça.

— Tudo pareceu absolutamente como sempre. Às nove horas, despedi-me dele com um beijo e saí para trabalhar. Ele ficou em casa a escrever. Cheguei logo depois das seis e entrei em casa.

A primeira coisa em que pensei foi que reinava no apartamento um silêncio pouco natural. Muitas vezes, o Gert ouvia rádio ou música clássica. — Bebeu um pequeno gole de café e limpou os cantos da boca com a ponta de um guardanapo. Consequia fazer que tudo parecesse muito natural e engenhoso. — Chamei-o pelo nome, mas não respondeu. E o *Lenine* também não veio... por essa altura, comecei mesmo a sentir-me inquieta.

— O *Lenine*?

Seguindo-lhe o olhar, Liv reparou num gato de espesso pelo cinzento a lançar-lhes um olhar carrancudo.

— Encontrei-o no chão da sala aqui ao lado. — Apontou. — Estava deitado de costas, com a boca aberta e a cabeça para trás, assim. Tinha nódoas negras no pescoço e uma perna estava dobrada debaixo do corpo, numa posição estranhíssima. Oh, e alguns dos botões do colete tinham sido arrancados. Mas mantinha uma expressão estranhamente tranquila.

A sua voz reduziu-se a um sussurro e a um suspiro nesta última frase. Encolheu os ombros, como que para indicar que nada mais havia a relatar.

— Consegue lembrar-se de alguma coisa que possa ter escapado à polícia? Agora que passaram alguns anos...

— E que tive tempo para passar as noites acordada a pensar no assunto, sim, obrigada. — Suspirou. — Nada de novo, infelizmente. Bem pelo contrário, na verdade.

Liv folheou o bloco até chegar a uma página em branco e carregou

no botão da esferográfica, pronta. Percebeu que esse gesto estava a deixar Patricia tensa. Ou se calhar era a situação que a deixava desconfortável.

— Importa-se de que lhe faça algumas perguntas que podem parecer estranhas? É claro que, se houver alguma coisa a que não queira responder, basta dizer.

Patricia aquiesceu.

— Davam-se bem?

Ela sorriu.

— Tínhamos um casamento maravilhoso. É claro que teve os seus conflitos... o Gert era uma pessoa impulsiva, tal como eu.

— Têm filhos?

— Não, não tínhamos vocação para isso. — Viu-se um estremeção na pálpebra de Patricia; não parava de tremelicar convulsivamente. Ela travou-o com o dedo. — Tínhamos o *Lenine*. Dedicávamo-nos ambos muito às nossas profissões e gostávamos de sair. E isso não combina propriamente bem com uma família.

Liv também não fazia tenção de ter filhos, apesar de por norma guardar essa ideia para si. As pessoas reagiam geralmente mal quando uma mulher dizia que não queria ser mãe, mas Patricia parecia perfeitamente à vontade com a sua decisão.

— O Gert dedicava-se de alma e coração ao trabalho. — Sublinhou esta declaração com um erguer de sobrelanceiras. — Escrevia todos os dias, sem falta. Não como tanta gente que fica simplesmente sentada à espera de que lhe caia uma inspiração. Os colegas consideravam-no o rei sem coroa do jornalismo cultural.

Liv levantou os olhos do bloco.

— Poderá ter pisado os calos de alguém, a nível profissional?

Patricia bebeu um pouco mais de café, com um sorriso ácido.

— Como lhe disse, o Gert era um repórter cultural talentoso e um excelente escritor, mas era antes de mais e acima de tudo um jornalista. Até às entranhas. Sem concessões. Não era comprável nem nada que se parecesse, percebe o que quero dizer?

Liv assentiu.

— Uma vez, ele fez a crítica de um autor principiante que tinha acabado de ganhar um prémio enorme e deu-lhe duas estrelas. Uma

dessas estrelas atribuiu-a ao design da capa... — Riu-se para si mesma. — Todos os outros não tinham palavras a medir, elogiavam o autor e elevavam-no aos píncaros porque tinha crescido num meio difícil e criado o seu próprio estilo sem frequentar a escola secundária ou um curso de escrita sofisticado, mas o Gert não. Foi o único que ousou dizer em voz alta que o rei ia nu.

Patricia fechou e abriu os dedos algumas vezes antes de os pousar nas coxas.

— Tinha coragem. Por isso, apesar de escrever essencialmente sobre cultura, havia muitos leitores que tinham muito apreço por ele.

— Compreendo. — Liv anotou alguma coisa. Com ou sem cultura, alguém o matara. — As críticas geravam conflitos?

— Nada de especial. O Gert era popular e respeitado. Um homem decente que tratava os outros com decência.

Patricia apontou para a sala do lado, adjacente àquela em que estavam. A sala onde o encontrara morto, há três anos e meio.

— O Gert tinha ali uma secretária, onde se costumava sentar quando não estava no trabalho. Livrei-me dela. Quando a polícia terminou a investigação, pu-la à venda online por uma coroa. Simplesmente não suportava olhar para ela.

Liv virou-se e olhou para lá. A sala do lado estava mobilada com tanto bom gosto como aquela onde estavam naquele momento sentadas, com um gigantesco tapete antigo, estantes de livros de madeira escura e um candelabro de vidros roxos com a forma de pétalas de flores.

— Só lhe guardei os cadernos de apontamentos. Têm a caligrafia do Gert e não me consigo separar deles. Ali mesmo, em cima da estante, está a ver as lombadas coloridas? — Voltou a apontar.

— Posso...? — Liv levantou-se e foi até à estante, que continha cadernos que chegavam para ocupar uma extensão de dois metros. Numa estimativa rápida, haveria ali certamente pelo menos cinquenta. — Têm alguma organização especial?

— Cronológica. Os do fundo, à direita, são os mais recentes. Verá que ele escreveu números em cada um.

Liv passou os olhos pelos cadernos. Na extremidade direita, o caderno número 64 estava mesmo ao lado do número 66.

— Está a faltar um caderno? — apontou.

Patricia aproximou-se, passou um dedo pelas lombadas.

— Pode estar no jornal.

Liv pegou no último caderno e abriu-o. Tinha a capa verde-musgo e os cantos dobrados. *O Coração Ventoso da Dinamarca*, via-se escrito na primeira página, e depois uma data que não chegava a um ano antes da morte de Gert. Olhou inquiridoramente para Patricia.

— Estava a trabalhar num livro, a par do jornalismo. Era o seu projeto de coração. Mas acabou por desistir desse título. Achou-o demasiado sentimental.

Liv levou o caderno até à mesa e sentou-se.

— Importar-se-ia de me emprestar isto, para eu poder analisar com mais atenção? Para ter a sensação de conhecer melhor o Gert?

— Desde que prometa que mo devolve intacto.

Liv pôs o caderno n.º 66 no saco. Quando se voltou a endireitar, deu com Patricia a olhar para ela atentamente.

— Eu não o estrangulei, se é isso que tem medo de perguntar.

Liv não ponderara seriamente fazer tal pergunta. Mas, afinal de contas, alguém o matara. Alguém entrara em casa pelos seus meios, ou Gert abria-lhe a porta, e sufocara-o com as próprias mãos. Em plena luz do dia, no centro de Copenhaga. Matá-lo terá exigido força e audácia, e isso implicava um motivo enraizado e urgente. E os motivos enraizados e urgentes tinham o hábito de estar à espreita nas relações mais íntimas.

Olhou para as mãos delgadas de Patricia. Os vasos sanguíneos estavam junto da pele, rivalizando pelo espaço com grandes anéis de ouro e *plexiglas*. Seria absurdo pensar que aquelas mãos podiam ter matado por asfixia um homem de quase um metro e oitenta e cinco. Mas nunca se sabe.

*

Nima conseguiu que o velho *Morris* fizesse todo o caminho até Nykøbing e de volta sem se ir abaixo. Funcionava lindamente e o motor parecia estar impressionantemente em boa forma para uma coisa dos anos setenta. Agora, tudo o que tinha de fazer era devolvê-lo.

Entrou na oficina, pôs o café a fazer e ligou o rádio. Enquanto a

água gotejava através do filtro, consultou a agenda. Nima ainda usava uma agenda antiquada de papel, registrando as marcações a lápis, para as voltar a apagar se fosse necessário. Uma solução simples e muito mais discreta do que as versões digitais. Contava receber um *Cadillac Deville Cabriolet* no dia seguinte e estava ansioso por trabalhar nele. Nima passou por alto a breve descrição dos problemas que apresentava, e que escrevinhara no seu livro, e, ao fazê-lo, percebeu que a visita ao centro de alta segurança o incomodara menos do que receara. Hannah era boa companhia, era fácil conversar com ela, bonita.

O rádio crepitava acima do lavatório.

... foi identificada como Marianne Dybdahl, de quarenta e seis anos de idade, que era curadora da Coleção David de Copenhaga. A polícia pediu que quaisquer testemunhas que possam ter visto ou falado com Marianne Dybdahl depois das quatro da tarde de segunda-feira, ou que tenham estado na floresta de Rude e visto alguma coisa suspeita, entrem em contacto pelo 114...

Nima passou por uma daquelas experiências em que a mente se destaca do corpo e o observa do lado de fora. O corpo estava parado junto ao lavatório, a boca bebia da caneca. E, entretanto, a sua alma pairava junto ao teto, a arquejar com falta de ar. Tirou o telefone do bolso do casaco e acedeu à Internet. A notícia estava nas primeiras páginas. Leu o artigo com o coração a martelar-lhe na garganta.

O rosto de Marianne surgia no topo do artigo, os seus olhos sérios a fitá-lo como quem está prestes a fazer-lhe uma pergunta, ou se calhar eram olhos recriminadores. Nima estremeceu. Havia alguma coisa naquele olhar acusador que lhe fazia lembrar todas as mulheres que alguma vez conhecera.

De acordo com a polícia, ela saíra do local de trabalho no centro de Copenhaga na segunda-feira ao início da tarde. Desse momento em diante, ninguém sabia onde teria ido, até ser encontrada sob uma faia na floresta de Rude, às nove horas da manhã de terça-feira. Morta.

Sem entrar em pormenores, o artigo deixava bem claro que a polícia estava a encarar a morte como um caso suspeito, referindo-se ao caso como um assassínio.

Nima fechou a página. A alma desceu lentamente de volta para dentro do seu corpo e, subitamente, sentiu-se extremamente alerta. A

conclusão era evidente: a sua amada Marianne havia sido assassinada e ele fora o seu último contacto conhecido. A questão era agora saber se ela teria mencionado a alguém a visita à garagem.

Ao que parecia, ninguém sabia onde Marianne estivera a partir da tarde de segunda-feira, até ser encontrada morta.

Mas ele sabia.

*

Liv fechou a porta do prédio de Patricia e saiu para a rua, sob as tílias que ladeavam a Dag Hammarskjölds Allé, rumando ao centro da cidade. Nesta zona da cidade, os passeios eram largos, claramente pensados para caminhadas e grandes reflexões. Tentou imaginar como seria amar alguém daquela forma. Com respeito, afeto, em todos os altos e baixos da vida, até para lá da morte. Seguramente isso deverá conferir um valor especial à vida.

Do lado de fora da escola católica, um bando de crianças a rir-se estava tão absorto no seu próprio mundo que esbarrou contra ela e, na esquina do parque, uma mulher vestida com um macacão de inverno e um boné de caça puxou o seu labrador magro para o lado e sorriu como se se conhecessem. Liv ainda tinha meia hora até ao seu encontro com o chefe de Gert no *Copenhagener* — chegaria perfeitamente a tempo se fizesse um atalho pelos parques.

Em Østerport, telefonou a Petter.

— Bom dia. Tens um minutinho?

Ele riu-se.

— Também é um prazer falar contigo. Foi bom ter-te por cá ontem.

— Perdão, Miss Boas Maneiras, só queria contar-te a minha visita ao estagiário.

— Alguma coisa de jeito?

— Ele disse que tinha uma informação sobre a mulher da floresta de Rude. Que sabia por que razão o corpo foi tapado com um lenço.

A linha ficou em silêncio.

— O que é que ele disse exatamente?

— Só isto.

— Mas... — Petter expirou-lhe ruidosamente ao ouvido. — Como é que ele sabe?

— Não faço a mínima ideia. Ele não me quis contar nada... *tinhas* de ser tu.

— O. K., vou entrar em contacto com ele. Mais alguma coisa?

— Só uma coisa. A *mousse* de chocolate era mesmo do melhor.

Petter riu-se e desligou.

Liv pôs o telemóvel no bolso e continuou a atravessar o parque, passando pelo Museu Nacional de Arte, que encarava o mundo com dois rostos. Um de betão e vidro, que dava para os jardins, e outro com um telhado de cobre e colunas faustosas viradas para a estrada. No outro lado de Nørrevold, continuou a andar pelos caminhos cuidadosamente conservados de Kongens Have, passando pelo sonho *à la* Disney que era o Castelo Rosenborg. O avô levara-a lá em criança a ver as joias da coroa e Liv ainda se lembrava da sensação de deambulareem em torno das vitrinas de vidro, de mãos dadas, enquanto ele apontava para rubis e safiras e usava palavras como *inestimável* e *sem igual*. Muito antes do cancro.

Na Pilestræde, parou no exterior da fachada icónica do *Copenhagener* e olhou para cima. O edifício branco fora o quartel-general de um dos mais antigos jornais da Dinamarca durante mais de um século; ali trabalhara Gert Linde como articulista efetivo, labutando nas suas rotinas diárias. Liv entrou no átrio e dirigiu-se para o balcão de receção, onde uma senhora imaculadamente vestida estava sentada, à espera, de auricular na cabeça, com um ar eficiente.

— Bom dia. Tenho uma marcação com o Bjørn Hedme.
O editor-chefe.

— Quem devo anunciar?

— Liv Jensen.

A rececionista pegou no telefone, lançando-lhe um sorriso tão arrepiante que os seus dentes pareciam ter congelado. Conversou brevemente com alguém lá de cima, da administração, e depois olhou para Liv com condescendência.

— O editor-chefe está atrasado. Esteja à vontade para se sentar. A secretária informa logo que ele esteja livre.

Liv olhou por cima do ombro. Havia um conjunto de sofás de cabedal de design dispostos em torno de uma mesa com jornais e revistas.

— Certo, obrigada, eu espero.

Passadas algumas páginas de um artigo de moda que combinava armações de óculos com conjuntos de roupa — passo a passo, acompanhamo-la do dia para a noite! —, a rececionista chamou-a. Quase parecia desiludida por não ter demorado mais.

— O Bjørn Hedme pode recebê-la agora. Tem de usar este crachá em local visível e passar por aqueles pórticos. O elevador fica logo a seguir, à direita, e o gabinete dele fica no quinto andar. Eu abro-lhe os pórticos daqui.

Liv pôde então passar o torniquete e entrou num antigo e elegante elevador de madeira que rangeu o trajeto todo até ao quinto andar. As portas abriram-se para um espaço de escritório de aspeto normal, com secretárias independentes, alcatifas escuras e cabos em todo o lado. Um homem estava parado junto ao elevador, de mãos nos bolsos. Andaria pelos cinquenta anos, com a barba bem feita, o tipo de constituição física e as faces rosadas que sugeriam uma especial inclinação para vinho borgonha e uma robusta gastronomia francesa.

Ele acenou-lhe com a cabeça, sem que isso, no entanto, lhe alterasse a postura. As mãos permaneceram nos bolsos.

— Liv Jensen, é assim que se chama?

— Como lhe disse no meu *e-mail*, estou a investigar a morte do Gert Linde.

Bjørn Hedme tirou uma mão do bolso e, com um indicador, empurrou os óculos de aros metálicos pelo nariz acima.

— Polícia?

— Investigadora privada.

O editor-chefe fitou-a avaliadoramente e começou a andar.

— Venha comigo!

Passaram pelo escritório em *open space*, que estava em grande parte sem ninguém. À medida que o editor-chefe passava, foi atraindo uma discreta ondulação de atenção. O olhar de um empregado, um aceno ou até uma mão erguida para o cumprimentar. Bjørn Hedme parou à entrada da porta de um pequeno gabinete individual. Esperou até Liv passar por ele e depois fechou a porta atrás deles.

— Sente-se.

Liv sentou-se na cadeira em frente da secretária. Parecia ser de

design dinamarquês dos anos sessenta, tanto quanto conseguia perceber debaixo de todos os livros e pilhas de papéis.

— Quer dizer, então, investigadora privada. Empolgante. — Sentou-se e tirou os óculos, esfregou os olhos e entrelaçou as mãos em cima da barriga. Parecia o ritual de um interrogador experiente e Liv imaginou que era coisa que ele fizesse muitas vezes por dia. — Quem a contratou?

— Lamento, mas não lhe posso dar essa informação. Mas estou a trabalhar com a polícia.

— Muito bem, está a proteger a sua fonte, é justo. De qualquer modo, como é que uma pessoa se torna investigadora privada? — Continuava com as mãos cruzadas sobre o ventre, estreitando os olhos ligeiramente. — Não pode ter mais de trinta anos, se é que tenho o direito de avaliar. Qual é a sua história?

— Lamento, mas achei que era eu quem vinha fazer perguntas.

Hedme fez um sorriso enviesado.

— Há que dar para receber em troca.

— Muito bem, fiz a minha formação na polícia. Como inspetora.

— Nesse caso, porque é que não está a trabalhar para a polícia?

Liv mudou de posição na cadeira, analisando como poderia conduzir a conversa de novo para o ponto em questão.

— E estava, até há três meses. Mas agora sou investigadora privada.

Tirou o bloco de apontamentos do saco.

— Durante quanto tempo o Gert trabalhou no jornal?

— Receio bem que não lhe saiba dar uma resposta exata sem ir verificar. Mas já cá trabalhava quando eu aqui comecei a estagiar como jornalista há vinte e dois anos. — Fez um sorriso matreiro e um movimento com o queixo, curioso. — Foi despedida?

— Não! — Liv recompôs-se rapidamente. Ele não tinha nada que ver com as suas condições laborais, mas ao que parecia eram essenciais para o pôr a falar. — Era um emprego na Jutlândia do Norte e era simplesmente demasiado longe da minha família.

Hedme franziu o sobrolho.

— Por isso achou que preferia voltar para casa e tornar-se investigadora privada?

— Até ver, sim.

— Mas parece-me que está de olho nalguma vaga aqui em Copenhaga. — Agarrando nos óculos, limpou as lentes antes de os voltar a pôr. — E agora anda a vasculhar uma investigação, que acabou de ser encerrada, sobre o assassinio de um dos meus colaboradores. Acha que teria vontade de me contar essa história?

Liv continuou a folhear o bloco de notas.

— Vamos ficar-nos pelo Gert. Onde é que ele se sentava? Imagino que teria uma secretária fixa?

— Ali, mesmo à saída do elevador por onde saiu ainda agora. — Acenou nessa direção com um pequeno sacão da cabeça. — Mas não estava cá todos os dias. Um jornalista com o tempo de serviço dele escolhe quando e onde quer trabalhar. Era frequente escrever em casa ou enquanto se deslocava.

— As pessoas gostavam dele?

Bjørn Hedme interrompeu-a fazendo um gesto com a mão.

— O Gert era toda uma série de coisas que não podem ser resumidas em meia dúzia de frases ou num obituário. Um jornalista talentoso, homem de letras divertido e engenhoso, um exaltado, um aficionado do *rock*, assassino inveterado de plantas em vasos.

— Mas dava-se bem com os colegas?

— Ui, credo. Próxima pergunta, por favor! — Inspirou fundo. — Peço desculpa. Se eu tivesse alguma coisa para lhe dizer sobre ele que pudesse potencialmente ajudar a resolver o assassinio, é evidente que o diria.

Liv manteve o contacto visual. Passados alguns segundos, ele baixou os olhos, massajou o queixo e expirou com força, como se aquela conversa começasse a causar-lhe grande esforço.

— Quando era mais novo, o Gert trabalhou como jornalista de investigação, cobria as atividades parlamentares, e ele queria voltar a essa área. Às reportagens a fundo, ao jornalismo político, crítico. Tivemos alguns conflitos em torno disso, porque eu queria que se ficasse pela cultura, pelo menos até as suas ambições se tornarem mais concretas. O Gert achava que eu não o apoiava o suficiente e imagino que tivesse razão.

— Era um bocadinho tarde para mudar de trajetória, ou não?

Hedme sorriu com condescendência.

— A vida não acaba aos quarenta, embora se possa pensar assim na sua idade. Dei-lhe o máximo de latitude que pude. O suficiente para o Gert concretizar o seu sonho de escrever um livro. Sobre o lugar das suas origens, Thy. Foi até lá fazer alguma pesquisa, teve uma licença sabática para escrever. Não era propriamente o que eu tinha imaginado que ele faria, mas fiquei contente por o ver a recuperar alguma motivação.

— Um livro sobre Thy?

Bjørn respondeu-lhe com um pequeno sorriso.

— Não o via tão feliz há anos.

— Por causa do livro?

— Eu não sabia muito bem. Eu e o Gert éramos colegas, não amigos próximos.

Ele olhou para o relógio. Liv recuou páginas do bloco de notas.

— E quanto ao Gert e o estagiário, faz ideia de como eles trabalhavam juntos?

— O Niclas? Hum, provavelmente tão bem quanto possível. Vinham de planetas diferentes, mas respeitavam-se mutuamente.

— O que quer dizer?

Hedme coçou o queixo. Parecia estar a perder interesse na conversa.

— Gerações diferentes, abordagens diferentes ao jornalismo. O Niclas focava-se intuitivamente nos títulos que provavelmente receberiam mais cliques, de uma perspetiva ultracrítica. Gert dava mais atenção à redação e a uma pesquisa minuciosa. Mas eram ambos talentosos, cada um à sua maneira, por isso funcionava bastante bem.

— Apesar disso, não foi oferecido emprego ao Niclas Tange no fim do estágio?

Ele desenhou círculos com os dedos ao longo da têmpora.

— O Niclas é um paranoico das conspirações. Eu não quis ter de lidar com isso. — Voltou a relancear o relógio e pôs-se de pé.

— Tenho uma reunião daqui a nada.

Liv levantou-se também.

— Ainda tem por aí apontamentos ou os artigos que o Gert escreveu?

— Receio bem que só os que foram impressos. O computador do Gert foi limpo e entregue a outro colaborador quando a polícia

terminou a investigação. Tudo o resto foi para o lixo. Pode parecer brutal, mas é assim a vida.

Hedme acompanhou-a até ao *open space* e apontou-lhe a direção dos elevadores.

— Diga-me alguma coisa se alguma vez tiver vontade de contar a sua história. Estou com a sensação de que deve haver aí coisas empolgantes.

Capítulo Sete

Liv decidiu fazer a pé o trajeto do *Copenhagener* até ao bar, passando pelas fachadas centenárias do centro da cidade. O amigo e colega de Gert, Mick Hvilsom, aceitara encontrar-se com ela naquele local ao meio-dia e meia, cinco minutos a pé do jornal. Os passeios estreitos conduziram-na por antiquários e lojas de equipamento de *ballet*, casas de sanduíches e montras pejadas de galochas de chuva do chão até ao teto. Gert certamente passaria por ali quando ia e vinha do jornal e de almoços de trabalho, ocupado com todo o tipo de pensamentos, grandes e pequenos, exatamente como ela; tinha planos, sonhos e desilusões. Enquanto tratava da sua vida, as idas e vindas haviam tecido uma fina teia de informações que era agora tarefa de Liv revelar, fiada a fiada, até encontrar a pessoa que o matara.

No instante em que entrou no bar cheio de fumo, confirmou toda uma série de preconceitos ao mesmo tempo. Acerca do pretensiosismo das pessoas de Copenhaga, que era dirigido, não tanto para cima ou para baixo, mas antes para trás, para uma perceção obsoleta da verdadeira identidade da cidade; acerca da propensão para a bebida dos jornalistas; e acerca do modo como Gert Linde se via a si mesmo como tendo tanto de elitista cultural como de *beatnik* provocador. Pelo menos a ajuizar pelo colega.

Não havia mais ninguém ali dentro, por isso foi fácil identificá-lo.

Mick estava sentado num banco alto diante do comprido balcão do bar, com uma cerveja que já bebera praticamente até ao fim. À sua frente, tinha um computador portátil, fechado, junto a um cinzeiro com um cigarro sem filtro aceso. As faces bem barbeadas descaíam-lhe, frouxas, sobre a mandíbula e o nariz era uma protuberância brilhante no meio do seu rosto sulcado. Na cabeça, usava um boné puído com o nome de uma equipa de beisebol americana bordada na frente.

Liv avançou e pôs-se de pé ao seu lado, à espera de que ele olhasse

para ela. Demorou algum tempo.

— Mick? Liv Jensen. Enviei-lhe um *e-mail* sobre o Gert.

Ele suprimiu um sorrisinho. Era evidente que parecia divertir-se com alguma coisa na aparência de Liv ou alguma coisa que ela dissesse. Ou talvez a cerveja que tinha a frente já não fosse a primeira do dia.

— Força, então, sente-se. Vai querer um refrigerante, imagino eu?

Dizia as consoantes de forma algo arrastada, mas de resto parecia ter a cabeça bastante clara de ideias. Liv sentou-se e pediu uma *Coca-Cola*. O pedido gerou mais um risinho abafado.

— É jornalista efetivo do *Copenhagener*?

O homem bufou.

— Porque acha que estou aqui sentado a trabalhar? Sou um simples e humilde tarefeiro. Já ninguém quer pagar por um jornalismo como deve ser.

— Certo, muito bem. — Liv tirou o bloco de apontamentos da mochila e abriu-o. Pareceu-lhe que as condições de trabalho dos jornalistas na atualidade era um assunto sobre o qual Mick poderia passar horas a perorar, se lhe desse a mínima oportunidade. — Como é que conheceu o Gert?

— Conhecemo-nos na escola de jornalismo de Aarhus em 1987. Somos os dois fãs do Bob Dylan. Unha e carne desde então. — Inclinou a cabeça para trás e esvaziou o copo num só trago. Depois de o pousar no balcão com estrondo, olhou em volta em busca de outro. — Não que a *Miss Bosta* ficasse propriamente contente com isso.

— A *Miss Bosta*?

— A Patricia. Ela achava que eu era uma má influência. — Piscou-lhe o olho, vislumbrou o empregado do bar e apontou para o copo.

— Isso afetou a vossa amizade?

— Oh, por favor! Seria preciso mais do que isso. De qualquer modo, podia ter sido pior. Lá no fundo, a Patricia não é má pessoa, é só um bocadinho ranzinza. — Riu-se para si mesmo, pegando no copo que o empregado lhe estendia. — Quer mais uma dose?

Liv olhou para sua *Coca-Cola* imaculada.

— Hum, não, obrigada. O Gert por acaso não lhe entregou nenhum dos cadernos de apontamentos dele?

— Nada.

— Revelou algum comportamento estranho nos meses antes de ser morto?

— Népias. Trabalhava, saía para tomar uma cerveja comigo, escrevia o livro.

— O livro sobre Thy?

Mick aquiesceu.

— Costumava ficar na quinta da família quando ia lá acima fazer pesquisa. Hyrup ou Hurup, acho que era assim que se chamava. Estava a começar a cair aos pedaços, ele estava furioso com isso. Lembro-me de pensar... — Interrompeu-se para beber um gole do copo, parecia ter-se arrependido de ter começado aquela frase. Mas ao ver que Liv não reagiu, aproximou-se dela. O hálito a cerveja era avassalador. — Sabe como é, ele tinha outros interesses lá em cima.

— O que quer dizer com isso?

Mick encolheu os ombros.

— Está a insinuar que o Gert andava a encontrar-se com outra mulher?

— Só estou a dizer; é que na última vez que estive com ele, falou muito sobre Thy.

Liv observou-o a beber mais um pouco. Não seria possivelmente a fonte mais fiável no que tocava à vida amorosa de Gert. Não era difícil imaginar que pudesse ter inveja do casamento dos Lindes.

— E quando foi isso?

Liv recuou um pouco, afastando-se do seu hálito acervejado, na esperança de que ele não reparasse.

— Um mês antes de morrer. Tomámos um copo ou dois depois do trabalho, no Three Bells, na Classensgade. Tinha acabado de regressar de uma semana passada na Jutlândia do Norte.

Liv olhou para ele. Tinha o olhar um nadinha instável.

— Tinha estado na comuna perto de Frøstrup, foi falar com os *hippies*. Ficara muito impressionado, se bem me lembro. Tinha ido aos arquivos de um museu qualquer de uma prisão, acho eu, e tinha tirado fotografias de uma igreja. — Bebeu de novo e limpou a boca com as costas da mão. — Para lhe ser absolutamente sincero, era preciso um grande esforço e fingir interesse naquilo. Eu estava a

meio de um artigo de investigação grande sobre política externa e simplesmente não me conseguia entusiasmar lá muito com as maravilhas de Thy. Não lho disse, é claro. O Gert era o meu compincha.

Liv escreveu algumas palavras-chave. Não pareciam grande coisa.

— Leu o livro?

— Nã. — Mick empurrou para trás a aba do boné de beisebol, ficando a parecer um escuteiro num corpo demasiado grande. — Mas ele tinha assinado um contrato com uma editora. Já não me lembro qual.

Liv tomou nota para si mesma que deveria tentar saber.

— Ótimo para o Gert, evidentemente. Não que fosse conseguir vender um só maldito exemplar, se quer saber. Mas quando vamos envelhecendo, queremos sentir que deixámos uma marca no mundo. Filhos, uma obra-prima, uma estrela no Hollywood Boulevard. — Riuse. — O Gert e a Patricia não tinham filhos, por isso ele optou pela coroa de glória. O trabalho, está a ver. Eu próprio ganhei um Cavling, pela minha cobertura do caso Næstved em 2018. Ouviu falar, imagino eu?

Liv assentiu, apesar de não ter a certeza. Ele esvaziou o copo, estalando os lábios, dirigindo-lhe um sorriso vacilante.

— O Gert nunca ganhou nada.

*

Pelo canto do olho, Hannah olhou para os braços nus do pai, cingindo o casaco de malha mais junto ao corpo.

— Não estás a morrer de frio? Queres que te vá buscar uma manta?

Estavam sentados no topo dos degraus de pedra que davam da sala de estar para o jardim semisselvagem das traseiras. O calor de fim de verão que se instalara na cidade ao meio-dia já se dissipara entretanto, deixando uma bruma húmida que se infiltrava na roupa e lhe causava arrepios pela espinha acima.

— Estou bem.

Jan estava sentado no degrau de costas absolutamente eretas, os braços finos a sair, espetados, de uma camisa de manga curta e o queixo erguido contra a escuridão do jardim. Sentavam-se muitas vezes ali quando ela era pequena. Os quatro.

— Voltaste a falar com a Liv?

— Não, hoje não andei muito por aí.

Hannah sabia que aquilo queria dizer que ele estava com dores. Era preciso muito para impedir que Jan Leon se pusesse a conhecer pessoas novas.

— Parece uma querida. Um nadinha calada, talvez, um pouco séria, mas muito simpática.

Ele sorriu.

— A neta do Carl tornou-se detetive privada! Soa a coisa exótica.

— Sim, não imaginamos que é propriamente assim, pois não? Costumamos pensar numa pessoa de gabardina e chapéu de feltro.

— E uísque e mulheres libertinas. — Ele tossiu, o corpo frágil a sacudir-se ao ritmo das convulsões da tosse seca. Hannah deu-lhe algumas inúteis pancadinhas nas costas até a crise passar. Um morcego voou-lhes por cima das cabeças e desapareceu. — Teria dado jeito quando eu e a Penelope andávamos a pesquisar a história dos meus pais.

— Então isso deve ter sido antes do divórcio, não?

— Não, foi depois. Lembro-me de que o novo namorado dela estava um bocado chateado por a Penelope passar tanto tempo com o ex-sogro.

Hannah revirou os olhos. Nunca compreendera o que Penelope vira em Oscar, o cliente manhoso com quem juntara os trapos depois do divórcio.

— Vou tomar café com o Mikkel Felding na sexta-feira. — Jan olhou para ela sem expressão. — O psiquiatra do Daniel, lembras-te dele? Veio ao funeral. Ofereceu-se para conversarmos com ele se precisássemos.

— Estou a ver, bom, quer dizer que precisas de falar com ele?

— Se quero ter a esperança de alguma vez seguir em frente, preciso de compreender porque é que o Daniel se matou. — Hannah inspirou para dentro da tensão acumulada bem fundo do seu plexo solar, tentando expirar pelo menos uma parte dela. — Eu sei que ele de vez em quando falava em suicídio, mas nunca acreditei realmente que tivesse uma tendência suicida. E muito embora, evidentemente, me ocorra uma razão, gostava de ter uma ideia daquilo em que ele andava

a pensar nos últimos dias. Para saber.

— A-ha, sim. — Ele pigarreou. Pelo som, parecia estar a tentar evitar mais um ataque de tosse.

— Já agora, fiz o que me pediste. O Nima levou-me esta manhã ao centro de alta segurança para eu poder tirar fotografias da cela do Daniel.

Jan virou a cabeça.

— E que escreveu ele?

— Escreveu numa língua que não reconheço, mas imprimi as fotos.

Hannah mostrou-lhe a pequena pilha de fotografias que trouxera para o jardim, espalhando-as no terraço. Jan observou-a a movimentar as folhas de papel até estarem divididas em três secções.

— Bom, era assim que as palavras estavam dispostas atrás do roupeiro, da esquerda para a direita e de cima para baixo. — Apontou. — O *flash* deixou algumas partes muito claras e o estuque caiu nalguns pontos da parede, mas tirando isso, deverá ser legível. Quer dizer, se conseguíssemos ler o que está escrito.

Jan encarou-a com uma expressão severa.

— Hannah Leon, será que não aprendeste nada comigo? Não reconheces a escrita do teu próprio povo? Isto é hebraico.

Subitamente, Hannah sentiu-se com dez anos, debruçada sobre as orações da Hagadá, a língua a retorcer-se em nós. Daniel aprendera-as de cor uma eternidade antes dela.

— Consegues ler?

Jan tirou os óculos, limpou-os com a manga e voltou a pô-los em cima do nariz.

Segurando uma folha muito perto do rosto, analisou-a. E depois abanou a cabeça.

— Não entendo... é *mesmo* o alfabeto hebraico, mas as palavras são completamente diferentes. Espera um segundo!

Jan pôs-se de pé a uma velocidade espantosa, agarrou na bengala e desapareceu dentro de casa. Era evidente que a dor estava a esmorecer. Voltou depois a aparecer com um ar triunfante, trazendo um livro grosso acima da cabeça e a bengala pendurada no pulso, como se nem sequer precisasse dela.

— *Eureka!*

Abaixando-se cuidadosamente para se voltar a sentar no degrau, Jan entregou-lhe uma esferográfica que tirou do bolso do peito. Abriu o calhamaço e folheou-o, olhando para as impressões e depois de novo para o livro.

— Ah, sou um génio, se me permites que eu próprio o diga! Anda lá, olha para isto!

Hannah debruçou-se sobre o seu ombro. Ele apontou para a página.

— É aramaico.

— Aramaico? O que é isso?

— Uma língua antiga que está virtualmente extinta, o precursor das línguas semíticas, incluindo o árabe e o hebraico. Atualmente é escrito com os caracteres hebraicos. Não vai ser fácil de ler. Mas eu tenho um dicionário! — Bateu com os nós dos dedos na capa e depois apontou para uma folha de papel. — Lê-se da direita para a esquerda, como o hebraico, por isso temos de pôr as folhas no sentido inverso. Olha, na linha de cima está escrito *A primeira...* estás a ver?

— Típico do Daniel, escrever numa língua morta.

Hannah revirou os olhos. Jan abanou a cabeça e voltou a apontar.

— Aqui, este pedaço diz *visão* ou *vista*. Ei, vais escrever isto ou não?

Hannah virou uma folha ao contrário e escreveu nas costas. Sentia um formigueiro na face, mas não saberia dizer se era de irritação ou por o entusiasmo do pai ser contagioso.

— Este símbolo significa dedos, até aí consigo perceber. *Dedos de uma mão humana*. E o que vem a seguir tem de ser *escrever* no passado, *escreviam*. — Folheou para a frente e para trás. — Sim, *escreviam sobre a parede*, é o que diz, *rei*, e antes disso algo relacionado com um *castelo* ou um *palácio*.

— Espera aí, como é que era a primeira parte? Alguma coisa sobre uma *visão*?

— A primeira *visão*.

Hannah escreveu as palavras em dinamarquês no cimo da folha.

— Esta parte é toda sobre uma mão a escrever. Esta palavra não significa luz? Candelabro? — Ele apontou, de olhos acesos e ansiosos. — Na frase seguinte há a palavra que significa *cor* e depois alguma coisa sobre *pensamentos...*

— Pai, estás a ir demasiado depressa. Outra vez, um bocadinho mais

devagar.

Hannah escrevinhava a tradução para dinamarquês, enquanto o pai procurava as palavras no dicionário. Quando quase tinham acabado toda a secção, ela leu em voz alta.

A primeira visão. Neste momento apareceram dedos de uma mão humana, que escreviam defronte do candelabro sobre o reboco da parede do palácio real. O rei, à vista da mão que escrevia, mudou de cor, pensamentos terríveis o assaltaram. A mão escreveu sobre o que há e o que haveria de vir. Isto eu escrevo, muito embora ninguém venha a acreditar em mim.

A última frase ficou a pairar como um eco entre eles. Quando uma pessoa é bipolar com episódios maníacos, crises de insónia e pensamentos obsessivos, as pessoas tendem a deixar de acreditar no que diz. Não acreditam inteiramente. Daniel contara-lhe como isso o fazia sentir-se só.

— Soa-me a conhecido. A parte sobre os dedos a escrever na parede do palácio do rei é uma citação. Só não me consigo lembrar de onde.

Jan folheava o dicionário, sem rumo.

— Quantas secções há no total?

Hannah varreu com os olhos as folhas estendidas no terraço.

— Parece-me haver doze secções, cada uma mais ou menos do mesmo tamanho, mas é difícil saber quando não se consegue ler.

Jan pousou o dicionário e olhou para ela por cima dos óculos. Estava com dificuldade em engolir. Tinha a garganta tão seca ultimamente; alguma coisa relacionada com os gânglios linfáticos. Mas os olhos estavam bem.

— Nesse caso, vou ter de arregaçar as mangas e traduzi-las.

O meu filho quer dizer-nos alguma coisa e eu quero saber o que é.

*

Liv voltou do encontro com Mick Hvilsom envolta numa nuvem fedorenta de fumo de tabaco que a fazia sentir-se muito pouco saudável até aos ossos. Despiu a roupa e atirou-a imediatamente para a máquina de lavar, foi buscar o equipamento de corrida e vestiu-o. Provavelmente, não haveria problema nenhum em deixar a porta das traseiras aberta durante um bocadinho.

Na sombra do Planetário e das suas listras onduladas, deu com uma

ampla escadaria que descia até ao lago, onde poderia fazer o aquecimento. Uma corrida leve a subir e a descer as escadas durante cinco minutos, depois *lunges* e agachamentos seguidos de um alongamento rápido. As nuvens aglomeravam-se, pesadas, sobre os telhados e o lago estava liso como mercúrio, fechado a quaisquer olhos que quisessem perscrutar as profundezas. E para quê, pensou Liv, quando começou a correr ao longo da margem, no sentido anti-horário, em torno dos cinco lagos que, na verdade, eram apenas três.

Rapidamente encontrou o seu ritmo, saboreando o modo como o coração batia contra a parte de dentro das costelas. As árvores já cheiravam a outono, cogumelos e humidade.

Atravessou os grandes semáforos junto ao Pavilhão, esbarrando num ciclista que circulava no passeio. Ele gritou-lhe alguma coisa feia e continuou a pedalar, mostrando-lhe o dedo do meio à medida que se afastava, ao que Liv continuou a correr com o coração a martelar-lhe na garganta. Era, em parte, do choque, é claro, mas também a ideia do que começava a vislumbrar no horizonte: a única pista que parecia estar relativamente pouco explorada era a da Jutlândia do Norte. Se quisesse ter alguma hipótese de desenterrar provas novas no caso de Gert Linde, teria de ir a Thy.

A investigação de Petter focara-se em Niclas Tange porque ele estivera no apartamento aproximadamente à hora do assassinio e por o seu comportamento depois disso ter sido estranho, mas nenhum dos interrogatórios, as análises forenses nem os depoimentos das testemunhas revelavam sequer a mais ínfima prova. Liv conseguia ver que Petter ainda apostava que o estagiário seria o assassino, mas achava que, neste ponto, ele poderia estar a deixar-se levar pelo orgulho. É claro que Petter queria que os três anos de investigação produzissem um resultado que corroborasse a sua tese, mas Liv não estava nada convencida. Mesmo que chegassem à conclusão de que Niclas estava a esconder um motivo, isso *ainda* não a convencia.

Se fosse culpado, não estaria tão indignado, a agitar as águas agora que o caso estava finalmente encerrado. Não teria lógica.

Liv sentiu a ambição a arder-lhe nas entranhas. Um caso por resolver não lhe ia propriamente lançar a carreira, mas sabia que teria capacidade para a pôr novamente em andamento. Petter era teimoso e orgulhoso, mas não era um idiota afetado. Se ela encontrasse uma

pista robusta que apontasse numa nova direção, poderia sem dúvida fazer a diferença. Bastava aventurar-se de novo a pisar o campo de minas.

A ideia de voltar a pôr o pé na Jutlândia do Norte, o lugar de onde acabava de fugir, era profundamente desagradável. As últimas semanas que lá passara haviam sido claustrofóbicas e Liv tivera dificuldade em distinguir um dia do outro. Partira tão depressa que se esquecera da limpeza final antes de entregar a casa e não esvaziara o cacifo da esquadra. Mas não seria talvez salutar voltar? Tentou recuperar o ritmo da corrida. Talvez fosse exatamente disso que precisava?

Liv desligou o cérebro e fez a corrida de seis quilómetros à volta dos Lagos com a mente vazia e a respiração pesada, deixando o corpo trabalhar e que os músculos assumissem o controlo, até se ver de novo diante do n.º 6 da Kaalundsgade. Desprendeu a chave do atacador, entrou no pátio e passou o portão pintado de verde para entrar no jardim. Maçãs pequenas e de faces coradas estavam a apodrecer nas ervas altas sob uma grande árvore retorcida. Tendo o cuidado de as contornar, desceu as escadas até ao seu apartamento.

Tomou um duche curto e com a água a esquentar, com um gelado minuto final, pegando depois numa das suas toalhas descoradas. Já descobrira o ângulo certo para se pôr dentro da minúscula casa de banho sem ter de captar o seu corpo no espelho. Não era preciso ninguém dizer-lhe que não havia motivo nenhum para ter vergonha, que podia erguer a cabeça e deitar as culpas no sítio devido. Já sabia isso. Mas uma coisa é o que o cérebro sabe; outra coisa é o corpo compreender. E o corpo dela tinha repugnância de si próprio.

Esfregou a pele com a toalha até ficar vermelha e a arder. Uma vez quente e seca, vestiu umas calças de ganga amplas e uma camisola largueirona com o logótipo da polícia. Depois, marcou um número para o qual não telefonava há três meses. Ele atendeu logo.

— Bem, bem, quem diria! Olá, olá, Ervilhinha Verde!

Johan soava genuinamente feliz por a ouvir. Liv sabia que o seu antigo colega da Polícia da Jutlândia do Norte era uma pessoa invulgarmente amável e genuína. Tinham saído os dois algumas vezes para jogar bilhar, embora Liv evitasse geralmente passar tempo com os colegas fora do trabalho. Com exceção de Petter, evidentemente.

— Olá, Johan, como vão as coisas?

— Nada mal, obrigado, nada mal. E como vai a vida na cidade grande?

Liv sorriu.

— Rápida e manhosa.

— Nesse caso, vais encaixar como uma luva. Sabes, estava um bocadinho preocupado contigo, a pensar na forma como te foste embora assim tão de repente.

— Tirei algum tempo de folga.

— O. K.

— Johan, lembras-te de um caso de um jornalista assassinado em Copenhaga, deve ter sido há mais ou menos três anos, na primavera?

Ele fez um estalido com a língua, e Liv lembrou-se de que aquele era um dos seus pequenos tiques. Johan era um homem grande, musculado e com uma camada de gordura numa prega que tinha na nuca. Mas falava e mexia-se como um rapazinho, desajeitado e tímido.

— Claro que sim.

— Quem é que interrogaste durante a investigação?

— O irmão mais velho da vítima. Mas não foi ele. Ficou a dormir no bar que costumava frequentar e isso foi confirmado por empregados e clientes. Era um beco sem saída.

Liv mordeu o lábio. Basear o álibi de um potencial suspeito na palavra de um grupo de aficionados do copo não era, segundo o seu manual, bom trabalho de polícia.

— E foi só isso?

— Na verdade, não havia muito mais que se pudesse fazer.

A vítima não tinha mais família nenhuma aqui na zona e tinha vivido toda a vida de adulto em Copenhaga, por isso todos os contactos dele eram daí. Foi essa a informação que recebemos do inspetor principal e foi isso que seguimos.

Johan soava um nadinha defensivo e Liv compreendia bem porquê.

— Eu percebo, Johan, só tinha de verificar. Volto a ligar quando já estiver instalada. Manda cumprimentos... — deu voltas à cabeça — à Gitte?

— Darei. Mantém a cabeça erguida, Ervilhinha Verde!

Liv pousou o telefone e tirou do saco o seu bloco de notas e o

caderno de apontamentos de Gert.

Sentada na cama, começou a folhear este último.

As primeiras páginas estavam cheias de balões de pensamento, rasuras e setas, pareciam as ideias superficiais do início de um processo criativo. As letras eram uma mistura de grandes e pequenas, nítidas e esborratadas, escritas a esferográfica preta, verde ou azul. A terceira página tinha uma lista de editoras, um total de seis, provavelmente as que, esperava ele, talvez lhe publicassem o livro. Os nomes estavam rasurados, com exceção da Omega Forlag, junto da qual Gert escrevera um nome. Ulrik Høeg.

Na página seguinte havia o que parecia um esboço preliminar de um índice, todo rabiscado de setas e círculos. Algumas páginas mais adiante, havia um princípio. Num dos lados lia-se apenas *Em memória da Quinta Hurup, o meu lar de infância*. Provavelmente uma dedicatória. Na página do lado ele escrevera um nome que Liv teve dificuldade em ler. A primeira parte parecia Eva, o apelido seria Hansen ou Madsen.

Liv apontou os nomes no seu bloco — a editora/o editor Ulrik Høeg, Eva Hansen/Madsen, Quinta Hurup — e olhou para eles. Em seguida, arrastou o saco de desporto vazio de debaixo da cama. Não havia razão para adiar o inevitável, apesar de ser um pouco tarde para se fazer ao caminho. Se esperasse, arranjaría apenas mil desculpas para não ir. Se se despachasse, conseguiria apanhar o barco das sete. Três mudas de roupa, as sapatilhas de corrida e um saco de *toilette*, deveria ser suficiente; quem sabe conseguiria encontrar uma hospedaria barata enquanto estivesse no *ferry*?

Tirou um boné azul-escuro do cabide, pôs as chaves do carro no bolso e encontrou uma barra proteica no frigorífico. Saiu pela porta das traseiras e trancou-a ao sair.

Capítulo Oito

Liv subiu a rampa íngreme e entrou no *ferry*, o corpo dorido de exaustão. Não sabia ao certo se eram as caixas das mudanças, a corrida ou a ideia de ir à Jutlândia do Norte o que mais lhe pesava, mas, quando se deixou cair num dos compartimentos da cafetaria, estava pronta a passar pelas brasas ali mesmo no banco almofadado. Por sorte, não havia muita gente no barco, pelo que provavelmente teria o compartimento só para si.

Bocejou, abriu o fecho e despiu o casaco, pousando-o em cima do banco para que as pessoas vissem que o lugar estava ocupado. Depois, levantou-se e foi ao expositor refrigerado tirar um batido pronto a beber. Um vendedor que parecia tão cansado quanto ela recebeu-lhe o dinheiro e entregou-lhe uma palhinha como que em câmara lenta.

A última viagem que fez com o avô, um ano após o diagnóstico, fora no *ferry* para Oslo. Viajaram numa cabina com vista para o mar e ele observou com secura que nunca tivera na vida uma morada tão chique. Por essa altura, a sua voz já soava frágil e era difícil compreender o que dizia, mas Liv percebera. Tal como percebia quando ele lhe passava a mão, a rir-se, sobre o cabelo cortado à escovinha e a chamava de anarquista. Nem uma palavra reprovadora sobre quanto tempo passara desde a última vez que se haviam visto. Ele também compreendia. Que ela não suportava ficar a vê-lo a definhar e morrer.

Enquanto sorvia o batido, Liv tirou o bloco de apontamentos e percorreu os nomes que escrevera até ao momento. Ulrik Høeg podia muito bem ser o editor que trabalhara no livro de Gert. Pesquisou o nome no *Google* e encontrou-o no sítio de Internet da editora, bem como o endereço de *e-mail* e número de telemóvel. Olhando para as horas, decidiu telefonar logo — se estivesse a meio do jantar, não era obrigado a atender.

Marcou o número, de olhos colados num ecrã que publicitava

viagens de *ferry* cheias de sol, crianças e gaivotas em voo.

— Estou.

— Boa noite, chamo-me Liv Jensen da Investigadores Privados LJ. Peço desculpa por ligar tão tarde, mas estava a pensar se me poderia ajudar, respondendo a algumas perguntas sobre o Gert Linde.

Silêncio do outro lado.

— Peço desculpa, estou a falar com o Ulrik?

— Eu sou o Ulrik Høeg. Como disse que se chamava?

O homem soava transtornado.

— Liv Jensen. Penso que era o editor do Gert Linde, estou certa? — O homem não respondeu. — É uma hora inconveniente para ligar?

— Sabe uma coisa, na verdade estou a meio de lavar a loiça. Pode enviar-me um *e-mail*?

— Ou podíamos encontrar-nos. Mais para o fim da semana, se calhar?

Ele estava a manusear ruidosamente alguma coisa que pareciam ser tachos e panelas.

— Olhe, tenho mesmo de lhe pedir que me envie um *e-mail*.

— São só algumas perguntas rápidas. Se estava a trabalhar com o Gert no livro dele, se por acaso sabe com que pessoas ele estava em contacto em Thy?

A linha emudeceu, e passou-se um instante até Liv perceber que ele desligara. Certo, o homem estava a lavar a loiça, mas podia ter-lhe dado cinco minutos! Escreveu uma curta mensagem de *e-mail* e enviou.

Mick dissera antes que, enquanto fazia as pesquisas, Gert ficava alojado na sua casa de infância. Hurup ou Hyrup. Liv escreveu o primeiro nome na barra de pesquisa e deu com uma morada da quinta num diretório online e, em baixo, havia uma ligação a um artigo num jornal local, entretanto com data de três anos antes. *Família Linde vende Hurup depois de oito gerações na quinta*, dizia. O artigo fora publicado no outono, mas não referia quando a venda fora feita. Teria sido antes ou depois da morte de Gert? Teria de perguntar ao irmão, Jens, quando se encontrassem. Oxalá ele lhe pudesse dar uma ideia melhor da vida que Gert levava na Jutlândia do Norte.

Liv empurrou a extremidade da palhinha contra a borda do copo,

inclinando-o para conseguir aspirar as últimas gotas. Olhou para fora, para as ondas, que lentamente assumiam uma tonalidade a tender para o negro à medida que o Sol mergulhava no seu interior. Talvez tivesse sido melhor esperar até de manhã, mas na segunda ela tinha um trabalho de uma seguradora em Copenhaga. Ou talvez fosse simplesmente tão impulsiva como os pais diziam sempre que era.

Encontrou a Quinta Hurup no mapa e procurou sítios para se alojar por perto, depois clicou num lugar numa vila chamada Vestervig e telefonou sem ver o sítio na Internet. Não havia de ser nada. Uma senhora simpática chamada Bodil garantiu-lhe que todos os quartos estavam vagos e disse-lhe que ia pedir ao marido, Jesper, que preparasse um e deixasse a chave do lado de fora, considerando que Liv chegaria tão tarde. O pedido parecia tê-la deixado um tanto ou quanto desconcertada.

A costa oriental da Jutlândia aproximava-se, como tantas vezes acontecera nas viagens a Aalborg, e as dúvidas começaram a insinuar-se. Lá se ia a ideia de ter mandado tudo para trás das costas. Mas agora era demasiado tarde para voltar atrás. E não o teria feito, mesmo que tivesse tido essa possibilidade.

*

Quando Nima se arrastou pelo portão e saiu para a Kaalundsgade, sabia que era uma daquelas noites em que não podia voltar diretamente para casa. Deu voltas à Rådhuspladsen e seguiu em direção a Christiania, mas mudou de ideias e foi para Nørrebro. O trânsito da hora de ponta já há muito dera lugar a ruas vazias: Copenhaga nunca estava tão deserta como à hora do jantar. Na Dinamarca, as pessoas comiam em casa, se calhar em frente da televisão, e de preferência bem longe de tudo o que fosse tão perturbador como ter convidados em casa.

No Vibevej, encontrou um lugar de estacionamento não inteiramente legal e desligou o motor. Sentado ao volante, deixou o carro arrefecer enquanto ponderava se deveria arrancar de novo. Achava mesmo que a sua mente encontraria paz ali? Os faróis dos carros que passavam desenhavam riscas de luz, mas, quando fechava os olhos, os fantasmas apareciam. Por isso, manteve-os abertos. Os joelhos ficaram rígidos sob o volante, como sempre acontecia quando o frio se insinuava no ar do entardecer.

Saiu do carro e caminhou para o edifício branco de telhado turquesa tão icônico, tão odiado. Lá dentro, descalçou os sapatos e colocou-os ao lado dos outros pares. Estavam enegrecidos de óleo de motor e via agora que uma das meias tinha um buraco. Caminhou para lá do pátio onde os fiéis faziam as suas abluções rituais e avançou sobre a alcatifa de padrões florais do salão principal da mesquita, posicionando-se mesmo lá atrás.

Colunas brancas sustentavam uma cúpula de vidro e um teto coberto de escritos em árabe contra um fundo azul-escuro. Um grande candelabro branco pendia no teto como um convite a erguer os olhos para o divino e, atrás dele, via-se o mirabe, revestido a azulejos azuis e brancos com pormenores no mais puro dourado, indicando a direção da oração. Havia homens espalhados em toda a sala, de rostos voltados para Meca, absortos nas suas orações de final de dia. Alguns vestiam-se tradicionalmente, com vestes largas, outros estavam de calças de ganga e uma camisola, mas as poses eram as mesmas.

As mãos abertas, o chão a receber-lhes os joelhos e depois as testas, em submissão.

Mesquita significava *local de prostração*.

Nima voltou a sentir dores nos joelhos. Permaneceu de pé. Observou a vaga de oração a subir e a descer pela sala fora, de olhos semicerrados, escutando o murmúrio familiar da infância.

O irmão do pai era conservador e os dois irmãos tinham amiúde discussões nos jantares de família. Passado algum tempo, o tom entre os dois endureceu. Era algo que deixava o pai triste, a forma como a fé se interpusera entre ele e o irmão, mas nunca disse uma só palavra contra este nas suas costas. Nem mesmo quando foram obrigados a fugir. Nem, Nima imaginava, quando, mais tarde, o pai foi preso e torturado com fumos de escape que lhe deram cabo dos pulmões; mesmo então, ele manteve-se leal. Nem mesmo prestes a morrer o pai se virou contra o irmão e a religião que dividira a família. Nunca se zangou.

Mas Nima, sim. O seu ódio e a sua sede de vingança misturavam-se com as memórias de infância e faziam dele uma pessoa sem casa. Tudo o que fora obrigado a fazer. A culpa, a vergonha, a repugnância de si mesmo. Agora, ali estava ele de novo, só e vulnerável. O infortúnio encurralava-o como um mar de dor, e não tinha ninguém

a quem recorrer, ninguém a quem pedir ajuda.

O imã olhou para ele, de expressão urgente, se calhar até austera. Nima encarou-o e manteve a cabeça bem erguida. Não se ajoelharia diante de deus nenhum. A vantagem de não ter casa é que não se tem nada a perder.

*

A viagem do porto até lá cima, atravessando a Jutlândia, foi longa e escura. Liv cruzou-se apenas com alguns carros no asfalto deserto. Conduziu com a sensação de estar a ser transportada, não apenas para outra região do país, mas para outro planeta. Uma linha férrea seguia junto à estrada e, do outro lado, conseguia discernir água e pântano.

Quando passou por uma quinta solitária, os faróis incidiram sobre um grafíti gatafunhado na parede e a luz captou mais outra placa «Vende-se» na berma da estrada. Era um lugar agreste, não era para pessoas sensíveis. Os campos não tinham fim e as igrejas pareciam ser os únicos edifícios que não estavam delapidados. Até as árvores se encolhiam, dobradas para leste, exatamente como ela. Para longe do vento. Assobiava pelo sistema de ventilação do carro, recordando-lhe que não havia abrigo, ali as turbinas eólicas reinavam sobre a charneca com majestade solitária.

O telefone tocou. Liv atendeu a chamada.

— Estás a conduzir?

A voz de Petter abafou o ruído do motor, grave e tranquilizadora. Liv estava a viajar numa estrada rural deserta a norte de Holstebro. Envolta num véu de escuridão enevoada, não conseguia evitar pensar como seria desastroso se tivesse uma avaria no meio do nada.

— Estou a meia hora de Thy. Vou neste momento a caminho, a atravessar a charneca da Jutlândia. E tu?

Percebia pelo eco e pelo ruído de fundo que também ele estava dentro do carro. Era comum quando telefonava.

— Vou falar com o estagiário. Ele insistiu em falar comigo cara a cara... o que é muito irritante, já agora... e só agora é que tive tempo.

— Tens ideia do que ele te quer dizer?

— Nenhuma. Mas tenho de ir lá ver o que é. A comunicação social não referiu o lenço, por isso, ou tem um rádio de polícia ou tem mesmo conhecimento privilegiado sobre o caso.

— Estás sozinho?

Liv ouviu-o a mudar a conversa do sistema de áudio para o próprio telefone antes de sair do carro. Gemeu ao levantar-se, e ponderou uma vez mais se deveria sugerir que Petter reduzisse as cervejas pós-laborais e as sobremesas gordas.

— Como te disse, estava mesmo a caminho de casa.

Liv ouviu-o a tocar a campainha.

— Petter, ele acha que foi tratado injustamente pela polícia. Por ti. Se calhar não é a melhor ideia do mundo ires lá visitá-lo sozinho.

— Volto a ligar quando estiver a sair, se te faz sentir melhor. Conduz com cuidado!

A ligação soltou um estalido, mas não se foi abaixo. Petter deve ter posto o telefone no bolso sem desligar a chamada como deve ser.

Liv ouviu-lhe os passos a subir as escadas e depois a voz de Niclas.

— Boa noite. Quer dizer que finalmente conseguiu cá vir.

— Olá, Niclas.

Mais passos, uma porta a fechar-se.

— Para ali. Vou já ter consigo.

Petter murmurou algo para confirmar que entendeu e depois parecia estar a matutar alguma coisa para os seus botões.

— De vento em popa, estou a ver.

A estrada desenhou uma curva depois de uma sebe a precisar de ser podada, e Liv inclinou-se para um lado para compensar. Ouviu Petter a caminhar dentro da sala. Abriu-se então a porta e Niclas disse alguma coisa que ela não percebeu.

— Estou a ver que afixou na parede algumas informações da investigação. Ali, no quadro.

— E depois?

A linha voltou a crepitar. Liv deu conta de que estava a suster a respiração enquanto conduzia.

— Que fotografias são estas? Todos aqueles véus ou lá o que é?

Liv esforçava-se por ouvir, mas não conseguiu captar a resposta de Niclas. Depois a linha voltou a zumbir e caiu. Voltou a ligar, mas foi diretamente para as mensagens de voz, mesmo à segunda e à terceira tentativa.

A estrada fez uma curva e os faróis varreram um edifício de quinta

em forma de ferradura, feito de tijolo desgastado pelas intempéries. Estavam três pessoas paradas no terreiro. Fitaram o carro enquanto passava. Quais seriam as esperanças e os sonhos de pessoas que viviam num lugar tão desolado? Por que ansiavam? Liv segurou no volante com força e tentou ligar de novo a Petter. Ainda sem resposta. Quem podia ela contactar? Petter detestaria se se intrometesse sem uma boa razão e lhe questionasse a autoridade.

Acelerou. Agora a estrada estendia-se por uma vastidão plana e aberta, com o mar no lado esquerdo e várias casas pequenas ao longo da borda de água. Na escuridão, aquela zona parecia-lhe assustadoramente exposta, mas algo lhe disse que as pessoas eram atraídas para ali, que ali ficavam, não por necessidade, mas por amor ao lugar. Atraídas pelos espaços abertos, pela paisagem acidentada e pela distância generosa entre casas e pessoas. Mais adiante, uma ponte emergiu da névoa, dividindo o mar e o céu numa miragem de porcas e pernos e arcos de metal. O GPS dizia Oddeund. Abriu a janela e inalou o ar salgado para dentro dos pulmões. Sombras ao longo da estrada assemelhavam-se a *bunkers*.

Quando alcançou a ponte, Petter telefonou de volta, por fim.

— Diz-me lá, telefonaste cinco vezes ou o meu telefone passou-se de vez?

— Estás bem? — Soava estridente. Como uma mãe num centro comercial.

— Sim, lindamente, estou cá em baixo, na rua, à espera de reforços. Está tudo bem?

Liv riu-se, sobretudo de alívio.

— Esqueceste-te de desligar, velhote.

Petter resmungou alguma coisa, soando irritado com a sua própria falta de jeito.

— O Niclas Tange afirma ter um contacto na polícia que o deixa usar o acesso ao POLSAS. Por isso, agora vamos confiscar-lhe os computadores e ver se isso é mesmo verdade.

— Mas o que é que ele queria contigo?

Liv ouviu o som de um carro a parar e portas a bater. Petter cumprimentou os colegas e depois voltou à conversa.

— Ao que parece, encontrou outras vítimas com os mesmos lenços a

tapar a cara, incluindo um caso nos EUA, nos anos 1990, um assassino em série que tapava as vítimas da mesma maneira. Concluiu-se depois que era um ritual.

— Como assim?

— O assassino era muçulmano. Parece que a tradição islâmica determina que os mortos sejam envoltos em mortalhas antes de serem enterrados. Está a expressar um último sinal de respeito.

— Credo. Achas que o estagiário está numa pista certa ou estará a ver coisas que não existem?

— O tempo dirá. — Liv ouvia-o a sorrir. — Tenho de ir. Estás quase a chegar?

— Estou a entrar no terreiro neste preciso momento.

Liv ouviu gravilha sob as rodas e viu a porta da frente a ser aberta por uma mulher roliça de vestido às flores, com um labrador no seu encalço. A mulher fez um grande sorriso e, com gestos, orientou o carro até um lugar de estacionamento debaixo de um castanheiro.

— Bom, boa noite, Liv. Estou ansioso por saber o que vais descobrir por essas bandas.

— Boa noite, Petter. Entro em contacto em breve.

Liv desligou o motor e saiu do carro, para o aroma fresco do mar.

Mendel Leon, Agosto de 1943

Mendel para na entrada e inspeciona os danos, o saco de papel a restolhar-lhe nervosamente entre os dedos. As primeiras maçãs do outono. Passou o dia inteiro ansioso por que Ebba adejasse a sua varinha mágica para as transformar em bolo. Ela sabe esticar as rações de açúcar e manteiga para que ele não sinta que está a prescindir de alguma coisa. Café, é claro, mas nada mais.

Agora já não vai haver mais bolo.

— Eu varro os cacos, dê-me só um segundo e eles desaparecem já.

Uffe debruça-se e começa imediatamente a juntar os pedaços de vidro com as mãos. É um jovem incansável, é quase demais.

O vizinho diz que ele está na resistência e que Mendel devia despedi-lo antes que chame atenção indesejada para a zona.

— Uffe, assim vais cortar-te. Vai buscar os jornais velhos que usamos como base quando chegam peles novas e embrulha-os neles.

Mendel observa-o enquanto corre para a sala das traseiras. Pousa as maçãs e vai até à janela partida que dá para a rua. Desta vez, graças a Deus, só partiram a vidraça de cima. Já a contar com possíveis danos, dividira a montra da loja em dois depois do último tijolo que lhe haviam atirado três meses antes. Mas não era realmente essa a questão. O vidro dispendioso era a menor das suas preocupações.

Se aquilo fosse mero vandalismo, ele substituiria simplesmente a vidraça e voltaria ao trabalho na loja de curtumes. Os judeus foram sempre perseguidos, expulsos e assediados, e se não tivessem entretanto criado uma carapaça, já teriam deixado de existir há muito tempo. Mendel vê-se a si mesmo como o pugilista desfavorecido, aquele dos braços magrinhos que acaba por vencer o combate porque consegue aguentar o maior número de assaltos sem acabar estendido no tapete.

Mas Ebba está grávida e os rumores que vão chegando a conta-gotas da Frente Oriental são tão aterradores que ele tenta tirar-lhes importância,

como se fossem apenas mexericos. A primeira vítima da guerra é, como toda a gente sabe, a verdade. E as histórias de horror que ouviu em Copenhaga e pela sua meia-prima polaca simplesmente não podem ser verdade. Pessoas arrancadas das suas casas por soldados a meio da noite, separadas dos entes queridos e encafuadas em comboios destinados ao esquecimento.

As suas posses confiscadas, as suas vidas não valendo nada. Campos de trabalho, planos de extermínio total; as histórias são tão terríveis que só podem ser um equívoco.

Durante o verão, ele e Ebba estavam convencidos de que a guerra estaria prestes a terminar. Estalinegrado caíra e os fascistas estavam a perder terreno em Itália.

Mas agora ouviam-se rumores de que os nazis estavam a planear para a Dinamarca o que apelidaram de Ação Judaica. E que estaria para breve. Consta que os nazis haviam assaltado os arquivos da Comunidade Mosaica, numa tentativa de aceder a uma lista de todos os membros da comunidade e obter as respetivas moradas. Eles estão a chegar, e os cacos de vidro sob os seus pés contam essa história acerca da rapidez com que as coisas podem evoluir e como se podem tornar perigosas.

Encosta-se e apoia-se na bancada de trabalho, fechando os olhos. Aquelas tonturas estão a tornar-se cada vez mais frequentes e ele sabe porquê. É a pressão arterial — o pai queixava-se do mesmo. E as perspetivas atuais de futuro também não estão propriamente a ajudar.

Mendel permanece ali parado, imperturbável, enquanto as pálpebras lhe tingem o mundo de vermelho como o interior de um útero e a pulsação desce com constância até um ritmo mais normal.

Os próprios pais fugiram em crianças de Slonim, na Bielorrússia, por isso ele conhece por dentro a anatomia da fuga. Pode abandonar-se tudo. Se a ameaça for suficientemente grande, fechamos simplesmente a porta atrás de nós, não nos damos ao trabalho de trancar e começamos a andar.

Mendel olha em volta da oficina. O pequeno negócio que criou com as próprias mãos e um empréstimo do sogro, dívida essa há muito já paga. A máquina de costura, comprada por uma valente quantia e cuidadosamente conservada, as peles, as bancadas, o pessoal, a pequena cozinha.

Pode abandonar-se tudo.

Tem de agir. Pela mulher e pelo filho que há de nascer. Não vale a pena

recostar-se e esperar o destino, não com as responsabilidades que agora tem. Como marido e como pai. A questão é: em quem pode confiar?

Mendel agarra o peito e debruça-se até a dor esmorecer um pouco. Uma garra de ferro cerra o punho em torno do seu coração quando pensa na criança que estão prestes a ter.

A QUARTA VISÃO

Somente eu, Daniel, contemplava esta aparição;
os meus companheiros não a viram,
mas apoderou-se deles um tão grande pavor
que fugiram a esconder-se.

Uma coisa vos digo:

Os que deviam ver estão cegos.

Os que deviam saber são néscios.

E mais perigo há para aquele que está mais próximo.

Quinta-feira,
22 de setembro

Capítulo Nove

Liv ouviu o som antes de estar plenamente consciente. Uma respiração pesada no escuro, quase junto à sua orelha. Sentiu a garganta áspera como gravilha, o corpo paralisado. Estava deitada de barriga para baixo, como era seu costume. Um joelho saído para o lado, um braço à frente do rosto. Tentou acordar, tentou lembrar-se de onde estava. Cama, edredão, os contornos de um roupeiro que não era o dela. O gemido inoportuno estava cada vez mais perto.

Piscou os olhos e cerrou os punhos, recuperando lentamente a percepção do próprio corpo. A *t-shirt* estava-lhe colada às costas e o coração martelava contra o colchão. Registrou o odor a amaciador da roupa. O edredão foi desviado para o lado, expondo-lhe o joelho nu. Ela ficou como que paralisada. Uma língua lambia-lhe a coxa. Sentiu um formigueiro, a pele arrepiada, o ar era espesso e tinha dificuldade em respirar.

— *Victor!*

A porta abriu-se ligeiramente e a luz do dia jorrou para dentro do quarto pela frecha.

— Anda cá, amor. *Victor*, senta! — sussurrou uma voz.

Liv sentou-se na cama.

— Peço muita desculpa, ele acordou-a? — Bodil, a dona da hospedaria, agachou-se e tentou chamar o cão para si. — Se não fecharmos bem a porta, o *Victor* gosta de entrar e dizer bom dia.

Liv esfregou os olhos e focou o velho labrador, a voltar envergonhadamente a trote para junto da dona.

— Tem o pequeno-almoço lá em baixo, quando estiver pronta.

A casa de banho fica na primeira porta à esquerda.

Bodil fechou a porta antes que Liv tivesse oportunidade de responder e o som das patas do cão no chão ladrilhado foi-se esbatendo. Sentou-se alguns instantes antes de balançar as pernas

sobre a borda da cama e pousar as plantas dos pés no chão frio. O corpo começou a acalmar-se devagarinho. O duche lavou o resto da sua perturbação. Quando depois puxou uma cadeira na mesa do pequeno-almoço, já se sentia mais ou menos ela mesma outra vez. Seja lá o que isso quer dizer, pensou, barrando *Nutella* numa torrada.

— Tem de me dizer se desejar mais alguma coisa. Temos a maioria das coisas. Posso fazer-lhe um ovo estrelado. — Bodil calou-se. Estava a segurar um termos que assobiava tenuemente à medida que o ar ia saindo.

— Está ótimo, obrigada, não preciso de mais nada.

Liv deu uma dentada na torrada, espalhando migalhas pela mesa fora.

— O que a traz por estas bandas? Não estamos propriamente na época alta para recebermos visitas.

Liv bebeu um gole de sumo de laranja e dirigiu um pequeno sorriso à sua anfitriã. O tipo de curiosidade que caracterizava muitas vezes as zonas rurais e que podia ser sentida como um abuso, mas que também era útil.

— Venho visitar uma velha quinta aqui na zona, se calhar conhece? Pertencia à família Linde.

— Receio bem que não me diz nada.

— A Quinta Hurup.

Liv pegou na *Nutella* e barrou mais uma torrada.

— Hurup? Quer dizer a destilaria de uísque lá para cima, em Sønderhå? — Bodil foi até uma estante, tirou uma brochura e abriu-a em cima da mesa. O termos continuava a assobiar-lhe na mão. — Uma casa grande e encantadora. A rainha visitou-a no ano passado.

Liv abriu o folheto e viu a fotografia aérea de uma casa de quinta de tijolo vermelho construída em torno de um pátio central quadrado, rodeada de anexos, lagos e terrenos. A página ao lado ostentava um grande plano de um líquido dourado e uma descrição rebuscada, em três idiomas, do processo de produção de Hurup.

— Pode ser visitada?

— Oh, sim, vários dos nossos hóspedes já lá fizeram provas de uísque e visitas guiadas. Fica só a vinte minutos daqui.

Liv olhou para o relógio. Graças a *Victor*, levantara-se cedo.

— Também queria ver o parque nacional, dá para fazer isso no caminho?

Bodil soltou um risinho. Combinava exatamente com a aparência dela: calmo e caloroso.

— O parque percorre toda a costa até Hanstholm, são várias centenas de quilómetros quadrados, por isso receio bem que não o consiga abarcar todo numa manhã. Chamamos-lhe a maior zona selvagem da Dinamarca, um dos últimos lugares no mapa onde só é admitida a presença de humanos se estiverem de passagem.

Pareceu só então reparar no termos sibilante, porque o olhou com um ar surpreso e desenroscou a tampa. O termos soltou um suspiro e calou-se.

— Mas pode ir daqui de carro até Agger e depois ao longo do Klitvej, e então mais para dentro, até Sønderhå. É um desvio, mas assim vai ver a parte mais a sul do parque. Já lhe poderá dar uma ideia do ambiente. Pode levar a brochura consigo!

— Obrigada pelo pequeno-almoço.

— Oh, não tem nada que agradecer. Espero que tenha um dia bom, e que aprecie até o vento. É uma coisa especial por estes lados.

Liv foi escovar os dentes. *Victor* arrastou-se atrás dela, seguindo-a até ao carro. Quando arrancou e saiu do pátio, viu no retrovisor como ele ficara a observá-la.

Estava uma manhã muito agradável, amena, mas enevoada, com a primeira pitada de outono nas frias rajadas de vento. Tirou o boné de beisebol azul do banco do passageiro e ajustou-o à cabeça, sob o rabo de cavalo. Era parecido com o seu antigo boné de polícia e, a par do sussurro do motor e da perspectiva de um dia passado no desconhecido, fazia-a sentir-se profundamente bem.

A pequena mata de árvores de copas frondosas em torno da hospedaria não tardou a ser substituída por campos agrícolas e, depois, amplas extensões de ervas brilhantes douradas e prateadas e manchas de urze sobre a charneca. Fazia-a lembrar fotografias que vira das Terras Altas da Escócia, batidas pelo vento e pela melancolia. Ali, tudo o que havia entre o homem e Deus era o vento e a luz cortante.

Enquanto conduzia, o rádio ia crepitando à medida que perdia e recuperava o sinal.

A Polícia de Copenhaga lançou um novo apelo a eventuais testemunhas do assassinio na floresta de Rude. Qualquer pessoa que possa ter estado nas proximidades de Rævemosen entre segunda-feira, 19 de setembro, às quatro da tarde, e terça-feira, 20 de setembro às nove da manhã... e que tenha visto um homem e uma mulher a caminhar juntos, ou então um carro estacionado no Hørsholmvej, deve por favor contactar o agente de serviço para...

A voz do apresentador do noticiário estacou e Liv desligou o rádio. Era claro que a autópsia e a análise do local do crime haviam demonstrado que o assassinio fora cometido na floresta, caso contrário não estariam à procura de testemunhas que tivessem visto um homem e uma mulher juntos. Isso significava que Marianne fora voluntariamente com o assassino, ou pelo menos ia viva. Petter e a sua equipa estariam seguramente muito ocupados.

Um pouco mais adiante, na velha vila piscatória de Agger, cabanas de pescadores de telhado de colmo surgiam abrigadas pelas dunas junto a casas de férias modernas. As ruas estavam vazias e as geladarias, fechadas; quase parecia que o vento varreria tudo o que era vivo daquele lugar. Seria possível alguém crescer ali sem se tornar tão implacável como a paisagem e será que essa implacabilidade poderia, por fim, custar a vida a alguém?

Quando chegou à costa, virou à direita e conduziu para norte por um trilho estreito de areia profundamente cravado entre as dunas. Intervalos ocasionais no banco de areia revelavam-lhe vislumbres da ondulação das vagas do Mar do Norte e, à direita, foi apanhando clarões de terras alagadiças, tufos de erva polvilhados de dourado e águas rasas, vertedouros naturais e garças-reais cinzentas em pleno voo. O GPS chamava-lhe o Lago Raso.

Liv parou num dos intervalos nas dunas e desceu do carro. Algures, por entre a névoa, o Sol estaria a ascender por cima do continente e, atrás dela, a ondulação do Mar do Norte rebentava contra a praia, tão ruidosamente que mal conseguia ouvir o canto das aves no paul. Em mais lado nenhum da plana e cultivada Dinamarca a natureza era tão agreste como naquele lugar. Rude e feroz, mas ao mesmo tempo poética, tornando impossível que uma alma melancólica não se apaixonasse por ela.

Liv regressou ao carro e carregou no acelerador até sentir as rodas a

agarrar e a afastar a areia para o lado. As dunas deram lugar a uma alcatifa de urze roxa-escura e juncos amarelo-esbranquiçados. Surgiu então a floresta entre o mar e a estrada, primeiro como uma mancha de abetos entorpecidos pelo frio, e depois pinheiros e bétulas mais densos e mais altos, formando um rico manto verde de agulhas. Talvez o motivo para o assassinio de Gert Linde estivesse escondido algures por ali, nas charnecas e dunas da Jutlândia do Norte. Não era difícil imaginar.

*

Hannah tirou a taça do frigorífico e pousou-a em cima da mesa, fazendo tremer a massa pálida. Bolhas transparentes formaram-se à superfície da massa, formando uma paisagem lunar de atividade de fermentação, e interrogou-se que vida estaria escondida naquela mistura de farinha e água.

— Querida?

Voltou-se e viu o pai no banco. Estava ali sentado, com uma chávena de café e os papéis de Daniel à sua frente.

— Doze partes, doze visões. Muito bem, de onde é que conhecemos isto?

— Não sei bem, pai. — Tirou duas colheres e transferiu pequenas doses de massa para um tabuleiro de forno, alisou a superfície dos pãezinhos com um salpico de água e pôs o tabuleiro no forno incandescente. — Lembras-te de quando a mãe fazia pastéis dinamarqueses? Como ela envolvia a manteiga na massa até ter vinte e sete camadas?

Ele ergueu uma folha de papel contra a luz vinda da janela da cozinha.

— É da Bíblia!

— O que é que é da Bíblia?

— As visões e os sonhos do rei Nabucodonosor. É uma passagem famosa. Deuteronómio, será isso? — Deslizou para fora do banco e pôs-se de pé, encontrou a bengala e caminhou com uma rapidez espantosa até à sala de estar.

Hannah seguiu-o, de chávena na mão, e foi dar com ele junto da estante. Jan tirou para fora um livro grosso e abriu-o. Folheou, falando por cima do ombro.

— O Antigo Testamento. E não é nada do Deuteronómio, é do Livro de Daniel.

— Há aí uma pessoa com esse nome?

Ele deixou-se cair no cadeirão de braços, de livro na mão.

— Aqui está. O rei da Babilónia, Nabucodonosor, sitia Jerusalém e toma um grupo de jovens israelitas ao seu serviço. Um deles, Daniel, vem a revelar-se ter o dom da visão e interpreta os sonhos do rei. — Jan franze o sobrolho. — Mas a parte sobre a mão não está no primeiro capítulo, mas sim no quinto. É onde se fala de uma mão que escreve. Podes ir buscar?

Hannah voltou à cozinha para trazer o papel e sentou-se no pufe junto à cadeira de braços.

— Sabes bem como o Daniel ficava quando não conseguia dormir.

— Anda lá, lê em voz alta!

Hannah folheou o livro e encontrou a passagem pretendida.

— «A mão escreveu sobre o que há e o que haveria de vir. Isto eu escrevo, muito embora ninguém venha a acreditar em mim.»

— A Bíblia diz outra coisa completamente diferente, algo sobre o rei começar a gritar. Isso quer dizer que o Daniel inventou essas frases.

Hannah sentiu uma pontada de impaciência, mas não disse nada. Teria Daniel voltado a tomar antipsicóticos nos meses que antecederam a sua morte? Já o fizera antes, com resultados mistos.

— Ele diz que escreve apesar de ninguém vir a acreditar nele. — O pai piscou os olhos. A luz que entrava pela janela refletia-se em quadradinhos nos seus óculos. — Seguramente quererá dizer que achava que era inocente?

— Não teria então telefonado ao advogado se tivesse algum dado concreto a fornecer?

— Sabes muito bem como era o Daniel. Em todo o caso, ele tinha razão, quem é que teria acreditado?

Hannah pousou uma mão no joelho do pai. Sentiu-o ossudo e frágil sob a palma da mão. Sabia a que ponto ele desejava que fosse verdade, que o filho estivesse inocente.

— Pai, tens de ter alguma fé na polícia. Em que é que insistes não acreditar?

Ele pousou a mão na dela e apertou-a.

— És teimosa como uma mula, igual ao teu pai. E isso é bom, ser obstinada e forte vai levar-te longe. Mas eu conheço o meu filho. Um pai conhece a verdadeira natureza de um filho e eu digo-te: o Daniel não matou a Penelope.

Hannah suspirou.

— Eu só gostava que pudéssemos seguir em frente.

— Então ouve-me, em vez de tentares fazer-me mudar de ideias. Não temos de concordar. Mas temos de tentar encontrar a paz, cada um à sua maneira.

Hannah permaneceu sentada alguns instantes, deixando-o agarrar-lhe a mão. A ideia de alguma vez voltar a ter paz parecia impossível. Paz?

Levantou-se, deixando a mão dele pendurada no ar como um ponto de interrogação.

— Os pãezinhos já devem estar quase prontos.

Jan virou-se e agarrou na Bíblia.

— Obrigado, mas estou sem fome.

*

A Quinta Hurup era uma ilha de tijolo vermelho e vegetação domesticada no meio da desolação da charneca. Uma quinta imponente construída em torno de um pátio quadrado central, rodeado de celeiros, silos brilhantes e tílias impecavelmente podadas.

Liv estacionou junto a um muro recém-rebocado que se estendia ao longo de um canteiro de alfazema, saiu e admirou a placa de bronze na fachada. *Uísque Hurup*, dizia, discretamente iluminada e instalada a uma pequenina distância da parede, pelo que parecia estar a flutuar. O contraste com a natureza silvestre que a rodeava não podia ser maior. Gert Linde crescera aqui, era este o lugar que visitava regularmente nos seus últimos anos de vida e ao qual dedicara o seu livro. Devia ser muito importante para ele. Que teria dito do facto de ter sido convertido numa destilaria de uísque?

Caminhou ruidosamente sobre a gravilha fina e entrou no pátio. As portas e as janelas do celeiro estavam pintadas de verde-escuro. Um banco de ferro forjado exibia o nome Hurup no espaldar e um trator vermelho *vintage* de marca *Ferguson* estava parado a um canto, impecavelmente limpo. Pairava no ar o aroma adocicado de pão de

centeio e uma tabuleta de madeira por cima de uma porta envidraçada anunciava o acesso à loja da quinta. Liv entrou.

A loja estava vazia. As prateleiras apresentavam garrafas brilhantes junto a livros quadrangulares sobre a produção de uísque, copos de cristal em caixas de oferta e sacos de amêndoas de Valência salgadas que custavam mais ou menos tanto quanto meio depósito de gasolina. Atrás de uma parede envidraçada, via-se uma fileira de barris de madeira, bem como mesas e bancos e um aviso que descrevia os horários de provas e visitas aos bastidores.

— Bom dia. Posso ajudar ou está só a ver?

Uma jovem de cabelo louro e bochechas redondas surgira de uma sala nas traseiras. Usava jardineiras e o cabelo apanhado numa trança frouxa, como uma personagem de uma série televisiva americana sobre escolas secundárias. A mulher estava a sorrir, revelando dentes branquíssimos como a cal, e Liv percebeu, para sua irritação, que a achava atraente.

— Na verdade, estou interessada na quinta propriamente dita. Ou no antigo proprietário, para ser mais exata.

O alvo sorriso vacilou um pouco.

— Vou lá dentro chamar o meu marido.

Saiu da loja à pressa e desapareceu. Liv caminhou ao longo das estantes, examinando os rótulos. *Hurup Single Estate. Moors Whiskey. Smokey Peat*. Cada garrafa tinha um número manuscrito no fundo do rótulo. Ali não se comprava apenas álcool, isso era evidente, comprava-se uma história.

Passados cinco minutos, um homem assomou à porta. Era um pouco mais velho do que a mulher, mas eram os dois da mesma cepa. Bem-parecido num estilo meio desgrenhado, cabelo curto na nuca e mais comprido em cima, dentes perfeitamente branqueados. Descalçando uma luva de trabalho enegrecida, estendeu uma mão fria.

— Olá, sou o Oliver.

— Liv Jensen. Peço desculpa se o estou a incomodar.

— Não tem problema. O que podemos fazer por si?

Ela lançou por toda a loja um olhar elogioso.

— Tem aqui um belo estabelecimento. Estou certa ao pensar que

acabou de o comprar?

O homem cruzou os braços.

— Foi o Jens que a mandou?

— O Jens?

— O Jens Linde. O homem que nos vendeu a quinta.

Oliver e a mulher entreolharam-se — surgiam agora manchas vermelhas no pescoço dela. Liv pressentiu que era melhor abrir o jogo.

— Sou investigadora privada e venho em nome da Polícia de Copenhaga, por causa do homicídio do Gert Linde. Hurup era a casa onde ele cresceu.

Os rostos do casal não mudaram nada; ficaram simplesmente ali parados, à espera.

— Compraram a quinta à família Linde?

— Ainda temos alguns assuntos a resolver com o Jens. Ele é... — Oliver suspirou. — Eu pensei que a sua vinda tinha que ver com isso.

Liv abanou a cabeça.

— Só queria dar uma vista de olhos. Saber se vocês conheciam o Gert.

— Nunca o conheci, lamento. Se quer obter informações sobre a família, vai provavelmente ter de falar com o Jens. Nós só comprámos a quinta. E quando ficámos com Hurup, não havia aqui nada!

O telhado estava literalmente a cair aos pedaços, o pátio estava coberto de ervas e arbustos selvagens. E tudo o que está a ver foi totalmente renovado, de cima a baixo.

Olhou para ela, expectante.

— Tem um ar mesmo, mesmo muito simpático — admitiu Liv.

Oliver olhou para o relógio.

— Posso mostrar-lhe, gostaria?

— Sim, muito obrigada.

Ele apontou para o pátio.

— Por aqui.

Caminharam a custo pela gravilha e deram a volta ao edifício principal, passando pela alameda e caminhando ao longo dos anexos. Oliver apontou para um buraco no telhado de um dos estábulos mais antigos e para um poço tapado que ainda tinha de ser escavado e disse

o valor que tais reparações ainda lhe custariam. Liv emitiu em resposta um *hum* distraído, tentando imaginar qual seria o aspeto da quinta quando Gert Linde ali vivia.

— Fez mesmo um trabalho muito minucioso.

Oliver esboçou um breve sorriso com um dos cantos da boca.

— Só agora é que estamos realmente a terminar os trabalhos de sapa. Para lhe ser sincero, isto era uma absoluta lixeira quando tomámos posse. Ossos do ofício, evidentemente, mas foi preciso fazer tudo, tudo!

— Ouvi dizer que a família Linde viveu aqui durante oito gerações, é verdade?

— Sim, deve ser mais ou menos isso. É assim que as coisas são aqui por estas bandas, as pessoas agarram-se, mesmo quando está tudo a desmoronar-se à sua volta. — Apontou, com orgulho. — Para ali estamos a pensar construir uma estufa de laranjeiras.

Liv contornou um vaso enorme com um buxo lá dentro. Os novos proprietários não pareciam especialmente interessados na história da quinta.

— Alguma coisa ficou como estava desde que vocês passaram a tomar conta disto?

— Ainda não chegámos à casa principal. Usamo-la como armazém, o mobiliário estava incluído na venda.

— Posso ver?

Oliver encolheu os ombros e começou a caminhar a passos largos em direção a um edifício mais antigo de cobertura de telhas. Liv teve de correr para lhe acompanhar a passada. No caminho, ele tirou o telefone do bolso e escreveu uma mensagem aplicando pequenos golpes zangados no ecrã. Era claramente um homem que apreciava a eficiência.

Rodou o manípulo. Ouviu-se um ranger metálico enquanto a porta se abria.

— Se restaurarmos os móveis com uma camada de tinta, é provável que fique com um aspeto bastante bom. Estamos a pensar que um dia podemos fazer aqui um mercado. Mas para já temos tantos projetos que ainda não tivemos tempo.

Tanto quanto Liv conseguia ver, já não havia muita coisa por acabar

na propriedade. Mas é evidente que não sabia o que poderia estar escondido nos muitos recantos. Encontrando um interruptor junto à porta, Oliver ligou as luzes dos apliques de parede. Havia peças de mobiliário empilhadas umas em cima das outras dentro da sala de teto baixo.

— Nem sequer sei bem o que aqui há, para lhe dizer a verdade.

Aproximou-se da pilha de móveis e Liv seguiu-o. Estavam rodeados de cadeiras de sala de jantar, mesas de todos os tamanhos, camas, estantes, armários e aparadores. Estava tudo muito usado, tudo polido de muitos anos de uso intenso. A maior parte era feita de madeira clara, mobiliário rústico e robusto sem grandes ornamentos, com exceção de, aqui e ali, alguns pormenores decorativos e almofadas bordadas à mão. Em várias das estantes havia livros e revistas velhas.

Oliver passou um dedo pela camada de pó em cima de um aparador e lançou-lhe um sorriso retorcido. Liv sentia que aquela pilha de mobília escondia alguma história, uma história sobre os elos que ligavam uma geração à outra e à terra — uma história de assassinio, quem sabe. Teriam os Lindes sido uma família feliz? Será que isso sequer existia?

O puxador da gaveta de cima de uma cómoda azul estava solto. Agarrando-o, Liv abriu um pouco a gaveta. Baralhos de cartas de jogar presos com um elástico, recipientes com tampa, chaves avulsas, um colar feito de contas de madeira, blocos de notas, envelopes, fitas, caixas de fósforos e um álbum de fotografias amarelecido.

O instantâneo de uma vida, recortado há muitos anos, cujos resquícios já não faziam sentido para ninguém. Parecia um bom sítio para esconder alguma coisa privada. Um caderno de apontamentos, por exemplo.

Tirou o álbum da gaveta, abriu-o e deu por si a olhar para um retrato de família feito num estúdio, com toda a iluminação e o fundo marmoreado da praxe. Via-se, de pé, um homem de lapelas brancas e cabelo pelos ombros com o braço à volta de uma mulher de rabo de cavalo e óculos de armações pesadas. Sentados à sua frente, estavam dois rapazes de calções e camisa. Oliver aproximou-se e espreitou-lhe por cima do ombro.

— Devem ser os irmãos Linde. Os pais, entretanto, já morreram.

— O que acha que eles pensariam da destilaria de uísque? Sobre

todas as renovações?

Ele sacudiu hesitantemente a mão. Liv já não via aquele gesto desde que o pai deixara de o fazer havia muitos anos.

— Provavelmente não teriam ficado encantados com o facto de a quinta ser vendida. A família Linde era a proprietária deste sítio e cuidava dele há muitas gerações. E isso, por estes lados, tem importância.

Liv olhou de novo para a fotografia.

— O Jens Linde ainda vivia aqui quando vocês compraram a propriedade?

— Tem uma suinicultura enorme perto de Snejstrup. Esta quinta estava vazia há muitos anos.

— Eu pensava que o irmão do Jens, o Gert, vinha de vez em quando e que ficava aqui alojado.

— Não sei nada disso. — Puxou a camisa para cima e coçou o fundo das costas sem embaraço nenhum. — Havia aqui muita roupa de cama e embalagens de comida quando viemos, por isso, sim, acho que havia alguém a viver aqui.

Liv virou-se para ele.

— Não terá por acaso encontrado por aqui um caderno de apontamentos, pois não? Consta que o Gert vinha para aqui escrever, por isso pode ter deixado ficar alguma coisa.

Ele abanou a cabeça.

— Se tivesse encontrado, lembrar-me-ia.

Liv voltou a olhar para a fotografia com os dois rapazes, lado a lado, de joelhos magros e olhos grandes. Pareciam ter aproximadamente a mesma idade e eram incrivelmente parecidos. Mas um ficara, ao passo que o outro se fora embora. Um vendera a quinta, o outro estava morto.

*

Nima endireitou-se e observou o motor do *Cadillac Deville* cinzento-prateado por entre os olhos semicerrados. Uma pequena criatura de oito cilindros e 7,7 litros e 375 cavalos e sem problemas mecânicos evidentes. Ainda assim, crepitava e dava solavancos até mais não durante a condução — se calhar o problema era a suspensão. Limpou as mãos num pano e acendeu um cigarro. Tentou obrigar os dedos a

ficarem quietos, mas continuavam a tremer. O corpo, como sempre, traía a apreensão da alma. Mentalmente, via um relógio em contagem decrescente. Um relógio, grande, à moda antiga, de estação de comboio, como num filme, só que a andar para trás. A contar, em segundos e batimentos cardíacos, o tempo até um término inevitável. Detestava aquele relógio.

Daria era muito mais descontráida; invejava-lhe a resiliência desde miúdos.

Apesar de ser a irmã mais nova, era ela quem sabia ignorar as discussões dos pais e era quem tinha os melhores resultados na escola. Era ela quem tinha muitos amigos e brincava despreocupadamente com um, depois o outro, sem pensar se alguém ficava de fora enquanto se dava prioridade a uns e outros. Nima sempre se preocupou assim. Em relação a tudo. Os seus pensamentos sombrios acabavam muitas vezes por lhe estragar as amizades. Se calhar era por isso que estava amaldiçoado? Terá sido por isso que tudo lhe correu sempre tão terrivelmente mal? Como agora.

Apagou a beata e entrou. Era preciso algo mais forte. Atrás do velho cofre, escondido na parede atrás do lavatório, encontrou um charro solitário. Encheu uma caneca com café, afundou-se na cadeira de braços e acendeu antes o charro.

Não lhe faltara companhia feminina nos últimos cinco anos, mas nada fora amor, não desde Marianne. Nem de perto. Durante muito tempo depois de terem acabado, Nima acreditara que o amor acabaria por surgir de novo por si só, desde que mantivesse as opções em aberto. Por isso ele namoriscava e saía para o mundo, fazia os seus avanços e ouvia-se a si mesmo a repetir tiradas cada vez mais pomposas sobre como esta ou aquela mulher era encantadora.

A verdade é que não sentia nada. E quanto mais mulheres passassem pela sua cama, mais vazio se sentia. Acabou por ganhar uma certa aversão ao sexo. Entretanto, já se passara tanto tempo desde a última vez que estivera com uma mulher que mal se conseguia lembrar.

E no entanto lembrava-se, na realidade com extremo pormenor, da noite que foi o princípio do fim. O vestido de seda era azul, azul *Yves Klein*. O acontecimento era um leilão de beneficência com jantar e bebidas para convidados preeminentes, que iam ficando cada vez mais embriagados com o avanço da noite e que começaram a competir para

ver quem tinha o porta-moedas mais recheado.

Nima detestara cada segundo de tudo aquilo. Sentia-se patético a deambular por ali, um convidado secreto, a olhar de longe para a sua amante. Só aceitara por puro desejo desesperado de estar perto dela e o resultado foi que dera por si parado no meio da sala com um fato novo em folha no Odd Fellow Palæet, a ver a mulher que amava a passar de braço dado com outro homem, na esperança de um instante despercebido sozinho com ela. A tortura na sua forma mais requintada.

Puxou uma última passa e queimou os dedos. Apagando a beata com a sola do sapato, deixou-se escorregar mais fundo na cadeira, até aninhar o pescoço contra o espaldar. Olhou para cima, para o fumo, que se ia dissipando para revelar as memórias que ocultava atrás de si.

O som do telefone era expectável, uma componente semi-inevitável da catástrofe que estava a tomar forma diante dos seus olhos. Tirou-o do bolso e atendeu.

— Estou sim.

Desconfiava de números que não reconhecia.

— Boa tarde. Chamo-me Petter Bohm. Estou a ligar da unidade de investigação da Polícia de Copenhaga. Estou a falar com o Nima Ansari?

Capítulo Dez

Foi o cheiro que deu a Liv a certeza de que chegara ao sítio certo. Amónia e excrementos. Era evidente que a morada da quinta de Jens Linde perto de Snejstrup deixara o sistema de navegação baralhado e o nevoeiro não estava propriamente a ajudar a orientar-se. Conduziu em círculos pelos trilhos estreitos que atravessam o parque nacional até que deu com uma casa pintada de amarelo, saiu do carro e soltou a porta para que se fechasse sozinha. Pairava sobre a propriedade uma camada de ar abafado e salgado vindo do mar, desagradavelmente acentuado pela lufada de odor a lodo. A casa principal dava para a estrada, o que não era comum numa quinta; costumavam estar instaladas mais para dentro. As vidraças das janelas tinham a forma de pequenas campânulas, impedindo-a de ver o interior, mas conseguia ainda assim discernir um sofá escuro, uma lareira acesa e uma mesa de cozinha coberta de louça suja.

O aspeto do pátio não tinha nada que ver com o da destilaria de onde acabara de sair. Ali não havia gravilha, nenhuma placa encantadora, apenas terra compacta e remendos de asfalto. Era evidente que a suinicultura dava mais valor à funcionalidade do que à estética. Os anexos modernos com telhados de zinco obstruíam a vista para a charneca para lá da propriedade e, passando a cumeeira mais próxima do telhado, Liv conseguia ver o topo de um tanque de lamas. Os caminhantes que percorriam os trilhos que atravessavam o parque tinham de tapar o nariz à passagem.

— Veio por causa da passadeira de corrida? Não tínhamos combinado para esta tarde?

Num instante de irracionalidade, Liv ponderou dizer que sim — mas foi apenas uma fração de segundo.

De que serviria fingir interesse por uma máquina de exercício físico?

— Não, isso será outra pessoa. Vim falar com o Jens Linde.

O sobrolho carregado disse-lhe que a) o tinha encontrado e b) ele não queria falar com ela.

Linde era um homem alto de cabelo extremamente curto, o rosto com rugas profundas e o corpo simultaneamente em forma e abatido por um árduo trabalho físico. Trazia dois baldes pendurados nos punhos ossudos, cheios a abarrotar de um tipo de ração qualquer. Era muito claramente o irmão de Gert Linde, só que sem os floreios adicionais de um criativo urbano. Um homem durão, ou se calhar apenas duro.

— Se é mais um daqueles «ativistas» *hippies* em prol do bem, pode parar já aí. Desperdiçou a viagem.

Jens pousou os baldes com tanta força que entornou ração no chão do pátio. Endireitou-se lentamente, as mãos nos joelhos. Parecia ter dores.

— É sobre o seu irmão, Gert.

— O Gert? — Levou as mãos à lombar e oscilou o corpo. — O Gert morreu.

— É a morte dele que estou a investigar. — Liv estendeu a mão. — Liv Jensen, estou a trabalhar com a Polícia de Copenhaga. Tem cinco minutos que me dispense?

Depois de um segundo de hesitação, ele pegou na mão, sacudindo-a surpreendentemente com pouca força. As articulações dos dedos apresentavam protuberâncias disformes. Largou-a e voltou a pegar nos baldes, acenando na direção de um dos celeiros e começando novamente a andar.

— Uma das porcas está mal. Precisa de ração especial.

Liv seguiu-o até ao celeiro. No interior, um longo corredor central percorria todo o comprimento do edifício de teto alto, o chão ecoava sob os seus pés e o fedor a amónia intensificou-se. Os porcos começaram a dar encontrões, bufavam e grunhiam nos cercados dos dois lados da passagem. Um deles acompanhou Liv com o olhar e ela lembrou-se, do tempo da escola, que se dizia que os porcos eram animais altamente inteligentes. Num outro mundo, talvez tivessem trocado de lugar e seria ela a olhar por entre as grades. Teriam mesmo sido os polegares a fazer a diferença?

Quando chegou junto de um cercado a meio do celeiro, Jens parou e esvaziou os baldes para dentro de uma gamela, pousou-os em seguida

no chão e entrou lá para dentro para dar uma vista de olhos na porca. Estava deitada de lado, a barriga distendida.

Os olhos estavam longe e a respiração parecia superficial. Liv sentiu o mesmo desconforto de quando visitara a tia Martha na enfermaria de pneumologia e percebeu, com a aguda intuição de uma criança, que ela estava a morrer, apesar de os adultos tentarem fingir o contrário.

— Que se passa com ela?

— Não sei bem o que se passa, mas está grávida, por isso trato-a com cuidados extra. — Agachou-se e pousou a mão na cabeça da porca, como se fosse um cão fiel. — Queria falar sobre o Gert? Falei com a polícia várias vezes quando ele foi morto e não me parece que tenha muito mais a acrescentar.

— Não tem problema. Gostava de lhe perguntar sobre a vossa relação. A família. — Liv apoiou os cotovelos na vedação e debruçou-se para a frente. Teria ele acabado de a fulminar com um olhar agressivo ou estaria a ver coisas? — O senhor e o Gert eram próximos?

Jens esboçou um sorriso fugaz.

— Vivíamos em extremos opostos do país, com vidas muito diferentes.

— Mas eu ouvi dizer que ele vinha aqui muito. Não se viam quando vinha de visita?

— Não muito.

— Quando foi a última vez que o viu?

Jens manteve o contacto visual com ela durante um momento, como se isso fosse resposta bastante. Depois deu uma palmadinha na porca e pôs-se de pé.

— No funeral da nossa mãe. Há dez anos.

— Dez anos? Não tiveram contacto nenhum desde então?

— É claro que sim. — Jens saiu do cercado e apanhou os baldes. — Mas foi sempre através dos nossos advogados.

Liv voltou a segui-lo enquanto saíam do celeiro.

— Permite-me que pergunte porquê?

— Discordávamos sobre o que fazer com a quinta dos nossos pais.

— A quinta da família.

Jens resfolegou.

— Sim, era isso que ele dizia que era.

Parou e deu um toque numa gamela com os pés, atirando-a para mais perto dos porcos. Estes continuaram a comer, indiferentes.

— O meu irmão queria transformar a nossa casa de infância num museu. — Jens virou-se, obrigando-a a dar um passo atrás para evitar ser atingida pelos baldes que ele levava nas mãos. — Um museu que ninguém tinha pedido e que ninguém queria financiar. É muito fácil estar para lá sentado em Copenhaga a ser sentimental enquanto a quinta vai caindo aos pedaços. Deixar-me com o bebé nas mãos como se eu fosse um idiota qualquer. Não, muito obrigado!

— Posso perguntar quando é que vendeu a quinta?

Jens virou-se de novo para a frente e recomeçou a andar, respondendo por cima do ombro.

— Deve fazer três anos em outubro.

Liv fez as contas de cabeça. Gert fora morto em março desse ano e a quinta só foi vendida e transformada numa destilaria de uísque após a sua morte. Era possível que os irmãos nunca tivessem chegado a entendimento.

— E nunca mais voltou a ver o Gert? De todo, até ele ser morto? Tê-lo-á visitado em Copenhaga, talvez?

— Já não vou a Copenhaga há cinco ou seis anos, disso tenho a certeza. De resto, a vida na quinta é uma amálgama de dias todos iguais.

Estavam agora a chegar ao portão que dava para o pátio, que chocalhava nas dobradiças frouxas.

Por muito dinheiro que Jens tivesse recebido com a venda de Hurup, não fora investido na suinicultura. Em todo o caso, ele parecia grandemente dedicado a este lugar e ao seu trabalho — a um ponto que, na verdade, Liv até achava incompreensível. Ao que parecia, passava todo o tempo ali. Sozinho, sem outra companhia que não os animais de criação, e rodeado de uma podridão persistente que seria preciso um exército só para manter mais ou menos ao largo. Será que gostava do seu trabalho, como ela, ou estaria subjugado à força das circunstâncias?

No pátio, o céu surgia numa cúpula em cima deles, enevoados e misteriosos. Jens acenou com a cabeça e virou-se para se ir embora.

— Ah, hum, só mais uma pergunta!

Ele olhou para trás, enfadado.

— Conhece uma Eva Hansen? Ou Madsen? Pode ter ajudado o Gert na sua investigação...?

— Madsen. É curadora de museu, ou lá como se chama isso, na velha prisão de Vestervig. Não a conheço pessoalmente, mas as pessoas falam.

— E de que falam as pessoas?

Jens bateu duas vezes com um balde e acenou-lhe de novo. Depois rodou nos calcanhares e foi-se embora.

*

Hannah tirou o som do jogo no telemóvel e levantou os olhos. Não sabia bem quanto tempo passara debruçada sobre o ecrã — de alguma forma, o tempo fora simplesmente passando. A cozinha mergulhara na penumbra e tudo estava em silêncio. O pai teria provavelmente adormecido no cadeirão com um livro em cima do peito. Desligou o telefone e pousou-o.

Em cima da mesa estava o Antigo Testamento, aberto no Livro de Daniel. O pai passara o dia todo ali sentado, a trabalhar arduamente na tradução. Não admirava que estivesse exausto. Debruçou-se sobre o papel e sorriu diante das espirais da sua caligrafia.

E todos sabiam, apesar da minha inocência, que os animais me devorariam, que o mar me afogaria e que as chamas me consumiriam.

O pai sublinhara uma das palavras.

inocência

Desde o início, Jan argumentava a favor de outras possibilidades, cada uma mais rebuscada do que a outra. No rescaldo imediato da condenação, ele acusara um conhecido assassino em série, com a alcunha de *Construtor*, de ter matado Penelope, sem se deixar desencorajar pelo facto de que, na altura, este estava preso. Era frustrante para Hannah, que tentava simplesmente manter a cabeça erguida, enquanto o mundo inteiro olhava para eles com desconfiança. Revelou-se que ter um assassino entre os familiares diretos era de certa forma um estigma.

E agora sentia que a frustração estava a dar lugar à apreensão. O pai ainda alimentava esperanças. Era estúpido, mas também era uma expressão de amor. Um amor que era mais forte do que o dela.

Tinham sido muito chegados, em tempos.

No final da adolescência, haviam feito juntos férias de bicicleta, até um parque de campismo em Nykøbing, onde a amiga da mãe, Karla, tinha uma cabana de verão. Ficaram a dormir numa tenda cheia de buracos e subsistiram à base de esparguete em lata e bolachas com pepitas de chocolate e, tanto quanto se lembrava, chovera a maior parte do tempo. O humor de Daniel tivera altos e baixos, mas tinha uma mente muito perspicaz. Quando se sentia feliz e seguro, era um conversador fantástico. A melhor companhia possível.

Hannah passou um dedo pelo texto. Guardara muitas das cartas que Daniel lhe fora escrevendo ao longo dos anos, mas respondeu a apenas algumas. Com o passar do tempo, uma pessoa que sofre de doença mental começa a ser vista apenas pelos seus sintomas, tal como um criminoso é visto apenas pelos seus crimes.

Por vezes, tinha dificuldade em lembrar-se das outras coisas que ele também era, coisas boas, adoráveis.

Levantou-se e foi até à janela. Olhou para as árvores do jardim, onde as primeiras folhas começavam a cair. Veio-lhe à mente um pensamento solto que lhe ficou a flutuar na consciência, como uma folha soprada por uma corrente de ar.

Imaginemos que, por instantes, alinhava no desejo e na esperança do pai e fingia que Daniel não matara Penelope. Imaginemos que ele estava realmente inocente, como insistia o pai — nesse caso, quem o fizera?

*

Liv entrou no carro e afastou-se da suinicultura de Jens Linde com um formigueiro de impaciência e uma sensação de fome no estômago. Sem tirar os olhos da estrada, remexeu o interior do porta-luvas em busca de uma barra de chocolate, mas acabou de mãos vazias. Seguiu a estrada costeira rumo a sul, de volta a Vestervig, e telefonou a Petter enquanto conduzia, mas não conseguiu estabelecer a chamada. Andava ocupado com o homicídio na floresta, evidentemente, e, de qualquer modo, ela safava-se bem sem o seu *feedback*.

A névoa pairava, pesada, sobre o Mar do Norte, fazendo a charneca reluzir em tons pouco naturais de prata e verde. Liv abrandou e absorveu a paisagem. Natureza agreste e delicadeza, de mãos dadas.

Gert e o irmão nunca chegaram a resolver o conflito que os separava. A questão era saber se o desentendimento em torno da casa de infância tivera alguma coisa que ver com a morte de Gert. Liv tentou imaginar: Jens numa visita a Copenhaga, a tentar convencer o irmão a vender.

Teria ido sem avisar, de outro modo a mulher de Gert teria sabido. Uma discussão, uma pequena briga, a intensificação da violência. Soava bastante plausível, com exceção da visita inesperada. Quem viria de tão longe, da Jutlândia do Norte até Østerbro, sem combinar previamente uma hora?

De acordo com Jens, Gert conhecera Eva Madsen, a diretora do museu de Vestervig. Talvez ela soubesse dizer alguma coisa sobre a relação entre os dois irmãos. Depois de passar a placa que indicava a entrada na vila, Liv abrandou. Avançou lentamente pela rua principal, perscrutando as fachadas das casas nos dois lados da estrada. Aquele lugar tinha apenas seiscentos habitantes — quantos museus poderia sequer haver?

No exterior de um edifício bonito com estuque amarelo, uma tabuleta pendurada numa moldura de madeira, parecida com uma trave de enforcamento, dizia-lhe que encontrara o Museum of Jail & Art. Em inglês. Sorriu para si mesma, estacionou o carro e saiu. Eram três e meia e cheirava-lhe a açúcar e manteiga, se calhar de alguma pastelaria ali próxima. O estômago rugia, mas teria de esperar. As luzes do museu estavam acesas.

A porta principal abriu-se ao rodar a maçaneta e uma mulher veio ao seu encontro quando Liv entrou. Tinha o cabelo curto e cinzento-aço e usava um colete de feltro assimétrico num tom de rosa garrido, que parecia ser feito à mão.

— Bem-vinda, é tão bom ver uma cara nova. É mesmo ali, a sala de audiências; porque não lhe fico com o casaco e penduramo-lo neste cabide? — A mulher estendeu a mão para Liv, que automaticamente despiu o casaco e lho entregou. Pendurou-o no cabide meio vazio e virou-se, com um ar atarefado, na direção de uma porta. — É uma das amigas do Finn?

— Hum, o Finn?

— Finn Mosede. É hoje a mostra privada da sua coleção.

— Na verdade, estou aqui para falar com a Eva Madsen.

— Oh, bom, a Eva também cá está, é claro. Por aqui.

A mulher abriu a porta que dava para um amplo espaço onde cerca de vinte pessoas se moviam para cá e para lá diante das obras de arte expostas nas paredes. Liv adivinhou que andavam quase todos pelos sessenta anos. Tinham copos de vinho na mão, muitos com os sobretudos e cachecóis ainda postos, e olhavam atentamente para os quadros. Numa mesa, viam-se mais copos de vinho cheios até à borda, bem como batatas fritas e *pretzels* em pequenas taças e garrafas envoltas em papel celofane.

— Eva! Tens aqui uma visita — gritou a mulher de colete de feltro para o outro lado da sala.

Uma mulher alta de preto que estava junto à pintura de uma casa sombria na charneca virou-se na sua direção. Tinha o rosto estreito, olhos escuros encovados que expressavam desejos por realizar. Nos braços, segurava um ramo de girassóis. Parecia ter acabado de sair do quadro a seu lado.

Liv foi ao seu encontro e acenou com a cabeça. Algo na expressão de Eva Madsen lhe disse que o melhor seria ir diretamente ao assunto, sem apalpar terreno.

— Boa tarde. Chamo-me Liv Jensen e sou investigadora privada. Estou aqui para falar consigo sobre o Gert.

Eva olhou por cima do ombro e depois debruçou-se para sussurrar.

— Venha comigo!

Pousou as flores no parapeito da janela e atravessou a sala, a sorrir e a assentir com a cabeça, dando beijos na face e acenando várias vezes. Liv seguiu-a, tentando parecer que fazia parte daquele ambiente. Devia ter deixado o casaco vestido provavelmente.

Eva conduziu-a até uma porta de madeira pesada, mergulhando no seu interior para entrar num corredor ladeado de várias outras portas pesadas de madeira.

— Isto antes era a prisão de Vestervig — explicou. — Hoje em dia, é um museu de história legal e local, bem como galeria de arte. Temos exposições temporárias, como aquela que estamos a inaugurar hoje, e também algumas permanentes. Temos uma exposição permanente sobre a história da pesca e outra sobre Thy durante a Segunda Guerra Mundial. Podemos sentar-nos numa das celas. Pode não ser assim muito confortável, mas lá teremos privacidade.

Liv entrou numa cela atrás de Eva e sentou-se a seu lado no banco de madeira, a única peça de mobiliário da sala. Antes de chegar a dizer alguma coisa, a mulher de certa idade fitou-a com uma expressão franca.

— Quem a contratou?

— O investigador principal do homicídio do Gert. Não está satisfeito com a ideia de deixar o caso por resolver.

— Percebo.

O rosto de Eva Madsen endureceu, mas não disse mais nada. Liv observou-a. Depois do homicídio, a Polícia da Jutlândia do Norte só falara com o único parente vivo de Gert, que era Jens, e ficara-se por aí. Contudo, apesar de Gert ter passado a maior parte da sua vida em Copenhaga, havia muito boas possibilidades de ter amigos e relações ali na zona. E inimigos.

— Conheciam-se bem, a senhora e o Gert?

Eva não respondeu logo. O seu olhar sombrio não vacilou, mas os lábios tremeram quase impercetivelmente.

— O Gert entrou em contacto comigo há pouco mais de cinco anos porque andava a investigar para escrever um livro sobre Thy. Não sou da região, mas sou a diretora do museu, que tem um arquivo muito extenso. Fotografias, documentos, artigos antigos de jornal... temos aqui tudo reunido. Eu ajudei-o a procurar.

— Procurar o quê?

Ela sorriu.

— O Gert estava interessado em tudo, era uma pessoa genuinamente apaixonada pelo que fazia. Escreveu sobre muitas coisas fascinantes. Sobre a charneca e as aves, sobre a igreja local, sobre os *bunkers* alemães ao longo do Mar do Norte e sobre a quinta onde cresceu, que esteve na posse da família durante oito gerações.

— E a senhora ajudou-o a encontrar material de referência?

— Sim. O Gert sentava-se a escrever na velha mesa de jantar dos pais. — Eva mordeu o lábio.

— Ele deu-lhe um caderno de apontamentos para guardar? Mais ou menos deste tamanho. — Liv desenhou no ar um caderno A5. — Com o número 65 na lombada?

Eva abanou a cabeça. Ainda tinha os olhos vítreos.

— Eram bons amigos?

Eva olhou para as mãos pousadas no colo, girando com nervosismo um anel de ouro. As palavras rastejaram-lhe para fora da boca, primeiro num murmúrio, mas depois ergueu a cabeça e falou claramente e com firmeza.

— Eu amava-o. Amávamo-nos. — Voltou a suspirar, mas desta vez o *ah* soou a libertação. — Sabe bem dizer em voz alta. Quero dizer, não tenho ninguém com quem possa falar sobre isso e é um fardo pesado para se carregar sozinha.

Liv assentiu de um modo compassivo, ou assim esperava.

— Nunca foi nossa intenção que acontecesse, mas apaixonámo-nos. — Ela abanou a cabeça ao lembrar-se. — Éramos ambos adultos quando nos conhecemos, evidentemente. Casados, a viver nos extremos opostos do país, mas... — Fez um gesto delicado com a mão para ilustrar o seu romance.

Olhando para a mulher que tinha diante de si, tão evidentemente perdida de amores por um homem que estava morto e enterrado, Liv sentiu uma vaga emoção a tocar-lhe no fundo do coração. Ao mesmo tempo, havia alguma coisa irritante na sua fé obstinada no amor. Em dada altura, ficamos demasiado velhos para esse tipo de inocência, e Liv sentia que Eva Madsen já passara decididamente esse ponto.

— Quer dizer que o Gert vinha cá acima para estar consigo?

— Vinha trabalhar, mas também... sim, também para estar comigo.

Eva apontou os seus olhos escuros diretamente para Liv. Algo neles fez Liv baixar o olhar. Ou talvez fosse o assunto.

— Não gosto de ser indiscreta, mas disse que era casada. Não imagino que seja possível ficar alojada num hotel das redondezas sem ser reconhecida. Onde se encontravam?

— Em Hurup, na casa de infância do Gert. Onde ele ficava quando vinha cá.

— Não estava um bocadinho em ruína?

O seu semblante iluminou-se ao recordar.

— Era difícil no inverno. Tínhamos de levar edredões e mantas para nos mantermos quentes. Mas também tinha os seus encantos... Dito isto, era verdadeiramente uma pena, uma quinta tão antiga e magnífica. O irmão do Gert não gastava um tostão na manutenção da

casa.

— O Jens, conheci-o. Não conseguiam chegar a acordo quanto ao que fazer com a casa?

Eva abanou a cabeça.

— E agora foi totalmente estragada com aquela gente do uísque e as renovações de mau gosto. O Gert teria recuperado a quinta com cuidado e teria transformado parte num museu local. Quero dizer, nós aqui simplesmente não temos espaço. Mas não! — Uma nuvem escura perpassou o rosto de Eva. — Ele ameaçou o Gert, sabia?

— Quem, o Jens?

— Sim. Será difícil encontrar algures um sacana mais primitivo do que ele, especialmente se tiver bebido. Passa todos os fins de semana sentado a beber copos ao balcão do Crown com todos os outros fracassados de Thisted.

— O que quer dizer exatamente, quando refere que o ameaçou?

Eva rapidamente piscou os olhos uma série de vezes.

— Recusava-se a encontrar-se com ele e a conversar sobre o assunto. Em vez disso, enviava mensagens de texto quando estava bêbedo. Dizia coisas horríveis, tudo cáustico e bilioso, uma vez, o Gert mostrou-me uma delas. E também ameaças. *Vou pôr fogo à quinta*. Coisas deste género.

— Parece muito intenso.

— E era. O Gert tinha cortado relações com o irmão muito antes disso. Sabia que o Jens não era bom da cabeça. Sentia-se mal, mas não havia nada que pudesse fazer.

As nádegas de Liv começavam a ficar doridas sobre o banco duro, mas não se atreveu a mexer-se, não querendo correr o risco de perturbar a história de Eva.

— Acha que ele levava a sério as ameaças?

Os olhos de Eva tornaram-se ainda mais escuros.

— Bom, o Gert foi assassinado, o que acha?

Capítulo Sete

Depois do jantar, o aroma a férias de outono foi gradualmente invadindo toda a hospedaria. Bodil explicou que Jesper estava a fazer compota com as primeiras maçãs do jardim e que a receita incluía pau de canela-do-ceilão e estrela-de-anis.

— Também há bolo. Vou fazer o *strudel* de maçã da minha mãe. Trago-lhe uma fatia quando estiver pronto?

— Obrigada, quem poderia alguma vez recusar?

Liv sorriu para a anfitriã e sentiu subitamente uma onda de gratidão pela sua generosidade e simpatia. Porque era tão difícil aceitar a atenção da própria mãe quando era tão fácil recebê-la de desconhecidos? Subiu ao quarto com o cão no seu encalço e viu que o telefone em cima da cómoda estava a tocar.

— Boa noite, Liv. — Petter iniciou a chamada com um cumprimento seco. — Queria só uma atualização rápida. Estamos agora a sair para ir interrogar uma testemunha.

— Um bocadinho tarde para isso, não?

— Certo, um suspeito, pronto. Lá em baixo, ao pé daquele porto esquisito em Sydhavn. Vive num rebocador velho.

Liv, sentada na cama com o telefone encostado à orelha, afagou Victor com a mão livre.

O velho labrador deitou-se aos seus pés, só para o caso de ela ter a má ideia de se afastar dele.

— Ainda estás em Thy?

— Sim. Porquê?

— Porque a vítima deixou o carro antigo da família na oficina que há no sítio onde moras em Vesterbro, na segunda de manhã. Um Morris antigo. O marido deu conta de que tanto esse carro como o carro da mulher não estavam na garagem e lembrou-se de que ela tinha dito alguma coisa sobre levar o Morris à oficina para afinar. Por

sorte, não há muitos mecânicos que trabalhem com esse tipo de veículos. Não demorámos muito a encontrá-lo.

— Quer dizer que foi a última pessoa a vê-la com vida?

— Sim. Ele e o assassino.

Soltou uma tosse seca, como costumava fazer desde que Liv o conhecia há tantos anos. Reduzir drasticamente o consumo de tabaco melhorara a situação. Mas não muito.

Liv passou o telefone para a outra orelha.

— Não conheci o mecânico, caso seja por isso que estás a telefonar. Nima, certo?

— Sim, acho que é isso.

— Ainda não conheci. Mas diz-me se houver alguma coisa que queiras que faça quando voltar. Tê-lo debaixo de olho, vasculhar-lhe os caixotes de lixo ou isso.

— Obrigado, mas podes deixar isso para o pessoal técnico. — Sorveu alguma coisa sem afastar o telefone da boca. — Seja como for, em que ponto estás na história do Gert Linde?

— Acho que apanhei aqui alguma coisa, Petter. Ele passou muito tempo em Thy a trabalhar no projeto de um livro e parece que as raízes que o ligavam a este lugar eram complexas e fundas.

É uma das razões para não ter estado em contacto com o irmão durante muitos anos.

— Sim, lembro-me de que estavam quase a chegar a vias de facto. Mas ele tinha um álibi no bar local.

— Hum, veremos. — Liv tirou cuidadosamente um pé de debaixo do cão, mas voltou logo a ser capturada. — Sabias que o Gert Linde tinha uma amante em Thy?

— Não. Quem?

— Uma mulher que trabalha no museu local. Estava a ajudá-lo com a investigação para o livro e a orientar-se nos velhos arquivos. Mas é casada.

— A-ha! — Ele sublinhou bem a última sílaba. — Soa potencialmente empolgante.

— Também acho. Pergunto-me se o marido saberia da relação?

— Podes perguntar-lhe. — Ouviu-se o riso abafado de Petter a percorrer a linha telefónica. — Duvido que tenhas problemas com

isso, se bem te conheço.

Liv sorriu.

— A amante diz que foi o irmão mais velho do Gert quem o matou.

— Receio bem que isso não sirva de muito, tendo em conta que houve testemunhas a confirmar que estava no bar onde vai regularmente, em Thisted, à hora do homicídio. Mas vamos analisar a ideia: há algum indício sólido que possa corroborar as suspeitas dela?

— Talvez. — Liv levantou-se e caminhou até à janela, as pernas rígidas de ter estado tanto tempo na mesma posição. *Victor* levantou a cabeça, mas depois voltou a pousá-la e adormeceu de novo. —

O Jens Linde tinha provavelmente a ganhar uns bons milhões com a venda da quinta da família depois da morte do Gert. Não que se veja em lado nenhum onde poderá ter posto o dinheiro, a suinicultura dele está praticamente a cair aos bocados.

— Se calhar joga póquer online e compra criptomoeda a empresários duvidosos. A questão que interessa, acho eu, é que deitou a mão a uma grande quantia que não teria recebido se o irmão estivesse vivo, certo?

— Ele afirma que o Gert concordou em vender, mas muito honestamente tenho dificuldade em acreditar nisso. — Liv fletiu e esticou os joelhos algumas vezes para pôr o sangue a circular. — Petter, como foi morta a mulher da floresta? Foi estrangulada, não foi?

— Em que estás a pensar?

— É só uma ideia. Não é a maneira mais habitual de se matar uma pessoa.

— Espera um momento. — Foi interrompido por uma voz de fundo. — Liv, tenho de ir. Vamos sair para fazer uma visita ao teu amigo mecânico.

*

A multidão de desconhecidos encheu a oficina com uma energia frenética. Ou se calhar aquela situação pouco familiar estava simplesmente a pôr Nima nervoso. Inclinou-se para trás, encostando o corpo às prateleiras de madeira e ao seu desgaste macio, tentando ali encontrar alguma paz.

— Quando é que ela chegou com o carro?

O polícia olhava-o com uma expressão inocente.

— Eram quatro e um quarto da tarde.

Nima sabia bem que era melhor não o recordar que já lhes dissera várias vezes a que horas Marianne chegara à garagem na tarde de segunda-feira. Sabia exatamente o que eles estavam a fazer. Estavam à procura de lacunas na sua história. À procura de um assassino.

Nima resistiu ao impulso de gritar ao técnico forense que, depois de vasculhar e examinar as gavetas das porcas, as estava a deixar todas misturadas. A polícia aparecera em massa com um mandado de busca, e Nima não sabia muito bem o que ali estavam a fazer. Alguns deles vestiam fatos-macacos, outros estavam de uniforme, e todos eram muito simpáticos e educados. Isso punha-o ansioso.

Por norma, tentava evitar a polícia. Nem sequer contactara as autoridades quando um homem mascarado tentara assaltar a caixa registadora da Loja da Kate — e ele e o cozinheiro tinham resolvido o assunto pessoalmente. Perseguiram o tipo até à Blågårdsgade, apanhando-o antes de chegar à Rantzausgade, lutaram com ele até lhe tirarem o dinheiro e deram-lhe à pressa uma sova de que não se esqueceria tão cedo.

Agora eram como um enxame à sua volta.

— Tem a certeza da hora?

Nima voltou a focar a atenção no polícia. Um senhor mais velho, de cabelo a rarear e olhos cinzentos, que se apresentara como Petter Bohm, investigador principal.

— Sim. Lembro-me porque a marcação era para as quatro e ela pediu desculpa por ter chegado um pouco atrasada. Disse uma coisa qualquer sobre um lugar para estacionar.

— E disse onde tinha estado?

— Não. Acho que terá dito qualquer coisa sobre ter atravessado a cidade, mas isso é inevitável quando se vem para aqui. O *Morris* foi entregue por um reboque, por isso talvez a empresa de transportes saiba onde ela estava antes.

— City Auto Transport, sim. Estamos em contacto com eles. Levantaram o carro em casa da vítima, em Virum, como combinado, mas não estava ninguém em casa. — Petter Bohm folheou os seus apontamentos, lambendo o polegar a cada três ou quatro páginas. — A Marianne Dybdahl saiu de casa para o trabalho na

Kronprinsessegade às três da tarde e só chegou aqui uma hora depois. Onde esteve, entretanto?

— Não faço ideia.

Um técnico forense de fato integral branco levou o caixote de lixo lá para fora. Nima ficou a vê-lo sair.

— Como é que ela fez a marcação?

— Mandou um *e-mail*. Na quinta ou na sexta, acho eu.

Os olhos cinzentos fitaram-no com uma expressão tranquila por cima do bloco de apontamentos. Nima sabia que a ideia era pô-lo nervoso e irritou-o o facto de ter sido eficaz.

— Deixou o carro e foi-se embora. Esteve aqui talvez vinte minutos, no máximo.

Petter Bohm acenou amavelmente e continuou a varrer as suas notas.

— Aonde ia quando saiu?

— Para casa, provavelmente. Não é isso que as pessoas fazem depois do trabalho?

Os olhos do polícia aguçaram-se.

— O problema é que nunca chegou a casa. As filhas estavam lá à espera sozinhas e o marido tentou ligar várias vezes, mas ela não atendeu. Ela passou por aquele portão pouco antes das cinco, é o que está a dizer, e desapareceu sem deixar rasto. Até ser encontrada na floresta no dia seguinte. Sem a carteira.

— Está a dizer que eu matei uma cliente para lhe roubar a carteira?

Nima sentiu o calor a subir-lhe ao pescoço. Desejou reiteradamente que eles se fossem embora para poder enrolar um charro.

— Só estou a dizer que você foi a última pessoa a vê-la. — Ergueu um nadinha o ombro e voltou a encaixá-lo. Os músculos soltaram um estalido suave. — Onde estava na segunda-feira à tarde?

— Em casa, como já lhe disse. Tanto quanto me lembro.

— Tanto quanto se lembra? Foi anteontem!

— Sim. Tanto quanto me lembro agora.

Nima limpou as palmas das mãos às calças.

— Há alguém que possa confirmar isso? Companhia, filhos?

Nima irritou-se ao dar por si a olhar de soslaio para o chão. Era o tipo de coisa que o faria parecer culpado.

— Vivo sozinho. Mas no velho porto de pesca de Sydhavn. Não vivemos muito longe uns dos outros. Tenho a certeza de que vários dos meus vizinhos poderão confirmar que eu estava lá.

Petter Bohm tirou apontamentos, concentrado, um vago sorriso nos lábios, como quem conhece o lugar e tem a sua opinião sobre o assunto.

— É muçulmano?

— Isso tem que ver com alguma coisa?

— Por favor, limite-se a responder à pergunta.

Nima revirou os olhos.

— Não pratico, não. Bebo cerveja e como presunto. Não posso fazer grande coisa quanto à pele morena.

O polícia não pareceu achar piada.

— Onde estava na terça-feira?

— Estava aqui, na garagem.

Ele levantou os olhos.

— O dia todo?

O cérebro de Nima corria a todo o vapor.

— Acho que sim. Estive a arranjar o *Morris*.

— Não saiu com ele a dar uma volta?

— Não! A correia da ventoinha estava gasta em baixo. Não o poderia levar para lado nenhum. Só ontem é que sim.

— Quer dizer que *saiu* com o carro?

O polícia escrevia avidamente.

— Sim, fui até Nykøbing e voltei. Eu testo os carros, faz parte do meu trabalho.

Um técnico forense deu uma palmada no ombro de Bohm. Ele levantou-se e afastou-se alguns passos com a figura vestida de branco, trocou dois minutos de conversa aos murmúrios e depois voltou para junto de Nima.

— Tem a certeza de que, na segunda-feira, a Marianne só entrou e saiu? Não foram no carro a lado nenhum?

— Não!

O polícia esboçou um sorriso apaziguador.

— É curioso.

— O que é que é curioso?

— Os técnicos acabaram de encontrar o *Citroën* dela aqui fora, na rua, com um maço de multas de estacionamento no para-brisas. Disse que ela saiu da oficina mesmo antes das cinco? Bom, ao que parece, não levou o carro.

A QUINTA VISÃO

Corria um rio de fogo
procedente da parte anterior dele.

Mil milhares o serviam,
dez mil miríades o assistiam.

O tribunal realizou a sessão e foram abertos os livros.

Mas ensinamento nenhum no mundo
me poderia salvar.

Sexta-feira,
23 de setembro

Capítulo Doze

Havia vários sítios populares para comer no Værnedamsvej, mas o Café Granola era uma verdadeira instituição de Copenhaga. O proprietário, com olho para a estética moderna *mid-century*, equipara o estabelecimento com bancos compridos, cadeiras de metal e latas de sabonete em pó na casa de banho. Os salões literários que organizava e a ementa, que tanto incluía ostras como sanduíches de queijo, haviam angariado para o estabelecimento uma clientela de locais e gente da moda que fazia a inveja da maioria dos outros cafés da cidade.

Hannah já ouvira falar daquele lugar antes de sair do apartamento de Rune em Østerbro e se mudar para casa do pai, mas até agora conseguira evitar habilmente todo e qualquer sítio que lhe parecesse demasiado elegante. Desconcertavam-na as franjas cortadas a direito e os óculos de armação grossa que funcionavam como um uniforme da elite cultural de Copenhaga. A última coisa de que precisava naquele momento era sentir-se ainda mais deslocada.

Por isso, quando, na sexta-feira de manhã, se dirigiu para o balcão de mogno em forma de ferradura e viu o seu próprio reflexo no espelho, sentiu uma punhalada de resistência que era mais do que apenas os nervos com o encontro que a esperava. Estava com bom aspeto, decidiu, não havia motivo para imaginar que as pessoas estavam a olhar para ela. Em todo o caso, estavam demasiado ocupadas com as suas próprias vidas para se interessar por aí além pelas vidas dos outros.

Descobriu-o num canto do café. Mikkel Felding, um velho conhecido da universidade e psiquiatra de Daniel no hospital, estava à sua espera com um *espresso* e um *croissant* meio por comer diante de si. Tinha as pernas descontraidamente cruzadas, cujas extremidades ostentavam uns botins com ar caro, de solas muito limpas e brancas.

Era evidente que se continuava a vestir como um *dandy*. Tinham

sido do mesmo ano na universidade, mas nunca foram próximos, encontravam-se de vez em quando em festas e palestras. Por algum motivo, Hannah nunca tivera realmente vontade de o conhecer melhor, apesar de ter sentido que havia interesse da parte dele. Talvez fosse isso. Mikkel era querido e simpático e inofensivo. Não era coisa que excitasse por aí além nenhuma das mulheres do curso.

Mikkel ergueu a chávena pela pega e bebeu. Não havia dúvidas de que já a vira, mas não queria ser o primeiro a cumprimentar. Hannah encaminhou-se para a mesa e tirou o casaco.

— Olá, Mikkel.

Ele ergueu os olhos, fazendo uma expressão de surpresa, e sorriu.

— Oh, olá, aqui está ela. Olá, Hannah.

Levantou-se para lhe dar um abraço no preciso momento em que ela se sentou, pelo que se voltou a sentar muito depressa.

— Já tomaste o pequeno-almoço?

— Bebo só um café. — Hannah virou-se e fez sinal ao empregado atrás do bar, apontando para a chávena de Mikkel e para si mesma. — É uma simpatia da tua parte arranjares tempo para te encontrares comigo.

— Mas é claro. Com tudo por que tens passado ultimamente, espanta-me que não me tenhas contactado mais cedo. — Ele encolheu os ombros e sorriu. — É bom ver-te. Já passou imenso tempo desde que... não mudaste nadinha. — Debruçou-se para a frente e pegou-lhe na mão. — Fiquei muito triste por ti ao saber do Rune...

Hannah tirou discretamente a mão.

— Não fiques, está tudo bem. Então e tu?

— Oh, pois, obrigado, tudo bem. Na verdade, eu e a Linda também nos separámos... já lá vão alguns anos... mas tudo se resolveu muito bem. Ainda é difícil, mas os miúdos estão muito bem. Por isso, enfim...

— Folgo em saber. Imagino que seja difícil quando se tem filhos juntos. — Hannah pegou no café que o empregado lhe estendia por cima da mesa do lado e pousou-o à sua frente. Nunca chegara a conhecer Linda ou os miúdos e não tinha vontade nenhuma de ser arrastada para uma conversa pessoal sobre divórcio. — Mas enfim, eu queria falar contigo sobre o meu irmão.

— Hannah, lamento tanto que o Daniel tenha decidido... o que

decidiu. Diz-me então o que posso fazer para ajudar.

— Obrigada. — Hannah sorriu-lhe. — Ele não deixou nenhuma mensagem e isso fez com que fosse mais difícil lidarmos com o caminho que decidi seguir.

Mikkel assentiu, solidário.

— Por isso, achei que podia ser boa ideia aceitar a tua oferta de conversar contigo. Terás provavelmente melhor do que eu uma perspetiva do estado mental que o terá levado ao suicídio. Achas bem que eu faça simplesmente perguntas e tu respondes, na medida em que consigas e te seja permitido responder?

Mikkel desabotoou o casaco de malha e olhou-a muito sério.

— É claro que sim.

— Muito bem. — Hannah inspirou fundo e deu por si a soltar um riso nervoso. — Desculpa, ainda fico surpreendida ao ver como é difícil falar sobre isto. Eu não estive muitas vezes com o Daniel no último ano de vida. Como é que ele estava?

Mikkel assentiu, pensativo.

— Sim, ele disse-me que estavas a dar prioridade a ti mesma durante um tempo. O que me parece sensato, Hannah. E o Daniel, na verdade, até andava bastante bem, tendo em conta as circunstâncias. Com altos e baixos, evidentemente, mas os baixos eram mais altos do que logo depois da sentença, tinha de longe muito mais dias bons do que antes.

— É bom saber isso. — Bebeu um gole do café e voltou a pousar a chávena no pires, que tiniu. Os dedos tremiam-lhe. — Sabias que ele à noite escrevia?

— Não...?

As sobrelhas de Mikkel ergueram-se subitamente até à testa.

— Escrevia. No período mesmo antes da morte. Na parede da cela. Versos bíblicos em aramaico. Uma língua morta, em caracteres hebraicos. Parece uma coisa maníaca. Por isso, estava aqui a pensar se a medicação poderia estar um bocadinho desajustada?

Mikkel baixou os olhos na direção da mesa.

— Podemos desde já excluir essa possibilidade.

— Como assim?

Hannah sentiu que se lhe começavam a formar gotas de suor na

nuca.

— O Daniel não estava a tomar medicação. Na verdade, estava mais lúcido do que...

— Quer dizer que ele não estava a tomar lítio?

Mikkel cruzou as mãos e apoiou os cotovelos na mesa. Tinha olhos cinza-claros, quase transparentes.

— Passámos por várias fases em que testámos várias combinações de medicamentos.

— Eu não sabia isso.

— O Daniel pediu-me que o tratamento dele fosse assunto só nosso. E eu respeitei isso.

Hannah raspou os dentes sobre o lábio; sentia a boca seca.

— Mas mesmo antes da morte dele? Que medicamentos de estabilização é que ele estava a tomar?

Mikkel suspirou.

— Olha, tens de ver o quadro geral das coisas, é importante compreender o contexto. Mas sim, ele... antes do Natal começámos a fazer o desmame do lítio. O Daniel achava que o estava a fazer ganhar peso e que, além disso, o atordoava a ponto de mal conseguir funcionar. Primeiro, tentámos substituir por um tratamento combinado de olanzapina e sertralina...

— Cem miligramas?

— Cinquenta. Mas isso só agravou os efeitos secundários. Passado algum tempo, aceitei tentar fazer o desmame total.

Hannah deu conta de que estava a olhar para ele de boca aberta.

— Como assim? O Daniel debatia-se com doença bipolar grave, não se aguentava sem medicação.

— Com todo o respeito pela tua competência profissional e o que sabes sobre o teu irmão...

— A minha competência profissional?

Mikkel levantou as duas mãos, na defensiva.

— Eu só estou a dizer que não és psiquiatra e que nunca estiveste diretamente envolvida no tratamento do teu irmão.

Hannah bebeu mais café, um trago longo e a escaldar, e voltou a pousar a chávena no pires.

— Posso garantir-te que não há nenhuma relação entre... Ouve-me,

Hannah, quero explicar-te porque é que lhe tirámos a medicação.

— Partindo do princípio de que eu tenho a competência profissional necessária para compreender o que me vais dizer...

Mikkel inclinou ligeiramente a cabeça.

— Ei, és tu quem me está a pôr em causa e não o contrário.

Ela fitou a mesa, incapaz de o olhar de frente. No inverno passado, Mikkel tirara o irmão da medicação que tomara durante toda a sua vida de adulto. Menos de dois meses depois, ele pusera-se à frente de um comboio.

— Hannah, compreendo que é incrivelmente difícil perder o teu irmão desta forma, mas...

Hannah levantou-se e agarrou no casaco, tentou encontrar palavras para se despedir, mas não conseguiu. No fim, acabou simplesmente por voltar as costas e saiu do café, dando por si cá fora, no Værnedamsvej. Alguns passos depois, vieram as lágrimas. Limpou-as com as costas da mão e avançou ainda mais depressa, caminhando a passo determinado e célere pela cidade até alcançar a Kaalundsgade e o portão se fechar atrás de si.

*

Os pés de Liv marcavam o ritmo no caminho de gravilha, que a levava passo a passo na direção da charneca e para longe do sono. O ar estava carregado de névoa, as cores à sua volta eram turvas, como se também só agora estivessem a despertar. O truque era não ficar demasiado desperta antes de se pôr a andar, assim conseguia geralmente enganar o corpo. E, por norma, afugentava assim os seus pesadelos.

Ergueu os olhos para os tirar do trilho e continuou a correr. O céu lá no alto estava pesado de chuva; permitia pôr a existência em perspetiva. A cada passo de corrida ofegante, Liv ia-se libertando — ela não era uma vítima. Recitou as palavras para si mesma ao longo de todo o caminho até à costa e, quando parou na praia e ficou a observar a ondulação do Mar do Norte, Liv sabia que eram verdadeiras.

De volta à hospedaria, abrandou o passo e entrou no pátio ainda a correr. Bodil e Jesper, atarefados a varrer folhas, acenaram-lhe e gritaram alegres bons-dias. Liv parou nos degraus e fez alongamentos,

enquanto os observava a trabalhar. Iam usando a vassoura à vez, para depois enfiarem montes de folhas para dentro do carrinho de mão. De vez em quando, um dos dois sorria com alguma coisa que o outro dissera.

Imaginou Gert e Eva a encontrarem-se no museu, primeiro com curiosidade profissional, depois com paixão. Estariam apaixonados? Até que ponto era imaginável que o marido de Eva Madsen pudesse ter descoberto a relação e ter-se vingado de Gert? Se assim fosse, ainda estariam casados?

Seria talvez interessante conhecer o Sr. Madsen e ficar com uma ideia do tipo pessoa que era. Liv refletiu sobre até onde deveria ir para proteger o segredo de Eva. Em rigor, não tinha obrigação nenhuma de o manter confidencial, mas a ideia de o revelar a um marido que não desconfia de nada não era agradável. Teria de seguir o seu instinto.

Liv entrou no quarto e tirou a toalha do radiador, atirou-a para cima dos ombros e deixou-se cair na cama, com o telefone na mão, para arrefecer antes do duche.

O editor de Gert não respondera, por isso telefonou para a editora e pediu à rececionista que a passasse a Ulrik Høeg.

— Ele hoje não está. Posso passá-la a outra pessoa?

— Hum, não, obrigada, eu volto a tentar amanhã.

— Oh, lamento, mas acho que ele só volta daqui a alguns dias. Está de férias. Tem a certeza de que não há mais ninguém que a possa ajudar?

— Não, obrigada, mas poderia transmitir-lhe uma mensagem, por favor? Diga-lhe que estou a ligar para falar sobre a investigação do homicídio do Gert.

Quem sabe assim o editor respondia alguma coisa. Desligou e enviou um *e-mail* para Patricia, pedindo-lhe que verificasse se o manuscrito de Gert estava algures no apartamento do casal. Abriu então uma janela do *browser* e pesquisou *Eva Madsen, museu Vestervig*. Através da página de Internet do museu e do *Facebook*, ficou a saber que Eva era casada com Henrik Madsen, proprietário e CEO da Madsen Construction A/S. Tinham escritórios em Thisted, a meia hora de carro, e um sítio de Internet apelativo em que mostravam os seus projetos de construção, incluindo vídeos sofisticados filmados em câmara lenta e com *drones*.

Um dos projetos surgia em especial destaque. Sob o título *Casas de Férias de Lyngby*, via-se uma série de imagens simuladas por computador de um prédio de quatro andares aninhado numa duna à beira da água. Cada andar estava dividido em várias unidades, cada uma com a sua varanda e vista panorâmica — Liv contou quarenta e seis apartamentos no total. Com vista para o mar. O marido de Eva era muito claramente uma espécie de magnata do imobiliário. Até para o seu entendimento pouco treinado, parecia-lhe um negócio lucrativo — mas era sequer permitido construir tão perto da costa na Dinamarca?

Telefonou para a Madsen Construction e foi atendida por uma simpática secretária, que ouviu pacientemente o seu alegado interesse nas atividades da empresa. Sem mentir descaradamente, Liv soou mais ou menos como se fosse ela quem andava a escrever sobre a região.

— Teremos todo o prazer em recebê-la e oferecer-lhe um café — disse a secretária em tom alegre.

— Soa perfeito. Por acaso hoje vou estar em Thisted, dava-vos jeito?

— Bem, é uma pessoa ocupada, não é? Vocês lá em Copenhaga são sempre tão atarefados. — Riu-se afavelmente. — Vou só ver se o Henrik tem tempo para a acompanhar numa visita. Se não, eu própria o faço.

— Ótimo, passo por aí daqui a mais ou menos uma hora.

— Está ótimo. Até já!

Liv entrou na casa de banho a sentir-se um pouco envergonhada com a sua peta, mas também contente por estar a fazer as coisas andar para a frente. Sobretudo isto, decidiu, e ligou o chuveiro.

*

— A mãe pergunta quando é que a vais visitar. Não podes simplesmente dar lá um salto?

Nima observou a irmã a levantar tabuleiros de *sushi* vazios da mesa e a atirá-los para o caixote de lixo sob o lava-louça. Movimentava-se com eficiência, quase graciosamente, apesar ou talvez precisamente por causa da sua robusta envergadura. Daria sempre fora grande, mas agora, depois de dar à luz três crianças, estava no limiar de ser corpulenta. Não que isso parecesse incomodá-la; parecia à vontade com o corpo e com a vida. Os caracóis negros espiralados pendiam soltos à frente do seu rosto sério, um enquadramento alegremente

baloiçante.

— Sim, passo por lá um dia destes. Ela precisa que lhe leve alguma coisa?

— Se calhar mais alguns daqueles refrigerantes de dieta de que ela gosta. Tirando isso, hoje reabasteci-a com basicamente tudo. Queres que faça um chá?

Nima sinalizou que sim, e Daria começou a remexer na chaleira e nas folhas de hortelã. A cozinha da sua bonita casinha ressoava com guinchos e risos vindos dos quartos das crianças lá em cima. Visitar Daria e Morten em Humlebyen lembrava a Nima os sábados no coração agitado de Copenhaga. Quando saía e ia para casa, estava geralmente um tudo-nada sem fôlego.

Daria esquentou o bule, encheu-o com folhas de chá e água a ferver e trouxe copos e açúcar. Com uma expressão eloquente, fechou a porta para bloquear o ruído que descia pelas escadas abaixo e sentou-se à mesa.

— Muito bem, o que é? Que se passa?

— O teu irmão mais novo não pode vir almoçar contigo a uma sexta-feira... considerando que, de qualquer modo, trabalhas em casa... sem aches que alguma coisa se passou?

Daria revirou os olhos, serviu chá de hortelã nos copos e adicionou açúcar sem perguntar.

— Poupa-me, Nima, tu não apareces simplesmente quase sem avisar sem teres um bom motivo. Desembucha! Prometi aos miúdos que fazia desenhos com eles.

Nima levantou-se e tirou uma colher da gaveta dos talheres, mexeu o chá e ficou a ver o açúcar a rodopiar no fundo. Como neve nas montanhas turcas.

— Seja como for, quando é que começámos a falar dinamarquês um com o outro? Consegues lembrar-te? Foi no centro de refugiados em Sandholm?

Daria abanou a cabeça.

— Não, foi depois disso. Quando recebemos o telefonema sobre o pai. Depois disso, para mim passou a ser tudo em dinamarquês. Exceto com a mãe, é claro.

No início, a mãe estava ansiosa por aprender a língua e por se

integrar na sociedade dinamarquesa. Afinal de contas, não tinha país de origem nem marido a quem regressar. Nima lembrava-se dela a ver as notícias, noite após noite, com um dicionário no colo, a escrevinhar palavras e a tentar dizê-las com a língua atrás dos dentes da frente. Mas os danos físicos e emocionais apanharam-na antes de conseguir aprender a língua. Passado um ano, o dicionário foi para uma gaveta e nunca mais de lá saiu.

— Estou num pequeno apuro, Dar.

— O que é que fizeste desta vez?

Daria envolveu o copo com as palmas das mãos.

— Eu não *fiz* nada, só tive azar. Estava no lugar errado, à hora errada. Para de olhar para mim assim! — Bebeu um pouco de chá, esmagando açúcar entre os dentes. — Uma das clientes da garagem foi assassinada, uma senhora simpática, provavelmente ouviste falar do corpo que foi encontrado no bosque...

— O quê? Conhecia-la?

Os olhos de Daria arredondaram-se como dois pires.

— Ela foi deixar o carro na oficina pouco antes de ser assassinada. E agora a polícia não me deixa em paz.

— Mas tu não tiveste nada que ver com isso...

— Nada, credo! Nada!

— Então porque é que não te deixam em paz?

Em resposta, ele levantou a mão e apontou para a bochecha. Para a pele morena que tinham em comum.

— Nima, vá lá! — Daria revirou os olhos. — A polícia não anda a acusar pessoas com base na etnia. Se não tiverem provas contra ti, não tens nada a temer.

Nima suspirou. Os seus pontos de vista sobre a sociedade dinamarquesa divergiam de muitas maneiras e aquele assunto era fonte de eterno desentendimento entre eles. Daria ia vogando na crista das ondas que o faziam tropeçar.

— Preciso de te pedir um favor.

Ela fitou-o de semblante preocupado.

— O quê?

— Tanto quanto consegui perceber, a mulher foi assassinada na segunda-feira à noite. Podemos dizer-lhes que eu estava aqui?

A jantar contigo? Sempre tirava a pressão de cima de mim.

Daria ficou muito quieta, debruçada sobre o chá. Durante muito tempo, não disse nada. Era assim que se sentava em criança, quando faziam os trabalhos de casa no jardim, Nima recordou, e sentiu a mão do pai no pescoço. Não sentia na altura que fosse uma obrigação, ou pelo menos era assim que ele agora o recordava. Mas havia tanta coisa de que já não tinha a certeza.

— Tenho de pensar na minha família.

— Eu sou família, Dar.

Daria abanou a cabeça.

— Estás a pedir-me que minta e eu não quero.

Nima olhou-a, cravando profundamente os olhos nos dela. Duas esmeraldas, costumava dizer a mãe. Todas as mentiras que dissera por elas, tudo o que ele sacrificara. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Muito bem, assim ficamos a saber exatamente como são as coisas.

— Nima, não sejas assim!

A porta da cozinha abriu-se e Morten enfiou a cabeça para espreitar lá para dentro.

— Tenho uma videoconferência daqui a cinco minutos, podes ficar com eles?

Morten, que evidentemente reparou na tensão no ar, fitou um e depois o outro, confuso. Daria pôs-se de pé.

— Lamento muito, irmão.

— As coisas são como são. Obrigado pelo almoço.

Nima levantou-se e passou pela irmã, deu uma palmadinha no ombro de Morten e desceu os degraus da frente em passo de corrida.

Lá fora, na rua, estava o *Mustang*, a brilhar. Sentou-se ao volante e rodou a chave na ignição. O motor despertou com um rugido que fez a carroçaria vibrar e o volante tremer sob as suas mãos. Antes de arrancar, olhou para o telefone. Tinha apenas uma mensagem:

Gostaríamos de saber se o podemos visitar hoje em sua casa. Peço-lhe por favor que confirme o mais depressa possível. Cordialmente, Petter Bohm.

— Uma fatia de bolo?

Liv baixou os olhos na direção da caixa gordurenta em cima da mesa de reuniões, contendo um bolo meio comido com a forma de uma mulher, o rosto feito de guloseimas e cobertura de *chantilly*.

— O meu diretor financeiro faz hoje anos — explicou Henrik Madsen, começando a cortar-lhe uma fatia sem esperar por uma resposta.

Liv recebeu nas mãos um prato de papel cheio de bolo até à borda e depois observou enquanto o marido de Eva Madsen cortava uma fatia igualmente grande para si. Uma nódoa oleosa no fundo da camisa sugeria que não era a primeira dose do dia.

— Obrigada. E agradeço a sua disponibilidade para me receber.

— A minha secretária obrigou-me. Não, estou a brincar consigo. — Puxou uma cadeira e fez sinal para que ela fizesse o mesmo.

Liv sentou-se e experimentou a senhora-bolo, observando o CEO da Madsen Construction a mastigar com um pedaço de *chantilly* no canto da boca. Fazia-lhe lembrar, de muitas formas, o falecido Gert Linde, alto e entroncado, de traços rudes e barba encanecida. Mas era aí que acabavam as semelhanças. Enquanto Gert, conforme fora descrito a Liv, parecia ser uma pessoa emocional e conflituosa, Henrik parecia muito mais suave e amistososo.

Mas era só à superfície, concluiu rapidamente, porque, apesar de se esforçar claramente por parecer jovial, havia um véu acutilante no seu olhar.

— O seu artigo é para que revista? Acho que a minha secretária não registou essa parte. — Falava num dialeto tão cerrado que Liv teve de se esforçar para o compreender.

Deu uma dentada apressada no bolo e apontou para a boca, em jeito de pedido de desculpa, ganhando tempo enquanto mastigava.

— Oh, hum, não é propriamente um artigo. E, na verdade, não sou eu quem vai escrever, é um jornalista chamado Gert Linde.

— Não compreendo... — Ele reparou no *chantilly* e limpou rapidamente a boca com um guardanapo de papel, como se aquela pequena perda de controlo o deixasse envergonhado. — O Gert morreu.

— Sim, e estou a ajudar a polícia a investigar o que poderá ter

levado ao seu homicídio. Peço desculpa, se calhar a sua secretária percebeu mal... conhecia-o?

Henrik parecia estar a pensar se seria razoável mandá-la dali para fora.

— Por estes lados toda a gente conhece toda a gente. Eu e o Gert andámos na mesma escola primária em Bedsted e íamos às mesmas festas quando éramos rapazes. Mas isso foi há muitos anos. Quando os ABBA estavam no auge da carreira... se calhar nem sequer ouviu falar deles. — Piscou-lhe o olho, mas não parecia especialmente amistoso.

— Mantiveram o contacto?

— Não. Não desde que o Gert se mudou para Copenhaga.

Liv enfiou mais um pedaço de bolo na boca, saboreando a manteiga e o açúcar amarelo de encontro à língua.

— Mas a sua mulher e o Gert eram bons amigos, não eram?

— Dizer que eram amigos será se calhar um exagero. A Eva estava a ajudá-lo a orientar-se nos arquivos do museu.

Ele olhou-a nos olhos, calmo e firme. Poderia realmente estar a leste da relação, considerando a abertura com que a mulher falara no assunto? Ou será que sabia, mas simplesmente não achava que era da sua conta?

— Nunca estava presente quando a sua mulher se encontrava com ele?

— Não, as coisas não eram assim. — Voltou a limpar a boca com o guardanapo de papel, apesar de ter acabado de comer há muito. — Eu sei que não devemos falar mal dos mortos, mas o Gert sabia ser um bocadinho pretensioso.

— Como assim?

— Achava que tudo era melhor em Copenhaga, não gostava de jogar andebol com o resto do pessoal, lia livros russos. — Atirou o guardanapo para cima da mesa. — O que quer dizer com *ajudar a polícia*? O que é que tem de fazer?

— Sou investigadora privada. A investigação estagnou, por isso estou a tentar encontrar algum elemento que permita pôr as coisas outra vez a andar.

— Nesse caso, parece-me que veio bater à porta errada. Como lhe disse, há muito tempo que não o via. Devem ter passado pelo menos

dez anos. — Olhou para o relógio. — Lamento, gostava de poder ajudar mais.

— As pessoas devem ter comentado o homicídio por aqui. Devem ter falado sobre o assunto em casa. Quero dizer, não é todos os dias que aparece morta uma pessoa que conhecemos.

— Oh, nós temos uma ideia bastante clara do que aconteceu.

— Ai, sim?

Ele expirou pelo nariz.

— O Jens Linde teve sempre um temperamento desagradável. Uma vez, partiu uma garrafa na cabeça do Kim, de Sylt, à porta do Woody's, em Thisted. E os dois irmãos andavam às avessas, não sei porquê.

— Não será normal entre irmãos?

Ele encolheu os ombros, olhando de novo para o relógio.

— Pois, se calhar são só as pessoas a falar. E agora receio bem que tenhamos de deixar a conversa por aqui.

Henrik ainda estava calmamente sentado, os dedos entrelaçados em cima da mesa à sua frente. Liv ficou com a clara impressão de que ele sabia muito bem que Eva e Gert se andavam a encontrar nas suas costas. Se tivesse conhecimento da relação, teria um sólido motivo para matar.

— Só mais uma coisa, se me permite. — Liv ergueu um dedo indicador. — O Gert estava a escrever sobre a região e o senhor está claramente a construir dentro de um parque nacional. Ele contactou-o para falar sobre isso?

— Não, não me parece que o Gert estivesse interessado nisso. — A sua expressão manteve-se firme; parecia ter decidido não piscar os olhos.

— É difícil obter autorização para construir num parque nacional?

Ele sorriu com modéstia.

— Não quando o projeto traz benefícios para toda a região, como é o caso do nosso. Não é difícil de ver aqui as vantagens. Para toda Thy. Em todo o caso, o local de construção fica em terras de charneca que são propriedade privada, não pertencem ao parque nacional propriamente dito.

— Quer dizer que o projeto tem apoio local?

— Oh, absolutamente! A nossa presidente da câmara, a Gertrud Andersen, tratou pessoalmente de obter o alvará de construção.

E, como sugeriu, não foi fácil. Teve de se pôr a caminho do parlamento em Copenhaga e Bruxelas para o conseguir.

Henrik tirou o telefone e olhou para o ecrã, de sobrolho franzido.

— Quando preveem construir mesmo as casas de férias?

— Primeiro temos de arranjar financiamento. — Empurrou a cadeira para trás e pôs-se lentamente de pé.

Liv reuniu as suas coisas.

— Bom, nesse caso, muito obrigada pelo bolo.

— Obrigado, *eu* — respondeu ele, sem levantar os olhos do telefone.

Chegados à porta, deu-lhe um firme aperto de mão acompanhado de um sorriso mecânico, saindo depois a passos largos pelo corredor fora.

Liv encontrou a saída sozinha e saiu para o parque de estacionamento no exterior do edifício da Madsen Construction. A luz era ofuscante, mas o ar fresco foi uma bênção depois do oxigénio recirculado dentro de portas. Parou junto ao carro e inspirou algumas vezes antes de entrar. A amante de Gert era casada com um magnata da construção civil que parecia zangado, mas tentava escondê-lo, e o seu editor fora de férias sem uma só palavra de aviso prévio.

Ligou o carro e tateou, em vão, à procura de uma garrafa de água. Sentia os dentes empastados e os dedos pegajosos. Mas que raio se estava a passar?

Capítulo Treze

Reinava um desalento especial nas ruas pedonais desertas, muito à semelhança do vazio existencial das estâncias turísticas italianas fora da época alta. Quando Liv saiu da Madsen Construction no início da tarde e se deslocou até ao centro de Thisted, ia com a vaga expectativa de que alguma espécie de pulsação a conduziria na direção certa. Era uma ideia tão difusa quanto irracional. A praça principal estava deserta, rodeada de lojas vazias e montras escurecidas. Se havia alguma pulsação, não era coisa que se pudesse ouvir. A vida por aquelas bandas era tão discreta que, por vezes, mais parecia invisível. Como uma tribo exótica cujos ritos e cuja língua ela tivesse dificuldade em decodificar.

A película pegajosa de bolo colava-lhe a língua aos dentes. Liv achou uma mesa no exterior de um café de uma cadeia de marca que havia na praça e sentou-se, pediu uma *Coca-Cola* a um empregado eficiente de aparelho nos dentes e boné de pano na cabeça e abriu a aplicação de *e-mail* no telemóvel. Patricia Linde respondera a dizer que não havia nenhum manuscrito no apartamento. Liv praguejou, exasperada. Teria adorado saber o que Gert escrevera sobre as casas de férias.

O empregado pousou na mesa um grande copo de *Coca-Cola* com gelo e ela bebeu-o tão depressa que sentiu pontadas nos dentes da frente. Voltando a pôr o copo na mesa, perscrutou a praça desolada. Só estava ali há dia e meio e já despontavam duas possíveis pistas: a venda da casa de infância dos irmãos Linde e o caso amoroso de Gert. Como era possível que tivessem passado ao lado de Petter?

Se calhar devia passar pelo bar onde Jens, ao que parecia, terá passado a noite antes do homicídio, observar com olhos de ver o seu álibi. Por falar em álibis, Henrik Madsen parecia uma pessoa expedita, um homem influente e com certo estatuto na comunidade local. Adoraria saber onde estava na manhã em que Gert foi morto.

— Olá, Liv. Há tanto tempo.

Liv encolheu-se. Uma vaga gelada espalhou-se dos dentes até à testa, descendo depois pela nuca. Teria reconhecido aquela voz em qualquer lado. Levantou os olhos. Ele não mudara nada desde a última vez que se viram, mas parecia maior, de traços mais rudes.

Martin «Malle» Johnsson, o seu antigo colega, e o homem que lhe alimentava os pesadelos.

— O que te traz por estas bandas? — Puxou uma cadeira e sentou-se.

A mesa vacilante de metal abanou quando ele pousou os cotovelos.

— Podia fazer-te a mesma pergunta.

— Andava nas redondezas a interrogar uma testemunha por causa de um caso de agressão. Nada de grave, afinal. — Ele encarou-a. — Achei que te tinhas mudado para Copenhaga?

— Vim só visitar familiares. O meu tio vive aqui em Thisted — mentiu, sustentando-lhe o olhar.

Ele coçou o queixo, com um sorriso irónico.

— Mas que conveniente.

— Que queres dizer com isso?

— O facto de teres família por aqui. Nunca falaste neles quando trabalhámos juntos.

— Há muita coisa que nunca te contei, Malle. E que não contei a outras pessoas sobre ti.

— Cuidado, Liv Jensen. Cuidado! — Falou sem levantar a voz. Limitou-se a estender a mão por cima da mesa e a pegar-lhe no copo, rodou-o para ficar de frente para o sítio de onde ela bebera e bebeu um gole. Suspirou de satisfação e voltou a pousar o copo. — Achei que tínhamos concordado que ias deixar de meter o nariz onde não és chamada. — Malle riu-se indolentemente. — Merda de aspirante a Lisbeth Salander.

Ela engoliu a náusea que se erguia ominosamente desde o estômago e apertou as mãos contra as coxas debaixo da mesa para não lhe atirar o copo à cabeça.

— Se calhar o melhor é pirares-te outra vez para a cidade grande, onde o Petter pode tomar conta de ti.

Levantou-se, arrumou devidamente a cadeira debaixo da mesa e foi-

se embora na direção da rua principal e do porto.

Liv ficou a vê-lo ir, com um ardor na garganta. O sacana do Malle Johnsson! Sentia picadas nos olhos e as mãos tremiam-lhe no colo. Sentia exatamente o mesmo que há três meses. O que sentia era ódio.

*

Hannah espremeu o pano embebido em água com sabão e passou-o pela prateleira vazia do armário da cozinha, alcançando os cantos que ninguém limpava há anos. Passou o pano por água e repetiu o procedimento, esfregando o pó e as manchas de gordura com movimentos enérgicos, deixando a superfície secar para depois voltar a pôr as latas e os pacotes de farinha no sítio.

— Ontem viste a polícia lá fora? — Jan estava de pé junto à porta, apoiado na bengala. — Acho que entraram na oficina.

Hannah não respondeu.

— Sabes o que andavam para lá a fazer?

Ela emitiu um *hum* neutro. As tentativas do pai para fazer conversa não eram bem-vindas. Por sorte, o seu silêncio e as costas voltadas não tardaram a mandá-lo em retirada de volta para a sala de estar, fechando a porta.

Descalçou a luva de borracha e tirou o telefone do bolso de trás. Percorreu a lista telefónica até encontrar o número do hospital, telefonou e pediu para falar com o diretor.

Milagrosamente, passaram a chamada.

— Jørgen Villefrance. — Era uma voz escura e agradável. Como ameixas em vinho Madeira e fogo na lareira.

— Bom dia, Jørgen, sou a Hannah Leon.

— Olá, Hannah. Conhecemo-nos no funeral do seu irmão.

— Oh, estou a ver. Peço desculpa, mas não me lembro de grande coisa desse dia. — Atirou a luva para dentro do lava-louça e encostou-se à mesa da cozinha.

— Fico contente por ouvir a sua voz. Na verdade, estávamos a contar que poderia querer conversar connosco depois da morte do Daniel.

— Na altura não nos sentíamos ainda prontos para isso. Mas agora tenho uma pergunta sobre o tratamento do meu irmão. Estive a conversar com o Mikkel Felding, que me disse que fez o desmame da

medicação do Daniel por volta do Natal. Tinha conhecimento disso? É que a família não tinha.

Silêncio no outro lado da linha.

— Parece-me ser informação relevante. Especialmente tendo em conta o suicídio.

Hannah ouvia-o respirar. Quando, por fim, respondeu, a sua voz era surpreendentemente amável.

— Em primeiro lugar, deixe-me garantir que, evidentemente, vamos partilhar com a família todas as informações disponíveis sobre o tratamento e a morte do seu irmão. Tudo o que nos interessa é garantir que percebam integralmente o que esteve na base das nossas decisões e se quiser apresentar queixa, estamos à sua disposição para ajudar.

Ela estava prestes a protestar, mas conteve-se.

— Obrigada.

— E, sim, eu sabia da estratégia do Mikkel e apoio-a a cem por cento. — Soltou um pequeno suspiro de lamento. — Teríamos tido todo o prazer em informar-vos sobre o que se estava a passar, mas o Daniel opôs-se. Nenhuma outra pessoa tinha procuração, por isso não havia nada que pudéssemos fazer.

— Compreendo. — Hannah esfregou os olhos e deu conta de que a luva devia ter uma abertura por onde passara água com sabão.

— Como sabe, o seu irmão foi tratado com diversos tipos de fármacos psicoativos ao longo da maior parte da vida adulta. Mas, e seguramente também se apercebeu disso, também havia períodos em que não estava medicado. Os primeiros três ou quatro anos de casamento, por exemplo.

Jan entrou na cozinha e abriu o frigorífico sem olhar para Hannah. Ofendido. Provavelmente devia explicar-lhe que não estava zangada, apenas frustrada, mas para já limitou-se a entrar na velha oficina de molduras e fechou a porta para que não houvesse hipótese de ele ouvir a conversa.

— Sim, o Daniel conseguiu lidar com a doença durante breves períodos sem medicação, mas isso foi *antes* de assassinar a ex-mulher. — Dirigiu-se para a janela e pôs-se a olhar para o pátio.

— Encarceramento não tem de significar estagnação. O seu irmão

progridiu a passos largos durante a estada no hospital...

Sim, pois, avançou a passos largos para a frente de um comboio, pensou Hannah, mas contentou-se com um suspiro pesado, para que o diretor não tivesse dúvidas sobre qual era a sua opinião.

Ele ignorou.

— Especialmente nos últimos dois meses. Parecia mais robusto. Os intervalos entre os períodos maníacos estavam a tornar-se cada vez mais longos, estava a reagir positivamente à terapia e voltou a ler livros. Parecia estar a relacionar-se com a vida. Foi por isso que o Mikkel fez o desmame, além de que os efeitos secundários eram cada vez mais incómodos para ele. Ele não tinha tendências suicidas. Muito longe disso, estava a aguentar-se bem. Socialmente também. Até tinha arranjado alguns amigos entre os outros doentes.

Enquanto ouvia a voz paciente do diretor, Hannah tinha cada vez mais dúvidas. Não estava apenas a defender-se a si mesmo e ao pessoal, percebia isso na sua voz. Também estava, de uma forma muito empática, a tentar dizer-lhe que não havia nada que pudesse ter feito para salvar o irmão.

Infelizmente, Hannah temia que ele não tivesse razão. Havia três pessoas na vida de Daniel com quem ele contava incondicionalmente — a mãe, Penelope e Hannah. Daniel não precisava de mais nada. Quando Penelope foi morta, perdeu as três. E não conseguira sobreviver a essa perda.

— Gostava de ter uma cópia do processo, por favor. Como familiar, tenho o direito de o consultar.

Outro momento de hesitação. E então o diretor clareou a garganta.

— Vou tratar de organizar isso. Vai demorar alguns dias e depois receberá uma mensagem no seu *e-mail*.

— Obrigada. Disse que ele fez amigos. Quem eram?

— O Daniel fazia parte de vários grupos de terapia ocupacional quando começou a ficar mais funcional e envolveu-se na biblioteca da prisão. Dava-se bem com o bibliotecário, o Legart Jørgensen.

— Quem é ele? — Hannah esfregou os olhos, ainda ardiam.

O diretor emitiu um *hum* em voz baixa, como que a ponderar as palavras.

— Sem cometer nenhuma indiscrição, eles eram uma combinação

estranha. O seu irmão era muito dotado, é claro, e o Legart é... diferente.

— Quer dizer que era lento?

— Fiquemo-nos pelo diferente.

— Qual o motivo para estar internado?

— Não posso dar pormenores sobre as histórias criminais dos nossos doentes.

— Não, é claro que não. — Hannah pressentiu que ele estava a preparar-se para terminar a conversa. — Posso ir aí falar com ele?

— O Legart já não está ao nosso cuidado. Saiu em liberdade condicional em maio. Tanto quanto sei, está bem.

— Onde posso encontrá-lo?

Ele hesitou.

— Ainda não percebi bem por que motivo o meu irmão se suicidou. E agora diz-me que tinha um amigo. Pode ter desabafado com ele.

Ouviu Jørgen Villefrance a vasculhar em pedaços de papel do outro lado da linha.

— Não lhe posso dar a morada dele, mas arranjámos-lhe um emprego de acordo com as suas necessidades, num café de Valby, onde acho que faz turnos aos fins de semana. Vou pedir à minha secretária que o contacte a pedir autorização para lhe dar o nome do sítio. Mas se aceita um conselho, não se encontre com ele sozinha.

— Porque diz isso?

— Confie em mim, é melhor assim.

*

O verdadeiro destino da viagem de Liv a Thisted, o Crown, revelou-se um bar antiquado no centro da cidade, na esquina da Storegade com a Havnestræde. Daquele género com traves de madeira na fachada e janelas coloridas de vidro de chumbo. Ao que constava, teria sido ali que Jens Linde passara a noite antes do homicídio do irmão mais novo, a dormir num dos bancos almofadados. Empurrando a porta para dentro, Liv foi recebida pelo som de música *country* acerca de um coração destroçado e com a visão de um casal a dançar em frente de uma *jukebox*. O homem baloiçava a mulher sob o seu braço, envolvendo-a num abraço, e estavam a rir-se como se fossem as únicas pessoas presentes — não apenas na pista de dança, como também no

mundo.

Atrás do balcão de mogno estava um empregado já com uma certa idade, de costas voltadas e a remexer na caixa registadora, mas, tirando ele e o casal dançante, o estabelecimento estava vazio. Entrou e sentou-se num banco alto ao balcão, ao que o empregado se virou e lhe acenou.

— E o que vai a senhora desejar?

— Aqui a senhora vai querer um refrigerante. De uma garrafa, não essa coisa tipo xarope.

Ele pôs um copo com gelo em cima do balcão e sorriu, revelando um bem-disposto dente da frente de ouro.

— Nesse caso, limonada. Que devo pôr lá dentro?

— Nada, bebo-a pura.

O homem virou-se e pescou uma garrafa para fora de uma gaveta refrigerada. Liv observou-o. Alguém deve ter telefonado a Malle Johnsson a dizer-lhe que ela estava na Jutlândia do Norte. Um dos colegas de Petter, de certeza — não eram assim tão poucos os que não viam com bons olhos a sua relação próxima com Liv.

E Malle fizera o caminho todo de Aalborg a Thisted só para a assustar. Uma vez mais. A sua simples presença desencadeara uma reação física, um aperto dos vasos sanguíneos e peso no peito. Mas não podia deixar que isso agora a atormentasse.

O empregado do bar pousou uma garrafa de limonada ao lado do copo, segurando-a por um instante. Parecia uma reprimenda.

— Queria fazer-lhe uma pergunta. — Liv olhou para os dois lados, ao longo do bar vazio. — Quer dizer, a menos que esteja muito ocupado.

Ele encolheu os ombros, claramente pouco impressionado com a ironia.

— Há três anos, um dos seus clientes habituais dormiu aqui no bar. O Jens Linde. Lembra-se disso?

Liv verteu limonada para dentro do copo, tentando manter o contacto visual ao mesmo tempo.

— Muitos dos nossos clientes vivem longe. E nem sempre estão em condições de conduzir até casa depois de uma noite em grande. — Espetou o dedo mindinho no ouvido e torceu-o lá dentro.

— Quer dizer que o Jens Linde já cá ficou mais do que uma vez?

O empregado voltou a cabeça na direção da porta.

— Porque não lhe pergunta pessoalmente?

Liv virou-se e viu Jens a vir na sua direção. Acenou ao empregado com a cabeça e sentou-se no banco ao lado dela. O ténue odor frutado de champô de supermercado e as calças de ganga limpas disseram-lhe que era o tipo de pessoa que facilmente passava de uma bebida rápida no fim de um dia de trabalho a uma sessão que durava a noite toda. Olhou para o relógio. Não eram sequer três da tarde, mas, afinal de contas, era sexta-feira. Se calhar por aquelas bandas o fim de semana começava mais cedo.

—Olá, Jens, mas que bem.

Ele olhou-a de lado sem responder. Se a presença dela o apanhara desprevenido, escondia-o bem. O empregado virou-se, e Jens apontou para a bebida de Liv para pedir o mesmo. O homem enfiou um copo na máquina de gelo e colocou-o em cima do balcão.

— Que vodca é que vai ser?

— Hoje é *Stoli*, obrigado. Duplo.

O empregado verteu vodca para dentro de um copo, duas medidas, e depois completou com limonada. Jens lançou a cabeça para trás e esvaziou o copo.

— O que está a fazer aqui?

— Oh, achei que não fazia mal vir ver a sua toca habitual.

Jens lançou-lhe mais um olhar de soslaio e bateu com a unha no copo. O empregado serviu mais vodca e voltou a preencher com limonada.

— Vem aqui todos os fins de semana?

— Eu e o Gert costumávamos vir aqui em miúdos.

Liv analisou o interior castanho, o alvo de setas e a mesa de bilhar. Parecia um lugar que existia há eras, basicamente sem nada ter mudado.

— Quando vínhamos à cidade, três ou quatro vezes por semana. Eu estava a fazer a formação profissional e o Gert estava na escola secundária. Bons tempos, esses.

Pela primeira vez desde que chegou, ocorreu a Liv que Jens poderia estar a chorar a perda do irmão. É verdade que andaram de costas

voltadas durante anos, mas irmãos são irmãos, e as pessoas que testemunhavam todos os momentos da nossa vida eram insubstituíveis. Ou pelo menos era o que ela imaginava.

— Sente a falta dele?

O rosto de Jens contorceu-se numa careta que tinha tanto de desprezo como de amargura. A sensação esmoreceu logo que surgiu, um tique de emoções enterradas tão fundo que o seu dono já nem sabia que existiam.

— O Gert era um idiota.

— Diz isso porque ele não concordava em vender a quinta?

— Por causa de montes de coisas. O Gert era mimado, o rapazinho inteligente de olhos azuis da família, mas desperdiçou tudo isso. — Rodou a garrafa de limonada, estudando o rótulo no verso enquanto falava. — O nosso pai achava que era basicamente um disparate o Gert seguir pela via académica em vez de ir para a via profissional. Mas a nossa mãe insistiu, por isso deixaram-no ir. Só teve de prometer levar a coisa a sério, porque era o caminho que ele tinha escolhido. Mas não se dava ao trabalho de ir às aulas, começou a experimentar drogas e foi expulso.

— Mas isso não é bastante normal? A clássica rebeldia dos adolescentes?

Jens presenteou-a com mais um olhar que indicava que tudo aquilo era muito superior a ela.

— Se calhar vocês na cidade grande dizem que estas coisas são a rebeldia dos adolescentes, mas aqui chamamos-lhe outra coisa.

— Por exemplo?

Jens Linde suspirou e, quando estabeleceu contacto visual com o empregado, algo se passou entre eles que não precisou de palavras. Liv decidiu que o melhor seria limitar-se a ouvir.

— Está a ver aqueles entalhes? Debaixo do balcão?

Liv seguiu a direção do dedo que apontava para uma fileira de pequenas estrias na madeira perto do seu joelho.

— A fila de cima é do meu irmão, as que estão em baixo são do resto da malta da escola dele. Quantas filas há no total, seis ou sete?

Liv contou.

— Sete. O que significam?

— O meu irmão e os amigos da escola costumavam fazer um jogo quando vinham aqui beber copos. Competiam para apanhar raparigas e arrastá-las para as casas de banho e... bom, está a ver. —

Jens rodou outra vez a garrafa e começou a puxar o rótulo. — Fazia-se um entalhe por cada rapariga.

Liv passou os olhos pelos riscos na tinta. A prova visível das conquistas de um grupo de rapazes há quase quarenta anos. A maioria das filas tinha um punhado de entalhes; a de Gert tinha o dobro.

Ela encolheu os ombros.

— O Gert ganhou, estou a ver.

— Não tinham respeito por nada, moralidade nenhuma! E ele nunca melhorou nadinha.

— Como assim?

Jens derrubou acidentalmente a garrafa e apressou-se a endireitá-la. Limpou os pingos derramados com a palma da mão.

— O meu irmão continuou a agir como um idiota com as mulheres, apesar de se ter casado com uma das melhores que há.

Liv apontou para o copo dele.

— O mesmo?

— Muito obrigado.

Linde ergueu o copo para ela, mas bebeu sem esperar que Liv lhe devolvesse o brinde. Pousou o copo e limpou a boca com as costas da mão.

— Jens, posso perguntar-lhe diretamente uma coisa?

Ele fixou eloquentemente os olhos no copo semivazio, como que a mostrar-lhe que não era assim tão facilmente comprável. Liv insistiu, sem se deixar intimidar.

— Vendeu Hurup sem o consentimento do Gert?

Jens abanou a cabeça e riu-se para dentro, como quem percebeu as suas intenções.

— O meu irmão, no fim, acabou por se sujeitar. Concordou com a venda e posso prová-lo. Passe pela quinta e mostro-lhe uma coisa que a vai fazer mudar de ideias.

— O. K., vou fazer isso.

— Sim, venha.

Jens bebeu o resto de um trago.

Liv olhou para ele ali sentado, a embriagar-se cada vez mais. Será que a vida lhe dera mais pancada do que seria de suportar? Tirou o telefone e fotografou as estrias no balcão do bar. Pôs uma nota em cima da bancada.

— Bom, desejo-vos uma boa noite!

A *jukebox* começou a tocar mais uma canção *pop* de inspiração *country*, e Liv saiu para a rua, deixando a porta baloiçar atrás de si. Depois da escuridão do bar, a agressiva luz do dia doeu-lhe nos olhos e ela compreendeu, com um súbito clarão, por que motivo uma pessoa podia acabar sentada no banco de um bar, sem nunca ir para casa.

*

A polícia apareceu no porto cerca das oito horas da noite. Chegaram em dois carros, que, apesar da aparência neutra, se destacavam ali como duas aves raras, ao lado das carrinhas amolgadas dos residentes e do *Mustang* de Nima. Petter Bohm trouxera três colegas, dois à paisana e outro fardado, e os quatro representantes da lei lançaram um ambiente sombrio sobre a cozinha do rebocador.

— Há uma ou duas coisas que estou com dificuldade em encaixar.

Nima olhou para o inspetor sem dizer nada. Não era o tipo de afirmação que pedisse resposta.

— Por que raio é que a Marianne Dybdahl não saiu da sua oficina no carro em que chegou?

Nima pegou num maço de tabaco e acendeu um cigarro sem pedir licença. Afinal de contas, a casa era sua — e era ele quem ditava as regras.

— Não faço ideia de aonde ela foi, nem por que razão não levou o carro. Como já lhe expliquei, a Marianne apareceu pouco depois das quatro e voltou a sair meia hora depois. Tirámos o *Morris* do reboque, tomámos uma chávena de café e conversámos um bocado. E depois foi-se embora.

— Lembra-se do que conversaram?

— Não, não foi particularmente marcante. Sobre o carro, imagino eu.

Petter Bohm trocou um olhar com uma colega à paisana, uma mulher atarracada nos seus quarenta anos, de cabelo louro e olhos pintados com risco azul. Abrindo uma pasta, a mulher tirou lá de

dentro uma tira estreita de papel e pousou-a em frente de Nima. Uma sequência de fotografias tirada numa máquina de fotos tipo passe — reconheceu-as imediatamente. Um beijo despreocupado numa noite chuvosa na estação de Vesterport. Nima pensava que Marianne as teria deitado fora há muito.

— O senhor e a vítima já se conheciam?

Nima susteve a respiração.

— Porque não nos contou?

— Acho que não me ocorreu. Se tivesse achado que seria relevante, teria evidentemente mencionado.

Um canto da boca de Petter revirou-se num sorriso sarcástico que voltou a desaparecer numa fração de segundo.

— A amiga dela, a Lisa, confirma que o senhor e a Marianne se encontraram durante bastante tempo há cinco anos. O que o fez pensar que não era relevante?

Os lóbulos frontais de Nima explodiram num fogo de artifício de faíscas. Quanto lhes teria contado Lisa? Quanto saberia sequer?

— Não tivemos contacto nenhum desde então. Zero!

— E então, ela fez a marcação na segunda-feira?

Nima suspirou, resignado.

— Sim, trocámos mensagens sobre o *Morris*, mas só sobre isso. Deduzo que tenha lido as mensagens no telefone dela? Se não, pode dar uma vista de olhos no meu.

— Ela fez o pagamento adiantado da reparação? Em dinheiro?

— Os meus clientes pagam à cobrança. Quando recebem uma fatura. Eu mantenho a contabilidade de todos os meus trabalhos, se é isso que está a insinuar.

Fez-se silêncio. Era realmente impressionante que cinco pessoas num espaço tão pequeno pudessem estar tão silenciosas, pensou Nima, enquanto levava o cigarro aos lábios. O ritual — o calor, o fumo, o sibilo — faziam-no sentir-se em casa e acalmou-o um pouco.

— Está certamente a ver qual é o nosso problema?

O inspetor mantinha a expressão amistosa.

Pai e avô de alguém, provavelmente, marido de alguém, parceiro de *bowling* de alguém.

— Temos o carro na rua, a vossa história juntos e o facto de ter sido

a última pessoa a vê-la com vida.

Nima sentiu a pele eriçada no cimo das costas, em torno da espinha. Levantou-se, deu um passo e saiu para a coberta, para atirar o cigarro à água com um piparote. A beata caiu na escuridão e foi engolida. Voltou-se de novo para os agentes.

— Isto é um engano. Estão a desperdiçar o vosso tempo. Não estou a mentir ao dizer que não tive nada que ver com a morte da Marianne.

Petter Bohm assentiu na sua direção, bateu com as mãos nas coxas e pôs-se de pé. Os outros agentes mudaram de posição, inquietos.

— Muito obrigado pelo seu tempo.

Um a um, passaram pela porta, Petter foi o último. As suas palavras de despedida ainda pairavam no ar muito tempo depois de ele já ter desaparecido.

— Não saia da cidade! Vai voltar a ter notícias nossas em breve.

Nima ouviu-lhes os passos contra o casco de aço e os motores dos carros a arrancar, e soube que o porto inteiro estava a assistir. Não demoraria muito até a curiosidade lhes levar a melhor e um dos vizinhos vir fazer uma visita. Contudo, naquele momento, estava tudo silencioso, tão silencioso que Nima ouvia o seu coração cobarde a latejar-lhe na boca.

Estava lixado. Não era a primeira vez na vida que era interrogado pela polícia ou tratado como suspeito. Mas apesar de, desta vez, tudo acontecer na Dinamarca que faz tudo segundo os procedimentos, estava longe de se sentir tranquilo. Teria sido Lisa a dar à polícia as fotografias dele com Marianne? Se calhar guardara-as aqueles anos todos. Tanto quanto era do seu conhecimento, Lisa era a única pessoa que sabia da relação. Teria ela aberto o jogo com Adam? Tinha de lhe perguntar, tinha de ter a certeza.

Nima voltou a penetrar o ar da noite, enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o mar. Sentiu o telefone fresco contra a anca, recordando-o como estava sozinho. Teria dado tudo para poder telefonar ao pai. Algo lhe dizia que o pai teria sido capaz de varrer tudo aquilo como que por magia. Só Deus sabe, pensou, que já o fizera antes.

*

À medida que a sexta-feira ia chegando ao fim, Liv deu por si de volta à hospedaria, sentada à mesa de pinho com vista para as árvores do

jardim e para um prato de corações de galinha cozinhados num molho cremoso. Victor estava deitado debaixo da mesa, a resmungar no sono, e Bodil e Jesper acendiam a lareira — só para ficar mais acolhedor —, enquanto se ouvia música clássica na cozinha.

Malle Johnsson, Jens Linde, Henrik Madsen.

Passou o garfo para a mão direita e deu uma dentada na comida. Cresceu-lhe na boca, transformando-se numa bola seca que exigiu vários grandes tragos de *Coca-Cola* para conseguir engolir. A dentada seguinte foi mais pequena e mastigou-a exaustivamente antes de engolir. Não podia deixá-los pensar que lhe tinham dado a volta.

O telefone estava em cima da mesa, ao lado do prato. Therese observara várias vezes que era um hábito que teria de perder se queria manter uma relação com ela. Mas como Liv não tinha notícias dela desde segunda-feira, isso provavelmente já não era relevante. Liv desbloqueou o telefone e enviou uma mensagem a Petter a dizer que ia passar ali mais um dia, presumindo que isso não ultrapassaria o orçamento das despesas.

— Arandos? Tenho de dizer que não fui eu a apanhá-los, mas combinam bem com os corações. — A senhoria pousou um frasco à sua frente e Liv pôs obedientemente uma colher no prato.

— Obrigada, o jantar está ótimo.

— Nem sei onde consegue enfiar isso tudo! É o suficiente para nos deixar a todos verdes de inveja. — Bodil agarrou numa gordurinha da barriga e riu-se com gosto. — Ainda está a pensar voltar para casa amanhã?

— Na verdade, gostava de ficar até domingo, se fosse possível.

— Pode ficar quanto tempo quiser. Ficamos felizes por gostar deste nosso cantinho do mundo. E não hesite em perguntar se precisar de alguma recomendação de sítios para visitar.

Liv olhou para o molho de natas e analisou as suas opções.

— As casas de férias que estão a ser construídas no parque nacional...

— Um perfeito escândalo! Mas não tarda nada pomos fim naquilo. — Bodil cruzou os braços à frente do peito. — Está a circular uma petição que já reuniu mais de vinte mil assinaturas. Lyngby Strand é uma das praias mais bonitas e intocadas que temos, por isso há imensa oposição local. Consegue imaginar os danos que as casas de férias iam

provocar?

Liv deu uma dentada, deixando que o molho castanho lhe enchesse o corpo com uma sensação de bem-estar.

— É possível ver o local onde vão ser construídas? Está sinalizado?

Bodil ergueu as sobrancelhas.

— Sim, acho que está. Não fica longe das baterias que os alemães construíram durante a guerra. Mas não era propriamente essa a minha ideia quando lhe referi sítios para visitar por aqui.

— Só estava com curiosidade.

— Se quiser ver os *bunkers*, tem de ir de carro até Oddesund. Esses podem ser vistos por dentro e têm exposições de arte temporárias. Regelbau, acho que é esse o nome. Mesmo ao lado da Torre de Oddesund, antes da ponte.

— Vou fazer isso, obrigada. E obrigada pela refeição.

— Oh, e *tem mesmo* de visitar a igreja de Vestervig! — O seu rosto iluminou-se. — É simplesmente uma das igrejas mais encantadoras da Dinamarca. Muito antiga, com frescos muito bonitos. Está aberta durante o dia, pode ir de carro até lá.

Liv assentiu cortesmente.

— Sabia que houve um forte movimento de resistência aqui no noroeste da Jutlândia?

— Não, não tinha ouvido falar. — Liv alinhou a faca e o garfo num dos lados do prato.

— Bom, é tão jovem ainda, como haveria de saber. — Bodil levantou o prato e deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Os nazis instalaram-se aqui em Thy e construíram *bunkers* ao longo da costa, por isso as forças ocupantes estavam muito perto, o que era inevitável, é claro. Se calhar por isso mesmo a resistência era tão forte.

Os editores dos jornais publicavam revistas ilegais de apoio ao movimento e a gente comum sabotava os alemães e recebia armas dos Aliados. A igreja de Vestervig também participou na luta... é isso que a torna particularmente empolgante.

— Vou ver se não deixo de lá passar.

— Oh, sim, tem mesmo de ir. E diga-me se houver alguma coisa que possamos fazer por si, está bem? O Jesper não se importa de a levar a Thisted e voltar se precisar de ir à noite à cidade. Uma jovem assim

deve andar por aí a divertir-se e não ficar sentada em casa com dois velhos botas de elástico como nós.

Liv ficou a vê-la a lavar a louça, ainda sentada à mesa, enquanto olhava para a penumbra lá fora. Mal se lembrava de como era divertir-se, passara tanto tempo desde a última vez que tentara. Se calhar foi coisa que nunca realmente aprendeu, pelo menos não da forma que as outras pessoas entendiam a diversão. Dançar, álcool, conversas superficiais. Viu o próprio reflexo no vidro e, do outro lado, as copas das árvores no jardim, os seus contornos plasmados contra o céu enevoadado e esbranquiçado. O que estaria escondido lá fora, nas sombras, isso era mais difícil de ver. Liv estava a trilhar o seu próprio caminho.

Mendel Leon, setembro de 1943

A roda traseira da bicicleta está a ficar presa na proteção da corrente, chocalhando cada vez que gira o pedal. Mendel desce da bicicleta e empurra com os dedos para voltar a encaixar a proteção. Viajou o dia inteiro, primeiro de comboio de Randers para Thisted e agora de bicicleta. Até Vestervig são trinta e cinco quilómetros e ele prefere não atrair grande atenção. Consegue dobrar o metal o suficiente para libertar a roda e depois monta novamente. O Sol está baixo sobre o Mar do Norte, tingindo a charneca de ouro e prata. Esbugalhando os olhos, pedala com mais força. Os pneus estão gastos, mas não há tempo para os substituir. Não é sensato ser apanhado na rua depois de escurecer, e ainda tem de voltar para casa depois de falar com o padre.

Sabe bem andar por fora, recorda-se a si mesmo, e não por causa do ar ameno de final de verão ou por causa da bicicleta, que ele trocara por dois sacos de cabedal e uma carteira, quase novos em folha. Está realmente a fazer alguma coisa! Há por todo o lado rumores do que está para vir, mas o que é que as pessoas fazem para o contrariar? Até o vizinho permite que soldados dos batalhões instalados na costa venham à sua mercearia e levem produtos sem pagar. Achas que lhes podia dizer que não?, pergunta ele retoricamente, e Mendel não sabe o que dizer. Compreende os argumentos do vizinho, que não vale a pena fazer frente sozinho a uma força superior. Ser corajoso pode custar muito caro. A pena de morte! Mas qual é a alternativa?

Uma lebre atravessa a estrada, as orelhas estendidas para trás e as robustas patas traseiras totalmente esticadas. Mendel oscila por um instante, mas depois prossegue. O plano não está ainda totalmente delineado na sua cabeça, mas as circunstâncias obrigaram-no a agir. A situação no negócio é insustentável — as ameaças e a preocupação nos olhos de Ebba aumentam permanentemente. A barriga cresce sob o avental. São tão dinamarqueses como os outros, mas são tratados como sub-humanos. Não pode continuar assim.

Na sua última viagem de vendas a Copenhaga, três semanas antes, conversara com um velho conhecido que lhe falou de um padre húngaro que escondia judeus na cripta da igreja. Assim lhe surgira a ideia. O padre da igreja de Vestervig era conhecido pela sua coragem e por não ter medo de agir — porque não haveria de fazer o mesmo?

Celebrou os crismas dos sobrinhos do vizinho, e eles falam calorosamente da experiência de terem recorrido a esse padre. Um homem do mundo, é o que dizem, carismático e atencioso. O vizinho chega ao ponto de dizer que o padre é um grande homem, porque antes da guerra ajudou os agricultores locais a travar os planos da câmara local de confiscar terras agrícolas para fins recreativos. Afirma que o padre foi à junta de freguesia e lhes disse: «O que vai acontecer é isto» e assim foi.

Bom, chegou o momento de ver se ele faz jus à sua reputação.

Mendel ouve um carro atrás de si e desvia-se para a berma. São pouquíssimas as pessoas que conseguem arranjar gasolina naqueles dias — e os alemães são mais ou menos os únicos. O coração bate-lhe ao dobro da velocidade quando o carro passa ao seu lado e para. É descapotável e preto e, lá dentro, sentam-se dois soldados alemães fardados.

Mendel para e desce da bicicleta.

— Aonde vai? — Um deles fala dinamarquês, mas mal.

— Vou visitar o meu tio Mads.

Os soldados olham para a bicicleta e depois um para o outro.

— Está na rua tão tarde e ainda tem muito que andar.

Mendel sente o impulso de responder, de ser ousado e dizer-lhes que não têm nada que ver com o que faz ou não faz. Mas quando a única coisa que há entre nós e as armas deles é uma patética bicicleta, é difícil não optarmos por simplesmente desviar os olhos.

— Uma das vacas está a parir. Tenho de ajudar.

Os soldados analisam-no atentamente.

— Tire o chapéu!

Mendel tira o boné de pano e encara-os nos olhos. Tem o cabelo claro para um judeu, mas não pode fugir à sua fisionomia. Os soldados trocam um cochicho e depois voltam a fitá-lo. Mendel obriga-se a ficar ali parado, calmo, a não baixar os olhos e a não retorcer o boné nas mãos. Fica só parado. Espera.

Os soldados entreolham-se e voltam a sussurrar. E depois seguem

viagem.

Mendel observa o carro até o perder de vista. Volta então a montar a bicicleta e segue até à igreja de Vestervig. A roda está outra vez a bater contra a proteção da correia, mas desta vez ele não desmonta. Vai ter de a deixar chocalhar até chegar ao destino.

A SEXTA VISÃO

Graças à habilidade,
fará triunfar a perfídia.

O coração dele inchará de orgulho,
e levará à morte muita gente por traição:
levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes;
mas será esmagado sem intervenção de mão humana.
Espera-o do outro lado o seu castigo,
e a minha recompensa.

Sábado,
24 de setembro

Capítulo Catorze

Homens de capacetes cor de laranja martelavam alegremente o asfalto da Valby Langgade, gritando entre si por cima do ruído. Hannah contornou a barricada e aproximou-se do Café Sommerfugle a passo inseguro. Não combinara nada especificamente, mas Legart aceitara que o hospital informasse Hannah sobre o seu local de trabalho, por isso talvez não houvesse problema em aparecer.

A campainha em cima da porta tocou e um homem de cara redonda, careca brilhante e olhos castanho-escuros surgiu atrás do balcão com padrões de mosaicos.

— Olá, pode sentar-se, já vou atendê-la.

Hannah olhou em volta para o café meio vazio. Havia pessoas sentadas aos pares em mesas pequenas e pratinhos ovais à sua frente, ovos mexidos misturados com panquecas e fatias de salmão garridamente cor-de-rosa. Encontrou uma mesa junto à janela e ainda mal se sentara quando o dono chegou com um cardápio gigante.

— Está à espera de companhia? Pode beber um café por conta da casa enquanto espera. — Falava com um adorável sotaque cantado a que Hannah não conseguiu atribuir a origem. Centro-oeste, provavelmente.

— Obrigada, é muito amável, mas na verdade eu só queria saber se o Legart Jørgensen está a trabalhar hoje?

Ele sorriu, surpreendido.

— Está a lavar a louça.

— Acha que posso só ir lá cumprimentá-lo?

— Sim, claro, eu levo-a até lá.

Hannah levantou-se e atravessou o café atrás dele, até à cozinha minúscula onde dois cozinheiros vestidos de branco transpiravam sobre fogões acesos.

— É da câmara?

— Não. — Hannah desviou-se de uma frigideira de óleo e dónutes que soltava perdigotos. — É uma visita pessoal.

O dono conduziu-a para uma sala ainda mais pequena, onde havia duas máquinas de lavar industriais e uma zona de pias a transbordar de louça suja. Estava um homem junto ao lava-louça, a passar facas e garfos por água.

— Legart, tens uma visita. Podes tirar dez minutos.

O dono sorriu brevemente para Hannah e voltou para o café. Legart ficou a vê-lo sair, mas evitou os olhos dela. Era mais novo do que Hannah pensara. Mais ou menos da idade dela, tanto quanto conseguia perceber, as costas corcundas faziam lembrar as gárgulas de Notre-Dame. Grande e possante, têmporas altas e cabelo comprido e fino apanhado na nuca num rabo de cavalo.

— Olá, sou a Hannah.

Legart continuava a olhar para lá dela.

— Conhecemo-nos?

A sua voz era surpreendentemente leve, suave como a de um cantor, não combinava com o seu exterior rude. Havia um resquício de calor naquela voz, uma humanidade que não lhe encontrava nos olhos.

— Sou a irmã do Daniel Leon.

— O Daniel. — Virou-se de novo para o lava-louça. — Ouça, eu não posso ir a lado nenhum. Isto só se vai acumular.

Hannah aproximou-se dele com cautela. A um metro do lava-louça, havia uma janela em cujo parapeito se podia sentar; perto, mas não demasiado. Legart olhou-a de soslaio, inquieto, como se fosse ela a pessoa desajeitada e assustadora ali dentro.

— Permite-me que me sente aqui um bocadinho?

Ele assentiu bruscamente e abriu muito a torneira, afogando a tentativa de Hannah de dizer mais alguma coisa. Legart, por si só, estava a pô-la nervosa. Ele quase chegava ao teto baixo do café, movimentando pilhas de pratos com mãos do tamanho de gofreiras.

— É verdade que era amigo do meu irmão? Foi o que me disseram no hospital.

Hannah tentou soar serena, mas percebia na sua voz que não estava a consegui-lo inteiramente.

Ele debruçou-se sobre o lava-louça para apanhar um monte de

talheres com as suas mãozorras enormes, mas não respondeu.

— Legart, eu peço desculpa por aparecer aqui assim do nada, mas a verdade é que não tive muito contacto com o Daniel no último ano. Só quero saber como é que ele estava mais perto do fim. Por favor, pode ajudar-me?

Legart encheu um tabuleiro de plástico com pratos e colocou-o na máquina, limpou as mãos ao avental e falou sem olhar para ela.

— Falámos muito sobre si.

— O. K.

Hannah sentiu-se inesperadamente envergonhada com a ideia de Legart poder saber coisas pessoais sobre ela.

— Ele disse que vocês se distanciaram.

Hannah sentiu a faca a torcer dentro da barriga.

— E que estava inocente, mas ninguém acreditava nele. Nem sequer a própria família.

Hannah estava prestes a disparar autojustificações, mas renunciou. Não devia explicações a ninguém, e seguramente não a um perfeito desconhecido.

— Como é que vocês se conheceram?

— Eu trabalhava na biblioteca, basicamente porque era fácil.

O Daniel ia lá requisitar livros. — Legart abriu a torneira e passou os dedos por água, um a um, sob a água corrente. — Ajudou-me a ler melhor e escolhia livros para mim.

— Ele fez o mesmo comigo quando éramos pequenos.

— Pôs-me a ler *A História Interminável*. Sobre o Bastian e o Atreyu...

Ela sorriu-lhe.

— E a Imperatriz Criança. Como é que se chamava o dragão?

— Falkor.

— Falkor, é isso. O Daniel adorava essa história.

Desligou a torneira e secou minuciosamente os dedos com um pano da loiça.

— Gostávamos das mesmas barras de chocolate. *Snickers* e *Bounty*; saíamos à vez para ir comprar e depois partilhávamos e ficávamos a ver um filme juntos.

— Eu e o Daniel também costumávamos comprar barras de *Bounty* juntos.

— As de chocolate preto? — Os seus olhos saltaram na direção de Hannah, apesar de não ter levantado a cara do lava-louça.

— Sempre as de chocolate preto.

Hannah esperou até ele encher mais um tabuleiro e voltar a ficar quieto.

— O Mikkel Felding disse-me que o meu irmão deixou completamente de tomar a medicação dois meses antes de morrer...

— Ele recebeu uma visita. Lembro-me de que foi em dezembro. As decorações de Natal estavam todas postas. — Legart falava baixo, dirigindo as palavras para o lava-louça. — A partir daí, disse que já não queria tomar a medicação.

— Uma visita?

Legart levantou os olhos, encontrando os dela pela primeira vez.

— Ele não queria falar sobre o assunto, mas eu percebi que o tinha afetado.

— E sabe quem era?

A máquina de lavar apitou. Legart tirou um tabuleiro a fumar e pôs o outro sujo lá dentro.

— Não. Mas o guarda disse que a visita era uma mulher, por isso achei sempre que tinha sido você.

*

Liv acordou com um grito meio asfíxiado, a respirar com arquejos arrítmicos até se lembrar do sítio onde estava. A luz do dia esgueirava-se sob a cortina e, quando puxou a colcha floral até ao queixo, sentiu a pressão atrás dos olhos secos. *Não é vergonha nenhuma chorar quando nos dói*, dissera o avô enquanto corria pacientemente atrás da bicicleta de criança, largava a pega de empurrar e ficava a vê-la tombar para o lado. *As lágrimas são veneno, tens de as tirar cá para fora*. Mas Liv não chorou.

Saiu da cama, do pesadelo que a atormentava nos últimos três meses, lavou os dentes, tomou um duche rápido e decidiu prescindir do pequeno-almoço para sair porta fora mais depressa. Apenas o ar fresco e o céu aberto lhe poderiam aliviar aquela sensação sufocante. Atravessou pé ante pé a hospedaria e saiu para o pátio, pelo que às oito da manhã já estava no carro a seguir para norte.

A charneca estendia-se à sua volta como um segredo envolto em

nevoeiro. Ainda hoje, a névoa continuava a transformar a paisagem numa lenda popular, onde *trolls* vivem sob as rochas e as neblinas junto ao chão. Uma garça-real voou baixo sobre a charneca e um grupo de cabritos-monteses pastava ao longe. Liv não se lembrava de alguma vez ter estado num sítio tão belo. Já sentia a respiração um pouco mais solta.

Virou para uma estrada de asfalto irregular que atravessava o parque nacional, passando por valas de drenagem e floresta mista. A paisagem era saturada, as cores chamejavam. Lyngby, em si, era um pequenino enclave de casas de tijolo e madeira, com uma loja de esquina abandonada em que, do lado de fora, se via o clássico póster de um senhor cheio de sede. Ali parecia tudo tão deserto como em Agger. As velhas cabanas de pescadores haviam sido convertidas em casas de férias para turistas com dinheiro suficiente para comprar a proximidade com a grande natureza durante algumas semanas por ano. Do lado de fora de um antigo posto de emergência, as familiares bandeiras em cruz da Dinamarca nos portões, estava um canhão antigo.

Quando já não pôde avançar mais, estacionou o carro e seguiu pelo caminho que atravessava as dunas altas. As suas vertentes estendiam-se para o céu nos dois lados e haviam sido colocados ramos para abrandar a deslocação da areia. Um sinal triangular avisava os visitantes de que, se quisessem nadar, seria por sua conta e risco, e que podia haver espigões de ferro no chão. Algum despojo da guerra, se calhar. No outro lado das dunas, a praia desviava-se em declives suaves em direção às planuras fundas que faziam a ligação entre as unhas-de-gato e o mar.

A praia estendia-se, ininterrupta, para norte e para sul, desaparecendo na neblina. Mar e céu encontravam-se em todas as *nuances* de cinzento, e a brisa que chegava da água era tão densa que tornava a pele pegajosa e lhe fazia saltar lágrimas dos olhos. Liv voltou-se e começou a rir-se descontroladamente. Nada lhe limpava mais eficazmente o corpo e a alma do que o Mar do Norte, pensou, enquanto se inclinava de encontro ao vento. Ali, o mundo natural era tão vasto que as suas preocupações deixavam de importar.

Caminhou à beira-mar. A areia era grossa e húmida, e ela sentia os passos que dava, a custo, nas cavidades dos joelhos e atrás das coxas.

Enquanto avançava, ia espreitando as dunas, interrogando-se se o local de construção estaria sequer assinalado.

Aquele sítio estava basicamente deserto — não havia uma só casa que quebrasse o vento e nem uma só pessoa se vislumbrava. Duzentos metros mais adiante, no cimo da face íngreme da duna, uma fita de vedação vermelha e branca esvoaçava ao vento.

Liv encontrou um trilho e subiu até lá. A fita cortava o acesso a uma área de pelo menos cem metros quadrados e, quando se aproximou, ela viu uma placa com o logótipo da Madsen Construction. Voltou-se e olhou para a água. Aquele sítio tinha vista direta para o mar e para a charneca intacta lá atrás — não havia no mundo lugar melhor.

Caminhou com dificuldade pelas dunas para voltar para o carro, desta vez com o vento a soprar-lhe de lado no rosto, fustigando-lhe o rabo de cavalo atrás de si como uma flâmula. E se, por exemplo, um jornalista descontente de Copenhaga tivesse detetado alguma coisa duvidosa no alvará de um projeto desta dimensão — poderia isso ter conduzido à sua morte? Ter-se-ia ele transformado numa pedra demasiado afiada no sapato das pessoas que queriam lucrar com isso? Ou no sapato de uma pessoa em particular, que por acaso tinha contas pessoais a resolver com Gert, o homem que fizera dele o parvo enganado pela mulher? Henrik Madsen. Tinha de perguntar diretamente a Eva se o marido tinha conhecimento da relação.

Quando chegou ao carro, sentiu que a agitação da manhã desaparecera. Fazia-lhe claramente bem estar sozinha — não que isso fosse grande surpresa. Ou talvez fosse apenas a magia do Mar do Norte. Entrou no carro, agora protegida do vento, e ligou a ignição.

No caminho de regresso, a estrada serpenteava, passando por Lyngby e pela charneca, em direção a leste, até que pôde virar à direita, para a estrada costeira, e voltar a acelerar. Passados dois minutos, surgiu-lhe um carro no retrovisor. Instalou-se a cem metros atrás dela, mantendo a distância. Liv abrandou; o carro fez o mesmo. Ponderou parar, mas, vendo a paisagem desolada à sua volta, decidiu antes acelerar. Enquanto seguia para sul a grande velocidade, ia controlando o carro no espelho. Era branco, talvez cinzento, era difícil ter a certeza sob a luz da manhã. Qualquer que fosse a cor, era persistente, mantinha-se colado a ela mesmo quando passava os cem quilómetros por hora. Só quando viu que se estava a aproximar

de Vestervig o carro começou a ficar para trás, acabando por desaparecer. Ela abrandou, mas o carro não voltou a aparecer.

Passou a placa na entrada de Vestervig, baixou a mudança e limpou as palmas das mãos às calças. A igreja apareceu logo no lado esquerdo, Liv entrou no parque de estacionamento e saiu. Fechou a porta com força. Pousando uma mão no tejadilho, ficou por momentos parada a olhar para a estrada antes de subir o caminho de gravilha.

A igreja era grande e muito diferente da maior parte das igrejas rurais dinamarquesas, por fora geralmente caiadas e com telhados de telhas vermelhas, como as cores da bandeira dinamarquesa. Esta era severa, feita de pedras maciças e xisto argiloso, tendo-se transformado ao longo dos séculos com alterações e acrescentos. Deu a volta ao edifício até chegar a uma porta de madeira, que se abria com um pesado aro metálico. No interior, estava fresco e silencioso. Com um sentimento de culpa, foi pousando cuidadosamente os pés no chão, tentando não perturbar a paz daquele lugar.

As paredes estavam pintadas de branco e a luz jorrava pelas fileiras de janelas com pinázios sob o teto abobadado. Nos arcos, faixas de flores habilmente pintadas suavizavam a simplicidade, o altar e o púlpito coloridos tinham claramente a mesma intenção. Todavia, à primeira vista, a igreja parecia austera, como um avô taciturno a distribuir reprimendas e gomas ácidas aos paroquianos.

Liv deambulou pela igreja, passando por colunas caiadas, olhando para as paredes. Havia lajes de pedra esculpidas com inscrições góticas, placas memoriais e desenhos de crianças com cores alegres que iam descorando sob o sol. Num canto, atrás dos bancos, quatro fotografias em preto e branco, com cinquenta por trinta centímetros, estavam penduradas em elegantes molduras de latão, protegidas atrás de um vidro. Um papel escrito à máquina no fundo de cada moldura explicava quem estava em cada fotografia.

1958: inauguração do novo altar, dizia sob a fotografia; noutra, 1946: o padre da paróquia recebe a Cruz de Cavaleiro pelas mãos de Sua Majestade Christian X, e depois 1966: o padre da paróquia preside ao batismo do seu filho mais novo.

O texto sob a fotografia mais em baixo levou Liv a debruçar-se e ler duas vezes. Mostrava um padre de cabelo branco com uma mulher aproximadamente da mesma idade. Foram imortalizados num duplo

aperto de mão, os rostos voltados para a câmara e os dentes expostos em grandes sorrisos.

1979: *feliz reencontro com a viúva Leon*, dizia a placa.

Liv voltou a ler o texto. Viúva Leon?

*

Se calhar era a hora do dia, ou talvez fosse apenas um golpe de sorte, mas Nima encontrou um lugar vago na Kronprinsessegade e conseguiu estacionar o *Mustang* mesmo à porta da Coleção de David, no número 30. O carro reluzia, captando a atenção contra as velhas casas de cores mate que se estendiam num dos lados e o parque bem tratado no outro. Vinha mesmo a calhar.

O museu estava instalado numa mansão de tijolo vermelho, entrando-se por portas duplas sob uma claraboia e letras douradas. Nima lera que a coleção fora criada no século anterior por uma empresária com dinheiro para gastar e também bom gosto. E isso via-se.

Aquele lugar tresandava a dinheiro antigo e a elitismo cultural de uma forma que era quase provocatória, pensou Nima, enquanto passava a porta e subia a escadaria curva. Ignorou as indicações que apontavam para a coleção islâmica e para as salas de mobiliário de mogno e dos quadros do Hammershøi, continuando até ao piso superior. Lisa dissera-lhe que subisse logo.

Acesso interdito dizia uma corda de veludo. Passou por cima e subiu o último lanço de escadas que conduziam ao corredor da administração. Abrindo a porta da zona de escritórios, olhou para as placas com os nomes. Na primeira porta à direita, viu escrito *Marianne Dybdahl*. Então era aqui que trabalhava.

Num reflexo, Nima rodou a maçaneta, mas a porta estava evidentemente trancada. Uns passos adiante, chegou a uma porta completamente aberta e leu a placa: *Lisa Harboe-Hvidkjær*. Quer dizer que ficara com o nome do marido.

Empurrou cautelosamente a porta. Num pequeno escritório mobilado com prateleiras de aço e atrás de uma secretária branca lacada, surgiu Lisa, sentada a trabalhar num computador. Tinha mudado drasticamente nos quase quatro anos que passaram desde a última vez que se viram. Ele lembrou-se do cabelo louro e das calças

de ganga preta justas, mas a mulher à secretária tinha uma barriga redonda enfaixada numa camisola de malha colorida encostada à borda da mesa. O cabelo castanho estava despenteado atrás, onde ela não conseguia ver.

— Olá, Lisa.

Ela levantou os olhos e, imediatamente, fez um sorriso rasgado.

— Nima! A minha alma está parva. — Levantou-se e puxou-o num abraço apertado.

Só então Nima percebeu que ela estava grávida.

— Oh, parabéns!

— Obrigada! — Agarrou-o pelos ombros, com afeto e familiaridade.

— Uma menina de Ano Novo. Estamos tão felizes! Deixa-me olhar para ti: estás exatamente na mesma, não envelheceste um dia!

— Não sejas mentirosa!

Lisa devolveu-lhe a gargalhada. Foi como se alguém o tivesse envolvido numa manta quente numa noite fria de inverno, lembrando-lhe o tempo em que se riam e passeavam juntos pela cidade.

— Senta-te naquela cadeira verde, podes tirar a carteira e pôr no chão. Queres alguma coisa? Café?

Nima recusou a oferta e sentou-se na cadeira. Entrelaçando os dedos, inclinou-se para a frente, apoiando-se nas coxas.

— É tão horrível o que aconteceu à Marianne...

O rosto de Lisa contorceu-se numa careta, as bochechas redondas comprimiram os olhos até restarem só duas fendas.

— Foi um choque enorme, estamos todos... — Virou-se de costas e ficou a olhar para uma pilha de papéis na secretária. Ficou assim sentada, quieta, durante cerca de trinta segundos e depois limpou as faces com as pontas das mangas de malha. — Estás bem? Vocês costumavam ser próximos.

Nima encolheu os ombros. Nunca chegara a contar a Lisa até que ponto tinham sido próximos. Não sabia se Marianne o teria feito.

— Foi há muito tempo. Vocês as duas continuavam boas amigas?

Lisa assentiu, como se ele lhe estivesse a falar de muito longe.

— É a primeira vez que venho aqui desde que recebi a notícia. — Bebeu um gole de água de uma garrafa que tinha em cima da mesa. O som de Lisa a engolir era como uma acusação naquela sala tão

pequena. — Eu e a Marianne se calhar já não nos encontrávamos tanto, mas continuávamos a ser boas colegas, amigas, de certa forma. Fazíamos ioga juntas.

Remexeu na gola da camisola, parecendo triste.

— A polícia veio interrogar-me. Foste tu quem lhes deu as fotografias tipo passe?

A cabeça de Lisa endireitou-se subitamente e ela olhou para ele cautelosamente, possivelmente com um toque de culpa.

— Não tem problema, Lisa, eu entendo. Só quero saber o que lhes disseste.

Ela piscou os olhos algumas vezes muito depressa. Estendeu-se para agarrar na garrafa de água, mas mudou de ideias a meio caminho e voltou a remexer a gola.

— Foi a polícia quem me mostrou as fotografias de ti e da Marianne, não sei onde as foram buscar. Que devia eu fazer?

Nima aproximou-se e apertou-lhe a mão, sorrindo-lhe.

— O que é que lhes contaste sobre nós?

— Só que se tinham conhecido em minha casa há cinco anos, que gostavam um do outro e que se encontraram durante algum tempo, e que não sei até que ponto foi sério. A verdade. — Fitou o canto do gabinete como quem recupera energias.

— Sabes se o Adam sabia sobre... nós?

Lisa abanou a cabeça.

— Mas há uma coisa, e eu disse isto à polícia: a Marianne não andava bem, percebi isso perfeitamente.

— Ela disse-te alguma coisa sobre o que se andava a passar?

— Não. — Pegou na garrafa de água e desenroscou a tampa. Desta vez, bebeu um grande trago, voltando a pousá-la antes de continuar. — Não queria falar sobre o assunto. Mas eu via que andava preocupada com alguma coisa. Na verdade, até pensei... — Fez um sorriso retorcido. — Bom, pensei que vocês andassem outra vez a encontrar-se.

Capítulo Quinze

A única maneira de lá chegares, Liv, é com a mente aberta.

Era o que o avô lhe dizia quando ela perdia a paciência pela milionésima vez com um *puzzle* ou com a harmónica, que simplesmente se recusava a tocar *Mary Had a Little Lamb*. *Deixa espaço para a dúvida, não é perigosa!* Estas palavras vieram à memória de Liv ao sair da igreja de Vestervig, mas sentia que havia demasiadas coisas que não sabia para que a incerteza pudesse tornar-se construtiva. Um jornalista fora morto três anos antes em Østerbro, e ali estava ela às voltas por Thy atrás de pistas como um cão a farejar os seus próprios gases.

Desceu o caminho até ao parque de estacionamento, deixando que o som dos próprios passos se sobrepusesse aos pensamentos.

O ritmo converteu-se numa música monótona, catártica — se calhar era a canção sobre a Mary e o seu pequeno cordeirinho. Havia um ponto de incerteza que, na verdade, ela acabaria por conseguir esclarecer.

Liv passou o carro e seguiu até à estrada principal. Era apenas cerca de um quilómetro da igreja de Vestervig e ainda sentia necessidade de se mexer e de permitir que o ar fresco lhe clareasse as ideias. Deixando o carro estacionado, começou a andar. O nevoeiro ainda era denso e húmido e cheirava a terra e folhas molhadas. De ambos os lados, estendiam-se os campos, numa planura em tons de castanho outonal, e andorinhas alvoroçavam-se para cima e para baixo sobre os taludes cheios de ervas junto à estrada. Apressou o passo, seguindo a estrada rumo a sul e saboreando o calor que se formava sob o casaco, em sintonia com a sua pulsação.

Ouviu um carro e olhou sobre o ombro. Era uma carrinha preta que passou por ela sem abrandar, mas o coração descompassou por um breve instante. Formaram-se-lhe gotas de suor no lábio superior e o coração começou a martelar-lhe contra as costelas. Quando chegou ao

museu, tinha a *t-shirt* encharcada. A porta girou nas dobradiças quando Liv rodou a maçaneta: a galeria estava aberta.

No espaço que dava para a estrada, reconheceu a exposição de arte da exibição privada e, mais adiante, a velha prisão. Não havia ninguém. Uma escadaria conduzia ao primeiro piso, onde os cartazes e as fotografias nas paredes amarelas contavam uma história sobre a severa vida de um pescador no Mar do Norte. Continuou a percorrer a exposição e logo se viu noutra sala de paredes azul-escuras e diante de mais uma seleção de fotografias, desta feita sobre Thy durante a Segunda Guerra Mundial. Os olhos de Liv pousaram numa fotografia dos *bunkers* de que a senhora da hospedaria lhe falara, perto de Oddesund, e nesse momento Eva Madsen entrou na sala. Estava novamente vestida de preto dos pés à cabeça, mas hoje trazia também um lenço de seda multicolor a envolver-lhe o pescoço.

— Pareceu-me ouvir alguém a andar por aqui. Olá, outra vez. — Eva dirigiu-lhe um sorriso frio. — Que bom termos conseguido seduzi-la a regressar ao museu. Tem interesse em história?

— Oh, hum... — Liv baixou a voz. — Na verdade, queria perguntar-lhe uma coisa. Uma coisa... pessoal.

Eva arregalou os olhos, virou as costas e dirigiu-se para a outra ponta da sala. Liv reparou num casal que subira entretanto para ver a exposição. Postaram-se lado a lado, vestidos com corta-ventos idênticos, a olhar para o modelo de um barco de pesca.

Liv aproximou-se de Eva, que estava diante de uma fotografia no extremo oposto da sala.

— Peço desculpa, penso que não ouviram nada.

Eva olhou por cima dela, para o casal, que se ia aproximando de ambas lentamente, e voltou a olhar para a fotografia.

— Esta é uma fotografia da nossa igreja, tirada em 1943. Vemos aqui como reformularam a cripta para abrigar refugiados.

Na parede via-se uma lúgubre fotografia em preto e branco com camas de campanha e sacos de lona sob um teto abobadado. Duas crianças de olhos escuros estavam sentadas numa das camas, a olhar para a câmara com uma expressão séria. Liv olhou para a imagem e depois para Eva.

— Eu não perguntaria se não fosse importante.

Eva abanou a cabeça, mas não foi claro se a negação se dirigia à

pergunta de Liv ou se seria uma tentativa de a obrigar a calar-se.
O casal dos corta-ventos chegou-se mais perto e parou ao lado delas.

— Estão a fazer uma visita guiada?

— Podem juntar-se a nós à vontade. — Eva sorriu-lhes e endireitou o lenço à volta do pescoço. — Durante a guerra, uma bateria de soldados, quase cento e cinquenta homens, estava instalada mais adiante, na praia de Lyngby, o que desencadeou uma enorme resistência entre a população local. Thy era um local de intensa atividade, embora os nossos políticos pareçam ter-se esquecido disso. Nos dias que correm, olham para nós como um lugar no fim do mundo.

Liv ouviu o casal fazer perguntas sobre as fotografias mais adiante e Eva responder com toda a satisfação. Passados alguns minutos, agradeceram e desceram para o piso de baixo.

Liv esperou até já não se ouvirem os seus passos.

— Ontem visitei a Madsen Construction.

Eva manteve-se de lado. A sua linguagem corporal não revelava nada.

— O Henrik mencionou que passou por lá.

Liv esperou, mas Eva não deu seguimento à conversa com perguntas suas. Era flagrantemente evidente que estava desagradada com a visita. Deve ter percebido por que razão Liv estava interessada no marido. Que o caso de Eva com Gert lhe dava um potencial motivo para o matar. Se tivesse tido conhecimento. Liv atirou ao alvo.

— Lamento muito se esta pergunta é indiscreta, mas ele tem conhecimento da sua...?

Eva baixou os olhos, talvez por confrangimento, ou possivelmente por outro motivo que Liv não conseguia bem identificar.

— Isso, sem dúvida, é um assunto privado.

— Nada é privado na investigação de um homicídio.

— Pensei que tinham encerrado a investigação?

Eva lançou-lhe um olhar penetrante, mas voltou a desviá-lo imediatamente. Relutância e vergonha em igual medida, ao que parecia.

— Mas ele sabe?

— Porque é que acha isso tão importante? — A sua voz revelava agora irritação.

Liv quase teve vontade de a abanar, mas resolveu explicar.

— Eu acho que, no lugar dele, me teria sentido bastante zangada.

Por fim, Eva virou-se para a encarar.

— E eu acho que a nossa visita chegou ao fim. Sabe o caminho para a saída?

*

O sol oblíquo incidiu sobre as pantufas forradas a feltro de Jan Leon pousadas no escabelo. Reclinava-se na cadeira de braços, com o dicionário de aramaico no colo e um bloco de notas a seu lado. Hannah fechou um pouco as cortinas para que a luz ofuscante não o incomodasse, mas ele nem reparou, limitou-se a avançar uma página ou duas e escrever uma palavra no bloco, que logo em seguida rasurou.

— Está tudo bem, pai?

— Sim, sim, estou só a ser burro. É evidente que aqui não diz *escorpião*, mas sim *cobra*. Por isso, fica assim: *A cicatriz no seu peito serpenteia como uma cobra, revelando a sua verdadeira natureza*.

Hannah sentou-se no sofá e abriu o portátil. Quem fora visitar Daniel antes do Natal?

Em cima da mesa de apoio estava uma chávena de café a fumer. Ela tomou um trago e enrolou as pernas debaixo do corpo. Tinham-lhe concedido acesso ao processo clínico de Daniel, e podia entrar no sistema com a sua identificação digital e dar uma vista de olhos nos documentos. Numa primeira análise por alto, o seu perfil parecia bastante normal, agrupado por hospital e ordenado por ordem cronológica, começando pelos registos mais recentes. Mas quando se começava a andar para baixo, percebia-se claramente a extensão do seu historial clínico. Internamento atrás de internamento, ficheiro atrás de ficheiro.

Um desconforto instalou-se-lhe no peito como um nó. É um caminho pedregoso, o de amar uma pessoa que se matou.

Abriu um registo de vinte e quatro horas do centro de alta segurança, com data de seis meses antes do suicídio — exatamente o período em que Mikkel Felding começou a tirar a medicação de

Daniel.

O doente passou a noite sem soporíferos pela primeira vez em duas semanas e, segundo o próprio, teve uma noite tranquila. Sem acessos afetivos durante a conversa, com respostas completas e relevantes a todas as perguntas. Estado de humor neutro, o envolvimento formal e emocional é bom e não apresenta sinais de psicose.

Leu o relatório por alto e fechou-o. Abriu outro, escrito duas semanas depois, e leu algo semelhante. Os relatórios haviam sido escritos por dois enfermeiros diferentes, cuja experiência com Daniel batia claramente certo com a de Mikkel Felding. Ao que parecia, o irmão estava a sentir-se bem no período em que não tomou a medicação. Os últimos meses antes de acabar com a própria vida.

Hannah encontrou a última entrada deste ficheiro antes do suicídio e abriu-a. Um apontamento de final de janeiro, escrito pelo próprio Felding.

Observações atuais: parece desperto e alerta. O doente continua a indicar que tem dificuldade em falar sobre os seus pensamentos. Continua a declarar que se sente estável sem a medicação. Não ouve vozes e não sente alucinações dos seus outros sentidos. Tem pouco apetite, dorme mal.

Não era preciso pensar muito para imaginar a preocupação que Daniel não queria partilhar com o pessoal do hospital. Ninguém vai permitir a saída de um doente suicida, mesmo que seja o funeral da mãe. Hannah olhou para o pai, debruçado sobre o dicionário. Teria ele razão? O que Daniel escrevera na parede atrás do armário seria, realmente, uma mensagem de despedida?

*

Liv voltou à hospedaria já muito ao fim dessa tarde e estacionou no pátio, sentindo um buraco no estômago. Ocorreu-lhe que não comera nada o dia inteiro. O que não era nada típico dela! Entrou na cozinha, onde Jesper estava a assar maçãs, e preparou duas tostas com creme de chocolate para forrar o estômago até ao jantar.

De prato na mão, tirou o portátil e afundou-se numa poltrona em frente da lareira. Enquanto o fogo crepitava e a cozinha exalava um aroma de baunilha e fruta que percorria a casa toda, encontrou a página de Internet das autoridades locais e começou a ler.

No topo da cadeia alimentar política de Thy estava o conselho municipal, uma comissão de vinte e sete representantes eleitos

liderada pela presidente da câmara, Gertrud Andersen. Era também presidente da Comissão Financeira e, como tal, era uma mulher extremamente poderosa. A comissão reunia-se na Câmara Municipal de Thisted sempre na última terça-feira do mês e as atas das reuniões estavam disponíveis no site. Quem quisesse fazer passar uma decisão sobre um grande projeto de construção, o caminho era por aqui.

Liv pôs o prato vazio de lado e clicou nas atas mais antigas disponíveis, com data de quatro anos antes. Como o local de construção já estava vedado e o financiamento estava em curso, o alvará deve ter sido pedido e concedido há bastante tempo. A tosta carregada de chocolate já lhe matara suficientemente o rato no estômago para se conseguir concentrar na leitura daquelas informações áridas. Eram mais de quarenta tópicos na ordem de trabalhos. Passou à frente a *Aprovação da ordem de trabalhos* e a *Remuneração dos elementos da Comissão para a Criança e da Juventude* e clicou em tudo que tivesse as palavras *projeto de desenvolvimento* ou *alvará de construção*.

Victor entrou na sala e fitou-a com uma expressão acusadora, como se fosse obrigação de Liv ir procurá-lo e avisar de antemão que se ia aconchegar junto à lareira. Mas não demorou a perdoá-la e deixou-se cair no chão junto à cadeira, com uma pata em cima dos seus sapatos. Liv coçou-o atrás da orelha enquanto lia sobre um projeto conjunto das autoridades locais para ampliar a proteção da linha de costa do parque nacional, a sua base legal, as consequências financeiras e procedimentos gerais. Bocejando, passou para a reunião do mês seguinte, passou os olhos por todos os itens e concluiu que o alvará de construção também não estava naquela ordem de trabalhos.

Ao chegar à terceira reunião, acertou no alvo.

Projeto de desenvolvimento: Casas de Férias da Praia de Lyngby. Seguiu-se uma extensa explicação sobre os benefícios financeiros que o projeto traria para a zona, incluindo um orçamento e uma lista com itens. Sob o título *Outras consequências*, a ata registava apenas *Nada de significativo* e, em *Decisão*, no fundo, uma palavra apenas: *Aprovado*.

Quer dizer que o projeto foi aprovado localmente, mas será que se podia realmente obter autorização para construir tão perto da água na Dinamarca? Mesmo dando o conselho luz verde ao projeto, seguramente teriam também de pedir autorização a outras entidades?

Acedeu à página da Autoridade Costeira e não tardou a ficar atolada em regulamentação e ordens executivas relacionadas com a proteção da costa, igualmente tão codificadas numa gíria jurídica que mal as conseguia compreender. Havendo a possibilidade de algum negócio suspeito, ter-se-ia visto em grandes apuros para determinar o que seria.

Regressando à ata da reunião, Liv encontrou no fundo uma lista das pessoas presentes. Percorreu-a com os olhos, mas nenhum dos nomes lhe saltou à vista. Espera... espera aí. Um dos presentes era Oliver Ilsøe, que votara a favor do projeto. Voltou ao separador *Sobre nós*, que tinha uma lista dos membros do conselho, com fotografias, e percorreu-a.

Bingo! Ali sentado na comissão mais importante do conselho local que aprovara as controversas casas de férias na orla do parque nacional estava Oliver Ilsøe, proprietário da Quinta e Destilaria de Uísque de Hurup, a casa de infância de Gert Linde. Ora bem, interrogou-se, qual poderá ser a importância disto?

Capítulo Dezasseis

Hannah rodou a torneira da água quente do chuveiro. Não de mais, não de menos — era precisa uma técnica especial para conseguir a temperatura certa naquele edifício antigo. A água precipitou-se com força sobre os seus ombros, mas a dor que provocava era agradável. A dificuldade agora era manter o equilíbrio na banheira escorregadia. Enfiou a cabeça debaixo de água e molhou o cabelo, ficando quieta de olhos fechados enquanto o corpo aquecia.

Era boa a sensação de, por fim, enfrentar o suicídio de Daniel. Fosse como fosse, ele não regressaria. Mas quem sabe algumas certezas a ajudassem a encerrar, de certa forma, o assunto.

A campainha da rua tocou enquanto massajava o cabelo com o champô. O sabonete transformou-se em espuma entre os seus dedos e o couro cabeludo vibrou de gratidão. A campainha tocou de novo.

Desligou a água e saiu da banheira, embrulhou-se numa toalha e abriu um nadinha a porta.

— Pai! Pa-ai!

Sem resposta. Se calhar teria posto os auscultadores e estava a ouvir Mendelssohn na sala da frente. Foi aos saltinhos pelo corredor, deixando pegadas molhadas nas tábuas do soalho e nos ladrilhos axadrezados do vestíbulo. Puxou cautelosamente a porta o suficiente para abrir uma pequena frecha e espreitou lá para fora.

— Olá, tem um minuto?

Precisou de uma fração de segundo para o reconhecer. Nima, é claro, o mecânico. Hoje trocara o fato-macaco por calças de ganga e uma *t-shirt* branca, e o tecido branco acentuava-lhe os olhos verdes.

— Desculpe, estou a ver que vim em má hora. — Ergueu uma cópia de *Moby Dick* e acenou-a. — Prometi ao Jan que devolvia isto.

— Entre. — Hannah abriu a porta. — Só tenho de tirar o champô da cabeça, mas o meu pai está na sala. Entre à vontade, de certeza que

ele vai gostar de o ver.

Enquanto estava no chuveiro, ouviu o armário das bebidas a abrir-se e o tilintar de copos. Secou-se ao som de vozes alegres na sala e deu por si a sorrir para o espelho acima do espelho. Não era preciso muito para criar um bocadinho de vida num sítio onde esta deixara de existir.

Vestiu-se, apenas umas calças de ganga e uma blusa, mas por baixo vestiu roupa interior bonita e não conseguiu evitar rir-se da sua figura. Em tão poucos meses desabituara-se a tal ponto da companhia masculina que tinha de se encher de coragem quando o vizinho lhe batia à porta.

Na sala da frente, foi dar com o pai na borda da poltrona, as faces coradas, a contar avidamente a Nima acerca dos textos de Daniel em aramaico. Nima puxara uma cadeira e estava sentado com um copo de vinho do Porto na mão, aparentemente absorto na conversa.

— Passagens como esta, por exemplo: *Espera-o do outro lado o seu castigo, e a minha recompensa*. É um acrescento que o meu filho fez ao texto bíblico... o seu próprio apêndice, digamos assim. Tenho uma teoria de que ele está especificamente a tentar dizer alguma coisa ao acrescentar estes pedaços de texto.

— Dizer o quê?

— Que estava inocente.

— Vá, vamos falar de outra coisa. — Hannah deu uma palmadinha no braço do pai para que a reprimenda soasse menos agressiva e foi até ao armário das bebidas.

— Mas eu estou cheio de curiosidade — protestou Nima. — Tem a esperança de que o Daniel tivesse algum elemento novo a acrescentar sobre o papel que desempenhou em todo o caso?

Jan aquiesceu.

— Imagine só se a verdade se revelasse por fim. Seria muito mais fácil quando chegar a minha hora.

— Pai! — Hannah virou um dos copos de borda dourada da mãe e serviu-se de um pouco de Porto. Sentou-se no pufe ao lado da poltrona. — Já agora, teve uma visita da polícia há dias? O pai disse que viu agentes fardados lá fora...

Nima rodopiou o Porto dentro do copo e bebeu.

— Ouviram falar sobre a mulher que foi assassinada e encontrada na floresta de Rude na terça de manhã? Ela deixou o carro comigo na segunda à tarde. A polícia queria saber se eu sabia onde ela teria ido depois disso.

Hannah levou a mão à boca.

— Li sobre isso, sim.

— Sim, é uma tragédia. É difícil de acreditar, especialmente quando acontece assim tão perto. — Nima abanou a cabeça e voltou a rodopiar o Porto. — Tenho de confessar, Jan, que é um alívio saber que estive aqui consigo na segunda à noite. Percebe, se a polícia começar a pedir um álibi, é muito possível que o façam.

— Oh, hum. — Jan pareceu confuso.

— Quero dizer, eu presumo que eles já tenham apanhado um suspeito para interrogatório, mas, se assim não for, uma pessoa como eu precisa provavelmente de um álibi. — Nima soltou um riso seco.

— Mas não foi no domingo à noite que tomámos café?

— Foi mesmo?

— Na segunda à noite eu estive a ver um documentário na DR2.

Nima abanou a cabeça.

— Oh, certo, estou a baralhar, então.

Jan esvaziou o copo e pôs-se lentamente de pé.

— E agora, se me dá licença, estou cansado. Boa noite, Nima. Obrigado por ter vindo.

Encontrou a bengala, deu uma palmadinha desajeitada na cabeça de Hannah e saiu da sala. Um instante depois, ouviram as escadas a chiar.

— O seu pai parece estar ótimo. É bom ver isso.

— Este projeto de decodificar o que o Daniel escreveu parece estar a dar-lhe outra energia. A esperança, imagino eu.

— Esperança? — Nima sorriu e franziu o sobrolho ao mesmo tempo. Fez com que se parecesse com uma personagem de Jane Austen. — Esperança — repetiu, estendendo a mão para agarrar no copo.

Hannah sentiu-se abruptamente desconfortável por estar sozinha com Nima. Provavelmente por ser já de noite e por terem álcool dentro dos copos; ou se calhar era de pensar na roupa interior que tinha vestida.

Ele pareceu partilhar o mesmo embaraço, porque bebeu o resto de uma vez e procurou um sítio para pousar o copo.

— Em todo o caso, eu se calhar devia...

— Sim. Eu acompanho-o à saída.

Levantaram-se ao mesmo tempo e ficaram incomodamente perto um do outro; os olhos de ambos encontraram-se. Alguma coisa na sua expressão fez Hannah sentir que era impossível mexer-se. Ele parecia um rapazinho cheio de anseios e, ao mesmo tempo, um predador agachado antes de dar o salto. Uma pantera que poderia dilacerar-lhe os membros e devorá-la se assim o desejasse. Um formigueiro no diafragma disse-lhe o que sempre soubera, mas que preferira ignorar. Nima era bonito. Não apenas bem-parecido da forma que as pessoas utilizavam a palavra sem pensar para se referir a qualquer pessoa que fosse alta e sorridente. Era bonito como um retrato de Tiziano.

Ela baixou os olhos, ansiosa por quebrar o ambiente desconfortável entre os dois.

— Sim, está a fazer-se tarde, é melhor irmos, hum...

Nima ergueu uma mão e afastou um caracol de cabelo húmido do rosto de Hannah. O seu toque lançou-lhe arrepios pela espinha abaixo.

— Dorme bem, Hannah.

Sorriu e encaminhou-se para a porta. Ela ficou parada onde estava, até sentir que o formigueiro dentro do peito já esmorecera.

*

A luz azul da televisão reluzia por entre as janelas em arco do edifício de tijolo estucado de amarelo da suinicultura. Liv desligou o motor e analisou a fachada. Nenhum movimento. Tirou o telefone e ligou para a destilaria de uísque pela terceira vez, na esperança de questionar Oliver Ilsøe acerca do seu contributo para o projeto das casas de férias, mas ele continuava a não atender, pelo que não lhe restou outra opção que não deixar mensagem.

Saiu e caminhou ao longo da casa, espreitando discretamente pelo vidro. Havia taças meio vazias de batatas fritas na mesa de apoio em frente da televisão, que estava ligada, apesar de a sala da frente estar deserta. Do lado de fora não havia candeeiros de rua e o vizinho mais próximo ficava muito longe, pelo que a única luz artificial vinha do interior da casa de tetos baixos de Jens Linde. O fedor a estrume

estendia-se até à estrada, como se a escuridão o tivesse comprimido e tornado mais espesso.

O vento soprava agora mais forte, mas a brisa não transportava nada que fosse fresco. A respirar pela boca, avançou pousando os pés no chão com cuidado e sem ruído.

O pátio da quinta estava vazio. Liv subiu até à porta da frente e bateu. Ninguém abriu, pelo que bateu de novo, um pouco mais alto, e esperou, mas a casa estava silenciosa. Olhou em volta, mas, no escuro, era difícil orientar-se. Talvez estivesse no celeiro. Iria lá ver antes de se meter outra vez no carro.

Em vez de atravessar logo o pátio, caminhou na sombra dos anexos. Viera ver Jens, mas não fazia mal nenhum bisbilhotar um pouco por ali.

Experimentou abrir a porta do barracão ao lado da casa principal. Trancada. Sem janelas. Se calhar ele trancava as máquinas durante a noite. Continuou a avançar no escuro, afastando-se do asfalto, os seus passos tornando-se mais pesados na lama junto ao celeiro e, por um momento, sentiu falta do revólver de serviço.

Uma porta escancarou-se subitamente, batendo com estrondo contra a parede de tijolo do celeiro, e as dobradiças chiaram quando se voltou a fechar com força. Liv estacou, a ouvir o vento a assobiar sobre o telhado de zinco. A sua própria respiração soava difícil e ela praguejou entre dentes. Não havia nada de que ter medo.

Muito mais adiante, o mais longe possível do pátio e o mais perto possível do parque nacional, viu uma luz a tremeluzir entre as árvores. Semicerrou os olhos, mas, àquela distância, não conseguia discernir o que era. Só passados uns cinquenta metros de avanço difícil pela lama, Liv viu o contorno de uma caravana. Havia luz no interior. Quando estava a dez metros, a porta abriu-se e Jens saiu lá de dentro. Fechou-a atrás de si e certificou-se de que não estava prestes a abrir-se novamente antes de caminhar calmamente ao encontro de Liv. Enfiando as mãos nos bolsos das calças, olhou para ela.

— E a que devo tamanha honra?

Arregaçara as mangas da camisa preta e desabotoara o colarinho, mas nos pés trazia ainda os mesmos sapatos de madeira sujos do dia anterior.

— Estou a interromper alguma coisa?

— Se aparece depois do jantar sem avisar está sempre a interromper alguma coisa.

— Disse que o Gert concordou em vender a quinta. Que eu podia cá vir.

A expressão do seu rosto não mudou. Liv não conseguia perceber se ele se lembrava ou não da conversa no bar.

— Entre lá, então.

Pôs-se a caminho da casa principal, de mãos ainda nos bolsos. Liv seguiu apressadamente atrás dele. Teve de correr para lhe acompanhar o ritmo. Quando alcançaram o pátio, Jens virou-se.

— Espere aqui.

Entrou em casa, mas saiu logo de seguida com uma folha de papel na mão.

— O contrato de venda de Hurup. Já não vou precisar dele.

Liv pegou na folha. Estava demasiado escuro para discernir o que estava escrito, mas conseguiu ver o cabeçalho do agente imobiliário.

— Eu acompanho-a à saída.

— E se eu quiser perguntar alguma coisa?

— Já perguntou que chegue. Não gosto de pessoas que me vêm para aqui chagar o juízo. Os malditos ativistas ambientais e os maluquinhos do bem-estar dos animais! E agora você.

— Não está sequer vagamente interessado em resolver o assassinio do seu irmão?

Jens parou e voltou-se para ela. Tinham chegado à estrada e a luz azul que vinha de dentro de casa iluminou-lhe o lado da cara.

— E é a menina que o vai resolver, é isso? Lamento muito, mas não estou propriamente a imaginar como. — Levantou o braço e apontou para um sítio onde o asfalto estava rachado e partido. — Sei exatamente o que está a pensar. Mas pergunte-se a si mesma: a quinta estaria assim se eu tivesse enriquecido com aquela herança?

— Como assim?

Voltou a pôr a mão no bolso. A orelha reluzia a azul; o rosto estava ensombrado. Liv ficou impressionada com a dureza da sua expressão. Parecia uma escolha de vida, uma armadura que ele tivera de vestir muito cedo e que agora se fundira com a sua pele.

— Que está a tentar dizer?

Jens abanou a cabeça e caminhou em direção ao carro. Só voltou a falar quando já lá tinha chegado.

— Use a cabeça! Qual de nós é que vivia num apartamento de luxo em Østerbro? Com o salário de jornalista?

Tirou a mão do bolso e bateu suavemente com os nós dos dedos no tejadilho do *Fiat*. Depois deu meia-volta e caminhou de novo para a quinta.

A SÉTIMA VISÃO

Desprezando o acordo feito com ele, atuará pela traição;
pôr-se-á em marcha e vencerá com poucos homens.

Subitamente invadirá as mais ricas regiões do país;
fará o que não terão feito os seus pais nem os pais dos pais:
distribuirá pela sua gente o que saquear, despojos e riquezas,
e formará projetos de ofensivas contra as fortalezas.

A cicatriz no seu peito serpenteia como uma cobra, revelando
a sua verdadeira natureza.

Domingo,
25 de setembro

Capítulo Dezassete

Nima abriu o capô do *Cadillac*. Normalmente, decifrava facilmente o que via, cada uma das partes do motor estava escrita numa linguagem que ele conhecia melhor do que qualquer outra, mas não desta vez. Andava a trabalhar nele há dias, mas não estava a chegar a lado nenhum. Tubos e fios nadavam-lhe diante dos olhos, metamorfoseando-se em buracos negros. Voltou as costas ao carro e entrou na oficina, deu a volta até à máquina de café e viu as duas canecas meio cheias que já abandonara.

Ao invés, acendeu um cigarro, o quinto do dia, a julgar pelo maço, e sentou-se na cadeira de braços. Era uma reação ao stresse, evidentemente, resultado de noites passadas em claro e da ameaça que pairava no horizonte, cuja dimensão ainda não estava capaz de avaliar.

Fumou de olhos fixos no teto. Se calhar devia mesmo tirar algum tempo de folga — não costumava trabalhar aos domingos, mas a ideia de passar um dia inteiro sentado no barco parecera-lhe insuportável. Já por duas vezes sentira o telefone a vibrar e tirara-o do bolso interior do fato-macaco, apenas para concluir que fora produto da sua imaginação. Levantou-se e olhou, indeciso, em torno da garagem. Tinha de *fazer* alguma coisa, caso contrário os pensamentos rastejariam para dentro dos cantos mais recônditos da sua mente, multiplicando-se.

Sem nenhum objetivo em vista, pôs-se a arrumar coisas — bom, na verdade limitou-se a movimentar coisas de um sítio para o outro. Quando se mantinha ativo, sentia um pouco menos a inquietação. Ficava maldisposto só de pensar na polícia. A forma como se tinham posto a bisbilhotar o rebocador, a sua vida amorosa, as suas velhas amizades.

Acendeu mais um cigarro e foi para o pátio. Encostado à parede da garagem, fechou os olhos e escutou os batimentos do coração. Um

pequeno grilo a cantar dentro do seu peito, era o que a mãe dizia. A música da vida.

O portão bateu com estrondo. Nima abriu os olhos e viu um homem a entrar no pátio. Era alto, de cabelo grisalho, magro e bem vestido, as duas mãos enterradas nos bolsos do casaco e uma expressão fulminante nos olhos.

Só passado um momento Nima o reconheceu. Adam. O marido de Marianne.

O corpo de Nima entrou em curto-circuito. Sentiu uma faísca e o seu sistema a desligar-se; quase sentiu o cheiro a enxofre. Apesar de tudo dentro de si gritar que fugisse dali para fora, as pernas pareciam paralisadas e permaneceu encostado à parede.

Adam parou do lado de fora da porta da oficina. Tinha os olhos rodeados de vermelho e inchados.

— Desculpe, é você o dono da garagem?

Nima tentou dizer alguma coisa, mas era impossível proferir uma palavra. Adam tirou as mãos dos bolsos. Era agora, estava a prestes a acontecer agora. O golpe. O tiro.

— A minha mulher esteve aqui com o nosso *Morris* há alguns dias. Deduzo que já saiba...

Estendeu a mão. Nima olhou para ela. Quanto sabia ele? Apertou a mão de Adam e lá conseguiu falar.

— É claro. Eu... lamento muito.

Adam assentiu, sereno.

— Obrigado. Desculpe entrar assim por aqui dentro, mas a polícia não ajuda e só vou ter paz quando encontrar uma coisa.

— O que é que perdeu?

Nima analisou o marido de Marianne. Agora que a pulsação abrandava e recuperava o ritmo normal, estava mais capaz de observar o seu antigo rival. Já perdera a conta das vezes que fantasiara com um momento como aquele, estar na sua frente e dar-lhe cabo da cara com um soco de direita. Apagá-lo, tirá-lo do cenário. Mas agora, ao vê-lo abatido pela dor, tudo o que Nima sentiu foi compaixão.

— A aliança de casamento da minha mulher desapareceu. Pode estar em mil e um lugares. Alguém a pode ter levado, pode estar

algures na floresta e nunca vai ser encontrada. Mas tenho de tentar. Só de pensar em enterrá-la sem isso...

Nima abanou a cabeça, como quem pede desculpa.

— Não vi nenhuma aliança. E a polícia andou a ver tudo. Se estivesse aqui, eles teriam encontrado.

O rosto de Adam contorceu-se num espasmo de dor, mas apenas por instantes. Depois assentiu.

— Compreendo. Mas se por acaso a encontrar algures, não hesite em dizer. Seria muito importante para mim tê-la de volta. — Puxou da carteira que tinha no bolso, tirou um cartão de visita e estendeu-o.

Nima pegou nele. O homem não estava a acreditar nele?

— Tem pedras brancas e azuis. Ela está a usá-lo nesta fotografia, se quiser ver.

A fotografia de casamento foi como um murro nos rins. Nima levantou os olhos e encarou o olhar de Adam. Teria alguém dado com a língua nos dentes ou aquela história era mesmo só por causa de uma estúpida aliança?

*

Liv leu o documento que Jens Linde lhe entregou. Um contrato de venda de propriedade da Quinta Hurup, Sønderhå, celebrado entre Jens Linde, Snejstrup, e Gert Linde, Copenhaga, seguido de uma longa litania de pormenores técnicos e informações sobre valores a pagar. Assinado pelos dois irmãos.

Foi até ao telefone, pegou nele e estava prestes a marcar um número, mas acabou por o atirar para cima da cama e tirar o saco de desporto do roupeiro. Guardou a roupa, os artigos de higiene e o relatório da polícia e depois voltou a pegar no telefone. Qual era a coisa pior que podia acontecer?

OuvIU o telefone tocar vezes sem conta de encontro ao ouvido, preparando-se gradualmente para o atendedor de chamadas, mas depois ela atendeu.

— Olá, Liv.

— Olá, Therese. Estou a ligar em má altura?

— Só não estava à espera de ter notícias tuas. Como estão as coisas?

Liv foi até à janela e sentou-se no parapeito. Pelo menos não a mandara logo passear.

— Tudo bem. E tu?

— Sim, também tudo a andar.

Não soou hostil, só como quem estava à espera.

— Desculpa-me não ter telefonado antes, é só que tenho estado muito ocupada com a mudança e o novo apartamento... além de que estou a trabalhar num caso. Um caso por resolver sobre o assassinio de um jornalista de Thy. Na verdade, estou neste momento cá em cima a tentar reconstruir os movimentos dele.

— Cá em cima onde?

— Em Thy. Numa hospedaria de Vestervig.

A respiração de Therese sibilou ao longo da linha telefónica.

— Estás na Jutlândia do Norte?

Liv deu conta da direção que a conversa estava a levar, mas era demasiado tarde para dar meia-volta.

— Bom, na verdade, não tarda nada regresso a Copenhaga. Tenho um trabalho amanhã para uma companhia de seguros.

— Há quanto tempo é que aqui estás?

Sem dizeres nada, é o que ela queria dizer, apesar de não o referir em voz alta.

— Oh, só um ou dois dias. Foi basicamente chegar e ir embora; mal me sentei desde que aqui cheguei.

A verdade é que não ocorrera a Liv a ideia de telefonar a Therese. Não porque não tivesse pensado nela, mas porque estava a trabalhar.

— Pois, Liv, eu por acaso daqui a pouco vou encontrar-me com uma pessoa.

Lá estava, afinal. A hostilidade. Liv não a podia censurar.

— Estava a pensar se me podias fazer um favor?

Therese não respondeu.

— Preciso de verificar uma coisa sobre um agricultor que, tenho quase a certeza, deve ser teu cliente. Quero dizer, são todos, mais ou menos, não são? Não é nada muito esquisito, só quero saber quanto dinheiro tem nas contas dele.

Therese já a ajudara antes com informações, muito embora o banco onde trabalhava seguramente não ficasse por aí além agradado se soubesse. Mas nessa altura Liv trabalhava na polícia. E a relação dela com Therese era muito diferente.

— Tens uma grande lata, Liv, isso tenho de admitir.

Claramente, não era um elogio. Liv não disse nada.

— Como se chama ele, o cliente?

— Jens Linde. Tem uma suinicultura perto de Snejstrup.

Therese suspirou.

— Não te prometo nada.

— Tu, Therese?

— Tenho de ir. Um bom dia para ti.

Desligou. Liv ficou sentada de telefone na mão e uma sensação estúpida no corpo.

*

O tempo passava a voar quando Hannah jogava *Candy Crush*. Era um novo passatempo que começara seis meses antes. Antes disso, jurava que nunca perderia tempo com aquele tipo de porcaria, mas agora ajudava-a a descontrair. Era mais eficaz a dissipar-lhe a ansiedade do que qualquer sessão de terapia. No domingo de manhã, ficou na cama, a movimentar de um lado para o outro os botões de cores garridas durante quase duas horas até que se levantou. Doía-lhe o pulso e tinha comichão nos olhos quando se espreguiçou e foi ver se o pai já se teria levantado. A cama dele estava vazia.

Hannah entrou para abrir a janela e arejar o quarto. Nima estava parado lá fora, a suar sobre um motor pousado em cima de blocos. Tinha aberto o fecho do fato-macaco e atara os braços à volta da cintura, proporcionando-lhe uma vista desimpedida para a camisola interior branca e a vigorosa parte de cima dos braços. Como um anúncio de calças de ganga dos anos oitenta, sorriu para si mesma. Endireitando-se, ele virou o rosto na direção dela, parou e limpou-se com um pano, primeiro a nuca e depois o peito, onde uma cicatriz feia lhe repuxava a pele.

Deu um passo atrás e sentiu-se imediatamente tola. Devia ter simplesmente ficado onde estava e acenado. Agora era demasiado tarde. Desceu até à cozinha, fez um pouco de café e levou uma caneca ao pai, que estava na sua poltrona a olhar para o vazio enquanto o rádio enchia a sala com uma séria voz masculina. O tempo parecia avançar mais devagar em torno do pai do que no mundo lá fora, mas era impossível dizer se isso se devia à sua idade ou a outra coisa

completamente diferente.

— Bom dia, pai. Já te levantaste há muito?

— Não tem problema. — Pegou na caneca de café com as duas mãos e dirigiu-lhe um sorriso fugaz.

— O que estás a ouvir?

— Oh, aquele tipo, o Farberoff, tu conheces. Do programa de literatura. É bastante bom.

Hannah aquiesceu.

— É sobre o gueto judeu de Varsóvia. Os nazis criaram-no em 1940, fechando trezentos e cinquenta mil judeus dentro de vedações e arame farpado. Três anos depois, restavam apenas trinta e sete mil; os outros tinham morrido todos de fome ou doença ou tinham sido deportados.

Pousou a caneca na mesa, esticou-se e baixou ligeiramente o volume.

— Não é um programa lá muito alegre, realmente. Mas não nos podemos dar ao luxo de esquecer.

*

Quando mudou de faixa, os olhos de Liv passaram pela brochura da Quinta Hurup que deixara em cima do *tablier*. A garrafa de uísque na capa lançava um brilho dourado sobre o velho mobiliário rústico em redor. Consultou o relógio no GPS. Antes de embarcar no *ferry*, queria fazer mais uma tentativa de encontrar o caderno de apontamentos e talvez saber um pouco mais sobre o papel de Oliver Ilsøe no projeto de construção. Ao tomar a saída seguinte, saiu da autoestrada e voltou a seguir em direção a noroeste. Hurup ficava apenas a dez minutos e ao domingo as estradas estavam desertas.

Pouco depois, estacionou no exterior da Quinta Hurup e desligou o motor. Naquele dia, havia vários carros parados no parque de estacionamento de visitantes: era evidente que as provas de uísque eram populares ao fim de semana. Estava no pátio um grupo de homens de cabelo grisalho vestidos com corta-ventos, a tirar fotografias uns dos outros de garrafas na mão, em frente do deslumbrante trator antigo. Os seus risos ascendiam acima dos beirais da casa, em direção ao céu azul de setembro.

Liv passou por eles e entrou na loja, que estava pejada de clientes. A rapariga do campo de faces rosadas estava na caixa, sorridente. Liv

esperou até que acabasse de atender uma pessoa e depois aproximou-se.

— Olá, lembra-se de mim? O seu marido levou-me a visitar as instalações na quinta-feira passada...

— Sim... — A sua expressão tornou-se distante, mas o sorriso permaneceu.

— Queria perguntar-lhe uma coisa, ele está por cá?

O cliente atrás de Liv passou por ela com um encontrão e pousou uma garrafa no balcão. A vendedora rodou-a para ver o preço.

— Experimente ver no silo de cereais. Acho que ele ia lá arranjar alguma coisa.

— Vou fazer isso, obrigada. — Com um aceno simpático, Liv desviou-se para o lado para deixar passar o cliente e saiu da loja.

O silo erguia-se em cima do telhado de um dos celeiros. Não foi difícil encontrar. Oliver Ilsøe estava empoleirado num escadote com uma chapa nas mãos, enquanto fazia medições.

— Olá, Oliver.

Ele olhou sobre o ombro, com cuidado para não perder o equilíbrio, e semicerrou os olhos de encontro à luz ofuscante.

— Está à procura da loja?

— Sou eu, estive cá na quinta-feira passada, Liv Jensen. Tem um minutinho?

— Espere um pouco. — Oliver passou a chapa de uma mão para a outra, segurando-se à escada com a parte de dentro do cotovelo. Por fim, passou-a a Liv. — Pode segurar aqui um segundo?

Liv pegou na chapa enquanto ele descia o escadote e depois devolveu-a. Via-se um sulco entre as sobranceiras de Oliver.

— Hoje estamos um bocadinho ocupados, por isso...

— Sim, de certeza que tem imensa coisa para fazer, com uma propriedade tão grande e a destilaria de uísque, e ainda por cima uma carreira política para gerir. — Fez um sorriso afável. — Já para não falar dos projetos de construção.

Oliver ergueu as sobranceiras, numa pergunta sem palavras. Liv enfiou as mãos nos bolsos e tentou fazer um ar inocentemente curioso. Mas a verdade é que a sua curiosidade nunca era inocente.

— Estou aqui a pensar nas casas de férias na praia de Lyngby.

Ele esfregou as mãos, como quem tenta limpar a terra dos dedos.

— E...? O que é que isso tem de tão interessante?

— Investiu no projeto?

— Receio bem que não tenha mais tempo para lhe dispensar. Deixe-me acompanhá-la à saída.

— Tem um diretor financeiro aqui na destilaria? Se calhar posso perguntar-lhe a ele, já que tem tanta coisa para fazer...?

— Eu sou o diretor financeiro. E o diretor de tudo o resto. — Começou a ir-se embora.

Liv foi atrás dele. Passaram pela antiga casa da quinta, pelos celeiros e estavam quase a aproximar-se do pátio principal. Daí a muito pouco tempo ela teria de se fazer ao caminho para sul, embarcar no *ferry* e partir de Thy — quase conseguia ver a areia a escorrer na ampulheta.

Liv olhou sobre o ombro.

— Merda, deixei cair o boné, vou só voltar atrás ver se o encontro.

— Não reparei que tivesse um boné.

Ela confirmou com a cabeça.

— É o meu preferido. Foi ótimo falar consigo.

Liv virou-se e voltou a correr na direção de onde viera. Sentia os olhos de Oliver nas suas costas. Quando contornou a esquina do celeiro, parou e contou até cinquenta, e depois foi até à velha casa da quinta.

A porta abriu-se com o mesmo rangido arrastado da última vez. Entrou muito depressa na antiga casa da família Linde e fechou a porta atrás de si, ligou a lanterna do telemóvel e apontou-a para as pilhas de móveis. Desta vez, foi direita à cómoda azul e abriu a gaveta de cima, vasculhou rapidamente as bugigangas no seu interior e, por baixo da gaveta, palpou o fundo com a mão. Nada. Repetiu o processo com a gaveta seguinte, com o mesmo resultado.

Ouviram-se passos na gravilha no exterior. Depois fez-se silêncio. Liv parou um instante, sustendo a respiração, e depois prosseguiu a busca. Se a porta se abrisse naquele momento, seria difícil continuar a insistir que andava à procura de um boné.

Na terceira gaveta havia um álbum com fotografias de família, aquele que vira da primeira vez que ali estivera, e uma coleção

substancial de conchas e pedras preciosas. Ajoelhou-se, enfiou as mãos sob a gaveta e procurou às apalpadelas, mas não encontrou mais nada. A gaveta inferior estava cheia de livros e pastas de plástico a abarrotar de coisas antigas. Tirou algumas pilhas e analisou-as por alto. O plástico refletia o brilho da lanterna, tornando difícil ver, por isso usou as mãos, esgaravando até ao fundo. As pontas dos seus dedos esbarraram numa coisa macia, quem sabe seria um caderno com encadernação de pele; agarrou-o e puxou-o para fora da gaveta. O caderno caiu ao chão no momento em que a porta da casa se abriu. Num movimento relâmpago, ela enfiou-o debaixo do casaco e levantou-se num salto.

À entrada da porta via-se Oliver, a carregar uma caixa de ferramentas.

— O que está a fazer aqui?

— O boné não estava ao pé do silo, por isso pensei que pudesse estar aqui. Desde a outra vez. — Liv passou rapidamente por ele, com cuidado para não deixar cair o caderno escondido junto à barriga. — Se puder ver se por acaso o encontra, seria ótimo, obrigada. Devo tê-lo deixado cair algures na propriedade. É azul-escuro com logótipo branco pequeno de lado.

Liv sentiu os olhos de Oliver a arder-lhe na nuca e teve de conter a vontade de desatar a correr pelo pátio fora. Devagar e sem vacilar, recitou para si mesma o caminho todo até ao carro. Devagar e sem vacilar.

Quando já se fizera à estrada, agarrou no boné que estava em cima do banco do passageiro com um pequeno sorriso. Depois, abriu o fecho do casaco e largou o caderno no colo. Depois de ultrapassar uma fila de camiões e de passar para a faixa da direita, segurou-o à frente do volante e analisou a capa. Cerrando a mão num punho, bateu com o caderno com força contra o volante. Sim! Olhou outra vez, sentindo o sangue a subir-lhe aos braços. Na lombada do caderno de apontamentos via-se o número 65.

Capítulo Dezoito

Na estrada para sul, na direção de Aarhus e do *ferry* para Copenhaga, o nevoeiro levantou por fim. Depois de três dias passados no meio de uma névoa espessa e amarelada, os raios de sol eram como toda uma nova vida. Liv deixou-se deslumbrar, baixando apenas com relutância o tapa-sol para poder ver a estrada e os sinais, baços e esbranquiçados sob a ação do vento salgado. A luz brilhante punha a nu a dureza que ela sentia em todo o lado naquela região.

Lançou os olhos na direção do caderno de apontamentos em cima do banco do passageiro. De certa forma, compreendia o amor de Gert à terra-mãe, mas por outro lado não. Parecia que o tempo passara por Thy e deixara a região dentro de um vácuo. Havia um paradoxo inerente àquela região, um abismo entre a simbiose bruta dos pescadores com o mar e o progresso refinado do turismo, entre a natureza e a cidade, que, imaginava ela, seria o que o fascinava.

O residente em Copenhaga a regressar a uma vida que em tempos fora simples, mas que desde então fora corrompida pelo mesmo capitalismo que devastara o resto do mundo. A quinta da família vendida ao desbarato e convertida num engodo para turistas, a praia que em breve seria maculada com casas de férias. E a sua própria dose de corrupção, com Eva. A mulher que ali esperava por ele, uma paixão e uma diversão, tão longe de casa que Gert podia movimentar-se em universos paralelos e esquecer-se totalmente da sua amada Patricia.

O que o teria realmente atraído naquele lugar? O que conduziria à sua morte?

Quando atravessou a ponte de Oddesund, captou a sua atenção o conjunto de *bunkers* por onde passara na tarde de quarta-feira a caminho de Thy. Pareciam baleias encalhadas na erva macia. *Regelbau*, dizia uma tabuleta, e Liv virou para a saída e estacionou num parque com chão de gravilha no exterior de um dos blocos de betão. Bodil recomendara-os tanto, e ainda tinha tempo para encaixar

uma visita a correr.

Entrou, seguindo as indicações das placas. *Instalação artística*, proclamavam, *luz e som*, seguido dos nomes dos artistas e dos patrocinadores. Passou os olhos pela lista. Estava lá a destilaria de uísque de Hurup. Pelos vistos, estava em todo o lado.

O *bunker*, em si, era fresco e húmido e, em vários sítios, o betão estava a desfazer-se. Liv passou uma porta que era tão baixa que qualquer outra pessoa teria de se agachar, e foi recebida no outro lado por um boneco iluminado com cara de raposa, vestido com um fato espacial. A-ha. Ouviu algo a gotejar, mas não conseguia perceber ao certo se era verdadeiro ou gravado. Algures de um lugar mais fundo do *bunker* chegou-lhe música e uma voz. Liv seguiu o som.

Numa pequena sala, havia um banco encostado à parede, enquanto um filme era projetado na parede oposta. Liv sentou-se a ver. Era um filme em preto e branco, composto por uma junção de fragmentos a perfazer um todo. Reconheceu imagens vívidas da Guerra do Vietname, da Segunda Guerra Mundial e da Guerra dos Balcãs, imagens de caças e tanques, de vagas de refugiados e crianças a chorar. Quando já estava ali sentada há algum tempo, ligou o som. Era uma obra de música clássica que ela não reconheceu, com uma voz masculina em *voz-off*. Soava a um discurso de outros tempos — pronunciava os *ás* de uma forma tão antiquada, com um sotaque tão cerrado da Jutlândia do Norte, que ela só conseguia compreender partes.

Palavras como *humanidade* e *generosidade* destacavam-se do dialeto e da música de cordas e, apesar dos obstáculos linguísticos, era evidente que se pretendia que o discurso estabelecesse um contraste com as imagens. Liv levantou-se e leu a placa com informações na parede junto à porta. Aquela obra chamava-se *Tudo o que dizemos* e era da autoria de um grupo de artistas que Liv não conhecia. A banda sonora era uma colagem do *Requiem* de Mozart e um *Sermão original da igreja de Vestervig, 1942*.

*

A lata do café estava vazia. Nima abriu o armário sob o lava-louça, onde costumava guardar alguns sacos extras, mas desta vez não guardara reservas. Praguejando, desligou a máquina de café, verificou se tinha cigarros e o cartão de débito no bolso do casaco e saiu para a

Kaalundsgade.

O aperto de mão de Adam ainda lhe ardia nos dedos, apesar de ter lavado as mãos duas vezes e esfregado a pele até doer, com um pano da louça. Ao virar da esquina havia um pequeno café com pequenas mesas ao sol. Sentia necessidade de sair da oficina, de estar no meio de pessoas, desviar os pensamentos para outra coisa.

Fez o pedido a uma empregada simpática de sardas nas bochechas e sentou-se a uma mesa metálica vacilante. Dois homens entroncados vestidos com corta-ventos na mesa vizinha olharam-no com curiosidade, mas ele voltou as costas e acendeu um cigarro. Pôs os óculos de sol em cima da mesa, para poder controlar os homens no reflexo. Teria acabado por fumar mais de um charro na noite anterior? Já não se conseguia lembrar, mas sentia a boca seca e os pensamentos estavam desagradavelmente acelerados.

O telefone tocou. Daria. Rejeitou a chamada. Ela voltou logo a ligar, mas ele não atendeu. Não lhe apetecia. Ouviu-se o apito de mensagem.

A mãe acabou de receber uma chamada da polícia! O que é que fizeste?

O que é que ele tinha feito? Sentiu um tremor na consciência — ou teria simplesmente medo de que o descobrissem?

A questão era saber se uma pessoa se podia sequer sentir culpada se não tiver medo de ser exposta.

A empregada pôs o café em cima da mesa, com uma bolachinha minúscula no pires e um pacote de cubos de açúcar. Nima olhou para a chávena com um princípio de nó na garganta. Porque estava subitamente tão comovido? Isto não era amabilidade, afinal de contas, era apenas uma chávena de café, pela qual estava a pagar como toda a gente.

Semicerrou os olhos de encontro ao sol outonal, tentando escutar a conversa da mesa do lado. Para que a conversa afogasse momentaneamente os seus pensamentos. Mas eles estavam sentados demasiado longe e a falar demasiado baixo.

Nima mergulhou um cubo de açúcar no café amargo e esmagou-o entre os dentes. Sentia-se uma pessoa relativamente bem-adaptada — não era sem dúvida do tipo burro ou cobarde e, regra geral, tentava meter-se unicamente na sua vida e não atirar pedras aos telhados de vidro dos outros. Contudo, de alguma forma, continuava sempre

enterrado na merda até ao pescoço. Era como se tivesse nascido com um íman que atrai o azar e não houvesse nada, mas mesmo nada que pudesse fazer para mudar isso. Odiava essa ideia, porque sabia ser sintomática de uma mentalidade de vitimização de que o pai se teria envergonhado.

Ouviram-se as cadeiras do lado a arrastar no chão e os seus vizinhos levantaram-se e foram-se embora sem voltar a olhar para ele. Bebeu o café num trago e tirou o telefone. Escreveu o nome dela sem pensar.

Hannah Leon.

Estava no *LinkedIn* e no *Facebook* e a pesquisa também devolveu alguns artigos profissionais sobre o seu trabalho no Righshospital — um especificamente sobre ela e outro sobre a perturbação de stress pós-traumático em vítimas de violação. Nima fez capturas de ecrã dos dois e clicou na página de *Facebook*. Privada. Mas indicava que estava *Numa relação* com alguém chamado Rune Lodahl.

De certeza que já não seria verdade, agora que vivia com o pai?

Em *Fotos*, encontrou-a numa série de versões. Mais nova, loura, na costa amalfitana, pelo braço de um homem com um ar *fit* que comentara com as palavras «Lindas, mais do que lindas, a Hannah e Amalfi». Nima não era propriamente um perito em redes sociais, mas a sua impressão era de que as pessoas geralmente publicavam coisas assim quando estavam prestes a acabar a relação.

Outra fotografia fora tirada numa festa ou numa saída à noite. Hannah estava ao lado de uma amiga, com um vestido vermelho que lhe realçava os olhos grandes.

Estavam a olhar diretamente para a câmara e era difícil de interpretar a sua expressão. Feliz, mas com uma certa melancolia; ou seria apenas tímida?

Nima ampliou a foto, sentindo borboletas no estômago. Era o tipo de pessoa por quem se poderia interessar. Mesmo no meio de todo o caos, sentia-o claramente. Desejo. Fechou o separador e consultou uma página de notícias. Percorreu-o até encontrar as notícias mais recentes.

Funeral de mulher encontrada no bosque na segunda-feira. Toda a comunidade local de luto.

Marianne ia a enterrar amanhã e ele não fora convidado.

Um odor a salsichas cozidas pairava no convés do *ferry*, um resíduo das doses de *fast food* servidas ao longo do dia. Por norma, Liv não era pessoa para recusar um cachorro-quente, mas hoje o cheiro dava-lhe náuseas, pelo que abandonou o plano de comer a bordo, encontrando ao invés uma mesa afastada na cafetaria. Acelerara no troço final da viagem para conseguir apanhar o *ferry*, pelo que se sentia cansada e um bocadinho enjoada no barco. Trouxera o caderno de apontamentos do carro, que estava agora diante dela, poeirento e vagamente a cheirar a betão bafiento.

Porque o deixara Gert dentro daquela cómoda? Escondera-o ali de alguém ou ter-se-ia simplesmente esquecido? Liv enviou mais um *e-mail* a Ulrik, o editor, dizendo-lhe que encontrara o caderno em Hurup. Saberá o editor o que estava ali a fazer, perguntou, e teria porventura algum esboço do próprio livro, para que ela o pudesse ler? Puxou a gola da camisola sobre o nariz para bloquear o pior do cheiro a salsichas e cravou os cotovelos na mesa.

Abriu o caderno e passou os olhos pelas primeiras páginas. A caligrafia de Gert era um rabisco apressado e de difícil leitura, alternando entre palavras-chave, notas para si mesmo e pedaços de texto comum, que pareciam ser esboços em bruto para o livro sobre Thy.

A primeira secção de texto completa surgia sob o título *Quinta da Família*. Passou o dedo sob as linhas, decifrando a caligrafia para avançar na história do proprietário de terras que construíra Hurup há quatrocentos anos, do impacto da governação despótica da Jutlândia do Norte e de como a abolição da servidão dera origem a oito gerações de proprietários Linde em Hurup.

Gert escrevera a história até aos dias de hoje e, pela lente da sua casa de infância, palavra a palavra, desenhara uma imagem de toda a região. O ambiente agreste, a charneca e o vento, que moldavam as pessoas. Até uma leitora inexperiente como Liv percebia que estava bem escrito.

Na página catorze, havia um parágrafo rasurado a vermelho e *demasiado!* escrito na margem, com a caligrafia de Gert. Liv leu o texto rasurado e viu que era sobre o facto de a comunidade local *vender a sua herança*, não dando valor nem preservando os edifícios históricos.

Era provável que estivesse a pensar essencialmente em Jens.

Liv puxou a gola para baixo para testar se o cheiro a salsichas ainda se mantinha mau. Confirmou-se.

Esfregou os olhos e voltou a tapar o nariz, e depois folheou para a secção de texto mais longa seguinte, que se chamava *Proteção do Património*, e leu.

Ali Gert começava com as palavras *Processo de Pedido de Licença* e continuava com uma explicação dos pormenores técnicos associados a obter alvarás de construção comparativamente com as normas de proteção do património. Planeamento local, contaminação de águas residuais, diretivas relativas ao *habitat* — Liv leu o texto por alto sem se dar realmente ao trabalho de o compreender, mas algumas páginas mais adiante tropeçou num parágrafo que Gert sublinhara a vermelho.

É impressionante a quantidade de reuniões sobre a proposta de casas de férias na praia de Lyngby que tiveram lugar sem a redação de atas. Podemos apenas especular sobre se o fim de semana que a comissão passou no Svinkløv Resort Hotel foi financiado pela própria ou paga por investidores (Madsen Construction e Uísque de Hurup), que também participaram nas festividades. As várias partes interessadas acabaram depois por obter autorização para construir quarenta e seis apartamentos de férias num dos troços de costa mais bonitos e dignos de conservação do país. Isto é que é a inovação moderna?

Gert insinuava fortemente que os investidores das casas de férias haviam obtido o seu alvará de construção mediante suborno. Corrupção, por outras palavras. A malícia do tom com que o parágrafo estava escrito era suficiente para poder ser interpretado como uma provocação jocosa — mas Liv ficou com a clara sensação de que não era o caso. Gert queria fazer mais com a história. Até que ponto a sua rivalidade mútua com Henrik Madsen teve influência nestas acusações? Se calhar nenhuma — talvez Gert fosse imparcial. No entanto, só raramente as pessoas o eram.

Espetou a cabeça fora do compartimento onde estava sentada e olhou em volta, para os outros passageiros, na sua maioria debruçados sobre os telemóveis com um ar cansado. Ela própria sentia os olhos a arder e o estômago rugia de fome, mas ir para a fila da cafetaria era como declarar a vitória do cheiro a salsicha. Teria de comer quando chegasse a casa.

Liv continuou a folhear. Passou por alto uma secção sobre a flora singular de Thy — falava-se da urze e da eufrásia-das-dunas, que, de

tanto sítio que havia no mundo, havia de existir apenas na Jutlândia do Norte — até chegar à passagem de texto completo seguinte.

Ao longo de 1943, a atmosfera entre as forças ocupantes e o povo dinamarquês tornou-se crescentemente tóxica e em mais lado nenhum isso se tornou tão evidente como na Jutlândia do Norte.

A Dinamarca fora tratada com um certo grau de brandura porque a sua política oficial era cooperar, mas ao longo do verão o movimento de resistência florescente obrigou os nazis a endurecer o pulso. Isto incluiu a decisão de levar a cabo uma «ação judaica» na Dinamarca, reunindo e deportando judeus dinamarqueses para campos de concentração na Europa de Leste. Deu-se a intervenção de grupos locais, incluindo combatentes na resistência, como Uffe Rasmussen, que perdeu a vida durante uma tentativa de sabotagem em novembro de 1944, e o padre paroquiano da igreja de Vestervig, que escondia refugiados judeus na cripta da igreja.

Não havia dúvida de que o livro abrangia muitos temas.

À medida que ia lendo, Liv interrogou-se se ele não teria começado por querer escrever um tipo de livro, mas depois, ao longo da investigação, deparara com informação que o levava noutra direção.

Voltou a página e viu uma lista de nomes com o título *Operação Reglbau/Igreja de Vestervig: Farberoff, Leon, Grünbaum, Katzenelsohn, Gelvan*. Na página seguinte, havia outro nome, rodeado com um círculo e seguindo de um ponto de exclamação:

Penelope!

Capítulo Dezanove

Liv teve de dar três voltas com o *Fiat* até encontrar um lugar para estacionar nas ruas estreitas de Vesterbro. Enquanto ia caminhando de volta à Kaalundsgade, as informações que acabava de encontrar vibravam dentro de si como uma vespa implacável dentro de um frasco de compota. Conseguira alguma coisa. Algo essencial, pressentia-o. Cabia-lhe agora descobrir de que modo isso a poderia ajudar a resolver o homicídio de Gert Linde. A partir deste momento, tudo o que tinha de fazer era continuar a rodar o cubo mágico e, quem sabe, as cores acabariam por se alinhar todas.

Desviou-se aos ziguezagues das pessoas com quem se cruzava no passeio, ciente do princípio de frustração que era sempre a sua resposta à azáfama da cidade grande. Depois da tranquilidade de Thy, a energia de Vesterbro era para ela tão frenética como um programa de televisão coreano. Mudando o saco de desporto de ombro, contornou uma mulher que estava a obstruir o passeio com a bicicleta. A vida em Copenhaga era uma coisa que não caía imediatamente no goto, mas acabaria por lhe ganhar o gosto. Passou pelo portão e atravessou o pátio interior. A garagem estava às escuras. Noite de domingo — era óbvio que o mecânico não estaria a trabalhar.

Contornou a casa pelas traseiras, dirigindo-se à entrada do seu apartamento pelo jardim, e voltou a sentir a paz a descer sobre si. Sim, a casa ficava no coração da cidade, mas o pátio, afastado da estrada, era relativamente calmo e silencioso. Era um lugar onde podia viver, pensar, existir. Pelo menos durante algum tempo. Acendeu as luzes e devorou duas taças de muesli com leite, mudou a roupa da cama e tomou um duche rápido. Quando já estava quente e seca e vestida dos pés à cabeça com roupa macia, pegou no caderno de apontamentos n.º 65 e subiu os degraus íngremes da cave, até onde vivia a família Leon. Sentia-se um ténue aroma a cebola no vestíbulo e da sala vinha o som abafado de um piano a tocar. Liv foi até à porta

de dois batentes semiaberta e bateu.

— Entre.

Liv enfiou a cabeça lá dentro e viu Hannah e Jan debruçados sobre um jogo num tabuleiro axadrezado, com peças redondas e planas. Damas? Parecia-lhe extremamente exótico jogar jogos de tabuleiro a um domingo à noite, mas achou agradável. Olhando para um relógio dourado na secretária, percebeu que já passava das nove.

— Desculpem incomodar, mas...

— Ora, ora, se não é a nossa detetive. Não incomoda nada.

Jan soava genuinamente agradado por a ver.

— É um bocadinho tarde, mas acabei de chegar da Jutlândia.

— Reparei que não estava. Fez boa viagem?

Hannah arrastou-se para o lado no sofá e deu palmadinhas no assento.

— Venha, sente-se!

Liv sentou-se, subitamente tímida diante dos seus olhos inquiridores.

— Quer um chá? Não, pois é, nada de bebidas quentes. Acho que temos sumo, quer?

— Obrigada, seria ótimo.

Hannah levantou-se e foi à cozinha. Liv ficou a vê-la a ir, até que Jan tossiu, para clarear a garganta.

— Foi de férias?

— Não, fiz uma viagem de trabalho a Thy. Para uma investigação.

— Que empolgante! — Jan pousou a mão no braço de Liv. — E que andou exatamente a investigar por lá?

Ela afastou-se discretamente, suficientemente longe para o impedir de a alcançar. Jan não pareceu reparar.

— Estou a trabalhar num caso antigo, o assassinio de um jornalista. Mas sabem, na verdade, eu acabei por dar com o nome Leon. Ebba Leon.

Ele fez um sorriso rasgado.

— É a minha mãe. Onde é que foi desencantar isso?

— Vi uma fotografia dela na igreja de Vestervig e, como é óbvio, fiquei a pensar se não seriam parentes.

— Antes da guerra, os meus pais viviam em Randers, a família da minha mãe era de lá. Nessa altura costumava haver uma comunidade judaica na cidade.

— Quer dizer que cresceu em Randers?

— Não, os meus pais mudaram-se para a Suécia durante a guerra e nunca mais voltaram à Jutlândia. Por isso, nasci em Estocolmo, mas cresci aqui mesmo, em Copenhaga.

Hannah voltou da cozinha e entregou a Liv um copo de sumo de maçã. Jan movimentou uma das peças no tabuleiro.

— Estava a querer saber da minha família. Há alguma coisa específica que quisesse saber?

— Bom, como disse, fui a Thy atrás de uma pista sobre esse tal jornalista que foi morto. O Gert Linde. — Liv observou Hannah e Jan, mas o nome não desencadeou nenhuma reação. — Também encontrei o nome Leon escrito neste caderno de apontamentos. — Abriu-o e leu em voz alta.

— Farberoff, Leon, Grünbaum, Katzenelsohn, Gelvan.

Jan fechou os olhos com força, para se concentrar.

— O neto do Farberoff, o Simon, é aquele jornalista da rádio de que eu gosto.

Outro jornalista! Liv parou para pensar no nome. Talvez Gert Linde e Simon Farberoff se conhecessem? Só havia uma forma de descobrir. Teria de marcar uma reunião.

*

Hannah tentou organizar as ideias enquanto levava as chávenas e os copos e os passava por água no lava-louça da cozinha. Pela janela, viu Liv a descer as escadas das traseiras que iam do jardim para o seu apartamento.

A campainha tocou. Fechou a torneira e foi até à porta da frente. Nos degraus de pedra deparou com Mikkel Felding. Usava calças justas de cor clara, botins de camurça e um *blazer* com aspeto caro, cheirava a água de colónia e a uma noite inteira passada a beber.

— Boa noite, Hannah.

— Olá, Mikkel, o que estás aqui a fazer? — Hannah olhou para o relógio de pulso.

— Importas-te de me deixar entrar? São apenas cinco minutos.

Mikkel cruzou os braços à frente do peito e soltou um suspiro pesado. Ela não conseguia perceber bem se estava bêbedo ou se apenas muito emotivo.

Abriu a porta, ele entrou para o vestíbulo e parou, de olhos postos nas botas.

— Ouvi dizer que falaste com o meu chefe?

Mas é claro! Então era disso que se tratava.

— Foi sobre as últimas semanas do meu irmão. Preciso de saber o que aconteceu.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela.

— Sinceramente, podias ter simplesmente falado diretamente comigo sobre aquilo de que precisas.

Hannah baixou os olhos.

— Telefonei para o hospital para pedir acesso ao processo, não para me queixar de ti. — Se fizer isso, será pelas vias oficiais, pensou, mas guardou esse pensamento para si. Ele continuava a ter o ar de uma pessoa que levou uma estalada na cara. — Mikkel, eu só quero saber porque é que ele se matou. É assim tão difícil entender isso?

— Se queres saber isso, tens de começar por ouvir, caramba.

As suas palavras saíam arrastadas e o lábio inferior tremia tenuemente, como se estivesse a tentar disfarçar a fúria.

— Para o Daniel era importante tentar lembrar-se do assassinio e pediu-me ajuda com isso. Na terapia, falámos sobre o que realmente aconteceu. O Daniel estava a tentar lembrar-se do que tinha bloqueado da mente dele.

— E fizeram algum progresso?

Hannah tentou encará-lo nos olhos, mas, quando conseguiu, desviou imediatamente os seus. A expressão de Mikkel era intensamente desagradável, talvez por causa do álcool.

— E fizeram algum progresso? — rosnou. — Estás a ouvir-te a ti mesma? Daí do alto do teu nobre cavalo? Sim, fizemos progressos como o raio. O Daniel lembrou-se de ir ao apartamento da Penelope e de a ter encontrado morta. Lembrou-se de que não a matou.

Hannah recuou um passo. O hálito dele estava a causar-lhe náuseas.

— Mikkel, a polícia encontrou as impressões digitais dele na faca cheia de sangue. Nela.

— Só te estou a dizer o que se estava a passar dentro da cabeça do teu irmão. — Passou as mãos pelo rosto e pelo cabelo. — Pelo menos eu estava lá ao lado dele. Onde raio estavas tu?

Mais valia ele ter-lhe dado um soco.

— Estou a ver que estás zangado comigo. E bêbedo. Se calhar devíamos ter esta conversa noutra altura.

Os cantos da boca de Mikkel retorceram-se e, do nada, começou a rir-se e a abanar a cabeça.

— O que é que tem tanta graça?

Ele olhou-a, a baloiçar o corpo.

— Não sei. Isto, tu, eu, tudo. — Voltou a rir-se. — Quero dizer, aqui estamos nós. Eles estão mortos e aqui estamos nós a dissecar... — Deixou a voz esmorecer.

Hannah ponderou se Mikkel estaria demasiado embriagado para que aquela conversa pudesse valer a pena.

Por outro lado, talvez tirasse dele mais informações naquele estado.

— Em janeiro escreveste um apontamento a dizer que o meu irmão estava preocupado com alguma coisa.

— Ele parecia perturbado.

— Mas com quê? — Hannah tentou manter os olhos nos dele, mas acabava sempre por os desviar.

— Não sei.

Mikkel bateu com uma bota no chão, oscilou suavemente e enfiou as mãos nos bolsos para manter o equilíbrio. Ocorreu-lhe que pudesse estar a fingir. Até que ponto estava realmente embriagado? E que esperava ele alcançar?

— Acerca de um ano, o Daniel recebeu uma visita. De uma mulher. Ele contou-te isso?

Inclinou a cabeça para o lado, num gesto que tanto podia querer dizer *não* como *conta-me mais*.

— Tanto quanto sabia, eu era a única mulher que o visitava, e nessa altura eu já tinha deixado de ir.

Ele endireitou-se e chegou-se mais perto. A sorrir. Alguma coisa desagradável espreitava atrás dos seus olhos claros. Como um réptil a observar a presa.

— Mikkel, o que vieste aqui fazer?

Hannah viu imediatamente que aquela era a pergunta errada para lhe fazer naquele momento, sozinha com ele no vestíbulo de entrada. A sua boca aberta e frouxa disse-lhe que Mikkel o entendeu como um convite. Ela entrou em pânico.

— Agora vou-me deitar.

Ele inclinou-se para a frente e pôs as mãos na parede, em cada um dos lados de Hannah, encurralando-a. Os seus ombros preenchiam todo o espaço; a voz enrouqueceu.

— Porque não combinamos que, da próxima vez que tiveres vontade de criticar o meu trabalho, vais à casa de banho e dizes tudo ao espelho em vez de telefonares ao meu chefe?

Hannah ficou ali parada, como se se tivesse transformado em pedra. O sangue latejava e sentiu o sabor a ferro dentro da boca, o medo.

— Fantástico, combinado, então!

Ele recuou com um impulso na parede e voltou para a porta da rua como se nada tivesse acontecido. Já nem sequer parecia especialmente embriagado. No limiar da porta, voltou-se e parou por um momento, depois piscou o olho e desapareceu no escuro. Só quando o portão para a Kaalundsgade se fechou com um estrondo, Hannah correu para a porta e puxou o trinco com toda a força.

*

Um cesto de roupa suja. Liv estava permanentemente a descobrir que lhe faltavam as coisas mais estranhas. Levou a roupa suja para a máquina de lavar, selecionou um programa e ficou a ver o tambor a encher-se com água. Muito bem: o que tinha ela para mostrar depois de quase quatro dias em Thy, além de meias malcheirosas? Um irmão mais velho que ganhara dinheiro ao vender a casa de infância, uma amante cujo marido subornara o conselho para obter um alvará de construção para um bloco de apartamentos à beira-mar e um caderno. Assim à primeira vista, não eram progressos de encher o olho, mas, ainda assim, eram informações novas. Liv sabia, entretanto, que numa investigação bem-sucedida muitas vezes basta revolver a panela com a colher que as almôndegas acabam sempre por vir à tona.

Verificou o telefone. Petter perguntava se ela podia passar num instante pela esquadra no dia seguinte ao meio-dia para fazer o ponto da situação e Liv respondeu que sim, com um enxame de borboletas

dentro do estômago. Mesmo depois de três anos na polícia e mais de uns quantos contratemplos, continuava apaixonada pelo seu emprego. Antigo emprego, retificou-se. E futuro. Assim esperava.

Em cima da mesa da cozinha estava o contrato de venda que Jens lhe dera. Tinha data de 29 de novembro de há quase quatro anos, o que seria três meses antes de Gert ter sido assassinado. Nada daquilo parecia encaixar no que ficara anteriormente a saber sobre ele.

Abriu o navegador do telefone e escreveu o nome do agente imobiliário, mas a empresa já não existia. Contudo, o advogado que mediou o negócio ainda tinha morada em Højbro Plads. Escreveu-lhe um *e-mail* a perguntar se se lembrava da transação.

Depois da morte do avô, o pai zangara-se com o irmão por causa da herança. Não é que fosse assim tanta coisa — um apartamento, um carro velho, algumas poupanças — mas, ainda assim, não conseguiam chegar a acordo quanto a quem ficava com o quê. O impasse durou anos. O almoço de Natal anual passou a ser coisa do passado e o tio deixou de vir às suas festas de aniversário. Em dada altura, o assunto passou e, de repente, voltaram a manter-se em contacto. Mas alguma coisa se quebrara e nunca mais se recuperou a mesma cordialidade. Liv sabia o que as discussões em torno de testamentos podiam fazer a uma família.

Voltou para a casa de banho, enxaguou a boca e, em frente do espelho, tirou o elástico do cabelo. Uma vez na vida, encarou os seus próprios olhos.

É uma pessoa solitária, pensou. Voltou as costas à própria família, apesar de não ter mais ninguém. Porque é egoísta e está assustada, se calhar até é preguiçosa. Liv cuspiu para dentro do lavatório e tentou reprimir os seus pensamentos. Estúpido e maldito cérebro! Apagou a luz, despiu-se e foi-se deitar. Se ao menos fosse possível disciplinar a mente como se faz com o corpo.

Ebba Leon, outubro de 1943

Já não há como adiar mais. Ebba põe-se de pé com dificuldade e fecha a mala. A maior parte dos seus pertences ficou no apartamento da Søndergade de qualquer modo, mas ainda há coisas que não podem levar com eles da igreja. Os livros de Mendel, o seu material de costura, o véu de noiva. Pode ser que um dia voltem para os vir buscar. Ou pode ser que não.

Mendel perdeu peso nas últimas semanas. Ele já era do tipo magro, mas agora está franzino. Isso preocupa-a, embora saiba que há coisas piores com que se preocupar. Contudo, é importante ter reservas a que recorrer, no caso de acontecer o pior.

Levanta a mala da cama e pousa-a ao lado da outra, junto à porta que dá para os degraus da cave. Duas malas que agora representam o total das suas posses. O pouco dinheiro que lhes resta tem de ficar com o padre, caso contrário serão alvos fáceis. Tudo o que levam é o pagamento do contrabandista e depois disso terão de arranjar forma de se desenvencilhar quando lá chegarem. Se lá chegarem.

Fica de novo impressionada com a rapidez com que se habituaram à escuridão da cripta, ao ar bafiento e ao cativeiro, que é o que realmente significa estar escondido. Os seres humanos adaptam-se — conseguimos lidar com quase tudo, mesmo as ratazanas debaixo das camas, a fome na barriga e o medo crónico.

Repousa a mão no ventre e tenta imaginar o que a vida lhe trará, mas é quase impossível. É como imaginar o nascimento da criança que em breve terão.

Vão encontrar-se com um pescador na baía de Køge, até aí ela sabe, e na sua imaginação será um homem rude e hostil quando lhe entregarem o envelope, mas que sabe ela? Se calhar é uma alma generosa tão assustada como Ebba? Sabe que haverá outros a fazer a travessia, mas não sabe quantos. Podem ser vizinhos, famílias. Irão provavelmente apinhados como

numa lata de sardinhas, e há uma semana que não se consegue lavar como deve ser. A vergonha que sente com o seu odor corporal deixa-a quase tão apreensiva como o medo das ondas e dos guardas armados nos barcos-patrolha alemães. Não quer pensar neles.

Ao invés, tenta visualizar a sua chegada à Suécia. Um litoral estrangeiro que não conhecem.

— Está pronta?

O padre apareceu à porta. Usa um sobretudo comprido e chapéu, e o olhar é grave. Ebba é invadida por uma onda de gratidão. Os seus atos são uma ponte que supera o fosso criado pela religião e as diferenças de cultura. Põe-se de pé e olha para ele de lágrimas nos olhos, incapaz de pôr as emoções em palavras. Mendel chega lá primeiro. Toma a mão do padre nas suas.

— Devemos-lhe tudo. Deus o abençoe, o meu e o seu.

O padre assente serenamente.

— Prometam-me apenas que chegam lá em segurança e que cuidam de vocês. O escrivão da paróquia leva-vos até Køge... deverá estar tudo organizado.

— E os nossos amigos? O Rolf e a Dora Farberoff?

— Está tudo tratado. Não se preocupem com eles.

Vestiram os casacos e ergueram as malas. O padre ajuda-os a levá-las escadas acima e até ao carro que os espera. Ebba consegue ver a respiração no escuro e é estranhamente tranquilizador. Eu existo, pensa, e entra no porta-bagagem. A barriga atrapalha, os seus movimentos são lentos e desajeitados. Espera não vir a ser um estorvo — não suporta a ideia de colocar os outros em perigo.

O padre debruça-se sobre ela. A sua firmeza é contagiante; ela tenta absorvê-la.

— Agora deve descansar, Sr.^a Leon, e recuperar forças para a viagem.

Fecha o porta-bagagem e tudo fica negro. Ebba fecha os olhos com força e tenta desconstrair. Não sabe o que os espera, só sabe que vão para a sua salvação e que o devem ao padre.

A OITAVA VISÃO

Aquele que vive eternamente, cujo domínio é eterno,
e cujo reino persiste de geração em geração;
diante d'Ele nenhum habitante da terra conta;
age conforme Lhe apraz tanto para a milícia celeste
como para com os habitantes da terra.

Ninguém pode agarrar-Lhe a mão e dizer-lhe:

Que fazeis?

Condenais um homem inocente e deixais livre o culpado.

Segunda-feira,
26 de setembro

Capítulo Vinte

A noite era um inimigo implacável, mas um amigo atencioso. Liv acordou na segunda-feira de manhã purgada de dúvidas e de autorrecreminações, como se as horas de escuridão tivessem um poder catártico. O simples facto de dormir na sua cama parecia ter-lhe feito bem e pôs-se assobiar no chuveiro. O caso estava a ganhar ritmo, sentia-o, e era contagioso.

Contudo, o bom humor rapidamente esmoreceu, logo que se viu sentada no *Fiat* num parque de estacionamento de Amager, com a câmara apontada para o bloco de apartamentos onde vivia um desconhecido. Havia todas as hipóteses de acabar por passar a manhã toda ali sentada, à espera de um homem que podia ou não chegar ao volante de um *Tesla* que alegadamente teria dado como roubado.

Os minutos iam passando muito lentamente, viscosos como melado, e sob a superfície ela sentia, à espreita, uma impaciência diante daquele flagrante desperdício da sua vida. *Este é o teu trabalho*, recordou-se a si mesma. *O Gert Linde não paga a renda.*

A rua estava deserta. Pousou a câmara no banco a seu lado e recostou a cabeça para trás. Se Gert tinha aceitado vender a quinta, então a mulher teria presumivelmente tido conhecimento da venda e de quanto teriam ganhado com ela.

Liv telefonou a Patricia, mas esta não atendeu. Ponderou enviar mensagem, mas acabou por olhar para o número da loja e marcou.

Atendeu uma voz feminina grave.

— Ligu para a Aura, um momento por favor.

Pousou o auscultador no balcão, deixando Liv a pensar se Aura seria o nome da loja ou da mulher. Ouvia-a a falar com um cliente ao fundo.

«Acabaram de chegar hoje. Pois, eu sei, são mesmo de *morrer*.»
Risos soltos, e depois ela voltou.

— Aura, aqui fala a Karen.

A loja, portanto.

— Olá, Karen, aqui fala a Liv. Gostava de falar com a Patricia, por favor.

— Lamento, mas ela faz sempre folga à segunda-feira.

Liv hesitou.

— Posso deixar mensagem?

— Quero dizer, ela só a vai receber na terça-feira...

— O. K., obrigada, volto então a telefonar amanhã.

Liv desligou. De acordo com o relatório policial, Patricia estava a trabalhar na loja quando Gert foi assassinado — na segunda-feira, dia 4 de março, há três anos e meio. Olhem-me só.

Olhou pelo para-brisas para se certificar de que o vigarista em potência não aparecera enquanto estava ao telefone. Mas não havia nada para ver, além de um autocarro amarelo e uma senhora idosa a passar muito devagarinho de bicicleta na ciclovia. Voltou a recostar a cabeça e fechou os olhos. Só um instante.

Despertou com o telemóvel a tocar, no sítio onde o deixara cair sob o banco. Tateou à sua procura. Teria passado pelas brasas durante um ou vinte minutos?

— Estou?

— Acordei-te?

A voz de Therese trouxe-a de volta para a realidade com um pequeno sobressalto. Liv esfregou os olhos, varrendo os resíduos de um sonho fugaz de que já não se conseguia lembrar.

— Só estou um bocadinho constipada. Como é que estás?

— Estou no trabalho. Aqueles valores que querias?

Liv endireitou-se no banco. Therese estava a informá-la de que não estava sozinha do lado de lá da chamada. Abriu o porta-luvas e agarrou num recibo antigo e numa caneta.

— Sim, estou pronta.

— Ótimo. Há várias contas nesse nome, três pessoais e duas empresariais; estas são as da suinicultura. Queres o saldo de todas as cinco?

— Hum, tudo o que preciso saber é se alguma delas tem uma quantia elevada. Ele tem uma conta-poupança?

Therese riu-se, apenas muito brevemente, mas o som deixou Liv arrepiada.

— A conta pessoal com o saldo mais alto tem duzentas e setenta e cinco coroas. E as duas contas empresariais estão um bom valor abaixo da linha vermelha.

Liv atirou a caneta para cima do banco. Para onde teria ido então o dinheiro todo da herança?

— Alguma transação volumosa nos últimos anos?

Therese baixou a voz.

— Não posso fazer isso, Liv. Isto já é ultrapassar em muito os limites, e sabes isso.

— Desculpa-me, compreendo.

— Tenho de ir.

— Espera! — Liv tentou pensar nalguma coisa que pudesse dizer para estabelecer uma débil ponte entre as duas. — Em relação ao resto também. Desculpa, Therese, eu só...

— Liv, tenho um cliente à espera. Falamos mais tarde.

Therese desligou. Liv pegou na câmara e virou-se para se pôr novamente a olhar pela janela. A rua continuava deserta. Olhou para o relógio. Havia passado apenas oito minutos desde que o consultara a última vez. Seguramente não estava certo ficar ali sentada sem fazer nada quando havia assassinos à solta. Num movimento exasperado, atirou a câmara para o banco do passageiro, ligou a ignição e carregou no acelerador.

*

Os sinos tocavam na igreja de Virum e a bandeira estava a meia haste. Nima estava parado no passeio a observar pessoas de luto, vestidas de negro, a passar ao lado de um carro funerário que esperava no exterior e a entrar para dentro da igreja a conta-gotas.

O telefone vibrou dentro do bolso. Número não identificado — tinham passado o dia todo a ligar. A polícia, evidentemente. Pôs em modo de voo, esperou até que o último convidado entrasse na igreja e que os sinos se calassem, e depois subiu rapidamente a vereda e abriu a porta. Um sacristão entregou-lhe a folha com os cânticos, ele recebeu-o desviando o olhar e foi sentar-se atrás da última fila de todas. A igreja estava cheia, por isso poderia esconder-se na multidão.

O organista tocou um cântico e a congregação acompanhou-o cantando ou balbuciando, os rostos enterrados nos livros de cânticos.

Mais perto do altar estava um caixão branco, com flores em cima da tampa e um desenho de criança colado de lado. Nima tentou ver as filhas de Marianne na fila da frente e vislumbrou duas cabeças escuras, mas havia demasiadas pessoas pelo meio para que conseguisse ter a certeza. Só as vira em fotografias cinco anos antes; entretanto estavam seguramente mais crescidas. Na altura, ele começara a sonhar acordado com a ideia de também ser pai, apesar de saber que era provavelmente uma pessoa demasiado quebrada por dentro para isso. Que fantasias absurdas! A esperança era traiçoeira — estragava tudo.

O cântico esmoreceu e Adam avançou para junto do caixão. Ficou parado a olhar para ele durante algum tempo, estendeu uma mão e reposicionou uma flor que estava prestes a cair ao chão. Em seguida, olhou para a congregação e começou a falar. A sua voz estava surpreendentemente controlada e firme, mas mesmo de longe Nima via que as mãos lhe tremiam.

— Perdoem-me — começou —, mas hoje vai ser difícil. Amei a minha mulher desde o primeiro momento em que me pegou na mão numa noite fria de maio, há dezanove anos.

Os olhos de Nima varreram discretamente a multidão ali reunida. As pessoas davam pequenos toques nos olhos, claramente comovidas com as palavras de Adam. Ele tinha toda a sua atenção. Mas não a de Nima. Olhou para o caixão e viu-o mentalmente, o corpo, pálido e inanimado na floresta, o sopro de vida irrevogavelmente apagado. A pele vítrea, agora a apodrecer, a transbordar do caixão e a escorrer para o chão da igreja.

Adam voltou a sentar-se ao lado das filhas na fila da frente, e o organista deu início a mais um cântico. Nima recuou, retirando-se na direção da saída para se ir embora. Não devia ter vindo, claro que não. Mesmo antes de abrir a porta, olhou por cima do ombro. Um último adeus.

Mas os olhos que encontraram os seus foram os de Adam. Estava a olhar diretamente para ele.

— Porra do ar condicionado! Porque é que hoje em dia não fazem janelas que possamos mesmo abrir ou radiadores que possamos simplesmente ligar e desligar?

Petter desferia golpes mal-humorados num painel na parede e Liv não conseguiu deixar de se rir.

— Estás a começar a comportar-te como um velho rabugento.

— EU SOU um velho rabugento! E reservo-me o direito de agir como tal.

Sentou-se à secretária. Pelo estado das comissuras da sua boca, Liv percebeu que estava a falar mesmo a sério.

A Unidade de Crimes Graves, bem como três gabinetes de procuradores, tinham-se mudado em 2014 da grandiosa e velha esquadra de polícia concebida por Kampmann, na altura já com um século, para uma gigantesca e nova superesquadra em Tegllholmen. A mudança era uma necessidade: o edifício antigo tornara-se demasiado exíguo e o seu estatuto de património protegido tornava-o demasiado inflexível como local de trabalho — mas alguns dos investigadores mais antigos tiveram dificuldade em adaptar-se aos novos gabinetes, por mais eficientes que pudessem ser. Petter era obviamente um deles.

— Mas enfim, o que estavas tu a dizer? O Jens roubou descaradamente a herança ao Gert?

— Exatamente. — Recostou-se na cadeira de escritório, que cheirava vagamente a plástico quente. — Prometes que me ouves até ao fim antes de colocares objeções, pode ser?

— Está bem.

— Tem que ver com o dinheiro que ganharam com a venda de Hurup. O Gert opunha-se à venda, os irmãos discutiram por causa disso durante anos.

— O Jens Linde tinha um álibi.

— Ei, prometeste que ouvias! — Fulminou-o severamente com o olhar e, em resposta, Petter revirou os olhos. — O álibi do Jens Linde foi confirmado por um grupo de companheiros de copos bêbedos que nem cachos. Esse álibi não vale népias.

— Hum, talvez.

— O assassinio, em si, foi violento, mas também amador, o que encaixa bastante bem na minha teoria.

Petter voltou a levantar-se, enfiou as mãos nos bolsos e começou a passear de um lado para o outro atrás da secretária. Dois passos numa direção, dois passos na outra.

— Como é que aconteceu?

— Hum. O Jens manteve-se sóbrio no domingo à noite, mas comportou-se como se estivesse bêbedo. Na manhã seguinte bem cedo, viajou até Copenhaga. Tocou à campainha e o Gert deixou-o entrar. Foram para o escritório, lutaram e o Jens estrangulou-o. Pode ser assim tão simples.

Petter olhou para ela.

— Já agora, achas que é possível verificar uma travessia de *ferry* de há três anos e meio? Quero dizer, quando compramos um bilhete damos a matrícula, por isso, se o Jens Linde tiver apanhado o *ferry* nessa manhã, tem de estar registado algures.

— Não sei durante quanto tempo guardam esse tipo de informação, mas não me importo nada de tentar. — Petter hesitou, escreveu uma nota num bloco que tinha em cima da secretária e depois voltou a levantar os olhos. — Que mais?

— O dinheiro da quinta. Quanto ganharam com a venda e para quem foi esse dinheiro?

— Não sei bem se poderemos aceder a essa informação com o caso oficialmente encerrado. Mas vou ver. — Voltou a escrever alguma coisa, pousou a caneta e recostou-se na cadeira. — Mais alguma coisa?

— O Jens não foi a única pessoa a beneficiar com a morte.

— A mulher? — As sobranceiras de Petter levantaram-se e voltou a fazer um ar cético.

— Sabes se eles são proprietários daquele apartamento? Deve custar uma fortuna.

Ele suspirou.

— Mas que sabemos na verdade sobre a Patricia Linde? — Liv contou pelos dedos. — Que ela e o Gert tinham discussões explosivas. Que o marido a andava a trair com pelo menos outra mulher... e, já agora, não me cabe simplesmente na cabeça que tenhas deixado passar tal coisa.

— Estás a dizer que estou a perder o jeito?

Liv encarou-o de frente. Não havia na sua voz nada do tom jocoso

habitual, os olhos estavam sérios.

— Ora essa, Petter, é uma asneirada e tu sabes isso. Costumávamos poder brincar com esse tipo de coisa.

Ele encolheu os ombros. Tirou um maço de cigarros e pareceu estar a contar quantos ainda restavam. Depois voltou a guardá-lo e assentiu.

— Bom trabalho, Liv!

Ela sentiu as faces a corar e baixou os olhos. Mas apenas por um instante. Depois endireitou-se e ergueu o queixo.

— Quais as últimas novidades sobre a mulher na floresta?

— Bom, o mecânico do teu prédio está cada vez mais a jeito: o momento, a oportunidade, o comportamento depois do acontecimento; só que simplesmente não conseguimos perceber o motivo. Tiveram uma relação há cinco anos. Pode ser que se tenha reacendido, mas depois tenha azedado. — Inclinou-se para a frente, apoiado sobre os cotovelos, e olhou para ela muito sério. — As provas forenses são fortes, mas não o suficiente, por isso vamos provavelmente precisar de o pressionar a confessar.

Liv ergueu os dois ombros e deixou-os cair com um suspiro fingido.

— Se quiseses que tente sacar-lhe alguma coisa, basta dizer. Mas, Petter, se isto funcionar, acho bem que tenhas um cartão de colaborador e um plano de pensões pronto para mim.

Capítulo Vinte e Um

Liv regressou à Kaalundsgade, estacionou o carro e começou a andar em direção à Vesterbro Torv. Para ser realista, sabia que não ia passar o resto do dia a trabalhar em casa. A ideia de ficar sentada no seu apartamento na cave enquanto outras pessoas estavam em reuniões ou a conversar sentadas a secretárias era simplesmente deprimente. Havia vários cafés na praça e o nome Barbar Bar fê-la sorrir com gosto. Um lugar vago na banqueta junto à janela e uma *Coca-Cola* gelada, e estava quase tão satisfeita como se estivesse sentada em Teglgård. Ligou o computador e isolou os ouvidos das conversas dos outros clientes em volta.

Uma pesquisa simples no *Google* por «Patricia Linde» produziu toda uma série de artigos e publicações, a maioria relacionados com moda e em formato de Perguntas e Respostas. Abriu-os um de cada vez, lendo acerca de rotinas de beleza e achados favoritos em mercados de rua, até deparar com uma coluna numa grande revista feminina, escrita dois anos antes. Estendendo-se ao longo de oito páginas, a entrevista vinha ilustrada com várias fotografias muito lisonjeiras de Patricia, vestida de várias formas. O título dizia: *Mesmo nos momentos de maior escuridão, há uma luz ao fundo do túnel*, enquanto o subtítulo explicava que *Patricia Linde, de cinquenta anos, uma instituição no mundo da moda de Copenhaga, teve de aguentar um penoso tratamento oncológico e a perda do marido em apenas dois anos*.

Liv parou para ler.

Patricia descrevia como, uma manhã, no banho, detetou um alto na mama e depois a ansiedade dos exames médicos e o diagnóstico que veio em seguida, que foi mais ou menos uma sentença de morte, com uma ínfima hipótese de sobrevivência. Falava abertamente sobre o que lhe custou a quimioterapia, sobre a perda de cabelo e sobre a cara de lua cheia e sobre a diminuição da libido e, depois, no meio da sua fase mais pesada, a mais desesperada: o choque — o assassinio brutal

do marido de tantos anos, Gert Linde.

Como conseguiu recuperar disso?, perguntou a jornalista, ao que Patricia admitiu que fora quase impossível, mas que, ao longo de todo o processo, e apesar de tudo, ela sentira que havia esperança no horizonte. Pouco depois da morte de Gert, fora tratada com um protocolo alternativo na Califórnia, com uma combinação de anticorpos biespecíficos e uma dose elevada de vitamina C. O tratamento curou-a. Passados dois meses em Los Angeles, voltou para casa e declararam-na livre do cancro.

No tempo que decorreu desde então, a luz voltara gradualmente à existência de Patricia. E, explicava ela, devia a Gert viver em pleno pelos dois.

Liv apontou um pensamento no seu bloco de notas:

Não disse nada sobre o apoio que ele lhe teria dado!

Em todas as entrevistas que Liv alguma vez lera sobre doenças graves, os doentes gostavam de sublinhar a importância do apoio que recebiam dos seus mais próximos. Patricia nem sequer mencionara o papel de Gert durante o tratamento. Teria ele prestado apoio, ido com ela às sessões de quimioterapia, ou teria passado o tempo todo em Thy?

Roeu a caneta e depois apontou mais um pensamento, desta vez seguido de dois pontos de exclamação.

Ela continua a viver no apartamento!!

Por mais que se adore uma casa e por mais tempo que lá se tenha vivido, o assassinio de um marido não levaria uma pessoa a sair? Será que nos limitaríamos a esfregar as nódoas, arejar a sala e continuar como se nada fosse?

Liv fechou o separador. Mesmo abaixo, na lista dos resultados de pesquisa, chamou-lhe a atenção o artigo de um tabloide acerca do funeral de Gert, com uma fotografia do caixão a ser baixado à terra, com pessoas enlutadas paradas junto à campa. Ampliou a fotografia.

Patricia estava atrás do caixão, toda de preto e muito elegante, de lenço à volta da cabeça. Estava ladeada de duas pessoas que a apoiavam pelos cotovelos. Uma era uma mulher de óculos de sol; a outra era Jens Linde.

De acordo com Patricia, não houvera nenhum contacto com o irmão de Gert nos seus últimos dez anos de vida, mas após a morte era

evidente que se tinham aproximado de novo. Ou estavam simplesmente unidos na dor durante aquele breve momento — qual das duas hipóteses terá sido, afinal?

Liv recostou-se no banco e olhou para a praça. Que dissera Mick Hvilsom sobre Patricia quando comentou as escapadelas de Gert? *Ela andava por fora a tratar da vida dela*. Seria melhor perguntar-lhe o que queria exatamente dizer com isto.

*

O ambiente na Pusher Street era palpitante, como sempre, com canábis a ser comprada e vendida em todas as suas formas. Nima encontrou o seu ponto de venda habitual e comprou cinco gramas e um saco de erva antes de se pôr a deambular pelas ruas sujas de Christiania, passando pelas coloridas casas de madeira, em direção ao sítio onde normalmente fumava, junto ao talude. Era apenas uma pequena clareira na vegetação rasteira e ele estava longe de ser o único a usá-la, mas, quando fumava, era ali que gostava de estar.

As faias altas fechavam-se sobre a sua cabeça e a água ia passando serenamente; era um lugar onde se podia esconder e, ao mesmo tempo, transportar-se em sonhos para outro lado que não ali.

Tirou do bolso uma folha de papel de enrolar e começou a fazer um charro. Os dedos conheciam a rotina e o seu corpo debruçou-se, na expectativa do êxtase iminente. Acendeu-o e inalou profundamente, susteve a respiração e depois exalou o fluxo de fumo na direção da superfície da água e para o céu que esta refletia. As folhas restolharam atrás de si, mas era apenas um casal de patos a descer para a margem. Sorriu para as aves enquanto passavam por ele descontraidamente a bambolear-se. Claramente, era Nima o intruso no seu território, e não o contrário.

Nima deu mais uma passa, sentindo-se a acalmar. Desde que tinha memória, precisara sempre de se entorpecer artificialmente para a encontrar, a calma. Com álcool, com drogas, com amor. Tudo atirado para o poço sem fundo que era a sua alma ferida. O êxtase mantinha a vida ao alcance da mão.

A questão era saber se tinha de fugir, já. Da polícia.

Uma aranha desceu pelas costas de Nima abaixo, fazendo a pele arrepiar-se num franzido miudinho. Apesar de estar sentado muito

quieto e de o charro começar a fazer efeito, o seu corpo encolhia-se já de uma forma que ele conhecia demasiado bem. Durante a fuga do Irão, mantivera-se num permanente estado de confronto ou fuga, deixando-o despido de emoções e aterrorizado em igual medida. Um dos amáveis funcionários da segurança social do campo de Sandholm referira o stresse pós-traumático, mas não aprofundara mais do que isso.

Tinham-lhe oferecido ajuda — oh, sim — e até chegara a aceitar, uma vez, sobretudo pela mãe. Preocupava-se de mais com ele e de menos consigo própria. A conversa tivera lugar num serviço de aconselhamento que ficava no edifício mais quadrado e mais atarracado que alguma vez vira. Em cima da mesa estava uma taça com bombons, embrulhados individualmente com papel celofane de cores garridas. A conselheira de crise apresentara-se como Pernille, falava devagar e claramente para que, mesmo com o seu dinamarquês desconchavado, Nima conseguisse acompanhar o que ela dizia. Não se lembrava de grande coisa da conversa, apenas que estava desejoso de que chegasse ao fim. Perguntou sobre a saída do Irão, disso lembrava-se, e ele olhou para os bombons, interrogando-se se ela alguma vez soubera o que era passar fome. Se ela conseguia imaginar o que era deitar-se e tentar adormecer sob um aglomerado de rocha, a tremer de frio, de estômago vazio.

Nima apagou a beata do charro. Seria Hannah uma boa psicóloga? Isso era uma coisa que não fazia mesmo sentido para ele, a ideia de que era possível sermos treinados para compreender melhor as outras pessoas. Não acabaríamos por projetar os nossos próprios pensamentos no cliente, por basear nas nossas emoções o nosso entendimento das emoções deles? Uma coisa era certa, a terapia não o ajudara. Estava tão desfeito agora como antes. Se calhar até mais.

Olhou para o outro lado do canal, sentindo um formigueiro no corpo. Milhares de formigas guerreiras sob a pele, os intestinos a dançar numa agitação involuntária. Sim, estava decididamente mais desfeito por dentro do que naquela altura.

*

O bar estava surpreendentemente cheio para uma segunda-feira à tarde, a abarrotar de clientes a emborcar cerveja que não se importavam de matar o tempo até à noite dentro de uma nuvem de

fumo de cigarro. À primeira vista, na verdade, parecia que Liv era a única pessoa na sala que não soprava baforadas de fumo. Descobriu Mick Hvilsom sentado ao balcão, no mesmo lugar onde o deixara na semana anterior. Tinha os olhos colados no ecrã do computador e num noticiário internacional. À frente tinha um copo grande de cerveja, um líquido escuro qualquer num copo de *shot* e um cinzeiro a transbordar. Os bancos altos à sua volta estavam todos ocupados, mas Liv enfiou-se entre ele e o homem que estava ao lado, sorrindo em jeito de pedido de desculpas.

Tinha de haver alguma vantagem em ser uma franzina peso-pluma.

— Olá, Mick.

Han fitou-a sem expressão.

— Liv Jensen, conversámos na quarta-feira passada sobre o Gert Linde.

— Ah, certo, sim. Quer sentar-se? — Cutucou o ombro do vizinho. — Flemming, porque é que não dás lugar à senhora?

Flemming desceu do banco e fez uma galante vénia na direção de Liv. Ela sentou-se e pediu uma *Coca-Cola* ao empregado.

— Jesus, sacanas dos russos, não é? — Fechou o portátil e bebeu de uma vez o líquido do copo de *shot*. — E a que devo então a honra? Outra vez?

— Preciso da sua ajuda.

— Ora essa, não me diga! — Fingiu uma surpresa exagerada.

— No outro dia referiu-se à Patricia. Disse que ela andava por fora a tratar da vida dela. O que é que quis dizer com isso?

— Eu disse isso? — Soltou uma gargalhada aparentemente sem razão nenhuma. — Imagino que quisesse apenas dizer que ela tinha de tratar da carreira dela, tinha mais com que se entreter, não é?

— Não estaria por acaso a insinuar que ela tinha um caso?

— Nã. Quer dizer, eu não a conhecia assim tão bem. O Gert é que era o meu amigo, não saíamos em casais nem nada desse género.

O empregado reabasteceu o copo de *shot* que Mick tinha à sua frente e ele puxou-o para mais perto.

— Sabia que ela esteve muito doente?

— Refere-se ao cancro da mama?

Liv ergueu as sobrancelhas.

— Porque é que não referiu isso na última vez que falámos?

— Provavelmente porque eu e o Gert, na verdade, não falávamos muito sobre isso.

— Sabe que ela quase morreu da doença? — Liv não conseguiu conter a indignação na sua voz.

— Lá porque não falamos constantemente sobre uma coisa, isso não significa que não nos importemos, minha menina. O Gert simplesmente não queria passar o tempo todo a falar sobre quimioterapia e cabeças carecas quando tinha finalmente algum tempo só para ele. Eu respeitava isso.

Liv revirou uma base para copos de cartão entre os dedos e bebeu um gole de *Coca-Cola*, sobretudo como desculpa para desviar os olhos. Mick acendeu um cigarro e pousou o isqueiro em cima da mesa com um pequeno baque.

— Ouça, o Gert andava uma pilha de nervos, isso eu sei. Foi um período terrível para os dois.

Provavelmente sobretudo para Patricia, pensou Liv.

— Só que ele não se entregava àquilo, percebe? — Mick ergueu o copo de cerveja e esvaziou metade do conteúdo num só trago.

— Ela encontrou uma cura alures nos EUA?

— Eu não teria como saber nada disso. Eu e ela não estamos em contacto desde a morte do Gert.

Liv sorriu-lhe.

— É jornalista de investigação. Isto não é o seu pão nosso de cada dia?

Mick passou suavemente os dedos sobre o computador fechado, como se afagasse um animal de estimação.

— O objetivo ainda é descobrir o assassino do Gert?

Liv assentiu.

Mick manteve a mão no computador, os olhos a tremeluzir de bebida e dúvida. Liv percebia que ele captara as linhas gerais das suas suspeitas.

— O Gert andava raladíssimo porque não sabia se poderiam continuar no apartamento quando a Patricia ficou doente. É o tipo de coisa de que ninguém fala. De quanto custa ficar doente neste país.

— Temos tratamentos gratuitos no serviço nacional de saúde.

Ele abanou o dedo na direção de Liv.

— Oh, pois, claro, mas se o tratamento não funcionar, estamos complementemente lixados. A Patricia teve de contratar uma pessoa a tempo inteiro para trabalhar na loja de roupa, o que não sai barato, evidentemente. E quando se começou a meter em todas aquelas cenas alternativas, aí é que tudo foi por água abaixo.

— Não podiam renegociar a hipoteca do apartamento?

— Não, é arrendado e é caro como o raio. Não se arranja tantos metros quadrados no centro de Østerbro sem pagar uma verdadeira fortuna.

Uma pessoa esbarrou rudemente contra Liv, pedindo-lhe depois desculpa pouco convictamente, e ela voltou a subir para o banco.

— E que tratamento alternativo foi exatamente?

— Não sei mesmo. Mas quando começamos a duvidar dos pareceres médicos oficiais, entramos em terreno escorregadio, se quer que lhe diga. Há por aí muitos parasitas que lucram com o desespero das pessoas gravemente doentes. O Gert tentou manter o foco.

— Porque era demasiado caro?

Mick revirou os olhos.

— Mas que género de assassínio de carácter é que está a querer arranjar? O Gert era um tipo às direitas que queria o melhor para a mulher dele. Só que era saudavelmente cético diante dos sanguessugas e vigaristas do faroeste da medicina alternativa e a Patricia devia estar até hoje agradecida às suas estrelas da sorte por ele ter sido assim. Se bem me lembro, foi ela quem sobreviveu e ele quem morreu. — Esvaziou o copo e arrotou para dentro da mão. — Muito bem, vou investigar um pouco e ver o que me aparece. Escreva aí o seu número e endereço de *e-mail*.

Liv pegou na base do copo e tirou uma esferográfica da carteira. Mick tinha razão. No fim de contas, a doente vivera e o saudável morrera.

Capítulo Vinte e Dois

A roupa impregnada de fumo foi diretamente para a máquina de lavar e substituída por *leggings* de corrida e uma camisola de carapuço. Liv pôs os auriculares e saiu, atravessando o pátio em direção ao portão. A garagem estava vazia; era evidente que o mecânico não ia estar ali o resto do dia. Caminhou lentamente até ao Gammel Kongevej e fez o aquecimento nos degraus do Planetário, com os velhos Guns N' Roses nos ouvidos. O Sol pôs-se atrás dos telhados de Vesterbro no momento em que ela estava a estabilizar o ritmo ao longo de um dos lagos. Quando se aproximava do Pavilhão, Petter ligou.

— Podes falar?

— Se me aturares os grunhidos durante um bocado, com certeza.

— Foste correr? Ah, deixa-me só acender o meu cigarro pós-laboral. Assim posso fumar com um sentimento de culpa enquanto conversamos. — Remexeu desajeitadamente um isqueiro, praguejando entre dentes. — Pus um estagiário a verificar as travessias de *ferry* na manhã de 4 de março de há três anos e meio. Não foi fácil convencer alguém, mas consegui. Ele não encontrou o carro do Jens Linde.

— O. K. — Liv desviou-se de dois homens com carrinhos idênticos.

— Mas pode na mesma ter vindo de carro até Copenhaga. Pode ter vindo pela ponte.

— Sim, ou ter trazido um carro emprestado. Que irritante, podia ter sido uma bela prova.

— E o dinheiro? Quanto é que eles fizeram com a venda de Hurup?

Ela conseguia ouvi-lo a sugar o cigarro, a exalar fumo.

— Vai-se a ver e até foi relativamente fácil obter essa informação. Os preços dos imóveis estão disponíveis ao público na Internet em ois.dk. A quinta foi vendida há três anos por oito milhões de coroas. E assim à primeira vista acho que tens razão, o dinheiro foi repartido em partes iguais entre o Jens Linde e a viúva do Gert.

— Sabias que ela esteve doente? Devia estar a fazer tratamentos quando a interrogaste.

Petter calou-se, daquela maneira que as pessoas se calam quando alguém ultrapassou um limite.

— Tinha a cabeça coberta com um lenço, sim. Mas não falámos sobre isso com ela; porque é que haveríamos de nos meter nisso? Seja como for, estava tão exausta que a excluímos como suspeita.

Liv parou num banco, pressionando os flancos com as mãos para travar a pontada que começava a subir-lhe pelo corpo acima.

— Certo, tudo bem, percebo isso, claro. — Inclinou-se para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, até a respiração acalmar. — Só preciso de recuperar o fôlego, espera aí.

Petter voltou a inalar e prendeu o fumo.

— Estás a achar que a mulher estava de conluio com o irmão? E qual seria o motivo?

— Estás a gozar? Desde quando é que quatro milhões de coroas não é motivo suficiente? — Liv começou novamente a correr. —

O Jens Linde também devia estar com dificuldades financeiras; e a julgar pela suinicultura, parece que ainda está, como te disse. Ainda me vou encontrar com o advogado deles amanhã de manhã. Quem sabe pode lançar alguma luz sobre a venda da quinta.

— Fantástico. Almoçamos depois?

— Tu pagas! — Evitou por pouco esbarrar num grupo de corredores que vinham a toda a brida na sua direção. — Já agora, o Jens tem uma caravana estacionada na propriedade dele. Sabes se foi revistada pela polícia quando ele foi interrogado?

— Hum, não está no relatório, não. Porque perguntas?

— Ele passa lá as noites. É uma exploração enorme, mas passa os serões numa caravana.

— Isso parece esquisito.

— É, não é? Adoraria saber o que ele faz lá dentro.

*

A música já lhe ondulava no corpo enquanto Hannah percorria a Oehlenschlägersgade, de casaco aberto na noite amena. Os sapatos de dança pretos de salto alto batiam contra o passeio, inconscientemente ao ritmo de uma música de Piazzolla que ela apreciava especialmente.

Passara quase um ano desde a última vez que fora a uma aula de milonga e sentia-se grotescamente desajeitada, como se a sua insegurança a tornasse luminescente. Se calhar não devia sequer tentar, já que estava de baixa, mas por outro lado tinha de ter um gostinho da sua vida normal para perceber se conseguia voltar a encará-la.

Fora Rune a introduzir-lhe inicialmente o gosto pela dança. Aprendera com uma antiga namorada que era *porteña*, uma palavra que ele pronunciava enrolando o *n* em vez de dizer simplesmente que era de Buenos Aires. Hannah adorava ter um namorado que sabia dançar e quase sentia vergonha do prazer que lhe dava ser conduzida. O modo como a agarrava pela nuca e a orientava na sua direção. Agora, ela vinha sozinha.

A sensação corpórea da guitarra, do violino e da harmónica foi crescendo à medida que se aproximava do bar de tango em Halmtorvet. O baile de segunda-feira, *Noche de Lunes*, era a sua milonga favorita. Tinha música ao vivo e as pessoas vinham mesmo para dançar, não para enganar ninguém. Seria provavelmente como andar de bicicleta — o seu corpo não podia simplesmente ter-se esquecido de tudo, por mais enferrujado que estivesse.

Quando chegou ao fim da Matthæusgade, atravessou o parque, Skydebanehaven, onde ela e Daniel brincavam em crianças. A mãe ficava sentada num banco a apanhar sol, com o dedo indicador entre duas páginas de um livro, enquanto eles andavam de baloiço e brincavam às escondidas. Quando alcançou o portão que dava para a Istedgade, Hannah olhou sobre o ombro, para a outra extremidade do parque, com a sua vegetação abundante. Uma vez, Daniel escondera-se num arbusto lá ao fundo e ali ficou pela noite fora.

Hannah lembrava-se claramente da cara da mãe a agarrar com força o pesado auscultador do telefone, a ligar a colegas da escola e vizinhos. A fachada pálida e composta a disfarçar um ataque de pânico. O pai andara de rua em rua, muito preocupado, a perguntar a desconhecidos se o teriam visto. As horas foram passando. Hannah sentara-se no banco comprido da cozinha com os pés enfiados debaixo do corpo, à espera. Ninguém ligou a luz e ela não se atreveu a dizer que tinha fome.

Já tinha adormecido quando finalmente o encontraram.

A Istedgade cumprimentou-a com o seu habitual tumulto de coloridas montras de lojas, caixas de verduras e bicicletas sibilantes. Tentou recuperar o ritmo no passo, mas já perdera o fio à meada da melodia. Os sapatos limitavam-se a estrepitar contra as lajes do passeio. A visita inesperada de Mikkel Felding ainda a perturbava. Não voltara a ter notícias dele hoje, apesar de ter contado com um pedido de desculpas. Quanto mais pensava no assunto, mais estranho lhe parecia.

Quando se aproximou de Halmtorvet, estando tão perto que já via o bar de tango a cinquenta metros, ouviu a orquestra a tocar uma música de Gardel e tentou entrar na batida.

Mas ia a caminhar demasiado depressa e os saltos faziam um baque muito pouco elegante ao bater no chão.

Parou a meio do passeio, sentindo a respiração na boca. As pessoas passavam por ela, a rir-se, distraídas com a sua vida. Hannah deu meia-volta. Quem sabe na próxima segunda-feira.

De volta a casa, no vestíbulo de entrada, tirou os sapatos de dança com um pontapé e caminhou de meias até à velha oficina de molduras, onde deixara o computador, em cima da secretária. Abriu-o, procurou a Agência de Reclamações de Doentes e navegou até ao separador de Decisões e Resoluções. O site disponibilizava publicamente as suas decisões sobre diversos casos, incluindo ocasiões em que revogara licenças, intensificara a supervisão e emitira injunções profissionais. Hannah clicou sucessivamente em incontáveis decisões — coerção médica, uso de força física, doentes trancados nos quartos — lenta e metodicamente, começando no cimo da lista. Os nomes e as clínicas haviam sido editados, mas tinham números de caso.

Passada meia hora, tinha a barriga das pernas a doer, pelo que se sentou no chão de pernas cruzadas, com o computador no colo, e continuou a ler. Ouviu o pai a subir as escadas para se ir deitar e Liv a ouvir música na cave, enquanto nos outros edifícios lá fora as luzes estavam apagadas em cada uma das janelas. Os seus olhos davam sinal de sono e as costas começavam a queixar-se, pelo que se deitou de barriga para baixo e continuou a percorrer a lista, bocejando ao ler decisões de casos em que doentes difíceis haviam sido drogados e privados do sono. Aquilo não levava a lado nenhum.

Pondo-se de pé com dificuldade, saiu para o vestíbulo à procura do telemóvel, que estava no bolso do casaco. Abrindo a lista de contactos, encontrou Helle, da faculdade de medicina, que trabalhava atualmente como enfermeira-chefe do Centro de Psiquiatria da Zelândia do Norte.

— Olá, Hannah, mas que surpresa. — A voz calorosa de Helle encheu-a de um sentimento de pertença.

— Olá, Helle, espero não te estar a incomodar.

— Nadinha. Lamento muito pelo teu irmão.

— Obrigada. — Que outra coisa as pessoas poderiam dizer? Hannah contou até três antes de prosseguir. — Estou aliás a telefonar para te pedir um favor. Tenho um bocado de vergonha depois de não dar notícias há tanto tempo, mas...

— Não te preocupes, eu percebo, é importante. Podes dizer!

— Preciso de verificar se foi apresentada alguma reclamação ou se foi registado algum caso contra um determinado psiquiatra. — Hannah voltou à oficina, levantou o computador do chão e pô-lo em cima da secretária enquanto explicava. — Eu sei que tens acesso a esse tipo de informação se trabalhares em psiquiatria. É o Mikkel Felding, lembras-te dele?

— Mais ou menos, sim. Tens o número de licença dele?

— Não, lamento.

— Tudo bem, vamos ver o que conseguimos arranjar.

Hannah ouviu em pano de fundo Helle a escrever no teclado.

— Aqui está. Em outubro passado, foi registada sobre ele uma coisa a que damos o nome de «carta de preocupação». Não diz se foi registada por um colega ou por um doente, mas deu origem a um aumento da supervisão. Hum... só um segundo, deixa-me ler. — Helle murmurou enquanto percorria o documento. — Não percebo de que se tratou. Mas posso dizer-te onde aconteceu.

— Onde?

— No Centro Psiquiátrico de Amager. O serviço principal fica em Ørestaden. Conheço a enfermeira-chefe de lá, queres que a contacte?

— Isso seria ótimo, obrigada. Ele ainda tem licença para exercer?

— Oh, sim, absolutamente, não parece ter sido uma reclamação grave.

Não, pensou Hannah, enquanto agradecia à sua ex-colega. Não à primeira vista, pelo menos. Mas quando pensou na visita tardia de Mikkel na noite anterior e a expressão dos seus olhos, sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

*

O espelho estava embaciado e Liv teve de o limpar com a toalha para conseguir ver o seu reflexo. Evitou o rosto, como de costume, e concentrou-se na zona que lhe doía na axila. Um alto pequenino, talvez um folículo encravado, na orla da camada de pelo que ela não removia. Envolveu o corpo numa toalha. O telefone estava ao lado do lavatório, tocava Aerosmith enquanto ela escovava os dentes.

Ia a meio de *Crazy* quando tocou. Número não identificado. Olhou para as horas antes de atender. Eram onze menos um quarto.

— Sim?

— Liv Jensen? — Uma voz masculina que não reconheceu.

— Com quem estou a falar?

Estática e hesitação.

— Desculpe a pergunta, mas está sozinha?

Ela olhou para o jardim pelas janelas escuras, correu até à porta das traseiras e assegurou-se de que estava trancada.

— Com quem estou a falar?

— Chamo-me Ulrik Høeg. Tem estado a tentar entrar em contacto comigo.

O editor! Liv encostou-se à mesa da cozinha e relaxou os ombros.

— Olá, Ulrik, que bom ouvi-lo. Disseram-me que estava de férias ou algo assim? Espero não...

— Está sozinha? — interrompeu ele. — Se não estiver, preferia ligar noutra altura.

— Estou sozinha.

— Disse que encontrou o caderno de apontamentos do Gert.

É verdade?

Liv mudou o telefone de orelha.

— Na casa de infância em Thy.

— Mostrou-o a alguém? Contou a alguém?

Liv pensou um instante. Petter, mais ninguém.

— Só a pessoas da minha confiança.

— O. K. Por favor, não fale dele a mais ninguém. — Ouviu-se alguma coisa a estalar ao fundo. — Eu gostava de o ver. Pode encontrar-se comigo amanhã e levá-lo? Consigo estar na cidade da parte da tarde. Nos jardins da Biblioteca Real, às quatro da tarde?

— Claro.

— Ótimo. E... Liv?

— Sim?

— Este encontro pode ficar entre nós?

A NONA VISÃO

Matava aquele que queria;
como deixava com vida aquele que queria;
exaltava ou humilhava quem ele desejava.

Mas nada encontraram
de que o acusar.

Ele seguiu vida fora imaculado,
enquanto o sangue me manchava a roupa.

Terça-feira,
27 de setembro

Capítulo Vinte e Três

Na terça-feira de manhã, Vesterbro mostrou-se cinzenta, coberta de nuvens que salpicavam os telhados de chuva. Liv pôs o caderno de apontamentos e o contrato de venda na mochila. Antes de sair, olhou lá para fora. Apesar dos chuveiros, o mecânico estava no pátio central, debruçado sobre um capô cor de laranja e com música a tocar. Tirou duas latas de *Coca-Cola* do frigorífico, parou ao lado do carro e ofereceu-lhe uma.

Ele aceitou com um sorriso enviesado.

— Importa-se de que guarde para mais tarde? Acabei de fazer alguns litros de café que terão de ser bebidos primeiro.

— Como queira.

Ela abriu a sua própria lata e bebeu um gole. As bolhas frias formigaram-lhe no nariz e atrás da testa.

— Liv. Acabei de me mudar para a casa do Jan e da Hannah.

Ele devolveu o aceno e sorriu-lhe com simpatia. Olhos verdes, sobrancelhas escuras, agradável, traços regulares, mas tinha também uma vigilância no olhar — ou seria imaginação sua?

— Nima.

— Esta garagem é sua?

Ele assentiu com a cabeça e voltou a inclinar-se sobre o carro. Liv esperou, mas ele não disse nada.

— Eu sou investigadora privada. Mas é apenas temporário. — Olhou para a coluna. — O que está a ouvir?

— Chopin.

Liv emitiu um murmúrio de reconhecimento e bebeu mais um pouco de *Coca-Cola*. Para ela, quase toda a música clássica soava mais ou menos ao mesmo.

— Só trabalha com carros desportivos?

— É o meu *hobby* e a minha paixão.

— Lá fora vi um *Mustang* lindíssimo estacionado, é seu?

Ele endireitou-se e voltou a sorrir, com cautela.

— Interessa-se por carros?

— O meu avô adorava carros americanos. Assinava uma revista e quando eu era pequena costumávamos ver juntos as fotografias.

Nima assentiu.

— A *Wheels*, talvez?

Ela encolheu os ombros e apontou com a cabeça para o capô do carro.

— Qual é o problema deste?

— Se perguntar a um mecânico qual é o problema de um carro, ele vai dizer qualquer coisa sobre o veio de transmissão, tem noção disso, não tem? — Debruçou-se de novo sobre o motor.

— Porque assim pode cobrar montes de dinheiro, mesmo que só tenha de trocar o filtro do ar?

— Exatamente! — Nima riu-se com *secura*. Tinha papos escuros sob os olhos, como alguém que não anda propriamente bem. —

Tem de se dar uma no cravo outra na ferradura, suponho. Mas este *Chevy Camaro* não tem grande problema. Acabou de chegar, por isso, para já, estou a limpar as válvulas e a substituir algumas mangueiras.

Liv inclinou-se para a frente, de modo a ver para onde ele estava a apontar.

— É um SS 350, certo?

— Então sempre sabe umas coisinhas sobre carros! — Ele acenou com a cabeça, em jeito de aprovação.

— Um modelo de finais dos anos sessenta... 1969?

— 1968, estou muito impressionado. O seu avô fez um belo trabalho.

Liv observou-o a desenroscar uma peça e a limpá-la no pano que trazia pendurado no cinto, já preto de óleo. As suas mãos eram surpreendentemente elegantes, de dedos delgados. Não pareciam as mãos de um trabalhador, nem de um assassino.

— E você, onde foi buscar o seu interesse por carros antigos?

— O meu pai.

Nima procurou um sítio onde pousar a peça solta. Liv estendeu a

mão e ficou com ela.

— E passou para si, estou a ver?

Ele pôs mais uma porca do carro na palma da mão de Liv.

— As coisas de que não gostamos em criança acabam por ser as melhores coisas da idade adulta.

Ela analisou-lhe o rosto, mas não encontrou segundas intenções nos olhos verdes.

— Nesse caso, o seu pai deve estar orgulhoso de si. Ele costuma vir cá e apertar porcas e parafusos consigo?

— O meu pai morreu.

— Lamento muito. — Os olhos de Liv pousaram nas peças que tinha na mão. — O meu avô também já morreu. Era uma espécie de pai para mim.

Agora que as dizia, sentia mesmo a verdade daquelas palavras. Que aquilo que sempre pressentira se tornara real numa observação ao acaso em conversa com um desconhecido.

Nima foi até à parede com as ferramentas para trazer uma palete e depois pousou-a ao lado do *Camaro* para se pôr em cima dela.

— É assim a vida. Cheia de morte.

Sorriu-lhe com tristeza, e Liv devolveu-lhe o sorriso. Um assassino faria uma piada assim?

— Aconteceu há muito tempo, a morte do seu pai?

— Sim.

Tirou uma chave inglesa do bolso do fato-macaco e debruçou-se sobre o *Camaro*, remexendo nalguma coisa que parecia estar presa, reemergindo passado um minuto com uma listra preta a atravessar-lhe a testa. Limpou-a, bem como algumas gotas de chuva, usando a manga.

— O meu pai morreu há vinte e três anos numa prisão iraniana.

Liv sentiu a pontada de vergonha que é normal surgir quando se toca acidentalmente num nervo sensível. Mas ela sabia que a única boa resposta à dor era a curiosidade. Quando uma pessoa nos confia alguma coisa, a última coisa que devemos fazer é afastarmo-nos por respeito.

— E o resto da família?

— Fugimos para a Dinamarca durante a revolução iraniana. —

Desenroscou mais uma pequena peça metálica e esfregou-a com o pano. — É demasiado jovem para ter ouvido falar do Xá e do Khomeini, portanto não se sinta mal com isso. O meu pai era um dissidente. Falou contra o regime que caiu e contra o que assumiu o poder. Foi por isso que tivemos de sair. Não tínhamos dinheiro para viajar todos juntos, os quatro, por isso o meu pai ficou para trás para arranjar dinheiro para a viagem dele. Mas foi preso e morreu na prisão.

Fez um gesto com a mão na direção da garagem.

— Aqui estou eu hoje, a continuar o legado dele.

Nima tirou um telefone e olhou para o ecrã. Liv não soube dizer se estaria a ser sarcástico.

Algo lhe disse que havia mais vergonha do que orgulho naquelas palavras. Quis dizer-lhe que o pai ficaria provavelmente feliz por ver que o filho vivia em paz e segurança, mas isso parecia falta de tato.

— Foi um prazer conhecê-la. — Nima estendeu a mão e tirou as porcas que ela estava a segurar. E depois entrou na oficina.

Liv ficou ainda alguns momentos a olhar para ele e depois pôs a mochila a tiracolo e saiu para a rua.

*

Nima pegou no maço de cigarros que estava ao lado da máquina de café, tirou o celofane e acendeu um. Conseguiu pôr o motor do *Camaro* a funcionar algumas vezes, mas depois ia-se logo abaixo. Naquele dia os dedos não estavam a cooperar. E também não ajudava ter espectadores, apesar de a nova inquilina dos Leon ter parecido bastante simpática.

Fumou e leu o poema afixado na parede acima do lavatório.

*Não me arrependo,
pensando nesta resignação,
nesta triste capitulação.*

A questão era saber se a melhor estratégia seria manter-se fora do assunto e viver como uma pessoa normal, na esperança de que a tempestade passasse e o deixasse relativamente ileso, ou se deveria ser mais proativo. Por mais cigarros que fumasse, não conseguia acalmar suficientemente a mente para pensar como deve ser.

O que faria um homem inocente?

Atirou a beata com um piparote para dentro do lavatório e voltou a tirar o telefone. Desta vez nem consultou a caixa de correio, limitou-se a procurar o número de Daria e marcou. Tocou e voltou a tocar. No fim, desligou e voltou a sair para o exterior, mas sentia já que naquele momento não estava virado para trabalhar no *Camaro*. Ir ao café também não era opção, e ele não era o género de pessoa que se punha a andar sem rumo à volta dos Lagos.

Nima levantou os olhos na direção das janelas da casa grande. O que precisava mesmo naquele momento era de uma hora na companhia de Hannah. Estar na presença da sua energia plácida, sentir-se seguro por momentos. Que raio de sorte, conhecê-la naquelas circunstâncias. Qual seria a probabilidade de ela o visitar na prisão?

Telefonou novamente a Daria. Ouviu tocar e tocar e tocar. Quando estava mesmo prestes a desligar, ela atendeu.

— Não posso falar contigo.

— O quê? Porquê? — Nima ouviu-se a gritar.

— A polícia... Já não sei em quem acreditar. — Soava distante, ou se calhar, antes, com medo.

— E isso quer dizer o quê? — Pausa.

— Pura e simplesmente não posso correr esse risco, tenho de pensar nos meus filhos.

Os pensamentos de Nima puseram-se a mil.

— Dar, tens de confiar em mim. Eu não sou propriamente um anjinho, mas nunca matei ninguém.

— Nima, agora vou ter de desligar.

— O que é que a mãe diz? A mãe conhece-me melhor do que ninguém.

— A mãe está um caco. — Mais uma longa pausa. Quando, por fim, Daria voltou a falar, a sua voz era fria e firme. — Não podes achar que nos vamos deixar sugar outra vez para as tuas histórias.

— Dar, tens de me ajudar. Eu não tive nada que ver com a morte dela... — A linha morreu.

Uma onda de medo assolou o corpo de Nima, suficientemente lenta para ele conseguir registar o seu avanço centímetro e a centímetro. Começou com um formigueiro sob os calcanhares, depois subiu pelas pernas acima juntamente com o sangue, passando pelas barrigas das

pernas e as coxas, depois a virilha e o esfíncter. O estômago contraiu-se com violência. Nima pôs uma mão em cima do *Camaro*, inclinou-se para a frente e vomitou no asfalto.

*

O escritório do advogado Søren Lykke Andersen ficava em Højbro Plads, e ele abriu a porta pessoalmente quando Liv tocou à campainha. A escadaria era sumptuosa, mas desmaiada, e de alguma forma também o advogado transmitia essa impressão. Em mangas de camisa, magro e de cabelo branco, devia ter sido um homem alto, mas agora estava tão mirrado que não ultrapassava muito Liv em altura.

— Ora bem, consegui vir! — Quase gritou as boas-vindas, empurrando-a amavelmente, mas com impaciência, para que entrasse. — Ótimo, ótimo. O meu gabinete é o primeiro à direita. Aqui estamos! Entre, entre, sente-se ali na cadeira mais fofa, deixe-me só tirar-lhe isto do caminho.

Søren tirou uma pilha de processos de uma poltrona forrada com um tecido de lã escocês e colocou-a no parapeito da janela, ao lado de mais outras oito pilhas periclitantemente encostadas umas às outras. Liv sentou-se e abriu a mochila.

— Obrigada por tirar algum tempo para...

Ele fez um gesto com a mão para lhe dizer que não tinha importância e deixou-se cair na sua cadeira de escritório, que se queixou ruidosamente com um gemido.

— Não é todos os dias que recebo a chamada de um investigador privado! É empolgante! — Pousou as mãos entrelaçadas em cima da secretária e olhou para ela, expectante, por cima dos óculos de leitura sem armação.

Liv tirou o contrato de venda, erguendo-se ligeiramente para lho passar por cima da secretária. Ele enfiou os óculos e analisou-o, de lábios franzidos.

— Lembra-se da venda? Uma velha quinta de família em Thy que acabou por ser vendida a uma destilaria de uísque.

Søren pousou o documento.

— É claro que me lembro do caso, sou um velho amigo da família.

— Ah, O. K. Realmente fiquei a pensar porque teriam escolhido um advogado de Copenhaga para mediar a venda.

— Eu também sou de Thisted e era amigo de juventude do Ernst Linde. A família recorria sempre a mim quando precisava de apoio jurídico, e os filhos do Ernst continuaram a fazê-lo, mesmo após a sua morte. — Sorriu com orgulho. — Já me devia ter reformado há anos, mas estou demasiado apegado ao meu trabalho. Mas só trabalho para pessoas de quem gosto; é uma prerrogativa de quem já vai sendo velho, entende.

— Por isso, quando eles lhe pediram ajuda, nem pensou duas vezes? Mas deve ter sido uma grande trabalhadeira, uma propriedade tão grande, as normas de proteção do património e tudo isso.

O sorriso dele alargou-se ainda mais.

— Isso é o que sei fazer melhor.

Liv devolveu o sorriso.

— E os dois irmãos trataram da venda?

— Oh, sim, os irmãos herdaram a quinta em partes iguais e ambos aceitaram colocá-la no mercado. Mas foi o Jens quem tratou da papelada.

— Só estou um pouco confusa, porque, tanto quanto eu sabia, o Gert não estava interessado em vender...

Ele baixou os olhos para o papel, mas voltou a erguê-los imediatamente.

— Não sei nada sobre isso.

— Ouvi dizer que ele e o Jens discutiram por causa disso durante anos. Que o Gert queria transformar a quinta num museu e que o conflito era tão mau que só comunicavam através de advogados.

Søren franziu a testa, desabotoando as mangas da camisa para as poder arregaçar até ao cotovelo. O fluxo da fala prendeu-se-lhe ligeiramente por um momento.

— Bom, uma coisa é certa, não me estavam a usar a mim para isso. É a primeira vez que ouço falar de um desentendimento em torno da venda. Correu tudo sobre rodas, tanto quanto sei. Inclusivamente em relação ao preço.

Liv inspirou, mas depois parou. Alguém estava a faltar à verdade; as histórias não batiam certo.

— O Gert veio aqui, ao seu escritório, quando havia documentos para assinar, ou como é que fizeram?

Søren sorriu com um ar indulgente.

— O meu escritório enviou dois exemplares dos documentos de venda, um ao Jens e outro ao Gert, com envelopes já com portes pagos. Eles assinaram e devolveram, é assim que se costuma fazer.

Ela hesitou.

— Foram autenticados?

— Oh, sim, todos os documentos importantes, como a própria escritura, foram autenticados, é claro.

— Posso ver a escritura?

Ele voltou a pôr os óculos de leitura no nariz, levantou-se e foi até uma estante a abarrotar e que revestia toda a parede atrás de si. Tirando para fora várias caixas de arquivo, teve de procurar algum tempo até encontrar o dossiê certo. Abriu-o e folheou-o, lambendo o dedo indicador, a murmurar para os seus botões.

— Aqui está.

Pousou uma grossa pasta verde-musgo em cima da mesa e abriu-a. Tirou o documento de cima e varreu-o com os olhos.

— Ah, sim, é isso. Infelizmente, o Gert morreu antes de se conseguir vender a quinta, por isso, como sua única herdeira, foi na verdade a viúva a assinar os últimos documentos da venda, juntamente com o Jens.

Uma ideia começou a germinar no cérebro de Liv.

— Fez algum outro trabalho para o Gert? Quero dizer, antes, como advogado da família?

Ele pareceu perplexo, mas voltou à caixa de arquivo e tirou lá de dentro uma pasta vermelha mais fina.

— Em dada altura, ele e a mulher entraram em litígio com o senhorio da casa e eu tive a oportunidade de ajudar. Já não me lembro dos pormenores, mas acabou por se resolver satisfatoriamente.

—

Sorriu, satisfeito, olhando para a pasta. — Deve ter sido, no mínimo, há vinte anos.

— Posso ver?

Søren hesitou um instante, mas depois entregou-lhe a pasta. Liv abriu-a e passou os olhos pelos documentos. Alguma coisa sobre as escadas da cozinha que não deviam estar obstruídas com umas

prateleiras, alegavam que constituía risco de incêndio. O acordo foi assinado pelo senhorio e os Lindes, com duas secretárias jurídicas como testemunhas.

— Eles assinaram isto aqui no seu escritório?

— Sim, penso que sim. Uma das testemunhas foi a Lone? E a outra foi a Britt? Então foi aqui.

Liv olhou para as assinaturas. A de Gert era grande e rebuscada, os *Guês* eram confiantes.

— Desculpe, posso?

Apontou para o contrato de venda da Quinta Hurup e o advogado passou-o por cima da secretária. Liv pôs os dois documentos lado a lado.

A assinatura do contrato de venda assemelhava-se à do acordo vinte anos antes, era grande e rebuscada. Mas não era idêntica. Alguns pormenores essenciais, Liv reparou, eram diferentes. Seria possível que não tivessem sido escritas pela mesma pessoa?

Capítulo Vinte e Quatro

Liv saiu do escritório do advogado a sentir a pulsação a estalar-lhe contra as têmporas. Alguém falsificara a assinatura de Gert no contrato de venda e a única pessoa que poderia beneficiar disso era Jens.

Desceu até à zona ribeirinha. Uma placa dizia-lhe que estava na secção do canal de Slotsholm conhecida por Ved Stranden, «junto à praia», apesar de provavelmente ser preciso recuar à Idade Média para encontrar ali alguma coisa que vagamente se assemelhasse a uma praia. As pedras da calçada brilhantes com a chuva refletiam casas históricas que, desde o século XVIII, ofereciam a ilustres habitantes da cidade uma vista sobre a água. Um casal de namorados procurara abrigo junto à casinha de venda de bilhetes dos barcos do canal, onde ficaram a beijar-se sob uma placa luminosa. Até com a chuva miudinha, aquele era um lugar bonito, como uma pintura da época de ouro.

Encontrou um banco debaixo de uma árvore e telefonou a Johan, o seu antigo colega na polícia da Jutlândia do Norte.

— Ora viva, Ervilhinha Verde, sentiste a minha falta?

— Como não? — Ouvia-se um apito na linha do lado de Johan, como se ele estivesse num salão de jogos. — Olha, é só uma pergunta rápida, tens um instante?

— Dispara!

— O caso do Gert Linde. Onde é que tu e o Malle Johnsson interrogaram o irmão da vítima?

— Na suinicultura dele em Snejstrup. Cooperou, lembro-me disso, e deixou-nos ver a propriedade mesmo sem mandado.

— E viram? Deram uma vista de olhos?

— Hum, sim. — Pelo tom, parecia que não se queria comprometer.
— Mas não encontrámos nada suspeito.

— Hum, O. K. Olha, isto pode soar esquisito, mas ele tinha uma caravana na propriedade quando vocês lá foram?

— Não me lembro.

Liv levantou-se e saiu da proteção da árvore. A chuva parara.

— Johan, lembras-te daquela vez em que fiz o turno por ti no Natal e na noite de Ano Novo? — Ela expirou uma névoa para o húmido ar de outono. — Agora preciso da tua ajuda. Quero saber o que está dentro da caravana na propriedade do Jens Linde. Será que podias ir a Snejstrup e entrar lá?

— É urgente? — Liv ouviu passos e uma porta a bater.

— Não vai demorar nada. Se saíres agora, consegues fazer isso antes de escurecer.

— E então ficamos quites?

Liv não conseguiu deixar de se rir.

— Então ficamos quites.

Mais passos; ele agora já estava na rua. O vento da Jutlândia do Norte pôs-se a assobiar na linha telefónica.

— Queres que tire só fotografias ou precisas de mais alguma coisa?

— Telefona-me pelo *FaceTime* e depois vamos vendo. E obrigada, Johan!

— Sim, sim. — Desligou o telefone.

Liv guardou o telefone e pôs-se a caminho do Kanalcafé a grande velocidade. Estava ansiosa por contar as últimas novidades a Petter.

*

Hannah saiu pela porta da frente e dirigiu-se para o telheiro das bicicletas. Caía uma chuva miúda, mas ela não andava de bicicleta há uma eternidade e precisava de apanhar ar fresco, por isso destrancou a sua velha *Raleigh* e puxou-a pelo portão. Na Kaalundsgade, subiu para o selim, puxou o carapuço para cima e arrancou em direção a Dybbølsbro. Nos primeiros minutos, vacilou, insegura, mas depois apanhou o ritmo e, quando chegou a Byggebroen, suficientemente perto para ver Copenhaga a abrir-se para o porto, sentiu uma pontada de otimismo. Bicifelicidade, era o que Daniel lhe chamava, quando eram miúdos e ainda havia esperança.

No Digevej, para lá dos carris de comboio elevados e virado para a

verde extensão do parque de Amager, havia um edifício moderno de dois andares com fachada de vidro, com um aspeto suficientemente genérico para ser uma biblioteca ou serviços camarários. Contudo, uma placa na entrada confirmou que Hannah estava diante do hospital e o relógio no pulso disse-lhe que estava dez minutos atrasada. O carapuço estava molhado da chuva e a corrente da bicicleta manchara-lhe as calças, mas a sua boa disposição manteve-se intacta enquanto corria lá para dentro a dar o seu nome na receção.

A mulher de bata branca atrás da secretária mandou-a para o piso superior, Secção B1, avisando-a de que Mette Rasmussen ainda estaria provavelmente na reunião da administração, mas que havia uma zona de espera onde se poderia sentar até saírem.

Hannah subiu um curto lanço de escadas e encontrou dois sofás sob as claraboias. Na parede estavam penduradas pinturas a óleo em tons de castanho-avermelhado, claramente do mesmo artista, e entre os sofás havia vasos com plantas verdes. Alguém se dera claramente ao trabalho de fazer daquele espaço um lugar atrativo.

Sentou-se e, no momento em que o fez, viu uma mulher mais jovem e entroncada a caminhar na sua direção a passo vivaz.

— É a amiga da Helle? — Alcançou a zona de espera e quase arrastou Hannah para fora do sofá com o seu enérgico aperto de mão. — Peço desculpa pelo atraso. A reunião quase nunca se prolonga, mas hoje foi obviamente o dia em que passámos as marcas.

— Acabei de chegar. Obrigada por me receber.

— Bom, estou em dívida para com a Helle, por isso... o meu gabinete é por aqui.

Mette arrancou e Hannah seguiu atrás. Percorreram um corredor iluminado, aberto num dos lados para o átrio e, no outro, com uma fileira de portas. A terceira estava aberta de par em par e Mette conduziu-a para o interior, apontando para uma cadeira *Ant* junto à parede.

— Diga-me de que se trata. Alguma coisa acerca do seu irmão, é isso?

Hannah sentou-se e puxou um nadinha para cima as mangas húmidas da camisola. Agora que ali estava, arrendia-se de não se ter vestido de forma mais profissional.

— É isso mesmo. Se calhar devo também informá-la de que eu

também sou médica. Tenho um doutoramento em psicologia e sou psicóloga no Centro de Agressão Sexual do Rigshospital. — Fez um aceno de cabeça na direção de Mette, que sorriu atentamente de volta. — O meu irmão era doente no centro de alta segurança de Nykøbing, até à sua morte, há seis meses, e o psiquiatra que o estava a assistir era o Mikkel Felding.

O sorriso no rosto de Mette esmoreceu um pouco. Hannah apressou-se a continuar.

— Sei que há limites para o que pode partilhar comigo sobre um colega, mas tomei conhecimento de que houve alguns motivos de apreensão em torno dele e eu...

Mette levantou-se da cadeira e fechou a porta.

— Conheço bem o Mikkel, trabalha aqui no hospital.

— O meu irmão tinha perturbação afetiva bipolar, com períodos depressivos e maníacos. Há três anos, foi condenado por assassínio. O Mikkel tirou-lhe o tratamento com lítio e, dois meses depois, ele suicidou-se. Eu só estou a tentar perceber se há algum fundamento para uma eventual reclamação.

Mette expirou e olhou para o chão, como se as palavras de Hannah tivessem tocado uma corda sensível. E depois abanou a cabeça.

— Fui eu quem escreveu a carta.

— Foi? Porquê?

— Bom, reparei que no departamento dele havia mais conflitos do que noutros do hospital, com o mesmo tipo de doentes.

E quando digo conflitos quero dizer comportamentos dos doentes que eram riscos graves para a segurança, violência, automutilação, etc., não apenas discussões. Como é evidente, esta situação levou a uma intensificação do ato de maniatar e uso de força.

— Não me soa seguro.

— Não era. Havia rumores de que o Mikkel estava a levar a terapia cognitivo-comportamental a um novo patamar. Deixava as pessoas da enfermaria de doentes internados passear pelo parque ou levava-os às compras no centro comercial. Enfim, compreendo perfeitamente a ideia de que devemos dar às pessoas tarefas e responsabilidades em vez de medicação pesada. Mas os métodos dele eram pouco ortodoxos e, especialmente se combinados com mexericos de bastidores, acabaram por se tornar demais.

— As pessoas começaram a comentar?

— Ouviam-se algumas coisas. Pessoas a dizer que, quando se divorciou há alguns anos, alguma coisa se quebrara. Que talvez o seu discernimento tivesse ficado um pouco perdido.

Mette fez um ar crítico.

— Mas já sabe como são estas coisas. Se vamos apresentar uma reclamação contra um profissional de saúde, temos de estar devidamente preparados. Já me tinha comprometido ao escrever a carta e tenho a certeza de que ele sabe que fui eu quem a escreveu. Por isso, agora, cabe aos colegas mais próximos averiguar se devem ser tomadas medidas mais drásticas.

O estômago de Hannah contraiu-se. Não podia propriamente censurar a enfermeira por não fazer mais do que já fizera. Mas e se o descontrolo de Mikkel tivesse prejudicado outros doentes? Mais suicídios? Hannah não suportaria carregar isso na consciência.

*

Quando passou pelo tribunal em Nytorv, Liv olhou de relance para as seis colunas cor de pele que enquadravam a entrada. Para lá delas, viam-se os degraus de pedra, chamando os visitantes para as profundezas do edifício, para ainda mais escadas e pórticos, como se no seu interior se escondesse a verdade em pessoa, sigilosa e sedutora. Examinou as intrincadas pregas cor-de-rosa, questionando-se se teriam sido uma opção arquitetónica ou se o seu cérebro frustrado lhe estava a pregar partidas.

Fosse como fosse, era impressionante, e um tanto ou quanto desconcertante.

Todas as mesas do Kanalcafé estavam ocupadas e, apesar de terem reserva, teve de esperar dez minutos até se poder sentar numa das mesas de toalha aos quadrados vermelhos e brancos. As pesadas traves do teto e as fotografias de temática marítima nas paredes evocavam uma época em que a Dinamarca era uma das grandes nações de navegantes do mundo. Nos dias que correm, aquele cenário não passava de uma decoração de montra, visando as hordas de turistas e políticos que gostavam de comer a sanduíche de camarão e a carne assada em ambientes históricos.

À uma e um quarto, Petter apareceu nas escadas, curvado e com um

ar stressado, a alça da pasta cruzada a tiracolo e a apertar-lhe a pesada barriga. Quando chegou ao fundo da sala, levantou os olhos e olhou em volta, mas sem realmente ver, e só a viu quando Liv acenou.

— Desculpa-me o atraso, estamos cheios de trabalho. — Tirou a pasta das costas e pousou-a ruidosamente em cima da cadeira. — Vamos ver se conseguimos apanhar um empregado?

Pediram sanduíches abertas e refrigerantes a um empregado de mesa barrigudo vestido de colete e gravata, e Petter enxugou a testa com o guardanapo.

— Credo, está um forno aqui dentro. O que disse o advogado, então?

— Petter, não devias ter-te apressado tanto a excluir os familiares do Gert.

Ele revirou os olhos.

— Poupa-me, por favor! Se fizesses ideia de como estamos atrapalhados com tanta coisa para fazer. Deviam dar-me uma medalha por não colapsar sob tanto stresse.

Liv olhou para ele, perplexa. Não era o género de Petter perder a compostura. Ele deu palmadinhas no lábio superior com o outro lado do guardanapo.

— Não leves a mal. Mas enfim, que tem esse contrato de venda?

— Alguém falsificou a assinatura dele para conseguir vender a quinta.

Petter verteu água com gás para dentro de um copo e fitou mal-humorado lá para dentro.

— Queres dizer que foi o irmão? Consegues prová-lo?

— Ainda não, mas dá-me mais uns dias e consigo. Aposto que tentou forçar a venda nas costas do Gert, mas ele descobriu e ameaçou fazer um banzé.

— E então... — Petter pôs as mãos à volta do pescoço e apertou.

O empregado pousou à sua frente os lombos de peixe com remolada. Pedacos de tomate e fatias de laranja competiam pelo espaço em cima das torres de peixe panado dentro do molho amarelo. Petter atirou-se imediatamente à comida. Na verdade, Liv contara com uma reação ligeiramente mais exuberante à notícia da assinatura falsificada, mas era evidente que estava preocupado com o caso novo. Liv pegou na

faca e no garfo e começou a cortar o pão.

— Falei com o mecânico esta manhã.

Petter parou a meio da dentada.

— Fizeste o quê?

— Descontrai, só me cruzei com ele no pátio e fizemos conversa. Só quis sondá-lo um bocadinho. — Liv pousou os talheres. — Não era isso que querias? Que eu o conhecesse?

Ele voltou a parar.

— Nunca me passaria pela cabeça pedir-te tal coisa. Há fortes possibilidades de ele ter matado a Marianne Dybdahl. Se fores sozinha à caça de um homem deste tipo é porque és doente da cabeça.

Permaneceram os dois um minuto em silêncio.

— Mas pelo menos deu para saber alguma coisa?

— Só conversámos sobre isto e aquilo enquanto ele trabalhava. Sobre carros e o pai dele e a revolução iraniana.

— Hum, O. K. E então o que achas dele? Assim só pela tua intuição.

— A minha impressão imediata é de que é agradável e inteligente, que teve de superar alguns obstáculos difíceis na vida e que está a tentar não chamar a atenção e evitar mais chatices. Se me perguntasses se eu acho que estrangulou uma mulher por vingança ou dinheiro, a minha resposta neste momento seria que não.

Petter bebeu um gole de água e cruzou os braços à frente do peito.

— Ontem encontrámos a carteira. No bosque, não muito longe do sítio onde estava o corpo da Marianne Dybdahl. Estava vazia, não tinha cartões nem dinheiro. — Os olhos dele arregalaram-se, muito tenuemente. — Tinha as impressões digitais do Nima. É ele.

Liv sentiu o coração a cair-lhe pelo corpo abaixo e a aterrar no chão. Petter podia ter-lhe dito logo, mas não, primeiro queria saber se passaria no teste. E ela reprovava redondamente.

— Lamento, Liv.

Liv olhou para o picadeiro, onde um homem de roupa escura estava a adestrar um dos cavalos brancos reais. Era uma visão que parecia saída de um conto de fadas, mas distante, como um vislumbre de um mundo que ela nunca alcançaria. A sobrepor-se ao desapontamento, sentiu subir dentro de si uma vaga crescente de fúria. Quando é que ia finalmente crescer o bastante para não andar sempre à procura da

aprovação dos outros?

Capítulo Vinte e Cinco

Liv deixou a maior parte do lombo de peixe no prato, mas observou Petter a devorar o dele em menos de vinte minutos, para depois pagar e sair outra vez a correr, resmungando algo sobre o caso. Sempre o caso. Saiu do café com tempo de sobra para gastar, caminhou ao longo do porto e chegou dez minutos adiantada ao encontro com o editor de Gert. Ulrik Høeg combinara encontrar-se com ela nos jardins da Biblioteca Real, um lugar que não conhecia, mas que encontrou mais depressa do que pensara. Na sombra do palácio de Christiansborg, com vista desimpedida para a antiga sala de leitura da biblioteca e para as suas janelas de arco, estendiam-se jardins formais em torno de um lago com repuxos. Havia cadeiras metálicas coloridas no meio da gravilha, que as pessoas podiam deslocar para acompanhar o Sol e imaginar-se em climas mais quentes.

Caminhou pelo jardim. Fixados à parede mais perto do Museu da Guerra viam-se grandes aros de ferro, uma reminiscência de quando aquela zona fazia parte do porto e as fragatas do rei ancoravam ali. Num dos lados do lago, Liv parou diante de uma estátua de cobre com verdete, de Søren Kierkegaard, sentado com um livro no colo e a pena pronta a escrever. Ela tinha ideia de que ele costumava conceber os seus livros durante as caminhadas, palavra a palavra, e depois ditava-os a um assistente. Ou seria aquele que escrevia de pé em frente de um atril? Seja como for, a estátua era enganadora, pensou, e deu-se a si mesma palmadinhas nas costas com a satisfação mesquinha das pessoas que têm a mania que sabem tudo.

— Liv?

Voltou-se, vendo-se face a face com um homem que não era muito mais alto do que ela. O seu corpo magrinho estava envolto numa canadiana excessivamente grande, o rosto estava obscurecido sob um boné e o cabelo escuro pendia em madeixas ao longo do pescoço. O editor de Gert era mais jovem do que estava a contar e, à primeira

vista, não tinha grande aspeto. Mas enfim, os grandes da literatura vinham em todas as formas e feitios.

Liv estendeu-lhe a mão.

— Olá, Ulrik.

— Vamos caminhar.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e avançou pesadamente à sua frente na direção de Christiansborg. Ela foi atrás. Ulrik emanava uma energia soturna e Liv pressentiu que o melhor era deixá-lo conduzir a conversa. Permaneceram um minuto em silêncio e depois ele olhou para trás por cima do ombro.

— Leu o caderno de apontamentos?

— Li algumas partes por alto.

— E? Compreendeu alguma coisa?

— Não — admitiu. — É por isso que queria falar consigo. Mas tem sido difícil apanhá-lo...

— Estamos na cabana de verão. — Olhou-a de soslaio. — Como é que eu sei que é mesmo quem diz que é?

Liv tirou o distintivo de polícia e mostrou-lho. Em bom rigor, devia tê-lo entregado na esquadra de Aalborg, mas «esquecera-se». É uma coisa que às vezes dá jeito ter.

— Como lhe disse no meu *e-mail*, estou neste momento a trabalhar como investigadora privada, mas em estreita colaboração com a polícia. O investigador principal não está satisfeito com o encerramento do caso e pediu-me para...

— O. K., tudo bem. — O editor interrompeu o resto da resposta com um gesto de mão. — Há dez dias, cheguei a casa do trabalho e dei com a porta escancarada e o apartamento pilhado.

— O. K. Contactou a polícia?

— É claro que sim! — Ele fitou-a, melindrado. — Mas eles não vieram ver os danos. O ladrão tinha virado tudo do avesso, mas não roubou nada de valor. Por isso, a polícia não se interessou.

— Receio bem que não disponham de recursos para esse tipo de coisa.

Ele dirigiu-lhe uma expressão maldisposta.

— Mas quando eu estava a arrumar as coisas, apercebi-me de que uma coisa *tinha* sido levada. O ladrão roubou apenas uma coisa, e não

foi um computador, nem uma das joias caras da minha mulher...

Liv olhou para ele.

— O manuscrito do Gert?

O editor assentiu devagar. Havia algo na sua expressão que Liv não conseguiu decifrar.

— Voltou então a ligar à polícia?

O lábio superior de Ulrik revirou-se, emitindo uma rosnadela irónica.

— Nada disso, fizemos as malas e fomos para a cabana de verão. — Sentou-se num banco, fechou os olhos e suspirou.

— Mas depois recebi o seu *e-mail* a dizer que encontrou o caderno de apontamentos em Hurup. Eu realmente achei que o Gert o poderia ter escondido por conter alguma coisa importante.

Liv sentou-se no banco, mas manteve uma ligeira distância. O ar em volta do editor tresandava a suor. O cheiro da culpa?

— Concorde. O senhor conhecia o Gert. Que impressão tinha da relação dele com o Jens?

— Não sei, distante, talvez? Eu e o Gert não falávamos muito sobre coisas pessoais. — Ergueu uma mão e apontou para a biblioteca. — Foi aqui que o vi a última vez, já agora. Tinha ido a uma exposição no Museu Judaico, na secção antiga da Biblioteca Real, e depois encontrámo-nos aqui e almoçámos na Torre.

— O que escreveu o Gert que era tão comprometedor? Era o editor dele, devem ter falado sobre isso?

Ele soltou um riso sombrio.

— Lamento muito dizer-lhe, mas não me lembro de grande coisa do teor do manuscrito. Só o fui lendo às postas, e o livro do Gert não era propriamente uma prioridade. A minha editora lança cerca de quatrocentos livros por ano, por isso a atenção que consigo dedicar a cada autor tem o seu limite. Especialmente quando o livro não é obviamente um potencial campeão de vendas. — Inclinou-se para a frente, apoiando os antebraços nas coxas.

— Tem o caderno consigo?

— Não — mentiu. Algo lhe disse que era melhor guardá-lo para si.

— Pensava que tínhamos combinado...? — Ele voltou a levantar a cabeça num repente. — Por que outra razão acha que vim assim à

cidade?

Liv não respondeu. A reação de Ulrik confirmou-lhe que fizera a escolha certa.

O caderno estava relacionado com o assassinio.

*

Nima abandonou a ideia de trabalhar mais naquele dia. Mesmo depois de se deitar no chão da oficina até a náusea desaparecer, sentia-se enjoado com os nervos. Levantou-se, começando por se agachar e, em seguida, muito devagarinho até ficar de pé, olhou para o *Camaro* na garagem, pegou no carro e foi para casa. Quando estava de volta à segurança das paredes de aço do rebocador, a primeira coisa que fez foi enrolar um charro e acendê-lo. Foi para o exterior e fumou, as costas de encontro ao casco do barco e o olhar no horizonte.

As nuvens haviam-se aglomerado no céu, afrouxando a luz de final da tarde sobre as águas, de uma forma que só setembro é capaz. Amena. Nima observou o céu a escurecer e a fundir-se no mar. Passados alguns minutos, aquela leveza que tão bem conhecia assomou-lhe atrás das têmporas e a sua respiração ficou um pouco mais solta.

Foi para dentro, lavou minuciosamente as mãos e ponderou a hipótese de fugir. Era uma opção viável, pôr coisas num saco e desaparecer; era algo que, basicamente, já fizera antes. Mas para onde iria? Se estivessem a pensar prendê-lo, não se conseguiria esconder em lado nenhum na Europa, e a ideia de ir para a América do Sul ou para o Extremo Oriente era absurda. Isto não era como fugir do Irão. Não era político, e não havia país nenhum no mundo que lhe desse asilo se estivesse a fugir de uma acusação de homicídio.

Nima abriu o frigorífico e tirou uma cerveja, mas, quando tentou abri-la na borda da mesa da cozinha, deixou cair a garrafa e derramou tudo no chão. Embebeu o grosso do líquido em papel de cozinha, mas não teve energias para terminar a tarefa, limitando-se a pôr a garrafa dentro da pia com os dedos a tremer. Que importava se a casa ficasse a cheirar a *pub*? Provavelmente já nem ia poder ficar ali muito mais tempo.

Tirou um saco e enfiou alguma roupa interior, calças de ganga, botas de borracha e um boné escuro. Depois sentou-se à mesa e tirou a

carteira. Tinha seis mil coroas em dinheiro. Não chegaria muito longe com aquilo. Não podia usar os cartões bancários sem ser rastreado e os documentos de viagem que tinha como refugiado não lhe permitiam atravessar fronteiras. Encontrou também dentro da carteira uma fotografia antiga de família, tirada no jardim de Ghaemshahr, a última em que estavam todos juntos.

Estavam todos aperaltados, iam provavelmente a caminho de uma festa, mas Nima já não se lembrava de qual. A mãe tinha um vestido azul e o cabelo solto, e o pai parecia um jovem naquela fotografia. Mas nessa altura ele tinha... não muito mais idade do que Nima tinha agora. Os seus olhos refletiam o céu, a crista da montanha no horizonte da cidade e as árvores de fruto no jardim. Tinha a camisa aberta, o corpo era ainda forte, ignorava toda a dor que ainda estava para vir. Os carnicheiros da prisão de Evin, a tortura e a execução. Andava muitas vezes ansioso, Nima lembrava-se disso, estava muitas vezes zangado. Contudo, naquela fotografia, estava feliz. Livre.

Nima ficou sentado à mesa, dentro da cozinha de teto baixo da embarcação, mas a erva lançou-lhe a mente pela escotilha e pousou-a à superfície do mar. Uma membrana frágil que podia quebrar-se a qualquer momento pelo bater de uma onda ou a amaragem de uma gaivota.

Alguém bateu à porta. Nem sequer ouvira os carros — será que costumavam ligar as luzes azuis a piscar para coisas deste tipo? Provavelmente não. Levantou-se, a cadeira arranhou o chão já desgastado de aglomerado de madeira.

A caminho da porta, o tempo parou. Um único pensamento ecoava-lhe dentro do crânio: não podiam provar nada. Só tinha de se manter de boca fechada, acontecesse o que acontecesse.

*

Johan fez a chamada no *FaceTime* quando Liv estava a atravessar o passadiço superior da estação central. A escuridão ia caindo gradualmente e as luzes elétricas da cidade vibravam cheias de cor e energia. Candeeiros de rua, placas luminosas e lâmpadas vistosas presas em toldos acenavam como potes de ouro no fim de um arco-íris inexistente, refletindo-se no asfalto molhado. Liv premiu o botão de atender e viu o seu grande sorriso a surgir no ecrã.

— Olá, Johan, já lá estás?

— Sim, estou na propriedade. — O vento de oeste assobiava no microfone e o fundo compunha-se unicamente de tons de azul. — O Jens não está cá. Mas se voltar entretanto, vais ter de me desentalar a pele!

— Salvar.

— Hã?

— Deixa estar. A caravana está destrancada?

— Deixa-me ver.

Começou a andar com o telefone esticado e tudo o que Liv conseguia ver era a sua orelha e algumas árvores, vergadas sob as rajadas de vento. A caravana entrou no campo de visão e ele abriu a porta, desaparecendo dentro do escuro.

— Liga a luz, não consigo ver nada.

— Sim, sim, é o que eu estou a fazer. — Ouviu-se um estrépito e um «au» gritado, seguido de alguns seletos palavrões, e depois a luz acendeu-se. — Pensando melhor, se calhar não será grande ideia estar aqui de luzes todas acesas caso o Jens volte para casa.

— Calma, vais ver os faróis dele antes de ele te ver a ti. Vá, mostra-me o que vês!

Johan virou o telefone para que ela pudesse ver o interior da caravana.

Nada surpreendente, eram sobretudo superfícies laminadas e mobiliário economizador de espaço. Desgastado, funcional e não especialmente limpo, se se olhasse com atenção. Uma *kitchenette*, uma mesa com um banco de canto a combinar e um sofá que, presumia Liv, se podia puxar para fora e converter numa cama. Via-se um lençol amarelo a sair no fundo, o que sugeria que alguém andava a fazer precisamente isso. A maior parte do mobiliário era suficientemente velho para passar por retro, mas seria provavelmente mais adequado dizer que estava pronto para a lixeira. Cortinas de flores nas janelas, almofadas pequenas e uma fotografia com moldura dourada indicava que alguém ainda gostava daquele sítio.

— Vê dentro do frigorífico!

Johan avançou e abriu o pequeno frigorífico sob a bancada, agachou-se e enfiou o telefone lá dentro. Pão às fatias, frascos de

recheios de sanduíche prontos a barrar, manteiga, leite, cerveja e um cestinho com uvas. Estava mais bem abastecido do que o frigorífico de Liv. Era evidente que Jens usava muito a caravana.

— E as gavetas da cozinha?

Ele abriu-as, vasculhou dentro delas e voltou a fechá-las com força.

— O que raio estou eu a fazer aqui? Achas que tem erva e pó para snifar? Achas que o velho suinicultor está a traficar droga a partir desta caravana?

— Ah, ah. Podes mostrar-me as gavetas com a câmara? Devagar, para eu conseguir ver.

Liv atravessou a rua em direção ao complexo DGI. No exterior do pavilhão desportivo estava um grupo de adolescentes de cabelo húmido, tagarelavam sentados nas bicicletas. Olharam-na quando passou e ela dirigiu-lhes um sorriso rápido antes de voltar a olhar para o ecrã. As gavetas da caravana continham carne enlatada e tomates, farinha e tostas crocantes, mas nada de narcóticos ou maços de notas.

— Tem casa de banho?

Johan endireitou-se e dirigiu-se para uma porta, que abriu, revelando um compartimento de utensílios de limpeza com um pequeno lavatório e uma sanita química. Ligou a luz e Liv viu-o a franzir o nariz para o espelho da parede.

— Credo, isto aqui dentro é cá um fedor!

— Quantas escovas de dentes?

Ele apontou o telefone para o lavatório, onde uma caneca de plástico vermelha continha uma só escova de dentes com a cerda separada para cada um dos lados. Ao lado da caneca estava um *stick* de desodorizante e uma caixa de palitos.

— Vês mais algum produto de higiene?

— Não.

— E toalhas?

Ele rodou o telefone e mostrou-lhe um quadrado de felpa rosa descorado pendurado num cabide no lado de dentro da porta.

— Só esta.

Liv caminhou na diagonal em Halmtorvet, dirigindo-se para o bairro dos matadouros, e passou por um café com música ao vivo. Havia pessoas paradas na rua, a fumar e a rir-se, e ela teve de ziguezaguear

para conseguir passar. Se a sua esperança fosse encontrar equipamento de filmagem e brinquedos sexuais dentro da caravana, parecia que ia ficar desapontada. Será que Jens Linde gostava genuinamente de se sentar ali dentro sozinho?

— Há algum armário ou cómoda?

Johan varreu toda a pequena sala com o telefone.

— Isto tem, no máximo, doze metros quadrados. Onde é que ele vai esconder uma cómoda?

— Ali! Atrás da porta, o que é que está ali pendurado?

Ele aproximou-se. Preso num gancho na parede via-se um cabide e aí pendurado estava um vestido às flores. Parecia leve, romântico e ultrafeminino, com rendas no decote e cinto. Havia algo no corte do vestido que lhe pareceu antiquado: se calhar eram as mangas de balão ou os debruns, Liv não conseguia exatamente identificar. Mas era pequeno, quase do tamanho que ela própria usaria, se alguma vez usasse vestidos às flores. Quer dizer que não era Jens Linde quem andava por ali de vestido, na segurança da sua caravana.

Johan apontou a câmara para o seu rosto.

— Já viste o suficiente?

— Hum, deixa-me só ver a fotografia ao pé da janela.

Johan voltou a virar a câmara e foi até à fotografia com a moldura dourada. Era de uma jovem loura sentada na relva, os braços a envolver os joelhos e os olhos postos na lente.

Liv fez uma captura de ecrã.

— O. K., Johan, podes sair daí. Obrigada pela tua ajuda.

Ele movimentou a câmara e Liv ficou a ver-lhe o intervalo entre os dois dentes da frente.

— Da próxima vez que vieres ao norte, debes-me uma refeição de jeito.

— Combinado!

Liv desligou, enfiou o telefone no bolso e continuou a caminhar para casa, analisando qual seria o próximo passo a dar. Os montanhistas referiam-se à ideia de ponto crucial, o sítio de um itinerário onde ficavam presos, onde não conseguiam ver nenhuma maneira de continuar a escalar a face da montanha. Por vezes, era preciso voltar a descer um pouco para se revelar uma solução.

As investigações eram a mesma coisa: quando se alcançava o ponto crucial, era preciso voltar à cena do crime. Isso significava revisitar o apartamento dos Lindes na Dag Hammarskjölds Allé, onde Gert fora encontrado sem vida pela mulher.

Quando chegou a casa, enviou uma mensagem a Patricia a dizer que lhe queria mostrar uma coisa e perguntou se podia passar por lá.

Patricia respondeu de imediato, convidando-a a ir lá na manhã seguinte antes de abrir a loja. Mas tinha também outra mensagem no telefone, de Mick Hvilsom, o colega de Gert.

No verão, a Pat. passou oito semanas na Napa Valley Clinic of Oncology, onde foi tratada por uma Dr.^a Miranda P. Logan. O estabelecimento custa algo na ordem das trinta e cinco mil coroas por dia. Faça as contas!

Liv agradeceu-lhe e foi tomar duche, maturando tudo aquilo na sua cabeça. Patricia gastara cerca de dois milhões de coroas no tratamento que finalmente a curara. Um preço reduzido a pagar pela vida, pensou, enquanto se ensaboava. Mas uma quantia e peras para a maioria das pessoas.

Enquanto lavava os dentes, abriu a imagem da caravana e ampliou a fotografia da mulher jovem. A sua expressão era séria, mas um sorriso pequenino e provocador assomava-lhe aos lábios e os olhos brilhavam na direção do fotógrafo. A fotografia teria pelo menos quarenta anos, mas Liv reconheceu aquele sorriso. Era Patricia.

Ebba Leon, outubro de 1943

As ondas embatem contra a praia, cinza-escuras e ameaçadoras. Ebba está sentada em cima da mala, a observar pessoas a carregar sacos pela praia. O vento ganhou força e a viagem que têm pela frente parece tão intransponível como uma praga bíblica. Fica tão facilmente enjoada nos barcos. Os nazis patrulham o estreito durante a noite, por isso correm o risco de ser apanhados no mar alto. E o barco. Ebba engole em seco e tenta não pensar no barco. Não sabe nadar e se o barco se virar não tem hipótese nenhuma na água fria.

Dinamarqueses ou judeus?, é a pergunta que se faz no escuro, abafada, mas implacável. Mendel responde por eles. Judeus. Não vale a pena dizer que são ambos, seriam apenas considerados insolentes. Tenta encontrar o barco deles no meio de vários, mas não é fácil ver no escuro. Hans Hansen, assim se chama o pescador que os vai levar. Ouve Mendel a gritar o seu nome à beira da água.

Hans Hansen pede mil e quinhentas coroas por cada um deles, o equivalente a vários anos de renda. Mendel pediu emprestado o que conseguiu e da oficina vendeu tudo o que tinha valor. Ouviram falar de judeus que pagaram muito mais do que isso pela travessia, alguns haviam pagado até o estonteante valor de cinquenta mil coroas. Felizmente, o movimento da resistência começara a regular os preços, caso contrário não teriam tido hipótese. Vão ter de construir uma vida de raiz quando chegarem à Suécia. Se lá chegarem.

— Ebba, és tu?

Ela sente uma mão no ombro e vira-se. Dora! De casaco de lã e chapéu, como se estivesse a caminho do teatro. Ao ver a amiga, Ebba desfaz-se em lágrimas. Caem nos braços uma da outra e abraçam-se com força. Dora afaga-lhe as costas.

— Vai correr tudo bem, Ebba, estás a ouvir? Não é assim tão perigoso. Os alemães não estão interessados em entrar em conflitos com a

Dinamarca. Eles olham para o lado nestas coisas.

— Achas?

Ebba limpa as lágrimas.

— Sim! Quando nos virmos no outro lado, vamos celebrar juntos!

— Com o quê? Barrigas vazias e um grande desgosto?

Dora ri-se do seu pessimismo.

— Isto é só um pequeno sobressalto. Não tarda nada a guerra chega ao fim e voltamos todos para casa. — Dora pousa uma mão no ventre de Ebba. — Com o teu pequenino ketzeleh.

— Dora! Temos de ir!

Rolf está a chamá-la, ali parado com duas malas.

Dora dá-lhe um beijo na face e vai-se embora a correr. Momentos depois, ela e Rolf avançam a custo pela água na direção de um barco de pesca baloiçante.

Ebba fica a vê-los até se fundirem com a escuridão. Em breve será a sua vez. Sabe que devia preparar-se, não deixar que o medo e o frio e as contrações tomem conta dela. Devia ser mais como Dora. Confiar na providência e ansiar por aquilo que os espera no outro lado.

A DÉCIMA VISÃO

«Filho do homem, fica sabendo
que esta visão se refere ao tempo final.»

Enquanto me falava, desfalecia eu,
de rosto por terra.

Mas tocou-me e pôs-me de pé. E disse:
«Eis que vou manifestar-te o que advirá
nos últimos tempos da ira,
porque o fim tem a sua hora.»

E eu soube que era chegado o momento.

O momento de partir.

Quarta-feira,
28 de setembro

Capítulo Vinte e Seis

Desta vez, Patricia Linde usava um fato de treino verde-lima feito de um tecido brilhante e um par de botas de borracha com uma grossa sola branca. O rosto estava sem maquilhagem, adornado unicamente com as pesadas armações dos óculos, fazendo-a parecer mais jovem e mais velha ao mesmo tempo. Liv teve a sensação de que ela a olhava com uma certa cautela, mas se calhar era só dos óculos. Ou um reflexo da sua própria desconfiança.

Hoje não havia café à sua espera junto à janela. Patricia fez um vago aceno com a mão na direção das cadeiras e Liv sentou-se no mesmo lugar da outra vez. Lembrou-se da sensação de estar a entrar numa casa demasiado chique para ela e ficou espantada ao ver como tudo lhe parecia diferente hoje. Havia roupa empilhada no sofá e alguns copos de vinho haviam sido deixados em cima da mesa junto à janela. Até a dona da casa parecia estar desprovida de uma parte do carisma que irradiava ainda há apenas uma semana.

Liv abriu a mochila, tirou o caderno de apontamentos de Gert — o número 66 — e devolveu-o a Patricia. Não havia motivo para lhe contar que encontrara o número 65 até ter a certeza de já não precisar mais dele.

— Obrigada por me ter deixado levar isto.

Patricia levantou-se e voltou a enfiar o caderno no sítio.

— Este apartamento é mesmo encantador. Tem tanta luz.

— Obrigada. Estou simplesmente tão grata por poder viver aqui, na Copenhaga de Købke.

Patricia permaneceu de pé, as mãos enfiadas nos bolsos flexíveis das calças.

Liv virou-se na cadeira e pousou os olhos no antigo escritório de Gert.

— Ainda assim, deve ter sido uma decisão difícil ficar aqui depois

de chegar a casa e encontrar o seu marido daquela maneira...

O rosto de Patricia contorceu-se numa careta, como se Liv lhe tivesse dado uma punhalada.

— Tinha uma coisa para me mostrar?

— Importa-se que primeiro lhe faça uma pergunta?

Patricia encolheu os ombros, mas não pareceu especialmente entusiasmada.

— Li aquela entrevista incrível que deu sobre a sua doença. Que viajou para os Estados Unidos para receber tratamento numa clínica particular... — Liv fez uma entoação ascendente, transformando a afirmação numa interrogação, mas Patricia não mordeu o isco.

— Sim. Salvou-me a vida.

— E esse tipo de coisa é muito cara?

Patricia expirou de uma forma que deixou bem claro até que ponto achava aquela pergunta imprópria.

— Herdei algum dinheiro quando o Gert morreu.

— Da venda de Hurup? — Liv sustentou o olhar, ficando a vê-la contorcer-se de desconforto. — Não era para ser um museu?

Os olhos de Patricia faiscaram.

— Eu estava a morrer. O museu era o sonho do Gert.

Liv manteve o contacto visual até que a viúva de Gert baixou os olhos.

— Lamento. Não foi uma decisão fácil, vender a quinta, mas não tínhamos alternativa. O Gert concordou comigo. — Patricia puxou uma cadeira e sentou-se, tirou os óculos e esfregou os olhos. Parecia cansada.

Liv inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Conhece bem o irmão do Gert?

— Já não víamos o Jens há muitos anos. Os dois tinham-se zangado por causa do que fazer com a quinta.

— Sim, os casos de herança podem tornar-se complicados. — Liv sorriu, mas apenas com a boca.

Patricia voltou a pôr os óculos e passou os dedos pelo cabelo. Suspirou.

— Conheci o Jens inicialmente numas férias de verão, mas não teve significado nenhum. Depois eu e o Gert juntámo-nos e, mais tarde,

casámo-nos. Não era o ideal, evidentemente, mas a vida é mesmo assim.

Liv assentiu.

Algo lhe dizia que Jens não conseguira superar assim tão bem o facto de o irmão ter ficado com Patricia. Como teria sido, questionou-se, ficar preso à memória de um romance arrebatador enquanto, lá longe, observava o irmão a vivê-lo em primeira mão? E ainda por cima com uma amante por fora?

— O relatório da polícia diz que estava a trabalhar na loja na segunda-feira em que o Gert foi morto...

Patricia interrompeu-a com um gesto da mão.

— Eu estava a trabalhar. Não na loja, mas a trabalhar. Estávamos a fazer inventário nesse dia, por isso estava no armazém de Glostrup. Com outros dois colaboradores, aviso-a já.

Lenine, o gato cinzento, entrou na sala com um ar empertigado e saltou habilmente para cima da mesa. Patricia fez-lhe uma festa e olhou para o relógio.

— Mas enfim, hoje tenho de abrir a loja, por isso, se me quiser mostrar alguma coisa, é melhor tratarmos já do assunto.

Liv abriu o saco e tirou o contrato de venda. Tirou-o da bolsa de plástico com uma lentidão deliberada, observando Patricia para ver se o seu rosto mudava de cor. Colocou-o à frente dela e apontou para o que seria alegadamente a assinatura de Gert.

— Quem assinou este documento?

Do nada, Patricia deu um soco na mesa com toda a força, fazendo o gato saltar de susto.

Levantou-se e foi até à janela, onde ficou parada com os braços sem energia junto aos flancos, a respiração a movimentar-lhe as costas. Passado um minuto, regressou e sentou-se, pousou as palmas das mãos na mesa e inspirou fundo.

— Eu tinha uma doença terminal e o meu marido era proprietário de uma quinta enorme que estava simplesmente vazia em Thy, para a qual não lhe faltavam compradores. O Gert estava a ser absolutamente obstinado com a ideia de transformar aquele sítio num museu local, por isso eu falsifiquei a assinatura dele. — Olhou de soslaio para Liv.
— A ideia foi do Jens. Ele achou que, se avançássemos o suficiente

com o processo de venda, o Gert já não o conseguiria travar.

Liv examinou Patricia, lembrando-se de como ficara impressionada com ela apenas dias antes. Como uma rainha.

— Mas eu não tive nada que ver com a morte dele! — A voz de Patricia ficou estridente. — Foi o Jens! Foi tudo o Jens.

*

Uma noite passada na prisão era mais longa do que as outras noites. Mesmo aquelas passadas a embalar um bebé com cólicas ou à cabeceira de um moribundo. Das nove da noite até às nove da manhã, Nima esteve sentado, de costas absolutamente eretas, no colchão revestido a borracha que havia no chão, a única peça de mobiliário da divisão. Algo lhe disse que, se se deitasse, estaria a aceitar uma derrota, por isso ficou sentado. Estava na Dinamarca, não em Teerão —

neste país, o sistema judicial funcionava e não era preciso temer pela vida. A situação era grave e assustadora, mas não era perigosa. Ele não era o pai. Ocasionalmente, caía num sono superficial, mas acordava logo que o queixo batia no peito, arregalando os olhos enquanto olhava em volta.

O chão de linóleo cinzento, as paredes despidas e a janela alta de vidro fosco faziam aquela divisão parecer-se com uma cela almofadada, e depois lembrou-se que era precisamente isso que aquilo era. Um lugar de detenção e pacificação de indivíduos acusados de um crime. Aquele sítio nunca fora concebido para transmitir um sentimento de segurança ou esperança, mas unicamente para garantir que ele não fugia nem cometia suicídio durante a noite. Tinham-lhe esvaziado os bolsos de todas as suas posses e levaram-lhe os sapatos. Ali ele era apenas o seu corpo e a roupa que tinha vestida. Levantara-se duas vezes para bater na porta e pedir para ir à casa de banho e em ambas as ocasiões foi escoltado por guardas armados.

Cinco minutos depois das nove, vieram buscá-lo e devolveram-lhe os pertences. Um carro-patrolha levou-o até Teglholmen, a uma das salas de interrogatório da esquadra de polícia. Deram-lhe aí uma chávena de café e uma sanduíche triangular, na qual não tocou, apesar de estar cheio de fome. Parecia-lhe indigno aceitar caridade.

Deixaram-no à espera durante quarenta e cinco minutos até que a

porta se abriu e Petter Bohm entrou na sala, acompanhado da mesma inspetora que estivera na garagem. Disseram bom dia e apresentaram-se, ligaram uma câmara de vídeo no canto da sala e repetiram a ronda de apresentações, só para ficar gravado.

Pediram-lhe que dissesse o seu nome e data de nascimento e disseram-lhe que podia decidir se queria falar com eles durante o interrogatório, que tinha direito a um advogado. Era Petter quem fazia as despesas da conversa. Nima esforçou-se o melhor que pôde para acompanhar, mas as suas palavras jorravam cá para fora e transformavam-se numa pasta dentro do cérebro. Um chão tremido sob os seus pés, concebido para o apanhar em falso.

— Está a ser acusado, ao abrigo da Secção 237 do Código Penal, do homicídio de Marianne Dybdahl, que morreu na noite de segunda-feira, 19 de setembro. Percebe ou tem alguma pergunta a fazer sobre a acusação?

— Tudo o que tenho são perguntas.

Petter abanou a cabeça, irritado.

— Compreende a acusação?

— Sim.

— Ótimo. Ainda hoje vai ser levado à presença de um juiz para uma audiência preliminar, onde será tomada uma decisão sobre se se manterá detido, mas primeiro queríamos fazer-lhe algumas perguntas. Pode ser?

Nima passara a noite toda a pensar naquela pergunta. Sabia que, quando se está inocente, se coopera com a polícia, mesmo antes de estar presente o advogado nomeado pelo tribunal. Na verdade, aquela era uma não questão e uma não escolha.

— Sim, é claro. Só me interessa esclarecer todo este assunto para poder voltar para casa.

Petter abriu uma pasta e colocou uma fotografia em cima da mesa à sua frente. Era de um porta-moedas de couro verde ao lado de um número de indexação.

— Reconhece isto?

Nima abanou a cabeça.

— É o porta-moedas da Marianne. Um corredor encontrou-o ontem na floresta de Rude, não muito longe do lugar onde encontrámos o

corpo. Tem mesmo a certeza de não o ter visto antes?

— Certeza absoluta!

— Então porque é que encontrámos nele as suas impressões digitais?

— Eu nunca vi antes esse porta-moedas. — Nima engoliu com dificuldade. — Posso pedir um copo de água?

— Em todo o caso, elas estão aqui. Mas não tem explicação nenhuma para isso?

— Não.

Petter recostou-se na cadeira e cruzou os braços em cima da protuberância da barriga. A sua expressão dizia claramente que estava desiludido.

— Nima, tem de nos dar uma ajudinha. Não é só o porta-moedas, pois não? É também o carro que ela deixou na rua e em que nunca entrou para sair dali. E depois temos o facto de se ter esquecido de nos dizer que tinham tido uma relação.

Nima assentiu.

— Isso foi uma estupidez, pensando bem. Nervos, talvez.

— E que razão tem para estar nervoso?

— Esta razão aqui, porra! — Calou-se, controlando-se por instantes até ter a certeza de que a sua voz estava novamente calma. — Como é evidente, um homem inocente pode ir parar na mesma à cadeia.

Petter e a colega trocaram olhares.

— Continua a afirmar que não teve nenhum contacto com a Marianne durante vários anos até ela entrar na oficina na tarde de segunda-feira?

Nima hesitou e viu que o polícia percebeu. Mas não se deu ao trabalho de fazer nada além de insistir.

— Só as poucas mensagens em que falámos sobre as reparações.

Petter consultou as suas notas.

— Como conhece a Lisa Harboe-Hvidkjær?

Nima passou a língua nos dentes, tentando recuperar um pouco de humidade na boca.

— Ela é colega da Marianne. E foi minha vizinha. Foi assim que nos conhecemos, numa festa em casa da Lisa.

Petter mastigou o lábio inferior.

— Deixe-me dizer-lhe o que penso. — Levantou a cabeça e encarou Nima diretamente nos olhos. O seu olhar foi como um raio *laser* a queimar-lhe o cérebro. — Eu acho que o senhor e a Marianne Dybdahl reativaram a relação e que ela foi lá na segunda-feira para acabar tudo consigo. Ficou zangado, a coisa descontrolou-se. Por isso, levou-a no *Morris* até à floresta e matou-a, esvaziou-lhe a carteira para parecer um roubo que correu mal. E depois agiu como se tivesse saído com o carro para o testar e voltou, como faria com qualquer outro cliente.

O campo de visão de Nima estreitou-se, as paredes da sala de interrogatório fecharam-se sobre ele.

— Porque é que a haveria de matar se a amava?

— Não é óbvio? — Petter manteve os olhos nos dele, sem esperar por uma resposta. — Porque é que lhe cobriu o rosto?

*

O rádio da sala de estar estava ligado. Jan estava sentado na poltrona com um bloco de notas e o dicionário no colo. Na mesa a seu lado tinha uma chávena de café fria e um dos grandes frascos de analgésicos que o médico receitara. Ao que parecia, estava em mais um dos seus dias maus.

— Olá, pai, o que estás a fazer? — Hannah falou docemente para não o sobressaltar.

Jan ergueu a cabeça devagar, os pensamentos claramente longe dali, e sorriu.

— Olá, querida. Não te ouvi entrar.

— Já comeste alguma coisa? Tenho o almoço pronto na cozinha.

Ele enxotou a pergunta como se de uma mosca da fruta se tratasse.

— Estou quase a acabar o que o Daniel escreveu.

— Isso é ótimo, pai. — Quando se sentou no pufe, Hannah viu a barriga da perna do pai. Emagrecera tanto que sentiu automaticamente um arrepio. — Mas tens na mesma de comer alguma coisa.

Jan não pareceu ouvi-la.

— Na visão em que estou agora a trabalhar, a décima, Deus fala com a humanidade acerca do fim dos tempos. É Ele quem determina quando tudo se acaba, não os homens. E o que quero dizer é, sendo

evidente que não decidimos a hora da nossa morte, será que um homem que está a pensar em matar-se escreveria uma coisa destas? É isso que me tenho andado a perguntar.

Hannah fechou os olhos. A voz do pai era apaziguadora, como se recordava do tempo em que eram pequenos e ele lhes lia histórias para adormecer. *Os Moomins, Winnie the Pooh, Alice no País das Maravilhas.*

— Daniel conversou com Deus sobre a vida e a morte e isso, por si só, é notável. Como sabes, o teu irmão era na verdade um ateu gnóstico.

Ela riu-se.

— Se calhar encontrou Deus na prisão. Não é o que acontece às vezes?

Jan olhou para ela com um ar desesperado.

— Achas mesmo que é assunto para piadas?

— Não me ensinaste sempre a rir-me das coisas difíceis, para ser mais fácil suportar?

Ele debruçou-se sobre o bloco de notas e escreveu uma linha, mas não respondeu.

— Quando é que tu e a mãe começaram a perceber que ele não estava bem? — Pegou no frasco de comprimidos e examinou a parte de trás do rótulo.

Jan pousou a caneta.

— Foi no outono em que vocês os dois fizeram dez anos. Pusemo-lo em tratamento. Nessa altura já tínhamos passado por tantas consultas que foi quase um alívio ter um diagnóstico.

— Terapia cognitiva? Não foi com psicoativos, pois não?

Ele pousou o dicionário e baixou as pernas do pufe, enfiando os pés dentro dos chinelos que estavam no chão.

— Foi o que recomendaram, por isso, sim.

Hannah olhou-o. Jan repeliu-a gesticulando exasperadamente com a mão.

— Hoje em dia poderiam fazer outra coisa, mas que escolha tínhamos nós senão confiar nos médicos? — Esticou o braço para agarrar na bengala, levantou-se e caminhou na direção da casa de banho.

Hannah ficou sentada, apertando ainda o frasco entre as mãos. O irmão fora medicado durante mais de trinta anos. Confiara no aconselhamento dos médicos e encontrara uma forma de coexistir com comprimidos e injeções. Mas que raio o fizera perder o controlo?

OuvIU o telefone a tocar na cozinha e correu para atender.

— Estou?

— O que achas que estás a fazer? — Mikkel soava furioso.

E não totalmente sóbrio. — Tens de parar com isto agora! Senão vais arrepender-te!

Capítulo Vinte e Sete

— O meu senhorio, o Jan Leon, manda-lhe cumprimentos. Parece que é um grande fã.

Simon Farberoff sorriu calorosamente e devolveu o aperto de mão de Liv. Estava à sua espera, parado do outro lado das portas de vaivém da receção da sede da Radiotelevisão Dinamarquesa. Careca, tão bem-parecido como no ecrã e bastante mais baixo do que ela pensara. Uma aba da gola estava virada para cima e Liv teve de controlar o impulso de a colocar no sítio.

— Nesse caso, mande-lhe também saudações minhas. Venha por aqui, vamos subir ao segundo andar. O escritório é todo *open space*... uma ideia horrível, diga-se de passagem, mas pode ser que encontremos uma sala de reuniões vaga para podermos conversar com calma.

Subiram dois lanços de escadas rolantes sob o teto alto de vidro e passaram por uma porta vermelha, passando então a um corredor com um aspeto mais comum. Ele abriu a porta de uma das salas, pediu desculpas às pessoas que lá estavam dentro e passou à seguinte.

— Esta está livre. Café? Sabe pavorosamente, mas está ali, se quiser.

— Vou prescindir. — Liv sentou-se à mesa de reuniões cinzenta. — Obrigada por aceitar encontrar-se comigo.

Simon puxou uma cadeira, arregaçou as calças para cima e sentou-se.

— Para lhe ser sincero, espicaçou-me a curiosidade. Disse que queria perguntar algumas coisas sobre a minha família?

— Estou a investigar o assassinio de um jornalista chamado Gert Linde. O nome Farberoff surgiu numa lista de judeus que viviam perto de Thy e que fugiram juntos para a Suécia, por Køge.

Ele assentiu.

— O irmão e a cunhada do meu avô, que viviam em Hjørring. Rolf e

Dora Farberoff. — Bebeu um pouco de café e fez uma careta. — Já ouviu falar da Ação Judaica?

— Receio bem que não. — Liv fez um sorriso de lamento.

— Em 1 de outubro de 1943, as forças de segurança alemãs lançaram uma operação na Dinamarca. Começou às oito da noite, e a data não foi escolhida ao acaso. Era o *Yom Kippur* e eles sabiam que a maioria das famílias judias estaria em casa a celebrar. — Olhou para ela de relance, como que para se certificar de que não estava entediada. — Desculpe, não estou a tentar transformar isto numa aula de história, é só para dar algum contexto. Mas vou contar-lhe a versão abreviada, não se preocupe...

— Gostava de ouvir.

Simon sorriu e inclinou-se para a frente, apoiando-se nos cotovelos.

— Os nazis foram de porta em porta, tocavam à campainha ou forçavam simplesmente a entrada. As pessoas só tiveram alguns minutos para juntar as coisas e foram-se embora, sem mais nem menos. O barco a vapor *Wartheland* estava ancorado em Langelinie e ia transportar para Theresienstadt, o campo de concentração na República Checa, todos os judeus que conseguissem juntar. No dia seguinte, fizeram o mesmo na Jutlândia. As pessoas tiveram de passar à clandestinidade em poucas horas.

— Incluindo o irmão e a cunhada do seu avô?

— Sim. — Um sulco surgiu-lhe entre as sobrancelhas. — Sabe, veio aqui outra pessoa fazer perguntas sobre esta história há três ou quatro anos. Uma mulher. Tinha um nome invulgar, por isso é que me lembro. Penelope.

A boca de Liv secou.

— Encontrou-se com ela?

— Oh, sim. Ela contactou-me porque estava a ajudar o pai... não, o sogro, acho que era isso... a rastrear a história dos pais dele. Tinham lido o meu livro sobre os judeus dinamarqueses durante a guerra.

Farberoff passou uma mão na careca e depois deixou-a agarrada à nuca.

— Ela também tinha encontrado o nome da minha família numa lista de judeus escondidos em Vestervig e que depois foram tirados clandestinamente para a Suécia. — Juntou as mãos e apoiou o queixo

nelas. — Receio bem que a desaponte.

— Porque diz isso? — Liv avançou um pouco na cadeira.

— Eles não sobreviveram.

Liv viu mentalmente as listas de nomes de Gert e de Penelope. Leon e Farberoff lado a lado.

— Não compreendo...

— Infelizmente, o Rolf e a Dora foram capturados por soldados alemães e enviados para o campo de Theresienstadt. Nunca regressaram.

Liv baixou os olhos.

— Lamento muito.

— Bom, foi há muitos anos. — Ele sorriu afavelmente.

— Eu provavelmente devia...

— Já tem as respostas de que precisava? — Farberoff pôs-se de pé.
— Eu levo-a à saída.

— Não é preciso. — Ela apertou-lhe a mão. — Obrigada, foi muito informativo.

— E não se esqueça de mandar os meus cumprimentos ao Jan Leon... de uma alma gémea!

— Assim farei.

Quando voltou a descer as escadas rolantes, Liv sentiu-se como se tivesse ido parar a uma casa encantada ao estilo de Willy Wonka. Alguma coisa ali não batia certo.

*

Nima ouviu passos no corredor do lado de fora e levantou-se do catre, à escuta e à espera. Pedira para fazer um telefonema. Mas os passos seguiram e voltou a fazer-se silêncio. Era difícil explicar a lentidão do tempo a passar quando se está preso, sem que sejam permitidos contactos com ninguém, exceto o advogado de defesa nomeado pelo tribunal. Como uma eternidade de nada, segundos contados em vão como as contas de um colar, conduzindo a um futuro sem esperança que traz apenas mais do mesmo.

Voltou a sentar-se e ouviu a armação de madeira gemer sob o seu peso. Fechando os olhos, imaginou o vento a agitar as copas altas das árvores, o consolador som da vida que continua. Da liberdade. Desse

por onde desse, tinha de acreditar que seria ilibado. Aquela cela da prisão de Vestre era apenas uma fase transitória da sua vida. Em breve, poderia voltar a pescar, conduzir o carro, fumar. Cuidar de si mesmo.

A advogada de defesa era uma mulher mais velha que carregava o corpo em forma de pera com grande autoridade e que parecia genericamente competente e experiente. Sublinhou que o caso do Ministério Público se baseava essencialmente em provas circunstanciais e que Nima não devia dizer mais nada à polícia. O seu maior problema eram as impressões digitais no porta-moedas da vítima, teria ele alguma explicação para isto...?

Mas Nima não tinha. A advogada disse que era um inconveniente, mas nada mais do que isso. Prometeu voltar antes do fim de semana com uma atualização do que se iria passar a seguir e uma proposta de estratégia.

O encontro foi breve e não especialmente encorajador, mas alguns minutos depois de ela se ir embora, sentiu-lhe a falta. Mais precisamente, sentiu falta de interagir com outro ser humano.

Qualquer pessoa que dissesse a si própria que os seus momentos mais felizes eram consigo mesma devia ver-se privada da liberdade, pensou Nima. Fazia realmente ver a solidão com outros olhos.

Ouviram-se novamente passos lá fora e, desta vez, pararam junto à porta. O guarda chocalhou as chaves, enfiou uma na fechadura e a cela abriu-se.

— É para fazer o seu telefonema.

Nima seguiu-o ao longo do corredor e entrou numa sala com uma mesa, duas cadeiras e um telefone antigo com botões, e nada mais. Quando chegou à prisão, tinham permitido que consultasse o telemóvel — sob supervisão — para poder anotar um número num pedaço de papel. Não o da mãe, e o de Daria tão pouco. Com um pouco de sorte, voltaria a sair e elas nunca chegariam a saber.

Marcou então o número, carregando nos botões redondos do telefone e ouvindo-o tocar com a respiração contida. Ela atendeu, soando hesitante.

— Aqui é a Hannah.

— Olá, Hannah, é o Nima... estou a interromper alguma coisa?

— Não, tudo bem.

Estava já há horas a treinar a frase que iria dizer, mas ainda assim tropeçou nas palavras.

— Estou neste momento numa situação complicada. Tem que ver com a mulher no bosque, é um mal-entendido, é claro, mas... Neste momento estou na prisão.

— Oh, não!

Ele deu-lhe um momento para recuperar antes de prosseguir.

— Peço imensa desculpa por estar a telefonar, mas preciso de um favor.

— O que posso fazer para ajudar? — Soou chocada, mas genuinamente solidária.

— Podes pôr na porta da oficina uma tabuleta a dizer que está fechada? Não posso telefonar aos meus clientes.

— Sim, claro. Deve dizer apenas *Fechado*?

Nima suspirou.

— Se calhar *Fechado por doença*.

Pausa prolongada.

— O. K. — Ouviu-se a linha a crepitar do outro lado; pelo som, ela parecia ter passado o telefone para a outra mão. — Como é que estás?

— Já estive melhor.

— Consegues dormir à noite?

Já há muito que Nima não dormia como deve ser. A sua cabeça agitada voltava-se para pensamentos desastrosos no preciso momento em que fechava os olhos.

— Um bocado. Mal.

— Tens sintomas de ansiedade? Desconforto à volta do plexo solar, pensamentos a mil, palpitações cardíacas?

— Se calhar.

Nima percebeu o que Hannah estava a fazer. A psicóloga vestira a bata branca. Já conhecera tantos que os identificava a milhas, os profissionais bem-intencionados. Numa situação normal, teria rejeitado imediatamente este tipo de ajuda não solicitada, mas a cavalo dado não se olha o dente. Ela estava a oferecer-lhe compaixão e se havia coisa de que ele precisava naquele momento era isso mesmo. Não precisava de alguém que lhe tentasse sacar informação e exigisse respostas, mas que apenas cuidasse um pouco dele.

— Nima, vou dizer algumas coisas que provavelmente já sabes, mas que pode ser necessário relembrar. Está bem?

Ele murmurou uma concordância.

— É essencial que comas e durmas. Pede ao teu advogado que arranje alguma coisa que te ajude a descansar; *Halcion*, por exemplo. E come quando puderes. Tens pessoas próximas que te deem apoio? O apoio também é importante.

Nima tentou lembrar-se da última vez que se sentira apoiado pela mãe, e não o contrário. Mas não conseguiu.

— Não as quero preocupar. Já passaram pelo suficiente.

— O. K. — A sua voz era amável. Como uma poltrona funda em que ele podia mergulhar. — Se os pensamentos começarem a acelerar, às vezes é boa ideia escrevê-los.

— Não vou conseguir sair da prisão em pensamentos. — Nima mordeu a língua.

— Evidentemente que não. O teu medo é racional, a tua reação é natural.

A voz de Hannah mantinha-se calorosa. Fê-lo sentir um nó na garganta. Como quando, em criança, acordava com um pesadelo e a mãe o puxava para o seu colo.

— Não me vais perguntar se sou inocente?

Ela inspirou fundo e susteve a respiração.

— Não me esqueço de pôr a tabuleta na oficina. Diz-me se precisares de mais alguma coisa.

Nima sorriu para o bocal. Sentiu o calor do auscultador antigo de encontro à sua orelha.

— Obrigado, Hannah.

*

Billy Crystal estava numa loja a cantar *Surrey with the Fringe on Top* quando o telefone de Liv tocou. Tinha-se deitado cedo com um dos seus filmes favoritos no portátil e o cérebro pesado com tanta informação contraditória. Sentia o sono a esgueirar-se pelo seu corpo, a nuca a tombar contra a cabeceira da cama, mas acabou por atender o telefone e olhou para o relógio. Eram quase nove da noite.

— Estou?

Era a voz de uma mulher. Soava madura e um pouco assustada.

— É a Eva. A Eva Madsen.

Liv sentou-se direita.

— Eva, mas que surpresa.

— Não sabia a quem mais podia telefonar... — Ouvia-se música ao fundo. — Desculpe o barulho, estou num restaurante no Tivoli.

— Está em Copenhaga?

— Sim. Eu e o Henrik viemos sair os dois.

Liv ouviu um autoclismo a ser puxado numa casa de banho.

— Diga-me, onde está, Eva?

Ela baixou a voz.

— Vim para aqui só para estar sozinha, só tenho um minuto.

— Em que posso ajudá-la?

— Cruzei-me com o meu cunhado na rua no outro dia. Eu fui à cidade comprar lã e ele tinha de tratar de alguma coisa para os cães.

— Calou-se, depois pigarreou e continuou, cautelosa como um funambulista. — Não os vemos muitas vezes, a ele e à mulher, vivem mais longe, em Brovst, por isso parámos para conversar um pouco. Eu disse que o Henrik adoraria voltar a sair para caçar com ele. E o meu cunhado respondeu que nunca tinham ido caçar juntos.

Liv sentia a cabeça a andar à roda de tanto cansaço. Se ao menos ela fosse direita ao assunto!

— Mas o Henrik disse-me que tinha ido caçar nesse dia, há três anos. Só me ficou marcado na memória porque pensei... pensei que ele tinha descoberto e que estava furioso.

— Desculpe, de que dia é que está a falar?

— 4 de março. — Eva soou impaciente e insegura ao mesmo tempo.

— No dia em que o Gert foi morto em Copenhaga. O Henrik disse que tinha ido caçar, mas isso era obviamente mentira.

Liv endireitou-se na cama.

— O. K. Questionou-o diretamente sobre isso?

— Não. O Henrik melindra-se um pouco com esse tipo de coisa.

— Que tipo de coisa?

— Ser criticado, está a ver. É melhor não o provocar.

As palavras ficaram a pairar entre elas, esvoaçando.

— E agora estão os dois em Copenhaga?

— Sim. Estamos a festejar o nosso aniversário de casamento. — Eva emitiu um ruído que parecia o de um cão quando alguém lhe pisa a pata. — Bom, tenho de ir. Tenha cuidado consigo, Liv.

A DÉCIMA PRIMEIRA VISÃO

Ora dentro da população do teu povo, serão salvos
todos os que se encontram inscritos no livro.

Muitos dos que dormem no pó da terra
acordarão, uns para a vida eterna,
outros para a ignomínia, para a reprovação eterna.

Os que tiverem sido sensatos resplandecerão
como a luminosidade do firmamento,
e os que tiverem levado muitos aos caminhos da justiça
brilharão como estrelas com um esplendor eterno.

Perdoem-me!

Quinta-feira,
29 de Setembro

Capítulo Vinte e Oito

O romper do dia lançava pela janela da cave sombras num azul esbatido, apesar de ainda tardar até se fazer luz. Por um instante, Liv deixou-se ficar deitada, desorientada e a piscar os olhos, tentando discernir o que a despertara. Um som, se calhar, ou um sonho. Decidiu fechar os olhos e tentar voltar a adormecer, mas algo a fez abrir uma frecha. Uma silhueta ao fundo da cama, uma sombra que não conseguia identificar. Parecia uma pessoa, de pé, parada a olhá-la. O novo apartamento estava a brincar com ela. Os olhos deslizaram novamente até se fecharem.

Sentou-se na cama com um arquejo que estilhaçou o silêncio. Estaria a sonhar?

— Fique aí.

Ele estava parado na escuridão, vestido de preto, o rosto tapado com um capuz ou um cachecol, e parecia muito real.

Liv tentou dominar os seus pensamentos. Sentia já o corpo a entrar em pânico — tinha de manter a cabeça fria.

— O que quer?

Ele estava absolutamente calmo, uma coluna escura no meio do escuro.

— As suas mãos.

Liv ergueu as mãos que estavam pousadas no edredão e mostrou-lhas. Os dedos tremiam e abriu-os para que ele não percebesse. Ele avançou para a cama e debruçou-se, os olhos a cintilar dentro das aberturas da balaclava. O sangue de Liv estacou-lhe dentro das veias.

— A minha vizinha de cima vai ouvir-me se eu gritar.

Ele agarrou no edredão e tirou-o de cima dela com um sacão, atirando-o ao chão, e depois parou aos pés da cama, observando-a. Liv estava só de *t-shirt* e cuecas. Sentiu as coxas a formigar e a ficar em pele de galinha. A garganta fechou-se-lhe em torno da traqueia.

— O que é que quer?

Ele levou um dedo aos lábios, indicando-lhe que ficasse calada. Deslocou-se então impassivelmente até à mesa de cabeceira, abriu a gaveta, virou-a do avesso e verteu o conteúdo para o chão. Parou e olhou por um segundo, foi depois até à estante e passou o dedo indicador pelas lombadas. Parando, inclinou-se para a frente para ler melhor um título, e depois continuou. Estava de costas para ela, procurava, de vez em quando tirava um livro para fora e examinava-o.

Estava a usar luvas de látex. Teria vindo para a matar?

Alguns minutos depois, abandonou a estante e foi até à cozinha. Parou na porta e, apesar de a aurora estar a caminho, ainda estava demasiado escuro para Liv o ver nitidamente. Desapareceu, mas apenas durante três segundos, aparecendo depois junto à cama, com o caderno de apontamentos de Gert na mão. Liv lembrava-se de o ter deixado em cima da mesa da cozinha.

Abraçou os joelhos, que chocaram desajeitadamente contra o queixo. Não tinha nenhuma arma no apartamento, nenhuma forma de se defender. Mas tentou encará-lo nos olhos sem parecer intimidada.

Uma cobertura de rosto negra com orifícios diminutos, suficientemente pequenos para ele ver cá para fora sem ser visto. O seu corpo não fez um só movimento, nenhum estremeção, nenhuma convulsão. Estava simplesmente parado a olhar.

Saiu depois porta fora, fechando-a atrás de si.

Liv ficou sentada na cama até amanhecer completamente e ter a certeza de que ele não ia voltar.

*

O rolo de fita-cola era velho e não estava a cooperar. Hannah teve de usar os dentes para rasgar quatro pedaços. Dera-se a algum trabalho com a tabuleta, apesar de parecer desnecessário. Procurou um bom retângulo de cartão e escreveu claramente em letras maiúsculas. Dificilmente escaparia à atenção dos clientes que a oficina estava fechada, apesar de ficarem algo aborrecidos por terem de ir até lá para ficar a saber. Não era problema dela, evidentemente, mas sim do coitado do Nima.

Entrou no escritório e voltou a pôr o rolo no sítio, perguntando-se por que razão não estava mais preocupada em saber se ele estaria ou

não inocente. Não era tanto uma questão de acreditar nele instintivamente, mas antes uma resistência em sequer escolher um dos lados. Estava em cima de um muro ou, se calhar, numa terra de ninguém. Uma ampla zona cinzenta dentro dela que se mantinha neutra sob o disfarce do profissionalismo. Surgira também quando Daniel foi condenado.

Hannah sentiu o familiar aperto no peito e agachou-se junto à secretária. Apoiando-se na perna da mesa, fechou os olhos e inspirou calmamente pelo nariz, expirando pela boca. Não ajudou. Deitou-se no chão. Deitada de costas, as mãos no plexo solar, a respirar até ao fundo da barriga.

Sentia a ansiedade a formigar sob a caixa torácica e espantou-se, pela enésima vez, ao ver como uma emoção se podia manifestar no corpo de forma tão concreta. Sabia que era impotência. Era porque a soma de todas as coisas horríveis que estavam fora do seu controlo era simplesmente demasiado grande.

A visita de Mikkel e o telefonema estavam a mexer-lhe com a mente. Mikkel deve estar a passar por alguma espécie de crise — divórcio, álcool —, mas ela lembrava-se dele como um psiquiatra competente e seguramente essa competência não teria simplesmente desaparecido com um passe de mágica só porque estava a passar por uma fase difícil? Afinal de contas, também ela estava temporariamente fora de serviço. Todavia, apesar de não estar naquele momento a exercer, continuava a ser uma boa psicóloga, certo?

Hannah virou-se de lado e passou lentamente à posição sentada. Erguendo a mão, tateou a secretária até os dedos alcançarem o metal frio, e depois voltou a deitar-se. Desbloqueou o telefone, procurou o número do hospital de alta segurança e estabeleceu a ligação.

— Serviços Prisionais, Prisão de Nykøbing, como posso ajudar?

— Boa tarde, aqui fala a Hannah Leon. Sou parente de uma pessoa que esteve aí internada e que morreu e gostaria de pedir para verificar uma coisa no registo de visitas, caso seja possível.

— Um momento, por favor.

Esperou, na companhia dos sons de Bryan Ferry, até que uma voz masculina a interrompeu a meio de *Slave to Love*.

— Fala dos serviços administrativos, pediu para consultar um registo de visitas? Pode indicar-me o nome do doente?

Hannah indicou o nome completo de Daniel e o seu número de identificação.

— Foi em dezembro do ano passado. Uma mulher.

— É fácil, então. Nesse mês, ele só teve uma visita.

O coração de Hannah encolheu-se. Só uma visita.

— O. K., obrigada, quem era?

— Chamava-se Marianne Dybdahl.

*

Se Liv tivesse alguma dúvida de que o livro por publicar de Gert continha a chave para descobrir quem o matara, essa dúvida fora agora definitivamente aniquilada.

Era uma ideia insuportável. Tal como saber que tinha sido apanhada desprevenida na sua própria casa. Mal reconheceu o rosto que viu no espelho da casa de banho. Ainda assim, obrigou-se a olhar para ele.

Oh, pois, isso é que foram progressos! Lá se foi a ideia de estar a ficar mais forte e mais corajosa. A verdade é que só se é corajoso enquanto não se está verdadeiramente em perigo.

Foi para debaixo do duche, aumentando a água quente até a pele da nuca começar a queimar. Lavou o cabelo três vezes e esfregou as unhas com uma escova, secou-se toscamente e vestiu-se. Na academia de polícia, faziam um exercício em que uma pessoa acordava os cadetes a meio da noite a gritar-lhes ameaças. A ideia não era tanto ver como reagiam no momento, mas sim o que faziam em seguida. O que se seguia ao pânico. Era muito individual, o que aquele tipo de situação provocava numa pessoa. Medo, ação — ou, como no caso dela, um desejo de vingança.

Lembrava-se claramente da preocupação que a dominou durante dias, muito depois de os outros se começarem a rir sobre o assunto. Não fora surpresa o facto de o psicólogo que os acompanhava a ter aconselhado a usar a fúria de forma construtiva, começando por se cansar fisicamente e, depois, traçando um plano ou falando com alguém sobre o assunto. E Liv tentara mesmo com todas as suas forças. Mas as corridas e os percursos com obstáculos praticamente não faziam moossa na fúria que fervilhava dentro dela. A injustiça que a mantinha acordada de noite.

Tragou uma lata de *Fanta* em frente do frigorífico aberto e tentou

clarear as ideias enquanto o gás picava atrás dos olhos. O telemóvel ainda estava a carregar em cima da mesa da cozinha. Marcou com força do número de Therese, mas não fez a chamada. Quando chegasse a esse ponto, que lhe haveria de dizer? Como poderia Therese sequer ajudar, a centenas de quilómetros de distância?

O truque era concentrar-se na missão que tinha em mãos, compreendê-la e resolvê-la. Agir, não se deixar afogar nos seus sentimentos e simplesmente reagir. Voltou a pousar o telefone. A missão, Liv, a missão!

Jens e Patricia haviam conseguido deitar mão à herança de Gert por vias travessas, e Henrik Madsen mentira sobre o seu álibi. Qual deles poderia tentar roubar o caderno? Seria coincidência o facto de Henrik estar em Copenhaga? *Liv, tenha cuidado consigo*, dissera Eva antes de desligar ontem. Que quisera ela dizer com isso? E Ulrik Høeg?

Liv atirou a lata vazia para o caixote da reciclagem, mas falhou o alvo e a lata foi parar debaixo da mesa de cabeceira, obrigando-a a dar cinco passos humilhantes para a apanhar. Com a simples aproximação da cama, sentiu-se devassada por uma onda desagradável.

Abriu a porta das traseiras e deixou que o ar fresco lhe apaziguasse a respiração antes de pegar no computador e se sentar nas escadas do jardim. Fechou os olhos e concentrou-se. No topo da lista de nomes dos judeus que se haviam escondido na igreja de Vestervig, Gert escrevera uma palavra que ela não conhecia. A mesma que vira no museu do *bunker* em Oddesund.

Regelbau. Operação Regelbau! Procurou no Google. Ao que parecia, «Regelbau» era um tipo de conceção de *bunkers* padronizada. Mas Operação Regelbau? Que significava isso?

Capítulo Vinte e Nove

— A sua advogada sabe bem o que faz, tenho de admitir.

Petter Bohm tirou os óculos e amassou a cara com as duas mãos, exaustivamente e durante muito tempo. Parecia mais pequeno do que no dia anterior, não muito, apenas alguns centímetros mais baixo. Se calhar o que encolheu foi a sua capacidade de movimentação, como um pássaro a recolher as asas.

Nima aceitou o saco de plástico que continha a carteira, as chaves e o telemóvel, sentindo-se como quem acabava de superar um exame de admissão. Tinham-no trazido da cela sem lhe dar explicações.

— O que é que ela fez?

— Ontem à tarde foi ao porto com um assistente e bateu à porta de todos os vizinhos, tal como nós. Vai-se a ver e, em frente do seu rebocador, estava um iate grande e que volta e meia sai em viagem. Não estava lá quando o nosso pessoal foi bater às portas, mas ontem estava. E têm uma camarazinha de videovigilância no barco. A gravação dá-lhe um álibi para segunda-feira.

Cruzou as mãos diante do peito. Parecia uma tentativa de parecer mais forte, mas claramente não resultou.

— Vamos retirar a acusação.

A advogada apareceu à porta, confiante e a ressumar autoridade. Entrou na sala e apertou a mão de Nima.

— Como está? Tem sido bem tratado?

— Sim.

— E já recebeu as suas coisas? Excelente, vou pedir a um carro-patrolha que o leve a casa.

— Não, obrigado. — Nima agarrou com força na pega do saco de plástico. Já tivera experiências dessas mais do que suficientes. — Eu vou sozinho.

A advogada enfiou um documento na pasta e olhou para o relógio.

— Tenho uma reunião daqui a vinte minutos e o comboio parte daqui a seis, portanto, se aqui estiver tudo em ordem, obrigada e adeus.

Voltou a apertar as mãos de Nima e Petter — apesar de ter ignorado os guardas —, acenou com a cabeça uma última vez e avançou a passo determinado em direção à saída.

— Esqueça o carro-patrolha, eu levo-o a casa. — Petter tirou-lhe o saco da mão. — Demoramos só dez minutos.

Relutante, Nima seguiu o polícia. Estava zozinho e desorientado e não tinha vontade nenhuma de prolongar a sua relação com os agentes da lei durante mais dois minutos sequer, mas, ao que parecia, ia ser difícil rejeitar a oferta.

Saíram para o parque de estacionamento, dirigindo-se para um *sedan* já envelhecido de origem asiática, em que Nima entrou quase com uma sensação de dor. Primeiro, o carro-patrolha no cais e agora, um *Hyundai* cinzento-metálico. Que iam pensar os vizinhos?

Petter virou o carro para descer o Engehavevej e passaram pelo quartel de bombeiros e a pastelaria do canto sem dizer nada. Nima agarrava no saco de plástico em cima do colo e tentava adaptar-se à ideia de que era novamente um homem livre. Apesar de ter estado detido durante trinta e seis horas, o sentimento de desconfiança mantivera-o cativo durante tanto tempo que o corpo tinha dificuldade em livrar-se dele.

— O que vai acontecer agora?

O polícia levantou os olhos da estrada e olhou para ele.

— Agora, vou informar os familiares de que, afinal, não temos um suspeito e voltamos à casa da partida... — Soltou um suspiro pesado. — Credo!

— Estava a falar de mim. O que é que me vai acontecer a mim?

— Volta para casa e vive feliz para sempre. A gravação de videovigilância do barco em frente mostra claramente que o *Mustang* não saiu do cais durante toda a tarde e toda a noite. Também o capta a si, por breves momentos, cerca da meia-noite, a vir cá fora esvaziar um balde ou algo assim. Como se costuma dizer, está livre como um passarinho.

Livre como um passarinho. Saboreou a expressão e decidiu que gostava dela. O passarinho voou da gaiola e nunca mais ninguém

o viu.

— Quer dizer que me vão pedir desculpa?

Petter resfolegou.

— Por duas noites numa cela? Acredite, há pessoas que são presas injustamente e tudo o que recebem em troca é um pontapé no rabo quando são libertadas.

Chegaram ao velho porto de pesca e pararam junto ao rebocador.

— Pronto, então adeus e, com um bocado de sorte, não nos voltaremos a ver — disse Petter com um sorriso, antes de Nima bater com a porta.

Fez marcha-atrás a grande velocidade, deu meia-volta e já desaparecera pela Bådehavnsgade acima antes de Nima sequer ter atravessado o portaló. Nima entrou e sentou-se no banco, ainda de casaco vestido. Encostou a cabeça à parede e fechou os olhos.

O perigo passara, mas apenas por agora. Não havia segurança possível para gente como ele; no seu caso, a ameaça nunca andava longe. Estava gravada no seu ADN, transmitia-se ao longo de gerações de perseguição e fuga. Se ele se acomodasse a uma sensação de segurança, esta desapareceria. Se comesasse a sentir-se em casa, a porta fechar-se-ia na sua cara. O melhor que podia fazer era viver na sombra e manter-se sempre em guarda.

Sentiu uma pressão na garganta e teve de engolir várias vezes para a soltar.

Alívio, pensou, devia ser isso. Ou mágoa.

*

O jardim estava sarapintado com a generosa luz de setembro, o Sol espreitava por entre as nuvens. As ervas cresciam à altura dos joelhos e os ramos das árvores estavam pesadamente vergados em direção ao chão. Aquela visão lembrava Liv de um livro que o avô lhe lia em voz alta quando ia tomar conta dela. *Onde Vivem os Monstros*, uma história de aventuras sobre um rapaz malcomportado que fugiu dos pais severos e se tornou rei das criaturas selvagens de uma ancestral floresta mágica. Subiu alguns degraus das escadas das traseiras, indo buscar o ar bem ao fundo da barriga enquanto ponderava o que fazer em seguida. Seria possível abordar Eva e Henrik Madsen no hotel onde estavam em Copenhaga e verificar se Henrik empreendera uma

missão solitária em Vesterbro naquela manhã?

Viu Jan Leon a descansar na relva, sentado numa cadeira de jardim articulada, de olhos fechados. Parecia sereno, mas frágil, e ocorreu-lhe até que ponto a sua autoridade estava ligada a expressões e gestos. Assim calmamente sentado, como agora, era evidente a sua exaustão.

Liv pigarreou com cuidado, tentando não o sobressaltar. Ele abriu os olhos e esbugalhou-os contra a luz que o ofuscava.

— És tu, querida?

— Sou eu, a Liv. Espero não o ter acordado...

— De todo, que bom que aqui estás. Há ali mais cadeiras, ao pé da vedação, caso te queiras sentar.

Liv foi buscar uma cadeira, abriu-a e sentou-se ao seu lado, dando conta de que ainda tinha o coração a bater muito depressa e que as palmas das mãos ainda estavam pegajosas. Talvez afinal ainda estivesse um pouco abalada com a visita da noite passada.

— Por acaso não estava acordado hoje de manhã cedo?

Ou terá reparado num homem a deambular à volta da casa, pensou Liv, mas não o disse em voz alta. Não queria de todo assustar o senhorio a ponto de deixar de querer tê-la lá a viver.

— Já não me levanto cedo há uns bons anos. É o que acontece quando a qualidade do sono começa a ir por aí abaixo. — Riu-se com resignação.

Liv rodou um pouco o corpo para ele e assumiu uma abordagem cautelosa.

— Disse-me que os seus pais fugiram para a Suécia.

— Sim.

— Alguma vez ouviu falar de uma pessoa com o nome Farberoff que terá fugido com eles?

Jan pôs a mão por cima dos olhos a fazer sombra, para a poder ver melhor.

— Não. — Começou a tossir.

Liv esperou até a crise passar e enquanto ele limpava os olhos.

— As palavras «Operação Regelbau» dizem-lhe alguma coisa?

— Nadinha. — Um pingo de cuspo ficou-lhe pendurado no canto da boca. — Não compreendo, porque é que isso é relevante para a história dos meus pais?

Liv hesitou. Era evidente que o assunto tinha de ser abordado com a máxima delicadeza. Ele suspirou e depois acenou conciliadoramente com a cabeça.

— A história é tantas vezes distorcida. Nós, os judeus, temos de aturar as negações do Holocausto e sabe Deus que mais. — Voltou a tossir, clareando a garganta. — Se calhar a senhora do museu poderá ajudar. A minha nora falou com ela, penso que se chamava Marianne. Se me ocorrer o apelido, digo-te. Pode ser que ela saiba.

— Obrigada, seria ótimo. — Levantou-se e fechou a cadeira. — E agora vou parar de o aborrecer com as minhas perguntas disparatadas.

Jan olhou-a como se fosse dizer outra coisa, mas limitou-se a assentir e voltou a fechar os olhos de encontro ao sol.

Liv caminhou de volta para as escadas, atravessando a erva alta, e desceu ao apartamento, deixando a porta aberta para que o sol entrasse e aquecesse os ladrilhos. Tinha a sensação familiar de não estar a ver alguma coisa que está mesmo diante do nariz. Como quando vamos a uma sala buscar alguma coisa e, no momento em que lá chegamos, nos esquecemos do que era. Há sempre alguma coisa a chagar-nos o espírito até que, por fim, nos volta subitamente à ideia.

Sentou-se de novo no degrau e abriu o portátil.

Penso que se chamava Marianne e trabalhava num museu.

A mulher encontrada morta na floresta há dez dias — chamava-se Marianne e trabalhava num museu. Poderia ser mais uma coincidência? Consultou um site de notícias e rapidamente encontrou um artigo sobre a mulher assassinada.

Marianne Dybdahl.

Liv escreveu o nome na barra de pesquisa e surgiram mais artigos sobre a sua morte.

Percorreu as páginas, abrindo-as e lendo por alto sem ter bem a certeza do que procurava. Abriu então o sexto artigo. Bingo. Centrava-se na descoberta do corpo, mas não foi isso que chamou a atenção de Liv. Era o contexto. Uma fotografia tirada numa receção organizada pela Fundação Dybdahl, por ocasião da sua cerimónia anual de entrega de prémios, cheia de convidados vestidos de gala e um convidado da realeza, mostrava Marianne com o marido vestido de *smoking*, a sorrir para a câmara.

Adam Dybdahl, dizia a legenda, presidente da Fundação, criada pelo conhecido líder religioso Poul Dybdahl. Retratado aqui com a esposa, Marianne, que presenteou os convidados com o Concerto N.º 21 em Dó maior para piano de Mozart. «A minha mulher é uma verdadeira artista», disse o célebre pastor Adam Dybdahl com orgulho. «Já eu, não tenho jeitinho nenhum para a música.»

Liv analisou a fotografia com mais atenção. Sentiu a pele a repuxar-se nas barrigas das pernas. Ao fundo, viu uma cara que reconheceu. O mecânico. Nima.

Compreendeu. Por fim, compreendeu como tudo encaixava. As peças juntaram-se e formavam agora um padrão que lhe causou uma vertigem.

Capítulo Trinta

Liv atravessou lentamente Vesterbro no seu carro, orientando-se por entre o trânsito intenso da hora de ponta. Vibrava de impaciência, os graves de um baixo que não conseguia simplesmente ignorar. Fez pisca para a direita e virou para a Nørre Søgade, abrandou ao aproximar-se da passadeira e olhou para lá das luzes da cidade a brilhar no lusco-fusco.

O telefone tocou. Petter outra vez. Deixou tocar.

O hábito de se afastar sempre que se sentia rejeitada ou repreendida estava tão arraigado quanto era destrutivo. Fechar-se em torno da sua dor e afastar as pessoas era tudo o que sabia fazer, por mais que isso a fizesse sentir-se só. Tinha de se esforçar, sabia isso, se alguma vez queria conseguir ter a relação com que sonhava. Se é que essa relação sequer existia.

As mãos de Liv agarraram o volante com mais força enquanto passava por Fredensbro. O passado iria sempre sabotar o futuro se o deixasse pairar sem ser processado. O caso Linde foi um brutal testemunho disso mesmo e Liv sabia que o mesmo se aplicava a ela. Enquanto escondesse o seu segredo sujo da luz do dia, este continuaria a prendê-la ao chão.

Alterou a mudança sem carregar na embraiagem a fundo e a caixa das mudanças ainda estava a resmungar enquanto atravessava o cruzamento, quando o telefone tocou uma terceira vez. Lançando um olhar rápido para o ecrã, viu que era Mick Hvilsom.

— Olá, Mick.

— A-ha, quer dizer que ainda há pessoas que atendem o telefone, que maravilha. Está a conduzir, ou quê?

— Qualquer coisa no género, sim. — Liv ouvia conversas dispersas e risos em pano de fundo, parecia estar no bar. Ou ainda estava no bar, quem sabe. — A que devo a honra?

— A honra é toda minha, cara menina. Se é que ainda se pode dizer tal coisa? Ainda nos deixam? Seja como for, hoje andava à procura de fotografias, só umas imagens que enviei ao meu pessoal, de um encontro do nosso clube Bukowski, quando dei com um *e-mail* do Gert que talvez ache estranho. Não tem nada que ver com a Patricia, mas foi a última vez que tive notícias dele. Foi enviado no dia 12 de fevereiro.

Liv fez os cálculos de cabeça. Quatro dias antes de se encontrar com Penelope Leon e vinte dias antes da sua morte.

— Quer que o leia em voz alta ou...?

— Sim, por favor.

Liv manteve-se na faixa da esquerda, levantou o pé do acelerador quando se aproximou do cruzamento e depois seguiu para norte pela autoestrada.

— Ótimo, então, ele escrevia isto: «Meu amigo, estou no rasto de uma coisa enorme! Uma dinastia podre até ao tutano: que dizes a isto? Acabei de falar com uma jovem encantadora (com o nome da mulher do Ulisses, nada menos) e, juntos, deparámos com o que pode ser uma pequena bomba. Uma coisa que alteraria toda a nossa autoperceção como nação. Veremos então quem é que recebe um Cavling! Mas enfim, espero que estejas bem e etc. e tal.»

— É tudo?

— Bom, sim. Se calhar não é nada? — Mick soou desapontado.

— Não diz nomes?

— Não. Mas quantas dinastias é que há?

— É verdade. Obrigada, Mick.

— Humpf. — Desligou.

Liv mudou de faixa e deu por si novamente na borda da profunda piscina exterior de Albertslund. Joelhos apertados e ombros encolhidos até às orelhas antes do mergulho de cabeça. Ouviu a voz tranquilizadora do avô e puxou a sua coragem para a superfície. Nem pensar pedir ajuda a Petter!

Fez pisca para a direita e tentou orientar-se na negra escuridão. A floresta aparecera junto à estrada e, para lá dela, ficava o presbitério onde Marianne vivera com o marido e as duas filhas até à sua morte dez dias antes.

Liv passou a igreja e seguiu em frente, para a casa que ficava atrás. Era grande e pintada de amarelo, à sombra de um castanheiro, toda ela o idílico lar de uma família. O terreiro da frente de gravilha e o jardim das traseiras com baloiços e árvores altas. O acesso do carro estava vazio, mas havia luz nas janelas. Tudo o que agora tinha de fazer era subir até à porta e tocar à campainha.

*

Um ruidoso golpe na porta levou o coração de Nima a disparar de pânico. Adormecera no banco da galé e endireitou-se num salto. Ainda tinha no colo o saco com o relógio, o telemóvel e a carteira, pelo que o pousou no chão, levantou-se de membros hirtos e abriu a porta.

Lá fora, no portaló, estava Adam Dybdahl. Os seus olhos eram como duas brasas incandescentes.

— O que é que deseja? — Nima nem tentou soar simpático. Tinha posto um ponto final nas suas relações com a família Dybdahl.

— Vi-o no funeral. Como se atreve a pôr lá os pés? — Deu um passo em frente, criando uma proximidade desconfortável entre os dois. — Não acha que tenho o direito de saber a verdade sobre vocês os dois? Pode dar-me isso, ao menos?

Nima olhou para os pés. Alguma vez os seus tormentos teriam fim?

— Entre.

Adam passou apressadamente a mão pelo rosto e entrou na galé. Usava calças de ganga e um elegante casaco de lã azul-escuro. A roupa tê-lo-ia feito parecer tranquilo e composto, não fossem os sulcos profundos no sobrolho e a fúria nas comissuras da boca.

— Não tenho nada para lhe oferecer, mas sente-se. — Nima tirou o casaco, tentando lembrar-se se já teria um charro enrolado no armário. — Não estou a tentar ser mal-educado, mas acabei de chegar da prisão.

— Eu sei, a polícia ligou-me. — Adam sentou-se na borda do banco sem desabotoar o casaco. Também não parecia querer prolongar desnecessariamente a conversa. — Ela estava apaixonada por si?

Nima olhou para o marido de Marianne. Os olhos cabisbaixos, a voz débil. O macho alfa desaparecera; naquele momento, Adam era apenas um homem devorado pela dúvida e que perdera a mulher. E por culpa de Nima. Desviou os olhos, as faces a arder.

— Tem a certeza de que é boa ideia falar sobre isto? A sua mulher já não está cá para contar o lado dela da história.

Adam soltou uma risada curta e infeliz.

— Não, não é provavelmente boa ideia. Mas a suspeita atormenta-me há anos.

Nima voltou a encará-lo, obrigando-se a fitar Adam nos olhos. A contar a verdade.

— Eu estava muito apaixonado pela sua mulher e, por um breve período, fomos amantes. Mas ela amava-o a si, não a mim.

Adam pestanejou. Um pensamento sinistro atravessou-lhe o rosto e endureceu-o, mas apenas por um instante, e depois assentiu.

— Obrigado. Precisava de ouvir isso.

— Lamento muito...

Adam inspirou fundo, como quem chegou ao fim da estrada e pondera as suas opções.

— A polícia disse-lhe alguma coisa sobre se tinham algum outro suspeito? Não consegui sacar nada ao investigador principal.

— Não. Não perguntei.

Adam acenou para si mesmo e depois viu a fotografia de família que Nima deixara em cima da mesa.

— São os seus pais?

— E a minha irmã, sim. No Irão, antes de irmos para a Dinamarca.

— Que bonita família. — Puxou a fotografia para um pouco mais perto. — Os seus pais ainda estão vivos?

— A minha mãe, sim. O meu pai não conseguiu sair.

— Que descanse na paz do Senhor.

Nima esteve prestes a responder. Mas antes que as palavras lhe passassem os lábios, uma imagem assomou-lhe à mente.

No pátio em frente da oficina, quando estava encostado à parede a fumar, Adam veio na sua direção, de olhos vermelhos, pedindo-lhe que o ajudasse a encontrar a aliança de casamento de Marianne.

Nima lembrou-se da fotografia do casamento atrás do plástico de proteção na carteira de Adam. E compreendeu. O que ele tinha na mão era a carteira de Marianne, não a sua.

Clareou a garganta e enfrentou o olhar sagaz de Adam.

— Olhe, se não se importa, eu agora tenho mesmo de me deitar.

Adam permaneceu sentado no banco, observando-o. Mantinha o rosto tão controlado como antes, mas a sua expressão mudara. E depois sorriu.

*

Liv pôs um dedo sobre a campainha do presbitério e hesitou. Ainda não sabia como iria abordar a conversa que tinha pela frente. Mas não chegara tão longe para agora dar meia-volta no limiar da porta, por isso carregou na campainha e deu um respeitoso passo atrás antes de a porta se abrir.

A rapariga que apareceu à porta tinha membros compridos e era impressionantemente parecida com as fotografias de Marianne publicadas nos jornais nas últimas duas semanas. Era quase uma cabeça mais alta do que Liv, mas não teria provavelmente mais de treze ou catorze anos, e tinha um telefone na mão. Os olhos eram azuis.

— O meu pai não está em casa.

Liv lembrou-se de que aquilo era um presbitério. É claro que a família estava habituada a que os paroquianos aparecessem ali sem avisar.

— Sabes quando volta?

— Não demora muito, acho eu. — Olhou para Liv dos pés à cabeça e esboçou um breve sorriso. — Pode esperar na sala.

A rapariga recuou para dentro de casa, deixando que Liv a seguisse. Com a cara enterrada no telemóvel, entrou numa sala grande de portas envidraçadas que davam para um escuro jardim nas traseiras, passou rapidamente os olhos por Liv e desapareceu por um corredor, entrando num quarto.

A casa estava silenciosa. Um piano de cauda preto repousava sobre um tapete com cinco metros por sete, sugerindo dinheiro e um nível de gosto que apanhou Liv de surpresa. Lembrou-se de que Marianne gostava de tocar piano, mas ainda assim. Quem é que hoje em dia tinha um piano como este, numa casa particular? O modo como a casa estava decorada, o dinheiro vinha de certeza da fundação, não do salário de pastor. O mobiliário não apontava propriamente para um funcionário público.

Liv atravessou cuidadosamente a sala e entrou na zona de refeições da cozinha, passando depois ao corredor central. Duas canções *pop* diferentes ondulavam dos respetivos quartos atrás de portas fechadas. Havia arte nas paredes, fotografias de família sem moldura e desenhos de criança. Parecia uma decoração escolhida com o coração, não tanto para impressionar. Parecia um lar feliz.

Chegou ao que devia ser um escritório de trabalho e entrou. A secretária era pesada, de madeira escura, os armários com vitrina estavam cheios de livros. Um espaço masculino — supôs que seria de Adam.

Uma parede era dominada por uma cruz de madeira esculpida e, mesmo em baixo, reconheceu uma das fotografias em preto e branco que vira na igreja de Vestervig. Aquela em que Poul Dybdahl recebia a Cruz de Cavaleiro. Numa moldura dourada. Adam estava claramente orgulhoso do pai.

Liv contornou a secretária, que estava impressionantemente arrumada, e voltou ao vestíbulo de entrada. Seria melhor voltar antes que a família a apanhasse a bisbilhotar. Não daria nada bom aspeto. Voltou à sala e aproximou-se do piano. O banco estava acolchoado com um requintado brocado, estava bastante puído. Devia ser aqui que Marianne se sentava quando precisava de se desligar de tudo, esquecer-se a si mesma; este era o seu refúgio. Liv sentou-se, ouviu o banco ranger.

No atril, estava aberta a partitura de uma peça cujo nome não reconheceu e cujas notas não sabia ler. Deve ser uma espécie de superpoder, ser capaz de sentar-se diante das teclas e transformar aqueles símbolos minúsculos em música.

«Noturno em Mi bemol maior», leu. Chopin. Tirou a partitura e folheou-a. Tinha pó, as páginas estavam espessas de muitos anos a serem folheadas. No fim, havia uma folha de papel dobrada ao meio, escondida discretamente num sítio onde mais ninguém veria. Abriu e viu uma carta manuscrita com data de 20 de janeiro.

Cara Marianne,

Passaram entretanto seis semanas desde a sua visita e não voltei a receber notícias suas. Compreendo que tem medo, mas prometeu fazer alguma coisa! Não pode continuar a proteger a pessoa que ama.

Daniel

Liv baixou os olhos para as mãos, os dedos pequenos e pálidos de criança, a pele macia e as unhas curtas. Marianne protegera o verdadeiro assassino de Penelope porque o amava e temia. Era um amor que Liv não compreendia — e a questão era a seguinte: será que podia sequer ser descrito como amor?

Enfiou a carta no bolso e saiu pela porta da frente sem se despedir. A caminho do carro, olhou sobre o ombro, mas não havia ninguém a olhar pela janela. A sua saída não fora observada.

Antes de arrancar, telefonou a Petter. Era a vez dele de não atender. Deixou mensagem.

— Petter, sou eu. Tenho a prova na minha mão. Não posso explicar-te no atendedor de chamadas, mas tudo encaixa. Vou agora para Sydhavnen. Telefona-me quando receberes isto.

Capítulo Trinta e Um

— Como é que se desce para a sala das máquinas?

Adam abriu o frigorífico e tirou uma lata de cerveja sem tirar os olhos de Nima. Pairava sobre ambos uma faca na mão de Adam. Nima só a vira quando já lhe estava a ser apontada.

— Deve ser aquela porta metálica que ali estou a ver. Vamos, vai à frente!

Nima caminhou até à porta e às estreitas escadas de metal que conduziam ao piso inferior. Seis degraus ressonantes e estava no coração de aço do rebocador, onde o teto era tão baixo que tinha de se agachar. A sua pulsação reagiu instantaneamente, martelando-lhe violentamente na garganta, e a periferia da visão começou a fragmentar-se. Cheirava a óleo e metal quente, e ele ouvia Adam mesmo atrás de si.

— Perfeito, isto aqui deve ser bastante insonorizado. Senta-te no chão, junto àqueles tubos.

Nima hesitou uma fração de segundo. Ele e Adam tinham a mesma estatura, mas Nima era muito mais jovem — talvez o conseguisse subjugar. Ou talvez não. Mataria Adam sem hesitar se tivesse a oportunidade, sabia isso. Mas o sangue-frio do homem mais velho assustava-o. Mais do que a faca. Sentou-se.

Adam pousou a cerveja no chão e passou-lhe um rolo de fita adesiva que tirou do bolso do casaco.

— Arranca dois pedaços de um metro cada e põe-nos no tanque aí ao teu lado. Quando acabares, cruza as mãos atrás das costas.

Nima desenrolou uma tira de fita adesiva, devagar, as mãos a tremer. Era agora ou nunca, sabia isso. Depois de estar preso aos tubos, era como se já estivesse morto. Rasgou a fita com os dentes e colou-a à caldeira atrás de si, na esperança de que Adam se chegasse mais perto, o que não aconteceu. Nima rasgou outro pedaço de fita e

colou-a.

— Mãos atrás das costas.

Nima obedeceu e, um segundo depois, sentiu a ponta da faca encostada à carne mole sob o queixo. Estava a obrigá-lo a levantar a cabeça e teve de se pôr em bicos de pés para não ver a garganta cortada. Uma punção na carótida significava apenas alguns minutos de vida. Sentiu-o a apertar os pulsos atrás das costas, depois foi empurrado de novo para o chão e os seus braços foram presos aos tubos que se estendiam ao longo do chão. Queimavam-lhe os pulsos e a fita esfolava-lhe a pele.

Adam olhou em volta.

— Dá para sair com o barco?

Nima deixou a cabeça tombar entre os joelhos e analisou as suas opções. Restar-lhe-ia alguma? De algum modo, o seu cérebro revolviasse a metade da velocidade habitual e a uma velocidade supersónica ao mesmo tempo, gerando apenas um ruído inútil. Adam a atirar as fotografias tipo passe dele e Marianne no caixote de lixo no exterior da oficina, por exemplo. A tapar-lhe o rosto com um véu, com a ideia de apontar para um assassino muçulmano. Ele.

— É surpreendentemente difícil livrarmo-nos de um corpo. Mas uma viagensinha rápida até ao canal deve tratar disso.

Adam debruçou-se para apanhar a lata de cerveja e apanhou-a.

— Abre a boca. Eu deito lá para dentro.

Nima cerrou os dentes. Tinha de resistir, dar-se a si mesmo uma hipótese de virar o jogo, caso contrário tudo estaria acabado. Com certeza não podia morrer daquela maneira. Não depois de tudo por que passara.

— Porquê?

— Um fatídico passeio com consequências trágicas é mais plausível se o capitão estiver bêbedo. Abre a boca!

— Porque é que mataste a Marianne?

Adam fitou-o seriamente, segurando a cerveja tão perto dos lábios que Nima até sentia as bolhas de gás.

— Não é fácil matar a própria mulher. Se houvesse alguma forma de o ter evitado, ainda estaria viva.

Verteu cerveja para dentro da boca de Nima. Desta vez, ele bebeu

um gole e engoliu.

— Mas porquê? O que é que ela fez para o merecer?

— Quer dizer, além de se andar a prostituir contigo?

Nima obrigou-se a manter o contacto visual, apesar de o olhar de Adam ter nele um efeito quase paralisante, era tão comum, quase amável.

— Sim?

— Ela não compreendia como era grave. Como é que se liga o barco?

— O motor não funciona — Nima mentiu. — O barco já não navega.

Adam foi até uma das pequenas escotilhas no lado virado para o mar e espreitou lá para fora.

— Está aqui de pedra e cal, estou a ver. Não está longe da linha de água. E o porto é profundo. — Caminhou a passo largo até à popa, de olhos colados no chão.

— Onde está a bomba de porão? — Adam voltou-se. — Chega uma altura na vida de qualquer homem em que tem de sacrificar alguma coisa. No meu caso, Deus exigiu sacrifícios concretos para proteger algo sagrado, inviolável. Tive de sacrificar a minha própria família para proteger a minha história. Agora abre!

Verteu mais uma golada de cerveja na boca de Nima, que se derramou pelo queixo e o fez tossir.

— Não acha que vão ficar a pensar na fita adesiva quando me encontrarem?

— Acha que sou um amador? Eu tiro-a. — Adam sorriu. — Aprendi com a primeira vez. Uma faca como esta não é boa ideia, causa uma grande trapalhada. Se eu desligar a bomba de porão, o barco afunda numas horas, não é? Especialmente se eu abrir as escotilhas. Vai ter um pequeno galo na cabeça, para não se pôr a gritar para atrair os vizinhos.

Adam voltou à popa. Nima ouvia-o à procura, calmo e metódico. Debruçou-se para a frente, afastando-se dos tubos que o queimavam, e percebeu o que ia acontecer. A sua mente sossegou e o corpo aceitou-o. Ia morrer.

— Aqui está!

Adam regressou, a limpar as mãos, e voltou a levar a lata de cerveja

aos lábios de Nima. Virou-a ao contrário.

— Bebe tudo! Vais dar um mergulhinho no mar.

*

Liv inclinou-se mais perto do para-brisas, tentando vislumbrar melhor o rebocador em mau estado. Estava a adernar para um dos lados — teria uma fuga? Havia uma luz acesa na galé e o *Mustang* estava estacionado na doca.

Abriu a porta e ficou sentada um instante, deixando que o frio vento marinho lhe anesthesiasse o rosto. Saiu então do carro e atravessou o portaló. A dois metros da porta, alguém o abriu por dentro.

Quem surgiu à porta foi Adam Dybdahl. Liv sentiu que lhe tinham repentinamente tirado o ar dos pulmões.

— O Nima está?

Os olhos de Adam estreitaram-se.

— Desculpe, já nos conhecemos? — Estendeu a mão.

Ela hesitou um momento, mas depois agarrou-a.

— Liv Jensen.

Sentiu pequenos borbotos duros a nascer na pele da nuca. Ele, por seu turno, parecia completamente descontraído, sereno como só um padre sabe ser.

— Adam Dybdahl. — Largou-lhe a mão e enfiou as mãos nos bolsos.

— Lamento, mas o Nima não está em casa. Estava mesmo prestes a deixar uma mensagem quando a ouvi chegar.

— E a porta estava aberta?

Ele encolheu os ombros, como quem não parara para pensar no assunto.

— Tem o carro estacionado no cais, por isso não deve andar muito longe. — Liv deu um passo em frente.

Adam permaneceu imóvel.

— Bom, ele aqui não está.

Liv avançou na sua direção, mas o corpo dele preenchia toda a passagem.

— Com licença.

Adam desviou-se para o lado, com um gesto mínimo da mão que podia ser educado ou irónico.

Quando Liv passou por ele, voltou a sorrir.

É verdade que a galé estava vazia. Liv varreu o espaço em busca de sinais de vida. Passado um momento, percebeu que Adam a estava a observar. Apontou para atrás dele, para uma porta metálica baixa.

— Aquilo leva aonde?

Ele voltou-se e fixou os olhos, como se a visse pela primeira vez. Depois tentou rodar a maçaneta.

— Não faço ideia. Mas está trancada.

— Na verdade, eu até queria conversar consigo, se tiver um momento. Sobre o seu pai.

Liv tentou humedecer os lábios, mas tinha a boca seca.

— Agora? — Adam olhou para o relógio. — Está a fazer-se um bocadinho tarde. A minha mãe foi ao cinema com as miúdas e devem estar quase a voltar.

Ela assentiu. Tinha o coração a mil — tinha de o convencer a ficar.

— São só cinco minutos. E seria mesmo uma grande ajuda.

Ele encolheu os ombros e olhou novamente para o relógio.

— Cinco minutos, então. Sentamo-nos?

O barco mexeu-se ligeiramente e Liv quase perdeu o equilíbrio enquanto se encaminhava para o banco.

Enfiou a mão no bolso e tocou no telemóvel, um pequeno e aconchegante retângulo de segurança.

— Alguma vez ouviu falar de um jornalista chamado Gert Linde?

Adam abanou a cabeça.

Liv tossiu, tentando libertar-se do nó que lhe prendia a garganta. Treinara o que queria dizer no caminho todo de carro. Era importante pôr tudo cá fora.

— O Gert foi assassinado em casa dele, em Østerbro, há três anos e meio, enquanto estava a escrever um livro. Durante a investigação, tropeçou numa história sobre o seu pai, Poul Dybdahl.

Adam sorriu com orgulho.

— Muita gente escreveu sobre ele ao longo dos anos.

— Isso não me surpreende. Mas o Gert descobriu uma coisa nova. — Liv deixou cair os ombros e estreitou ligeiramente os olhos. Era agora, o salto em frente. E estava pronta. — E houve uma mulher que descobriu a mesma coisa, chamava-se Penelope Leon. Juntos,

descobriram que o seu pai estava, na verdade, a entregar aos alemães os refugiados judeus que escondia na cripta. A maioria acabou por ir para campos de concentração.

O sorriso esmoreceu.

— Essa é uma acusação perfeitamente absurda e ridícula.

O meu pai era um herói.

— Seria? — Liv pousou as mãos nas coxas, pressionando-as para não as deixar tremer. Sentia a língua colada ao céu da boca, mas não podia fazer outra coisa além de prosseguir. — Eu compreendo a sua necessidade de proteger essa narrativa. Está em jogo a reputação de toda a sua família, e o seu próprio ministério, já para não falar do trabalho da fundação. Pergunto-me se a Comunidade Mosaica não romperia a ligação consigo se se soubesse que o seu pai colaborou com os nazis? Ele também era nazi, foi por isso?

O barco voltou a trepidar e chiou outra vez muito alto.

Adam fitou-a com um ar resignado e abanou a cabeça.

— Eram outros tempos. As pessoas da sua laia nunca compreenderão este tipo de coisas.

— Da minha laia?

— Da sua laia!

Levantou-se, mas Liv manteve-se sentada. Agora que sabia, era fácil reconhecer a voz que a mandara ficar sentada na cama algumas manhãs antes enquanto lhe vasculhava o apartamento à procura do caderno.

Adam tirou uma faca que tinha escondida sob o casaco. Foi um movimento firme e deliberado, o que só o tornava ainda mais assustador.

— Há dois tipos de pessoas no mundo: as que trabalham para um bem maior e as que se atravessam no caminho. Todos escolhemos o lado em que queremos estar.

Liv sentiu a penugem na nuca eriçar-se de novo. Adam caminhou calmamente na sua direção e ela analisou-lhe a envergadura, os movimentos fluidos, o queixo confiantemente erguido, a faca na mão.

Tirou o telefone do bolso e mostrou-lhe o ecrã iluminado.

— Petter, apanhaste tudo?

A voz de Petter encheu a galé no momento em que as luzes azuis começavam a piscar no cais, brilhando através das escotilhas. Ouviram-se passos pesados no portaló.

— Tudinho. Gravámos tudo.

Mendel Leon, outubro de 1943

O barco de pesca imobiliza-se de novo. Mendel conta as tábuas de madeira da amurada até à quilha, voltando a contabilizar um número diferente. A seu lado, Ebba e os outros doze passageiros encontram-se amontoados no fundo do barco. A maioria das pessoas está sentada em cima das malas, por isso não se molham. Uma criança choraminga e a mãe procura sossegá-la. Estão apinhados contra uma enorme tina com a pescaria do dia. Enguias vivas contorcem-se no fundo. Mendel fecha os olhos.

Devia descansar e poupar energias. Ondas chapinham contra o casco; Mendel engole o enjoo que o ataca e deixa-se mergulhar no som apaziguador.

Tanto quanto consegue perceber, estão na água há já quatro ou cinco horas, mas não tem noção nenhuma se isso significa que estarão perto. O barco zarpou da baía de Køge ao anoitecer, navegando ao abrigo da escuridão. Como todos os restantes barcos que atravessam o estreito em noites como aquela, levando refugiados clandestinos.

Ebba geme e encosta-se a ele, para que o seu corpo carregue uma parte do fardo do dela. Desejava poder poupar-lhe aquilo, mas passar à clandestinidade e ficar em Vestervig não era uma opção viável. A Suécia oferece asilo aos refugiados dinamarqueses, e quem sabe quando a guerra irá terminar.

Mendel tenta imaginar quem os receberá e como será, mas não vai além de uma imagem vaga de polícias à beira da água, até que os seus pensamentos se transformam em lama.

O capitão está nervoso, diz que nunca navegou à noite. Comprou uma bússola, mas não parece saber usá-la. De vez em quando, estendem uma lona por cima das suas cabeças, mas neste momento está recolhida, pelo que podem olhar para o céu noturno. Com muito cuidado, Mendel levanta-se um pouco e olha rapidamente para as águas. Ali perto segue o barco de pesca onde Rolf e Dora estão escondidos.

Volta a sentar-se e baixa a cabeça. Ninguém lhes disse por que razão o barco não está a avançar. Ninguém lhes diz nada, e eles não dizem nada uns aos outros. É demasiado perigoso. Mendel volta a contar do início, mas ainda não chegou a meio quando uma luz ofuscante atravessa as fissuras do barco. A lona volta rapidamente a ser estendida e o céu desaparece. Deve ser um barco-patrolha. O coração bate com tanta força que faz eco dentro do barco; pelo menos é assim que lhe soa a ele. Alguns dos outros murmuram, alarmados, e o choro da criança intensifica-se.

Mendel fixa as estreitas fendas por onde passa a luz. Normalmente, a luz é um sinal de esperança, mas naquela noite é o inverso. Precisa simplesmente que desapareça. Para que a escuridão proteja Ebba como um cobertor quente até serem recebidos pela Suécia e pela aurora. A criança chora agora muito alto, apesar dos murmúrios da mãe. A ideia do que acontecerá se os soldados decidirem aproximar-se e espreitar para dentro do barco de pesca é intolerável. Um sacão na lona e serão expostos. Uma decisão do campo inimigo e é o fim.

— Não consegue fazê-la calar? — cicia.

Não é sua intenção soar zangado. A mãe continua a tentar calar o bebé, mas não resulta.

Mendel tenta respirar calmamente — o pânico não vai ajudar. Mas o choro é penetrante. Num movimento ágil, inclina-se para a frente e comprime as mãos sobre a boca da criança. Abençoado silêncio. Acima das costas da sua mão vê dois olhos castanhos indignados, mas ele não larga.

Subitamente, a luz apaga-se. A lona não se mexe, mas sente o barco a começar a deslizar de novo. Significa isso que o perigo passou, ou o contrário? Destapa a boca da criança, mas, antes de se sentar, espera para se assegurar de que não recomeça a chorar. Ouvem-se gritos por perto, mas não se atreve a ver o que se passa.

Um homem ao lado de Mendel debruça-se para ele e sussurra, agitado:

— Capturaram o outro barco! Os meus pais estão lá dentro!

A DÉCIMA SEGUNDA VISÃO

Tu, vai até ao fim
e repousarás;
levantar-te-ás para receber a tua parte da herança,
no fim dos tempos.
Eu, Daniel, seguirei o meu caminho, até ao fim.
Eu, Daniel, amo-vos aos dois.

Sexta-feira,
30 de setembro

Capítulo Trinta e Dois

As garrafas de plástico estavam alinhadas, muito compactas, nas prateleiras do supermercado. Nima analisou os rótulos coloridos até encontrar a bebida açucarada com gás que era a preferida da mãe. Pôs seis garrafas no cesto e avançou para a secção das bolachas. Bolachas de manteiga e caramelo e outras da *Bastogne*, será provavelmente suficiente — ela nunca comia mais de uma ou duas de cada vez. Tirou mais um pacote.

Sob as ligaduras, tinha a pele dos pulsos tão rosada como um peito de peru por cozinhar. Na noite anterior, a médica das urgências dissera que era uma queimadura de segundo grau e que não havia grande coisa a fazer além de a tapar com gaze com vaselina e esperar. O mais provável era não deixar cicatriz, dissera para o tranquilizar, e Nima teve de morder a bochecha para conter o riso. Só de pensar que algumas pessoas viviam num mundo em que uma pequenina cicatriz no pulso poderia ser problemática.

Também lhe haviam proposto que conversasse com um psicólogo, mas ele recusou educadamente. Já vinha com mais de vinte anos de atraso. Não precisava de ajuda profissional para processar o que lhe acontecera no dia anterior. Um encontro com um psicopata que o tentara afogar juntamente com o seu rebocador era dramático e desagradável, mas não propriamente complicado. Não para ele. Estava sobretudo aliviado.

O pensamento que o atormentava nos últimos tempos era o de contar à mãe que fora acusado de homicídio. Ela nunca sobreviveria à vergonha e ao desapontamento, isso destruí-la-ia. Agora a mãe não teria sequer de saber. Se Daria tivesse dado com a língua nos dentes acerca das suspeitas da polícia, Nima afastaria o assunto com uma gargalhada, beijaria as bochechas macias da mãe e distrairia a sua atenção com uma história de antigamente.

Ao chegar à caixa, colocou os artigos no tapete. Se calhar devia ter

comprado alguma coisa para o seu próprio frigorífico, fazer para o jantar algo mais do que apenas cerveja e charros. Por outro lado, isso é o que sabia fazer melhor. Não deixava de ser algum tipo de plano para o serão, pensou.

— Ei, *shabab*, eu só vou levar isto. Será que posso passar à tua frente?

Um homem passou por Nima aos empurrões, com um pão fatiado na mão. Era baixo e careca e usava uma camisola de basquetebol de tecido sintético. Tresandava fortemente a erva e faltava-lhe um dente da frente.

Nima desviou-se para o lado e o homem pôs o pão no tapete, contando as moedas na palma da mão.

— Foda-se, é caro, não? Está tudo tão caro, meu. — Levantou ligeiramente a camisola de basquetebol para que Nima pudesse ver o topo da embalagem de fatias de frango que enfiara dentro do elástico das calças. Piscou-lhe o olho. — Temos de ser uns para os outros, não é, mano?

O homem saiu descontraidamente da loja com o pão e a comida roubada. Nima ficou a vê-lo ir-se embora, até que o operador de caixa lhe pediu cento e cinquenta e três coroas.

As compras quase não cabiam num saco de plástico. Nima saiu para a rua movimentada perto da casa da mãe. O Sol espreitava entre os telhados, incidindo sobre o pedaço de passeio que havia em frente do supermercado. Pousou o saco e tirou os óculos de sol do bolso. O passeio estava pejado de caixas de produtos com desconto e bicicletas abandonadas, e as pessoas contornavam os carrinhos de bebé e os sacos de compras uns dos outros com carrancas irritadas. Uma mulher idosa fulminou-o com os olhos enquanto se desviava dele, fazendo questão de demonstrar a sua irritação, apesar de Nima lhe ter sorrido.

O rebocador estava muito danificado. Nima tivera de passar a noite num hotel e agora encarava com relutância a ideia de regressar ao velho porto de pesca. Já antes eram precisas tantas reparações no barco que não conseguia enfrentar a perspectiva de ter de lidar com ainda mais. Se calhar chegara a altura de vender, pôr aquele pedaço de lata para trás das costas e seguir em frente. Adorava viver no porto, mas isso também o estava a impedir de avançar. Se queria realmente sentir-se livre, isso também implicava a liberdade de avançar e

repensar a sua vida.

No jardim de Ghaemshahr, antes tinham aves canoras — aves castanhas, pequeninas e tímidas, com vozes maravilhosas. Na verdade, explicara o pai, elas imitavam o canto de outros pássaros, não tinham nenhuma melodia própria. E Nima compreendera que ele estava a dizer que era importante encontrarmos a nossa própria melodia. Pelo menos era assim que o recordava agora, mas havia tantas memórias que desde então estavam sob a sombra da dúvida e já não tinha ninguém a quem perguntar.

Pegou no saco de plástico, mas, antes de percorrer os últimos duzentos metros até ao apartamento da mãe, tirou o telefone, abriu os contactos e percorreu a lista até encontrar o nome dela.

Olá, Hannah, gostavas de jantar comigo hoje?

*

— Vamos lá a isso, três bolas de gelado com *chantilly* e compota. Come tudo, é uma ordem!

Liv aceitou o cone de gelado à moda antiga, com metade do tamanho da sua cabeça, e deu uma dentada no topo. Um grande pedaço de *chantilly* puro e compota de morango, sabia a festas no porto e a férias de verão. Lançou as pernas sobre a borda do molhe e deixou-as baloiçar, estudando os seus pés e o cais e as águas escuras de Nyhavn lá em baixo. Petter baixou-se cautelosamente para se sentar a seu lado, lidando com o estorvo que era a sua pesada barriga e o gelado que tinha na mão.

— Quando nos deitamos tarde por andarmos à pega com assassinos, precisamos de uma boa dose de açúcar.

Na noite anterior, já tarde, quando finalmente chegou a casa vinda do porto, Liv bateu à porta da casa grande. Hannah abriu, de pijama. Não havia uma maneira fácil de lhe dar a notícia, por isso Liv foi direita ao assunto. Contou que Penelope teria com toda a probabilidade sido assassinada por um homem chamado Adam Dybdahl, que ela contactara enquanto investigava a história da família de Jan. Que Daniel tivera a infelicidade de visitar a ex-mulher nesse mesmo dia, encontrando-a morta e tendo tocado na faca.

O alívio e a dor que esta mensagem trazia consigo eram mais do que poderia imaginar, por isso disse-o simplesmente sem rodeios e esperou

a reação de Hannah.

— Obrigada — disse Hannah, esticando depois os braços para dar a Liv um abraço ligeiramente confrangedor.

Liv aguentou-o durante alguns segundos antes de descer ao seu apartamento, caindo num sono pesado e sem sonhos.

— Que sabores é que escolheste?

— Três bolas de rum e passas. — Petter deu uma grande dentada e teve de limpar gelado da barba com os guardanapos finos da geladaria.

— Rum e passas, o meu avô escolhia sempre isso. Nunca conheci mais ninguém que gostasse.

Ele resmungou e continuou a comer. Liv lambeu gelado de chocolate derretido no lado de fora do cone de bolacha, sentindo uma delicada sensação de bem-estar a substituir o desassossego no seu corpo.

— E como anda o meu amigo mecânico? Conseguiu salvar-lhe o barco?

— Bom, a bomba de porão está a funcionar, por isso vamos ver se conseguimos voltar a pô-lo direito. É um barco velho. Mas o Nima está bem, considerando tudo o que aconteceu. Queimaduras nos pulsos, choque.

— Ainda não há confissão do Adam?

Petter abanou a cabeça e limpou a mão no guardanapo muito fino.

— Nada. Está a tentar descrever o que aconteceu no barco ontem como autodefesa e afirma que não te ameaçou de maneira nenhuma. Pelo contrário, insiste em dizer que estava a sair do barco e a preparar-se para voltar para casa quando nós intervimos. Também nega ter conhecimento algum da existência do Gert Linde ou do seu editor, e diz que nunca pôs o pé no teu apartamento em Vesterbro. É passado da cabeça! E nem sequer reconhece os homicídios. Continua a perorar sobre Deus e o plano de Deus e a dizer-nos para contactar toda a gente que conhece para atestar o seu bom carácter. Está até a tentar fazer-nos perguntar às filhas se acham que o pai seria capaz de matar alguém.

— Ele não se demove nadinha?

— Nem um pouco. Mas está completamente enfurecido com o

impacto que isto vai ter na sua reputação e para a fundação que ele gere. Não para de dizer como é importante o seu trabalho e como desempenha um papel crucial para todas as boas causas que apoiam.

Liv fez uma careta.

— Não será mais ao contrário? O trabalho da fundação é que desempenha um papel crucial nas finanças e no estatuto social dele; é ele quem não se pode dar ao luxo de a perder.

— Sim, de certeza que tens razão. — Petter mordeu o cone, triturando a bolacha com os dentes. — E isso custou a vida a três pessoas.

— É doentio! — Liv observou uma gota de gelado a cair e a embater na água. — Vão encostá-lo à parede, espero eu?

— Provavelmente não pela Penelope Leon e pelo Gert Linde. Foi há demasiado tempo e será difícil provar. Mas pela Marianne, sim. Desta vez, vamos rastrear o paradeiro do carro dele na noite do homicídio para vermos se veio a Copenhaga. Vamos também interrogar as testemunhas que lhe deram inicialmente um álibi, ver se encontramos aí alguma lacuna. Ele deve ter deixado o telefone no quarto de hotel em Nyborg enquanto vinha a Copenhaga. — Petter deu mais uma dentada no cone de bolacha, com dificuldade em lidar com o gelado que lhe escorria pelos dedos. — A minha aposta é que foi buscar a Marianne à oficina no carro dele para garantir que o *Citroën* era encontrado perto do Nima, a tentar fazer parecer que ela nunca teria saído da garagem.

Liv suspirou.

— Pobres miúdas. Agora ficaram órfãs.

— Pois, essa é a parte pior destes casos. Esperemos que tenham avós decentes. Do lado da mãe.

Comeram em silêncio, escutando a água a gorgolejar e os carros a atravessar a praça a toda a velocidade. Atrás deles, as velhas estalagens de marinheiros de Nyhavn brilhavam em tons de amarelo, vermelho e azul sob o sol de setembro.

— Liv, já sabes o que vou dizer, mas digo-o na mesma. Foi por tua causa que expusemos e tirámos de cena o Adam Dybdahl. Tornaste a cidade um lugar mais seguro e trouxeste alguma paz de espírito às pessoas que perderam os seus. Obrigado.

Ela baixou os olhos para a água, confrangida. Era uma boa sensação,

mas daquele tipo que sentimos quando a família nos canta os parabéns. Parem, continuem, parem!

— Conte ao chefe da polícia acerca do teu contributo e também vai estar no relatório, por isso é tudo oficial.

— Obrigada, Petter.

Liv olhou para ele e passaram-lhe pela cabeça as palavras que conhecia tão bem. *Foi no almoço de Páscoa. Ele seguiu-me e entrou na casa de banho...*

Quantas vezes já estivera à beira de falar sobre a agressão de Malle? Será que Petter insistiria para que o caso fosse denunciado? Já estava a ouvir a sua argumentação. *Não és só tu que importas, Liv. Se um criminoso fica em liberdade, vai voltar a fazê-lo, sabes isso.*

— O que estará essa cabecinha a pensar... — Petter sorriu-lhe. Tinha gelado na ponta do nariz.

O estômago de Liv contraiu-se, lançando gelado de chocolate pela garganta acima e as palavras ficaram presas atrás dos dentes. Mas enfim, quem disse que *era preciso* contar às pessoas acerca de um trauma para o poder superar? Não faria mal esperar um pouco — não tinha de ser hoje.

Liv sorriu de volta.

— Estava só aqui a pensar se não quererias o resto do meu gelado?

*

Hannah tirou os olhos da prisão de Vestre e segurou o pai com mais força. Estavam a passear sem pressa pelos caminhos de gravilha fendidos, ela com o braço enfiado no dele, ele agarrado à bengala. Acima deles, o céu era uma abóbada azul muito alta, interrompida apenas por árvores solitárias e pela silhueta do bairro de Carlsberg no horizonte.

— É aqui, não é?

— O próximo.

Sentiu Jan a apoiar-se nela, numa tentativa de aliviar a pressão sobre as suas ancas dolorosas. Tornara-se, entretanto, tão leve.

O corpo ia-se apagando lentamente e não havia como travar o processo, por maior que fosse a força com que o segurasse. A última fase, disse para si mesma, vou simplesmente desfrutar desta última fase, estar presente, ouvir e perguntar. Não vou desperdiçar

tempo com questiúnculas sem sentido, pensou, e soube naquele momento que ia retirar a queixa contra Mikkel Felding. Ele precisava de ajuda, não de ainda mais pressão.

— Porque não nos sentamos um bocado, pai?

Jan abanou a cabeça e apontou com a bengala.

— Ali, à direita. Estás a vê-los? Debaixo da conífera grande.

Proseguiram lentamente, a arrastar os pés. *Levanta os pés do chão*, dizia-lhe o pai quando ela era adolescente, mas Hannah não conseguia. Agora era ele quem não conseguia. Nenhum dos dois dormira muito bem; se calhar era só isso.

— Quer dizer então que, afinal, sempre foi uma espécie de mensagem de despedida.

Jan parou e inspirou com dificuldade. O esforço de caminhar e falar ao mesmo tempo era manifestamente demais.

— Sim, pai. — Hannah apertou-lhe o braço. — Tiveste sempre razão.

Ele olhou para ela.

— Um pai conhece o seu filho. Pelo menos agora sabemos que pode ser ilibado a título póstumo.

Hannah olhou para os sapatos poeirentos, sentindo culpa e dor misturadas com uma golfada de alívio tão palpável como uma injeção na corrente sanguínea. O irmão não era um assassino.

A sua família era infeliz, sim, mas não era degenerada, e Hannah poderia honrar a sua memória com a cabeça erguida.

— Mas porque é que achas que ele escreveu as últimas palavras daquela forma? Usando versículos da Bíblia, em segredo?

— Não sei. Vamos continuar, querida.

Jan agarrou-se a ela com um pouco menos força e continuou a seguir pelo caminho sobre as suas pernas pouco firmes, até estarem sob a conífera, diante de duas pedras tumulares.

— Achas que ele nos perdoa por o termos enterrado num cemitério judaico? O meu filho ferozmente ateu.

— Está ao lado da mãe. Está exatamente onde deve estar.

Ele sorriu.

— Tens razão.

— Vou voltar a trabalhar em breve, pai. Já vai sendo tempo. Estou a

pensar perguntar aos recursos humanos se posso começar com redução de horário, para passar o máximo de tempo possível contigo.

— Soa lindamente, fico contente por ouvir isso. Vou ter por fim paz e sossego para ler.

Hannah apoiou-o quando ele se agachava para apanhar duas pedras. Pousou uma em cada sepultura, a forma judaica de demonstrar respeito pelos mortos.

— Lembras-te do poema favorito dele, pai? Aquele do Søren Ulrik Thomsen.

Hannah encontrou as palavras, já que nunca andavam muito longe. O poema de Daniel.

*Falar para a própria voz e esquecer-se
de si próprio, ser condenado e ser perdoado,
deixar cair a verdade
e pousar a alma para que descanse numa folha ardente.*